

experiências afetivas e o senso de lugar:

interações entre jovens e idosos no espaço urbano

mateus romualdo teles



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Dissertação

EXPERIÊNCIAS AFETIVAS E O SENSO DE LUGAR: Interações entre jovens e idosos
no Espaço Urbano

Mateus Romualdo Teles

Pelotas, 2023

Mateus Romualdo Teles

EXPERIÊNCIAS AFETIVAS E O SENSO DE LUGAR: Interações entre jovens e idosos
no Espaço Urbano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção ao título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Araújo Portella
Coorientadora: Profa. Dra. Gisele Silva Pereira

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

T269e Teles, Mateus Romualdo

Experiências afetivas e o senso de lugar : interações entre jovens e idosos no espaço urbano / Mateus Romualdo Teles ; Adriana Araújo Portella, orientadora ; Gisele Silva Pereira, coorientadora. — Pelotas, 2023.

199 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Percepção ambiental. 2. Relações intergeracionais. 3. Afetividade. 4. Senso de lugar. 5. Espaços públicos. I. Portella, Adriana Araújo, orient. II. Pereira, Gisele Silva, coorient. III. Título.

CDD : 711.13

Mateus Romualdo Teles

EXPERIÊNCIAS AFETIVAS E O SENSO DE LUGAR: Interações entre jovens e idosos
no Espaço Urbano

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na área de concentração Vulnerabilidade social, envelhecimento, refugiados, saúde e desenho urbano, na linha de pesquisa Percepção e Avaliação do Ambiente Urbano pelo Usuário.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Adriana Araújo Portella (Orientadora)
Doutora em Desenho Urbano pela Oxford Brookes University.

Prof^a. Dra. Gisele Silva Pereira (Coorientadora)
Doutora em Ciências da Engenharia Ambiental pela Oxford Brookes University.

Prof. Dr. Eduardo Rocha
Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof^a. Dra. Celina Maria Britto Corrêa
Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidad Politécnica de Madrid.

Prof^a. Dra. Zulmira Aúrea Cruz Bomfim (Membro Externo)
Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Dedico este trabalho à Dona Socorro, avó
materna, minha maior inspiração e força.

AGRADECIMENTOS

Obviamente, uma dissertação de mestrado é trabalho de muitas mãos e eu não sei se teria conseguido chegar até aqui sem os meus. Acredito que qualquer pesquisa científica sem motivação pessoal, não tem o menor sentido e quando decidi caminhar pelo meio acadêmico, já sabia que precisaria de forças além das que eu tinha. Fazer o mestrado, foi de longe uma das coisas mais prazerosas e difíceis que eu fiz em toda a minha jornada até aqui, mas saio extremamente feliz de tudo o que conquistei e de não ter deixado de lado minha sensibilidade.

Meu maior agradecimento à minha mãe, Lucivalda, que nunca mediu esforços para apoiar qualquer decisão que meu irmão e eu viéssemos a tomar. Mãe, sempre foi e sempre será por você, meu maior exemplo de que a educação transforma. Ao meu irmão Rennê Romualdo, por muitas vezes acreditar mais em mim do que eu mesmo, por me impulsionar e torcer mesmo que de longe, te amo sis. Não poderia deixar de destacar uma das maiores potências que fomentou meu amor em pesquisar sobre cidade e envelhecimento, minha vó Socorro. Vó, muito obrigado por ser minha maior fã, além de sempre me lembrar o quanto ser intenso e sensível pode ser a maior força que um ser humano pode ter, muito obrigado de verdade. Agradeço profundamente também, à minha tia Lucirene por ser inspiração ao se tratar de amor a educação e ao meu primo João por toda a parceria.

Ao Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas, por me acolher, sendo o único cearense no sul do Brasil mesmo que ainda em um momento atípico de pandemia. Meu imenso agradecimento, minha orientadora Adriana Portella, por não desistir de mim e acreditar na minha pesquisa me impulsionando a ser sempre melhor e contribuir fortemente para minha formação enquanto pesquisador. À minha coorientadora Gisele Pereira pela parceria e pelas boas risadas nos cafés e momentos de orientação, meu muito obrigado. Obrigado Aracele e Tailline por dividirem os momentos de aflição nesse caminho tão árduo e mesmo de longe estarem tão presentes, tornando tudo mais leve. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Quero estender meus agradecimentos aos colegas de pesquisa que estiveram comigo, mesmo que nunca nos conhecendo pessoalmente, estavam sempre dispostos a me ajudar, Bárbara e José. E a minha maior surpresa, Paula del Fiol, uma grande amiga que fiz, mesmo estando a milhares de quilômetros de distância, muito obrigado por tudo, espero que nossa parceria continue indo além.

Para representar todos os meus amigos e companheiros de vida, cito Diego, Davila,

Jefferson e Stephane, que nunca mediram esforços para me ajudar nas aflições da pesquisa, desde a seleções de mestrado até as coletas de dados no campo. São quase dez ou mais anos de amizade e parceria, obrigado por todas as oportunidades de troca, aprendizado e por contribuírem fortemente para que eu não desistisse de mim. O profissional que me tornei hoje tem um pouco de cada um, eu amo vocês.

Muito obrigado a todos os jovens, idosos e moradores do grande Mucuripe. Sem vocês esta pesquisa não seria possível, obrigado por me fazerem enxergar além e me instigarem a lutar por uma cidade mais justa para todas as gerações. O Mucuripe é força e a favela é potência!

Sem mais delongas, obrigado a cada um por tudo.

*“Lembre de mim
Hoje eu tenho que partir
Lembre de mim
Se esforce pra sorrir*

*Não importa a distância
Nunca vou te esquecer
Cantando a nossa música
O amor só vai crescer*

*Lembre de mim
Mesmo se o tempo passar
Lembre de mim
Se um violão você escutar*

*Ele, com seu triste canto
Te acompanhará
E até que eu possa te abraçar
Lembre de mim”*

*Música: **Lembre de Mim (Reencontro)** (De "Viva - A
Vida é uma Festa"/Versão da Trilha sonora) de Arthur
Salerno, Maria Do Carmo Soares.*

RESUMO

TELES, Mateus Romualdo. **Experiências Afetivas e o Senso de Lugar:** Interações entre jovens e idosos no espaço urbano. Orientadora: Adriana Araújo Portella. Coorientadora: Gisele Silva Pereira. 2023. 199 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

O encontro entre diferentes gerações no espaço público tem sido apontado como indicador/possibilidade de melhoria da qualidade do ambiente e da vida das populações. As relações intergeracionais e a afetividade viabilizam a transmissão, reprodução e transformação do mundo social em seus contextos éticos e políticos, onde os afetos são uma dimensão mediadora e potencializadora desse processo de ação/transformação dos espaços da cidade. Todavia, mesmo que haja uma evolução na produção de pesquisas envolvendo as relações intergeracionais nos espaços urbanos, ainda são escassas aquelas que tenham como foco a afetividade e o senso de lugar. Mediante a uma perspectiva socioambiental e afetiva, esta pesquisa tem como objetivo geral: elaborar recomendações de diretrizes para políticas urbanas na cidade baseadas na interação entre jovens e idosos e no senso de lugar, a fim de promover a potencialização da vida urbana. Os objetivos específicos são: (i) analisar a intergeracionalidade com ênfase nas relações estabelecidas nos espaços urbanos, seus vínculos com o lugar e como essas podem contribuir para potencialização da vida urbana; (ii) caracterizar e mapear o bairro de estudo em seus aspectos sócio físicos e afetivos que corroborem com a potencialização do encontro geracional e da vida urbana; e (iii) compreender a partir das investigações como a interação entre as gerações com base nas apropriações e nos afetos podem cooperar com a potencialização das relações pessoa/ambiente e da vida urbana. O estudo tem caráter exploratório com abordagem qualitativa, com desenvolvimento do estudo de caso no bairro Vicente Pinzón, na cidade de Fortaleza/CE, no qual foram utilizadas pesquisas bibliográficas e documentais, observações, levantamento físico, entrevistas semiestruturadas e mapas afetivos. Os resultados da pesquisa, em geral, indicam uma qualidade positiva apontada entre os jovens e idosos moradores com relação ao bairro Vicente Pinzón, porém, também é percebida uma constante insatisfação geral com a insegurança e com o esquecimento do lugar pelo poder público. Ainda assim, a comunidade demonstra constante vontade de gerir seus espaços a fim de contribuir com a potencialização de seu território, demonstrando resistência. Por fim, são feitas recomendações de diretrizes urbanas para um ambiente vulnerável pautadas no senso de lugar e nas relações intergeracionais.

Palavras-chave: Percepção Ambiental. Relações Intergeracionais. Afetividade. Senso de Lugar. Espaços Públicos.

ABSTRACT

TELES, Mateus Romualdo. **Affective Experiences and the Sense of Place:** Interactions between young and old in urban space. Advisor: Adriana Araújo Portella. Co-advisor: Gisele Silva Pereira. 2023. 199 f. Dissertation (Master in Architecture and Urbanism) - Graduate Program in Architecture and Urbanism, Faculty of Architecture and Urbanism, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

The encounter between different generations in the public space has been pointed out as an indicator/possibility of improving the quality of the environment and the life of the populations. Intergenerational relationships and affectivity enable the transmission, reproduction and transformation of the social world in their ethical and political contexts, where affections are a mediating and potentiating dimension of this process of action/transformation of city spaces. However, even if there is an evolution in the production of research involving intergenerational relationships in urban spaces, there are still few studies that focus on affectivity and a sense of place. Through a socio-environmental and affective perspective, this research has the general objective: develop recommendations for guidelines for urban policies in the city based on the interaction between young and old and on the sense of place, in order to promote the enhancement of urban life. The specific objectives are: (i) to analyze intergenerationality with an emphasis on the relationships established in urban spaces, their links with the place and how these can contribute to the enhancement of urban life; (ii) characterize and map the study neighborhood in its socio-physical and affective aspects that corroborate with the potentialization of the generational encounter and urban life; and (iii) understand from the investigations how the interaction between generations based on appropriations and affections can cooperate with the enhancement of person/environment relationships and urban life. The study has an exploratory character with a qualitative approach, with the development of a case study in the Vicente Pinzón neighborhood, in the city of Fortaleza/CE, in which bibliographic and documentary research, observations, physical survey, semi-structured interviews and affective maps were used. The survey results, in general, indicate a positive quality pointed out among young and elderly residents in relation to the Vicente Pinzón neighborhood, however, a constant general dissatisfaction with insecurity and the neglect of the place by the public power is also perceived. Even so, the community demonstrates a constant willingness to manage its spaces in order to contribute to the enhancement of its territory, demonstrating resistance. Finally, recommendations are made for urban guidelines for a vulnerable environment based on a sense of place and intergenerational relationships.

Keywords: Environmental Perception. Intergenerational Relations. Affectivity. Sense of Place. Public Spaces.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1	Projeções para a população de 15 a 19 anos de idade no Brasil.....	30
Figura 2.2	População Idosa no Brasil entre 2022 – 2060.....	32
Figura 2.3	Eixos temáticos do projeto cidade amiga do idoso.....	34
Figura 2.4	Relação e conexão entre edificação e espaço público	42
Figura 2.5	Calçadas para circulação no centro da cidade de Pelotas, RS	42
Figura 2.6	Parque Estadual do Cocó na cidade de Fortaleza, Ceará	43
Figura 2.7	Praça do Dragão do Mar em Fortaleza, Ceará	43
Figura 2.8	Parque Estadual do Cocó na cidade de Fortaleza, Ceará	43
Figura 2.9	Dinâmica e objetivos dos Programas Intergeracionais (PI's).....	48
Figura 3.1	Localização da cidade de Fortaleza, Ceará.....	58
Figura 3.2	Mapa da localização do Vicente Pinzón em Fortaleza.....	59
Figura 3.3	Mirante no Bairro Vicente Pinzón na cidade de Fortaleza, Ceará	61
Figura 3.4	Farol do Mucuripe no Bairro Vicente Pinzón na cidade de Fortaleza, Ceará	61
Figura 3.5	Mapa das Regionais de Fortaleza/CE e Bairro Vicente Pinzón.....	62
Figura 3.6	Proximidade de localização dos Centros Sociais existentes no bairro Vicente Pinzón e as praças selecionadas	64
Figura 3.7	Localização das Praças selecionadas em relação aos Centros Sociais do bairro Vicente Pinzón na cidade de Fortaleza, Ceará	65
Figura 3.8	Jovens de 15 a 19 anos residentes na área de estudo	66
Figura 3.9	Jovens de 20 a 24 anos residentes na área de estudo	67
Figura 3.10	Idosos de 60 a 69 residentes na área de estudo	67
Figura 3.11	Idosos acima de 70 anos residentes na área de estudo	68
Figura 3.12	Vista da Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón	69
Figura 3.13	Vista panorâmica da Praça do Mirante no bairro Vicente Pinzón	69
Figura 4.14	Vista Aérea da Realocação dos pescadores para o bairro Vicente Pinzón	82
Figura 4.15	Levantamento físico da Praça do Mirante	83
Figura 4.16	Canteiros existentes na Praça do Mirante	84
Figura 4.17	Escadas e rampas de acesso existentes na Praça do Mirante.....	84
Figura 4.18	Vista da Praça do Mirante para a Orla da Praia da Beira Mar de Fortaleza	85
Figura 4.19	Vista da Praça do Mirante para o Porto do Mucuripe	85
Figura 4.20	Escadarias de acesso à Praça do Mirante	85

Figura 4.21	Arborização da Praça do Mirante	88
Figura 4.22	Playground existente na Praça do Mirante	88
Figura 4.23	Anfiteatro da Praça do Mirante	89
Figura 4.24	Vista do Anfiteatro para a Beira Mar de Fortaleza	89
Figura 4.25	Localização da Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón	92
Figura 4.26	Acessos da Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón	93
Figura 4.27	Levantamento físico da Praça do CRAS	95
Figura 4.28	Vista 01 da Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón	95
Figura 4.29	Vista 02 da Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón	95
Figura 4.30	Vista 03 da Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón	96
Figura 4.31	Vista 04 da Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón	96
Figura 4.32	Centro de Inclusão Tecnológica e Social – CITS Mucuripe no bairro Vicente Pinzón	98
Figura 4.33	Centro Comunitário do bairro Vicente Pinzón em Fortaleza, Ceará	98
Figura 4.34	Nuvem de palavras das metáforas elaboradas nos Mapas Afetivos dos Jovens	101
Figura 4.35	Desenho do Mapa Afetivo elaborado pelo Jovem 03	102
Figura 4.36	Desenho do Mapa Afetivo elaborado pelo Jovem 02	104
Figura 4.37	Poema elaborado pela Jovem 01 na construção de seu Mapa Afetivo .	106
Figura 4.38	Poema elaborado pela Jovem 04 na construção de seu Mapa Afetivo .	107
Figura 4.39	Comparação entre desenho da Idosa 01 e o Farol	108
Figura 4.40	Antigo Farol do Mucuripe localizado próximo ao Porto do Mucuripe em Fortaleza, Ceará	109
Figura 4.41	Relação da distância entre o Farol Velho e o Farol Novo	110
Figura 4.42	Nuvem de palavras das metáforas elaboradas nos Mapas Afetivos dos Idosos	111
Figura 4.43	Desenho elaborados nos Mapas Afetivos das Idosas 02 e 03	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1	Níveis do sentido de lugar	39
Tabela 2.2	Indicadores de qualidade espacial	41
Tabela 2.3	Elementos de qualidade espacial urbana.....	43
Tabela 2.4	Objetivos dos Programas Intergeracionais em distintas culturas e gerações.....	49
Tabela 2.5	Resultados dos Programas Intergeracionais em distintas culturas e gerações.....	49
Tabela 2.6	Etapas para a construção de um Programa Intergeracional.....	50
Tabela 3.1	Projeção Populacional nas Regionais de Fortaleza.....	73
Tabela 3.2	Relação entre objetivos e métodos de coleta.....	74
Tabela 3.3	Fontes primárias e secundárias para estudo de caso.....	75
Tabela 3.4	Categorias de análise para as observações	76
Tabela 3.5	Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração do mapa afetivo da cidade.....	78
Tabela 3.6	Perguntas estruturantes para entrevistas (jovens).....	81
Tabela 3.7	Perguntas estruturantes para entrevistas (idosos).....	82
Tabela 3.8	Idades selecionadas entre jovens e idosos para pesquisa.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CRAS	Centros de Referência de Assistência Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGMA	Instrumento Gerador de Mapas Afetivos
ILPI	Instituição de Longa Permanência do Idoso
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, +
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGs	Organizações Não Governamentais
PI	Programas Intergeracionais
PDDU	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano
RI	Relações Intergeracionais
SESC	Serviço Social do Comércio
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
UFC	Universidade Federal do Ceará
(SR II)	Regional 2
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Problema de Pesquisa	15
1.2	Motivação e justificativa	16
1.3	Objetivos Geral e Específicos	17
1.4	Abordagem Metodológica	17
1.5	Estrutura da Dissertação	18
2	AMBIENTE, AFETO E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS	19
2.1	A Inter-Relação Pessoa/Ambiente e a Potencialização da Vida Urbana	19
2.2	Espaço, Lugar e Simbolismo Espacial	22
2.3	Cidade e Afetividade	25
2.4	Relações Intergeracionais, espaço urbano e senso de lugar	29
2.4.1	O público jovem	29
2.4.2	O público idoso	32
2.4.3	Intergeracionalidade e Senso de Lugar	35
2.4.4	Espaços públicos, praças e qualidade ambiental	39
2.5	Políticas Públicas Urbanas	46
2.6	Os trabalhos e as pesquisas: possibilidades temáticas dos PI's	52
2.7	Síntese do Capítulo.....	55
3	METODOLOGIA	57
3.1	Abordagem metodológica	57
3.2	Estudo de Caso	58
3.2.1	A cidade de Fortaleza e o Bairro Vicente Pinzón: características gerais	58
3.2.2	Critérios de seleção do Estudo de Caso: contextualização	62
3.2.3	Praça do CRAS	68
3.2.4	Praça do Mirante	69
3.3	Métodos de Pesquisa	70
3.3.1	Levantamento bibliográfico e documental	72
3.3.2	Observação	72
3.3.3	Levantamento Físico	74
3.3.4	Mapas Afetivos	75
3.3.5	Entrevistas Semiestruturadas	76
3.3.6	Escolha dos participantes	79

3.4	Síntese do Capítulo	80
4	RESULTADOS	81
4.1	Relações Intergeracionais na cidade e o Senso de Lugar.....	81
4.1.1	As praças públicas e a sociabilidade urbana entre gerações	81
4.1.1.1	Praça do Mirante	81
4.1.1.2	Praça do CRAS	92
4.1.2	Potencialização da Vida Urbana e o desvelar dos afetos	99
5	CONCLUSÃO	115
5.1	PRINCIPAIS RESULTADOS	116
5.1.2	Recomendações de diretrizes urbanas	119
5.2	CONSIDERAÇÕES FINAIS, LIMITAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES FUTURAS	122
	REFERÊNCIAS	124
	ANEXOS	134
	APÊNDICES	138
	APÊNDICE A – Ficha Base do Mapa Afetivo	139
	APÊNDICE B – Roteiro entrevista Grupo Jovem	140
	APÊNDICE C – Roteiro entrevista grupo Idoso	121
	APÊNDICE D – Transcrição das Entrevistas Jovens	142
	APÊNDICE E – Transcrição das Entrevistas Idosos	163
	APÊNDICE F – Resultados dos Mapas Afetivos (Jovens)	177
	APÊNDICE G – Resultados dos Mapas Afetivos (Idosos)	181
	APÊNDICE H – Categorias temáticas de análise das entrevistas (jovens e idosos) ..	185

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

A conexão estabelecida com a vida urbana é um meio relevante de manter-se socialmente ativo, principalmente quando se trata de um grupo etário que vai se desligando e se isolando de atividades sociais, como os idosos, e de outro que necessita de um ambiente de socialização para o processo de desenvolvimento, como os jovens (INTERGENERATIONAL, 2005). Dito isso, baseado em uma perspectiva socioambiental vinculada à vida pública¹ do senso de lugar, a temática deste trabalho são as relações intergeracionais pautadas na sociabilidade urbana e na adoção de políticas públicas que corroborem com o bem-estar dessas populações e com a potencialização da vida urbana.

A potencialização da vida urbana² considera o território como local de ação/construção e busca agir por meio da elaboração e efetivação de políticas públicas focadas na participação popular, a fim de contribuir com uma melhor qualidade de vida no espaço urbano. As cidades são manifestações do individual e da experiência coletiva, uma vez que existe uma multiplicidade de trocas que ajudam na produção da sociabilidade. No entanto, o desafio continua sendo a investigação de quais as intervenções, especialmente quais políticas urbanas, podem influenciar favoravelmente a potencialização da vida urbana, já que a mesma está associada a aspectos das necessidades básicas, do ambiente físico e da imagem vinculada à paisagem urbana (JACOBS, 2011; FERRAZ, 2013; GALLO; BESSA, 2016).

Este capítulo tem como objetivo introduzir o leitor o problema de pesquisa, assim como a justificativa, a motivação, os objetivos e sua abordagem metodológica.

1.1 Problema de Pesquisa

No início do século XXI, a interação entre mais de uma geração – denominada como relações intergeracionais – passou a ter uma visibilidade com base no estímulo à vida e potência dos espaços urbanos, onde todas as idades estão ligadas ao direito à participação ativa na sociedade e na vida pública (MELVILLE; HATTON-YEO, 2015). Todavia, nos espaços da cidade ainda existem tensões preocupantes com diferentes grupos etários, especialmente entre jovens e idosos (HOLLAND *et. al.* 2007).

A aproximação entre as gerações é um bom indicador para a diminuição dessas tensões (O’SULLIVAN; MULGAN; VASCONCELOS, 2010) e os espaços públicos têm papel

¹ O termo ‘vida pública’ representa, juntamente com os termos espaço público, esfera pública e domínio público, uma conceituação acerca dos espaços de uso coletivo nas cidades, nos quais ocorrem as práticas de sociabilidade (ARENDT, 2007; HABERMAS, 1984; SENNET, 1993; VAZ, 2010; REIS FILHO, 2006).

² Esse termo deverá ser melhor desenvolvido no capítulo 2 desta pesquisa (páginas 21 e 22).

fundamental nas trocas sociais e nas possibilidades de interação, porém, algumas vezes, podem acabar gerando segregação entre as faixas etárias.

As relações entre jovens e idosos dificilmente ocorrem sem incentivo ou condições propícias (LONDON, 2008). Por esse motivo, a qualidade do ambiente urbano é importante, pois além dos atributos físicos, atende as necessidades psicológicas que contribuem com um estilo de vida mais saudável para todos (MAHDJOUBI; SPENCER, 2015). Nesse caso, a Psicologia Ambiental considera como o espaço é caracterizado de forma física e como ganha significados (GIBSON, 1986).

Como contribuição a este estudo, os Programas Intergeracionais (PIs) surgem como uma alternativa de minimizar o preconceito etário e incluir a comunidade nos processos decisórios de seus espaços. Geralmente, os programas propõem atividades que oportunizem trocas de experiências e aprendizagens entre distintas gerações na cidade, a fim de benefícios individuais e sociais (UNESCO, 2000). Essa interação social entre gerações na cidade é também um diálogo com a premissa de um ambiente urbano mais sustentável (MAHDJOUBI; SPENCER, 2015), mas para explorar o potencial da intergeracionalidade é preciso compreender a relação de jovens e idosos no espaço urbano.

Estudos como os de O'sullivan, Mulgan e Vasconcelos (2010), mostram a dificuldade de idosos em “se apropriar” dos espaços urbanos e sua tendência ao isolamento, ao medo de locais desconhecidos, a falta de transporte e acesso, além das mudanças físicas que os fazem perder a relação que tinham com aquele lugar (BOMFIM, 2003). O público jovem que se encontra em transição entre a infância e a fase adulta não se identifica com espaços projetados para crianças ou adultos e são frequentemente expostos à criminalidade (LAYNE, 2009). Assim, as práticas intergeracionais são necessárias para recuperar o espaço urbano para ambas as gerações (HAIDER; KAPLAN, 2004).

Nesse contexto, **o problema de pesquisa deste trabalho é:** a não inclusão de jovens e idosos no processo de ação/transformação dos espaços da cidade e a desconsideração de seus vínculos com os lugares (ABRAMS; HOGG; MARQUES, 2005). Assim, consequências negativas ao nível psicológico e dos comportamentos podem ser geradas (SAWAIA, 2011; QUINTAS, 2010), pois ainda há uma insuficiência na articulação de políticas públicas de reintegração social com as gerações (SOUSA; ALMEIDA, 2001), focadas no senso de lugar. Esse problema origina a seguinte pergunta de pesquisa: Como a interação entre jovens e idosos baseada no senso de lugar pode contribuir com a potencialização da vida urbana?

1.2 Motivação e justificativa

A motivação principal deste trabalho desenha-se, primeiramente, ainda no âmbito da graduação. O Trabalho de Conclusão de Curso deste autor possibilitou os primeiros contatos de pesquisas acadêmicas com foco em mais de uma geração e que propunham espaços de interação apoiados em metodologias participativas.

Posteriormente, já na esfera profissional, unindo aspectos técnicos e sociais, o autor pôde ter uma experiência significativa com a temática através da participação em um projeto de gerontologia ambiental, vinculado a órgãos sociais que contam com uma equipe interdisciplinar e que realizam atividades intergeracionais através da promoção de fóruns de assessoria popular, envolvendo a população mais jovem e mais velha de determinado local, produzindo diretrizes a serem apresentadas ao poder público. Foi então que, a partir dessas aproximações e da aplicação das metodologias participativas, percebeu-se que as populações não se sentiam incluídas na tomada de decisão das ações/transformações do seu lugar, o que estava gerando consequências negativas no âmbito das apropriações e dos comportamentos.

À vista disso, a presente pesquisa justifica-se, primeiramente, **em termos sociais**, pelo estudo da interação entre mais de uma geração nos espaços urbanos com base no senso de lugar. Entende-se que, a partir do momento em que se pretende realizar um estudo privilegiando as disparidades e similaridades entre dois grupos etários diferentes, estamos fazendo valer o direito de a sociedade ser como é: complexa e diversa. O exercício de ouvir a população para definir o destino da cidade nunca é exaustivo, deve ser promovido e divulgado como forma de fazer a democracia e a horizontalidade prevalecerem.

Em termos científicos, por abordar a temática de estudos voltados à intergeracionalidade nos espaços urbanos na área da Psicologia Ambiental. Existem pesquisas, como as de Layne (2009), O'sullivan, Mulgan e Vasconcelos (2010) e Kaplan *et al.* (2007), que construíram bases teóricas importantes para essa temática, e a de Libardoni (2018), que evoluiu para um estudo de caso com base nas microterritorialidades sociais, mas percebe-se que não se tem muitos estudos que discutam a intergeracionalidade e a cidade com foco exclusivo no senso de lugar.

Por fim, **em termos institucionais**, tem-se a oportunidade de levar a reflexão acerca da relação pessoa-ambiente, da afetividade, do senso de lugar e das trocas geracionais nos espaços urbanos para a extensão e para a pesquisa.

As contribuições pautam-se no melhor entendimento entre a interação de jovens e idosos, seus comportamentos e percepções no espaço urbano e como a apreensão e

compreensão dessas apropriações e afetos podem corroborar com a elaboração de diretrizes para políticas urbanas, que possibilitem a potencialização da vida na cidade.

1.3 Objetivos Geral e Específicos

O objetivo geral desta pesquisa é **elaborar recomendações de diretrizes para políticas urbanas na cidade baseadas na interação entre jovens e idosos e no senso de lugar, a fim de promover a potencialização da vida urbana.**

Os objetivos específicos são:

- (i) Analisar a intergeracionalidade com ênfase nas relações estabelecidas entre jovens e idosos na cidade, seus vínculos com o lugar e como essas podem contribuir para potencialização da vida urbana;
- (ii) Caracterizar e mapear o bairro em seus aspectos sociais, físicos e afetivos que corroborem com a potencialização do encontro geracional e da vida urbana;
- (iii) Compreender, a partir das investigações, como a interação entre jovens e idosos, com base nas apropriações e nos afetos, podem cooperar com a potencialização das relações pessoa/ambiente e da vida urbana.

1.4 Abordagem Metodológica

Com a finalidade de atender aos objetivos desta pesquisa, foram adotados procedimentos metodológicos relacionados à Psicologia Ambiental, contando com multimétodos (GÜNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2008). Classifica-se como um estudo exploratório com abordagem qualitativa, realizando um estudo de caso em áreas urbanas entre jovens e idosos com foco na afetividade e no senso de lugar.

As etapas referentes a este estudo acontecem em dois momentos: (I) levantamento bibliográfico e documental, seguidamente da (II) aplicação de multimétodos para avaliação do estudo de caso.

Pretende-se, a partir da aplicação de métodos participativos, compreender como as relações intergeracionais entre jovens e idosos se dão no espaço urbano a partir do senso de lugar, apoiados nos modos de apropriação, interação e leitura espacial desses usuários e, ainda, de que modo isso pode funcionar como potência de ação/transformação na melhoria da vida

urbana das populações. Posteriormente, com a análise comparativa entre os dados coletados no estudo de caso e na análise documental, pretende-se atingir o objetivo geral desta pesquisa.

Dito isso, foram escolhidos os seguintes métodos: levantamento físico, observação, entrevistas semiestruturadas e mapas afetivos, que serão descritos no capítulo metodológico.

1.5 Estrutura da Dissertação

Capítulo 1 - este capítulo congrega a introdução geral do trabalho, no qual é apresentada a temática da pesquisa, o problema identificado, a questão principal, sua proposta investigativa com sequência aos objetivos, abordagem metodológica e, ainda, a motivação do autor aliada a justificativa para a realização da pesquisa, que se baseia nos seguintes eixos: sociais, científicos e institucionais.

Capítulo 2 – compreende a fundamentação teórica da pesquisa que tem como objetivo fundamentar o problema, a justificativa e os objetivos da pesquisa, pautando-se na ligação entre ambiente e as distintas gerações (jovens e idosos), o senso de lugar e a afetividade como suporte de interação no espaço urbano e os programas intergeracionais dentro de políticas públicas urbanas que contribuam com um desenho urbano mais inclusivo.

Capítulo 3 - proposição do percurso metodológico da pesquisa baseada em metodologias pautadas na Psicologia Ambiental, as quais ligam-se ao usuário e ao ambiente e suas relações. Identifica, também, o objeto de estudo e os métodos de coleta e análise dos dados, apresentando correlação aos objetivos da pesquisa e o caminho para atingi-los.

Capítulo 4 – Os resultados do trabalho são apresentados e discutidos em consonância ao referencial teórico utilizado. A organização deste capítulo se deu a partir das categorias de análises de dados coletados e das recomendações propostas.

Capítulo 5 – Nesta etapa, são apresentadas as conclusões da pesquisa a partir da proposta de pesquisa, de seus objetivos e resultados. Além disso, indica as limitações de pesquisa e mostra possíveis reflexões futuras.

CAPÍTULO 2: AMBIENTE, AFETO E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Este capítulo constitui a fundamentação teórica da pesquisa e aborda os conceitos que serão utilizados ao longo da investigação. Ao tratar, aqui, de mais de uma geração e da possibilidade do convívio entre elas, a revisão da literatura feita pauta-se na abordagem da Psicologia Ambiental. Tem-se, desse modo, a necessidade de utilizar diversas abordagens provindas dos âmbitos social, geográfico, antropológico, psicológico, filosófico e do planejamento urbano a fim de buscar auxílio para respaldar a discussão acerca da relação entre pessoa/ambiente e comportamento a partir dos afetos e do senso de lugar como potência de ação nos espaços urbanos pelas gerações.

A seção a seguir traz a importância da Psicologia Ambiental dentro da temática desta pesquisa, abordando o espaço, o lugar e sua identidade/simbolismo, os afetos criados entre os jovens e idosos no espaço urbano e suas possibilidades ação/transformação envolvendo a comunidade e o senso de lugar.

2.1 A inter-relação pessoa/ambiente e a Potencialização da vida urbana

A Psicologia Ambiental emergiu na década de 1960 (CANTER, 1977; CLARK; UZZELL, 2002; GIFFORD; STEG; RESER, 2011) e é entendida como área ou subárea de conhecimento que focaliza as relações entre pessoa/ambiente. Volta-se para a compreensão do modo como os espaços influenciam o comportamento dos indivíduos, os significados atribuídos a eles e os processos psicossociais subjacentes a cada situação (CAVALCANTE; ELALI 2018, MOSER, 2009; SIME, 1999; SOCZKA, 2005; SOMMER, 2000; STOKOLS, 1995).

Quando voltada para a compreensão das percepções decorrentes das inter-relações entre as pessoas e seu entorno, a Psicologia Ambiental reconhece o caráter recíproco dessas relações. Considera, assim, o entorno como uma dimensão que contempla elementos perceptivos, culturais e contextuais e que, por meio de seus elementos físicos, permite a construção de distintas percepções, avaliações e ações (GÜNTHER; ROZESTRATEN, 2005; RIVLIN, 2003). Essas inter-relações são decorrentes das experiências subjetivas envoltas de processos afetivos e cognitivos, que são particularmente importantes para a compreensão de como as pessoas vivenciam os lugares, os usos que deles fazem, como os avaliam e como isso repercute na realização de suas atividades diárias (MOSER, 1998; WAHL; WARSSON; OSWALD, 2012).

Dessa forma, vale salientar que a Psicologia Ambiental foi, e é, antes de tudo, uma psicologia do espaço, desde as análises das percepções, das atitudes e dos comportamentos do

usuário em sua relação explícita com o contexto físico e social no qual ele está incluindo (MOSER, 2005; FURTADO, 2005). Desse modo, a inter-relação aqui discutida é analisada em quatro níveis de referência socioespacial, categorizados pelos autores da seguinte maneira: **1) o microambiente:** o espaço privado, a moradia, implicando o indivíduo; **2) os ambientes de proximidade:** os espaços partilhados semipúblicos, o habitat coletivo, o bairro, o lugar de trabalho, os parques e os espaços verdes, concernentes à comunidade de proximidade ou de vizinhança; **3) os ambientes coletivos públicos:** as cidades, os vilarejos e os povoamentos diversos, implicando os agregados de indivíduos; e **4) o ambiente global:** o ambiente em sua totalidade, construído ou não, os recursos naturais (MOSER, 2005; FURTADO, 2005).

Mesmo que haja categorizações, é importante ressaltar que o ambiente não se dissocia do usuário, sendo bidirecional e interdependente (GÜNTHER, 2011; GÜNTHER, 2009), bem como corrobora a expressão “a pessoa é o ambiente, o ambiente é a pessoa” (BOMFIM, 2003, p.76). Essa relação é tida como multidimensional e indissociável das condições sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas (CAMPOS-DE-CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA; 2011), pois o indivíduo é influenciado pelo ambiente, assim como também exerce influência sobre o mesmo (GIFFORD, 2009)

Desse modo, a Psicologia Ambiental também evidencia o contexto físico-social onde essas inter-relações se processam e se efetuem. Deve-se colocar ênfase no espaço físico sem deixar de levar em consideração os processos perceptivos e subjetivos dos usuários. Ao estudar o espaço, podemos ter estudos que focam nos ambientes físicos construídos, na avaliação de impactos socioambientais, na reestruturação de espaços urbanos em Planos Diretores (planejamento urbano), na articulação de políticas públicas etc. (BERTINI, 2006).

Os estudos inerentes à Psicologia Ambiental estão ligados, por exemplo, ao projeto arquitetônico, ao desenho urbano – da qualidade à potencialização –, ao gerenciamento de bairros, dentre outros. Contudo, estendem-se pelo processo urbano como um todo, desde a análise espacial até o desenvolvimento de diretrizes que corroborem com algum efeito dentro de uma comunidade específica, gerando alternativas sustentáveis para os espaços da cidade (ROMICE, 2007). Sendo assim, dentro dessa perspectiva e com base nos objetivos delineados por esta pesquisa, as aplicações da Psicologia Ambiental podem estar integradas ao planejamento de políticas transversais a fim de corroborar com a potencialização da vida urbana (ROMICE, 2007).

A potencialização da vida urbana deve considerar que os espaços sejam atrativos enquanto possibilidade de movimento e interação entre adultos e crianças. Para incentivar esses atrativos, é preciso: diversificar os usos, possibilitando movimentos e permanências; quadras

curtas (como oportunidade das pessoas se cruzarem); uma malha contínua de calçadas; praças e parques integrados às ruas; edifícios com idades e estados de conservação variados; densidade suficientemente alta etc. (JACOBS, 2011).

Existem diversos estudos brasileiros atuais que discutem sobre potencialização da vida urbana, como, por exemplo, a tese de doutoramento de Valéria Ferraz (2013)³, que traz o conceito de hospitalidade urbana, onde basicamente mostra a possibilidade de uma cidade proporcionar uma melhor estadia e qualidade de vida aos usuários com base no bem-estar coletivo. Ferraz (2013) estudou as qualidades urbanas do espaço público referentes aos aspectos da **permeabilidade, diversidade, legibilidade e conforto**, compreendidas como atributos espaciais no conceito de hospitalidade.

Levando em consideração que a **permeabilidade** está relacionada com a acessibilidade, a cidade deveria oferecê-la não somente às residências, mas à cafés, restaurantes, praças, parques, lojas etc., ou seja, promover a **diversidade** de usos aos espaços públicos, gerando atrativos às diferentes gerações em vários horários do dia. Por sua vez, a **legibilidade**, compreendida como a facilidade de leitura espacial, é entendida em duas dimensões: a subjativa, que depende da imagem mental clara e sentimento que cada pessoa tem sobre a cidade; e a objetiva, que é a apreensão do espaço por trechos urbanos, edifícios conhecidos, esculturas ou tipologias arquitetônicas que sejam referências e que facilitem a leitura do todo urbano (FERRAZ, 2013).

E para encorajar ou não a participação das pessoas nos espaços públicos, o **conforto físico** também é essencial, uma vez que para Gehl (2013), se ele está adequado a realidade local, potencializa a permanência nos espaços, sobretudo os abertos. Um espaço confortável contribui diretamente na qualidade dos encontros de interação e, conseqüentemente, na vida social de uma cidade. Podemos separar as atividades no espaço público em: necessárias ao dia a dia, como ir ao trabalho, levar a criança na escola; atividades opcionais, quando estamos com tempo livre e caminhamos; ou sociais, quando há exigência da presença de outras pessoas, como nas conversas nas interações⁴.

Relacionando as premissas anteriores ao contexto da cidade de Fortaleza, que em boa

³ O título da tese é: “Hospitalidade urbanas em grandes cidades. São Paulo em foco.”

⁴ Essa discussão sobre a vida pública na cidade e os fatores que podem beneficiá-la está diretamente relacionada ao debate mais amplo abarcado pelo conceito de urbanidade. Mesmo que a definição do termo não seja consensual, nos estudos de arquitetura há importantes apontamentos referenciados em trabalhos da década de 1960 que originaram mais tarde os conceitos de urbanidade, por exemplo, com Kevin Lynch em “The image of the city” em 1960 e Jane Jacobs com “The death and life of great american cities” em 1961. Utilizamos aqui a reflexão do arquiteto e urbanista pesquisador brasileiro Frederico de Holanda, em que ele relaciona urbanidade às interações entre espaço físico e sociedade que favorecem relações positivas entre qualidade do espaço e presença e apropriação de pessoas (HOLANDA, 2003).

parte do ano conta com altas temperaturas e pouca precipitação de chuvas, as atividades de permanência nos espaços públicos podem se tornar extenuantes. Pensar em circular, interagir ou permanecer nesses espaços como atividade opcional ou social pode tornar-se tarefa a ser rejeitada caso não existam amenizadores térmicos e físicos no espaço ou, ainda, uma diversidade atrativa de uso para mais de uma geração.

Desse modo, pensamos a potencialização da vida urbana a partir das relações entre pessoa e ambiente e os modos de produzir os espaços, para que esses sejam mais diversos e que sejam constituídos de forma democrática, pelas e para as pessoas. Além disso, trabalhar a intergeracionalidade dentro do espaço urbano é uma forma de potencializar a diversidade, de possibilitar e de construir uma cidade mais plural, articulando, assim, políticas urbanas mais coerentes com cada realidade.

2.2 Espaço, lugar e simbolismo espacial

Nas cidades, para além de sua infraestrutura material, a relação pessoa-ambiente se dá de maneira concreta, estabelecida na experiência urbana do morador com os espaços percorridos e utilizados (HISSA; NOGUEIRA, 2015). Esses, por sua vez, não existem isoladamente, senão a partir do sentido atribuído a eles por um grupo social. Uma vez que a Psicologia Ambiental se volta às questões de ordem prática, a intervenção na esfera ambiental se embasa na vivência das pessoas no urbano, expressa pelas subjetividades ali engendradas, gestadas no espaço e no tempo (TASSARA; RABINOVICH, 2001).

Para entender a relação entre as pessoas e os lugares, é necessário atentar para as especificidades conceituais de “espaço” e “lugar” empregados nos estudos pessoa/ambiente. O espaço denota amplidão, movimento e liberdade e remete ao aspecto físico; e o lugar carrega o significado a partir das inter-relações. Assim, a importância do lugar é acrescida ao fato de que o ambiente é dominado por sentimentos e simbolismo (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011; HOLZER, 2003);

As ideias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra, o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Se pensamos o espaço como algo que permite movimento, então, lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar (RELPH, 1976 apud SEAMON; SOWERS, 2008; TUAN, 1983; HOLZER, 2003).

O espaço é, também, palco de ações e receptor de objetos e percepções, nele ocorre a materialização de movimentos. Logo, pensar o espaço é indispensável na criação de distâncias

e delimitações, onde qualquer objeto, ser ou matéria possa se posicionar e se movimentar (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011). Pode ser empregado de diversas formas e classificado quanto a sua especificação, como, por exemplo: espaço geográfico, ecológico, comercial, políticos, dentre outros. Nessa perspectiva, o espaço é uma noção interdisciplinar, estudada por arquitetos, planejadores urbanos, geógrafos, psicólogos, antropólogos, sociólogos etc. Desse modo, o espaço pode ser considerado base preexistente, estrutura anterior necessária para qualquer teorização ou discussão acerca do indivíduo (CALCANTE; NÓBREGA, 2011).

Perante o exposto, o espaço também pode carregar aspectos de “lugaridade” (*placeness*), onde a partir das relações estabelecidas no local é gerado um significado, uma identidade ou apego. Ou, ainda, carregar a “ausência de lugaridade” (*placelessness*), que é quando esses mesmos sentimentos citados se perdem a partir do que foi apontado no problema desta pesquisa. Quando não se leva em consideração os vínculos estabelecidos no espaço pelos usuários, as consequências negativas também giram em torno da desqualificação desses lugares⁵ em não-lugares⁶ (CASTELLO, 2007; SCHNEIDER, 2015).

As relações estabelecidas entre espaço e indivíduo permitem a transformação do espaço em lugar, pois é nesse momento que o espaço ganha importância e sua identificação ultrapassa os seus limites físicos, trazendo possibilidade desencadeadora de experiências de potencialização da vida urbana. Essas atribuições vêm relacionadas à convivência estabelecida e suas relações com os sentimentos gerados por esse espaço (BOMFIM, 2003; CALCANTE; NÓBREGA, 2011).

Dessa forma, podemos pensar nas características físicas (aparência), funcionais (atividades) e simbólicas (significados) formadoras de um lugar e necessárias à sua materialização, onde essas, interligadas, constituem o lugar. É importante destacar que um espaço leva tempo, a partir desses significados ao qual lhe são atribuídos, para alcançar o status de lugar (TUAN, 1983), onde o sentimento pode ser tanto positivo (apego), quanto negativo (repulsa). Não somente o tempo é fator primordial nessa construção de significados, mas também a marca deixada pelo usuário a partir da sua relação com determinado ambiente (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011).

Assim, todo sentimento desperta um lugar (SPELLER, 2005) e isso acontece porque somos seres situados e necessitamos de espaços e lugares para experienciar a nossa existência,

⁵ Que Marc Augé (2005) define como um espaço identitário, relacional e histórico. O não-lugar é o seu oposto: espaços não identitários, não relacionais e não históricos.

⁶ Termo utilizado pela primeira vez por Jean Duvignaud em *Lieux et non-lieu* (Paris, Galilée, 1977).

estabelecer as nossas relações, gerando uma diferença no que se estabelece como relação pessoa/ambiente (SPELLER, 2005; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011).

A constituição desse lugar provém da **percepção**, que é o processo pelo qual o indivíduo capta as informações do ambiente em que está inserido relacionado a uma experiência imediata ou precedida de um estímulo; e a **cognição** implica na associação desses atributos a significados gerados, por exemplo, a partir da cultura, dos valores e da experiência prévia do indivíduo (GIFFORD, 1997).

Esses processos cognitivos estão diretamente ligados aos **processos simbólicos**, onde destacam-se modos distintos de como a pessoa se relaciona e se identifica com o seu entorno, como valoriza e preserva o lugar e como os processos afetivos estão relacionados à qualidade de vida. A interação entre pessoa/ambiente, a vivência, o apego, o significado e o envolvimento emocional e físico (TUAN, 1983) são processos estudados na Psicologia Ambiental por meio de conceitos de **apropriação** (POL, 1996) e **identidade de lugar** (PROSHANSKY, 1978).

O processo de apropriação tem uma dinâmica em dois sentidos: uma para o espaço e outra para o usuário. Isso implica que o usuário possa adaptar o espaço às suas próprias necessidades, dar-lhe características próprias e dotá-lo de significado (GONÇALVES, 2007; ITTIELSON; PROSHASKY; RIVLIN; WINKEL, 2005; GÜNTHER; PINHEIRO; LOBO, 2004).

Ao discutir a ligação que as pessoas estabelecem com lugares geográficos, os estudos trazem também o conceito de **identidade do lugar**, articulando-o às noções de lugar e apego (*attachment*), estudos sobre identidade de lugar (*place-identity*) e de apego ao lugar (*place-attachment*). Essa linha de pensamento iniciou-se com Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983), que propuseram o conceito de identidade de lugar, teoricamente concebido como conjunto de percepções com valores positivos e negativos aos ambientes (GÜNTHER; ROZESTRATEN, 2005).

A ocupação funcional em um lugar é morar, porém, o sujeito só habita quando se **apropria** de todos os espaços que envolvem o físico, o simbólico, o emocional e o cultural. A apropriação como processo de **identificação** é, em certo sentido, um agente transformador, pois, ao apropriar-se do espaço, o indivíduo deixa a sua marca e **transforma-o**, iniciando um processo de reapropriação constante, que vai desde o planejamento dos ambientes da casa aos objetos em seu interior (MORENO; POL, 1999; CAVALCANTE; ELALI 2011).

É importante destacar e contextualizar os elementos estruturais e complementares do processo de apropriação: por ação-transformação e por identificação simbólica (POL, 1996). A apropriação por **ação-transformação** geralmente vem antes e consiste em comportamentos

explícitos que vão desde a demarcação de um espaço até uma ocupação de território mais complexa. É considerada, também, como componente comportamental que tende a prevalecer uma modificação do espaço dando significado para o sujeito, compartilhando ou não da comunidade (MORENO; POL, 1999).

Ademais, ocorre também a apropriação por **identificação**, compreendendo os processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos que transformam o espaço em lugar e com significação para o sujeito ou grupo social. Exemplificando: as representações mentais que orientam o sujeito no espaço (**cognitivo**); a busca pelo bem-estar que acarreta modificações a fim de adequar o espaço da melhor forma (**afetivo**); e, ainda, o significado atribuído ao entorno de pessoa para pessoa (**interativo**). Todavia, é importante que ocorra maior envolvimento possível na tomada de decisões dessa população durante o processo como um todo, ainda que uma fase seja complementar a outra, a depender do contato social e das manifestações comportamentais (MORENO; POL, 1999; BOMFIM, 2003; CAVALCANTE; ELIAS, 2011).

A **apropriação** também está ligada à **relação afetiva** com o ambiente. Essa relação se desdobra dentro de um campo de construção de significados para o lugar, sendo possível revelar a atuação desse afeto sobre as escolhas do usuário do ir e vir, bem como no que explorar no ambiente (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018). A existência de um vínculo entre o indivíduo e o meio culmina na apropriação desse espaço, definida por Ittelson *et al.* (1974) como o controle da pessoa sobre o ambiente, que, por sua vez, pode ser psicológico ou físico.

Ao relacionar as diversas facetas sobre os modos de apropriação, interação e identidade do lugar, este estudo entende que o conhecimento ambiental se dá pela unidade entre os aspectos cognitivos e afetivos, constituindo-se como direcionamentos para a ação do indivíduo no espaço. Para além dos aspectos de identificação do sujeito com o ambiente tratados nesta seção, identificamos que é fundamental que investiguemos os sentimentos envolvidos nas inter-relações entre pessoa e ambiente.

Assim, posterior a esse primeiro enfoque sobre cognição/percepção, partiremos para o tópico que irá tratar especificamente sobre os aspectos afetivos/emocionais enquanto camadas de experiência do indivíduo na cidade. A junção da cognição e da afetividade podem potencializar a vinculação das gerações no espaço, transformando-o em lugar.

2.3 Cidade e afetividade

A discussão realizada nesta seção corresponde à afetividade como integrante do senso de lugar e como esta pode contribuir com a potencialização do agir entre indivíduo e cidade. É

apresentado um ponto importante para esta pesquisa, onde considera-se a afetividade sob a perspectiva espinosana em que não há divisão entre mente e corpo, sendo unidade e, uma vez que os corpos afetam outros corpos (coisas, espaços, pessoas etc.) e são por eles também afetados. Além disso, ressaltamos a importância do agir de forma cidadã na constituição dos espaços.

A **afetividade**, as emoções, os sentimentos e o corpo são termos usuais na vida das pessoas, revelando-se em distintos contextos e momentos: em ambientes residenciais, de lazer externo ou de trabalho. Como contextualizou a psicóloga social brasileira Bader Sawaia⁷ (2001a), vivemos, enquanto sociedade, uma utopia do corpo perfeito e que enaltece emoções positivas. Diferindo-se da noção tradicional em que os afetos distanciam a racionalidade de seus indivíduos, a “racionalidade ético-afetiva” na cidade” é considerada nesse estudo, onde é capaz de contribuir com a promoção de espaços em que as pessoas vivam suas experiências individuais e coletivas (SAWAIA, 2001a). Para a autora, o afeto expressa a potência de ação e de existência do ser humano pela realização do desejo.

Desse modo, esta pesquisa reivindicou a base dos afetos e dos corpos, seja idoso ou jovem, como possibilidade de potencialização da ação humana no ambiente e não somente, como sujeitos “pré-fabricados”, superficiais e individualistas. Como coloca Sennett (2003), a coletividade pode ser o caminho para a cidadania e para o bem comum na cidade. Apesar disso, o debate demonstra um certo distanciamento e escassez de estudos que considerem as emoções, a afetividade e os sentimentos como norteadores do conhecimento dos espaços da cidade junto aos aspectos cognitivos (BOMFIM, 2010).

A cidade se expressa na subjetividade dos indivíduos, na forma de identificação, de processos de apropriação do espaço (POL, 1996), de identidade social urbana (VALERA; POL, 1994), de memória do lugar (JODELET, 2002) e de **afetividade** (BOMFIM, 2010; BOMFIM et al., 2014; SAWAIA, 1995). Traduzida nos sentimentos e emoções que avaliam o bem-estar das pessoas e a implicação delas no espaço urbano, a **afetividade** é um modo de conhecer a cidade, pautado na racionalidade ético-afetiva como potência de criação de espaços onde ressoam os interesses e necessidades coletivas (BOMFIM, 2010; SAWAIA, 1995). Sawaia (1995) aponta, que as subjetividades só são vistas no espaço construído e/ou planejado a partir do encontro entre o indivíduo e a cidade:

⁷ Bader Sawaia é uma das principais responsáveis na América Latina na inserção dos estudos de Espinosa na psicologia social, além de associar e fundamentar o diálogo da afetividade entre as obras de Espinosa e Vigotski.

A cidade, a rua, o prédio, a porta representam modelos de subjetividade enquanto portadores de história, desejos, carência e conflitos. Cada cidade, bairro, rua, até mesmo cada casa tem um clima que não advém, exclusivamente, do planejamento urbano e da geografia, mas do encontro de identidades em processos – identidades de homens e de espaços. Este clima perpassa diferentes entidades: eu, corpo, espaço doméstico, etnia, arquitetura. Dessa forma, os espaços construídos formam discursos e manipulam impulsos cognitivos e afetivos próprios. (SAWAIA, 1005, p. 21)

A afetividade compõe não só as relações, por exemplo, com pessoas e objetos, mas também com os ambientes que vivemos. Para Bomfim (2010, p.52), ter referência do sentir para compreender a cidade é estar atravessado pela experiência do cotidiano, “a forma como o habitante se implica na cidade já é um indicador de sua ação. Por isso, a afetividade é um indicador de ética e cidadania na cidade”.

No mesmo sentido, Bomfim (2010) pontua que a categoria da afetividade na Psicologia Ambiental e Social sintetiza o encontro dos indivíduos com a cidade. Logo, a interação com o espaço não se dá simplesmente pela ocupação corporal, mas principalmente pela significação e apropriação do espaço, o que lhe garante caráter de lugar, de modo eminentemente relacional. Ao passo que a afetividade constrói a subjetividade, também pode servir na efetivação da liberdade do sujeito, visto que o mesmo sempre está desejando algo e/ou buscando aumentar a forma de afetar⁸ ou ser afetado pelo ambiente.

Quando a partir da subjetividade, há bons encontros, essa afecção expande e potencializa nosso corpo, indicando ideia de felicidade (**potência de ação**). Em maus encontros, há ideia de padecimento, isto é, a capacidade de perseverar, indicando tristeza e (**diminuição dessa potência de ação**) (SAWAIA, 2001a). Ao mesmo tempo em que é um vetor que potencializa a capacidade de ação (dimensão política), favorece o encontro dos indivíduos com sua capacidade de manutenção do ser, o que remete a si mesmo e à coletividade (dimensão ética) (ESPINOSA, 1677/1992; SAWAIA, 2000).

A afetividade é uma dimensão mediadora nesse processo ação-transformação. As pessoas não se afetam sozinhas e é por isso que a afetividade é um termômetro para a ética, política e cidadania (BOMFIM, 2010). O sentido de agir e transformar a cidade depende do desenvolvimento de ações potencializadoras em que a afetividade seja um eixo integrador que colabore na construção de uma cidade para todos (BOMFIM, 2010). Um caminho para fortalecer a ação (ética) na cidade é tornar os encontros positivos para diversas gerações, onde os espaços em sejam concebidos de forma plural e diversa e que as pessoas possam nutrir um

⁸ Afetar ou ser afetado, do termo afecção – ou seja, modo de implicar-se em algo/alguém.

sentimento de felicidade em interagir com o outro, potencializando sua ação na urbe, distanciando o possível sentimento de padecimento, que despotencializa a ação nos espaços. Comparando a uma visão espinosana, passaríamos de uma criança/adulto servil a uma maior possibilidade de ser autônoma e livre na construção de uma cidade para todos.

Ao tratar de cidade para todos, a Organização das Nações Unidas (ONU, 2016, p. 6) traz como definição o direito à cidade como “o direito de todos os habitantes presentes e futuros, de ocupar, usar e produzir cidades justas, inclusivas e sustentáveis, definidas como um bem comum essencial à qualidade de vida”. Desse modo, a cidade deve ser o local do exercício completo da cidadania, ou seja, não só a cidade deve garantir os meios para que o indivíduo cresça material e culturalmente, mas ser resultado da participação e da atuação de todos os seus cidadãos.

Pensar em cidadania e meio ambiente é conectar-se ao desenvolvimento com sustentabilidade, respeitando a natureza e garantindo melhores condições de vida para as gerações futuras, bem como educando a sociedade para esta forma viável de desenvolvimento social, onde o cidadão consegue se apropriar dos espaços e canais de participação/reivindicação, constituindo, assim, espaços sociais de luta e de resistência (FILHO; MACIEL, 2016). Uma construção cidadã na cidade se dá na potencialização de ações que vão além da sua simples realização, mas apresenta-se como “potência de ação” nos espaços urbanos. Parte de suas experiências concretas, de seus desejos e motivações, criando, assim, comunidades defensoras de políticas coletivas para o bem comum, gerando a transformação desses espaços (BOMFIM, 2010; SAWAIA 1997).

A participação cidadã tem relação direta com a afetividade, pois é onde as políticas públicas urbanas precisam levar em consideração uma memória anterior do espaço a partir da participação da população e sua ligação com aquele lugar, trazendo potência de ação aos espaços urbanos, a fim de que esses espaços voltem a ser estimados (VALENTE-PEREIRA, 1991; MARICATO, 2014). A qualidade de se viver nos espaços urbanos está nas relações que se estabelecem ali, onde mais uma vez destaca-se a importância da não dissociação dos aspectos afetivos dentro da tomada de decisões nos processos de mudança na cidade (BOMFIM, 2010).

A discussão gerada neste tópico entre a afetividade e o agir de forma cidadã nos espaços da cidade, mostra a importância de pensar nos afetos e cognições como potencializadores do campo individual/subjetivo a fim de ser o gerador de ação/transformação para o coletivo, produzindo senso de pertencimento para as distintas gerações através da vinculação positiva com os lugares que eles vivem.

Adiante, desenvolveremos mais sobre as duas gerações aqui estudadas e como isso se relaciona com a discussão realizada anteriormente, vinculada à cidade e ao senso de lugar.

2.3 Relações intergeracionais, espaço urbano e senso de lugar

A divisão das fases da vida é compreendida entre **infância** (infância, juventude e adolescência e pós-adolescência), **vida adulta** (jovens adultos, meia idade e adultos) e **velhice** (jovens idosos e idosos mais velhos) (SETTERSTEN; MAYER, 1997). Todavia, as especificidades de cada pessoa são o que delimitam como são e terminam os estágios da vida.

Para esta pesquisa serão considerados **jovens** e **idosos**, pois são as gerações mais expostas às vulnerabilidades sociais e precisam de um estímulo maior para o convívio intergeracional. Alguns estudos mostram que os idosos têm dificuldade de se apropriar dos espaços da cidade, assim como suas tendências a solidão, medo de socializar, isolamento e falta de alternativas para uma melhor mobilidade (O’SULLIVAN; MULGAN; VASCONCELOS, 2010). Do outro lado, encontra-se o público jovem, que está passando entre a fase da infância para a adulta, sendo esse o motivo de não se identificarem com espaços que são destinados especificamente para crianças e adultos. Desse modo, estratégias de convívio intergeracional são importantes para potencialização da vida urbana (HAIDER; KAPLAN, 2004).

2.3.1 O público jovem

Um trabalho que traz a juventude não pode desconsiderar os múltiplos modelos e visões que se tem sobre os jovens, que muitas vezes se completam, se contradizem e se sobrepõem:

Contudo, uma questão, desde já, pode ser levantada: parece estar presente, na maior parte da abordagem relativa aos jovens, tanto no plano da sua tematização como das ações a eles dirigidas, uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é essa a intenção, salvo raras exceções; uma dificuldade de ir além da sua consideração como “problema social” e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los (ABRAMO, 1997, p. 28).

Ao final da década de 1990, por intervenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), os jovens passam a ser pensados dentro de uma perspectiva de cidadania e protagonismo social. Compreender o jovem como sujeito social

implica em considerar essa etapa de vida como desenvolvimento, não apenas natural, mas social e histórico, como um amplo processo de constituição de sujeitos.

De acordo com o último Censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a **população jovem** no Brasil aparece como um grupo populacional de aproximadamente 51 milhões de indivíduos, ou seja, pouco mais de 25% da população do país. Entretanto, o que nos mostra o gráfico a seguir (Figura 2.1) é um declínio onde o jovem brasileiro pode chegar ao fim do século reduzido quase à metade do número atual.

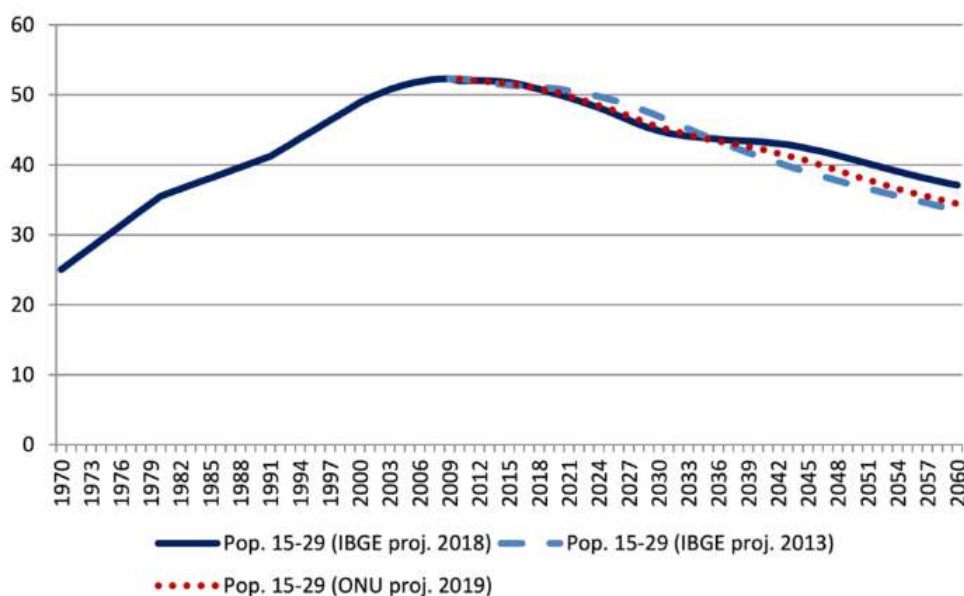


Figura 2.1 – Projeções para a população de 15 a 29 anos de idade no Brasil (milhões). Fonte: FGV Social a partir das estimativas e projeções do IBGE (2013; 2018) e ONU (2019).

Os dados anteriores mostram a importância de uma cidade mais saudável para todas as gerações, uma vez que a juventude brasileira tem extrema relevância em diversos âmbitos: Organizações Não Governamentais (ONGs), debates públicos, meios de comunicação, políticas públicas, instituições governamentais, produções acadêmicas etc. (ABRAMO, 1997; LEITE; MELO, 2017).

Os jovens são sujeitos que constituem a realidade atual e por isso são capazes de interferir e de compreender diversos aspectos sociais, culturais e históricos à qual pertencem. Sendo assim, é um grupo da sociedade que incorpora valores, culturas, modos de vida, discursos, mas que também age no cotidiano realizando atividades, modificando os espaços e agindo conforme seus objetivos e intenções, transformando a sua realidade sócio-histórica e espacial (SANTOS, 2007; MARTINS, 2004).

O público jovem mais participante na cidade, chamados de jovens urbanos, apresenta-se como atores sociais com formas singulares de sociabilidades, visibilidade e reconhecimento

que lhes permitem ser construtores da própria história de vida na sociedade e nos lugares em que se encontram inseridos (LEITE; MELO, 2017). Clark e Uzzell (2002) dizem que geralmente é mais fácil encontrar jovens acima dos 16 anos nos espaços urbanos, em decorrência da sua independência e autonomia, ajudando assim a melhor delimitar o recorte de idade para esta pesquisa.

Não é de hoje que a atividade juvenil, como agente ativo na sociedade, gera discussões. Os movimentos juvenis têm mostrado seu poder de ação/transformação nos espaços urbanos, desde pequena escala até movimentações artísticas com artistas famosos, movimento hippie etc. Os jovens transformam diversos espaços, como praças, ruas e vazios urbanos em variados tipos de manifestação, seja ela artística, política, econômica etc., de modo a lhe dar novos sentidos e apropriações (SANTOS, *et. al.* 2018). Todavia, na mesma medida em que ajudam, os espaços urbanos podem distanciar o contato desses jovens com outras idades, gerando diminuição da sociabilidade e preconceito etário (LAYNE, 2009).

Muitas vezes esse distanciamento provém de o jovem não ter vínculo familiar com nenhuma outra faixa etária (crianças, jovens adultos e idosos), o que dificulta ainda mais as relações com outras gerações (LAYNE, 2009). É nesse sentido que as relações intergeracionais e as trocas afetivas podem suprir essas necessidades na criação desse sentimento de pertencer a uma comunidade (ANTONUCCI, 2007; BOMFIM, 2010). Para esse público mais jovem, o espaço público é um campo neutro, com privacidade e segurança para desenvolver suas habilidades de socialização longe do controle dos adultos (PEACE, 2005). Os jovens buscam espaços acessíveis a outras idades, como praças e parques, mas é necessário que possuam certos limites espaciais (SHAFTOE, 2008) que auxiliam seu comportamento territorial.

Em contrapartida, o jovem também tem deixado de usar o espaço urbano à medida em que fica mais velho, pois, assim como as crianças e os idosos, assumem mais obrigações pessoais e profissionais (SILVA, 2009) e estão trocando atividades ao ar livre pelo sedentarismo e consumo de mídias diversas (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Algumas características desses espaços têm colaborado para essa evasão do público jovem, como questões de segurança e violência, gerando um comportamento antissocial (LAYNE, 2009).

Em diálogo com Silva *et al.* (2018), existem outros fatores que acarretam o esvaziamento dos espaços urbanos pelos jovens, como, por exemplo, serem caracterizados como imaturos e raramente serem incluídos nas decisões dos processos de transformação dos espaços. Alguns desses problemas geram barreiras sociais, deixando o jovem crescer com aversão de socializar ou de ter uma autonomia maior, fazendo inclusive com que diminua os vínculos com o lugar.

Portanto, deve-se levar em conta tanto a dimensão simbólica quanto os aspectos materiais, históricos e sociais, uma vez que essas dimensões influenciam e são influenciadas pelo espaço onde são construídas. Dito isso, a importância do público jovem nesta pesquisa perpassa entre os espaços físicos e os vividos, onde os laços e as interações acontecem e esse desenvolvimento de significados ocorre no meio social concreto em que se insere na cidade.

2.3.2 O público idoso

A Organização Mundial da Saúde (OMS) caracteriza como pessoa idosa aquela que atinge os 60 anos de idade em países subdesenvolvidos, ampliando até 65 anos nos países desenvolvidos. No mundo inteiro, o número de pessoas com 60 anos ou mais está crescendo mais rapidamente do que qualquer outra faixa etária. A população idosa cresceu 7,3 milhões entre 1980 e 2000, totalizando, assim, 14,5 milhões em 2000. O Brasil, até 2025, será o sexto país em número de idosos (WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO, 2005). Na figura abaixo (Figura 2.2) é perceptível o aumento da população idosa no Brasil em uma perspectiva entre 2022 e 2060:

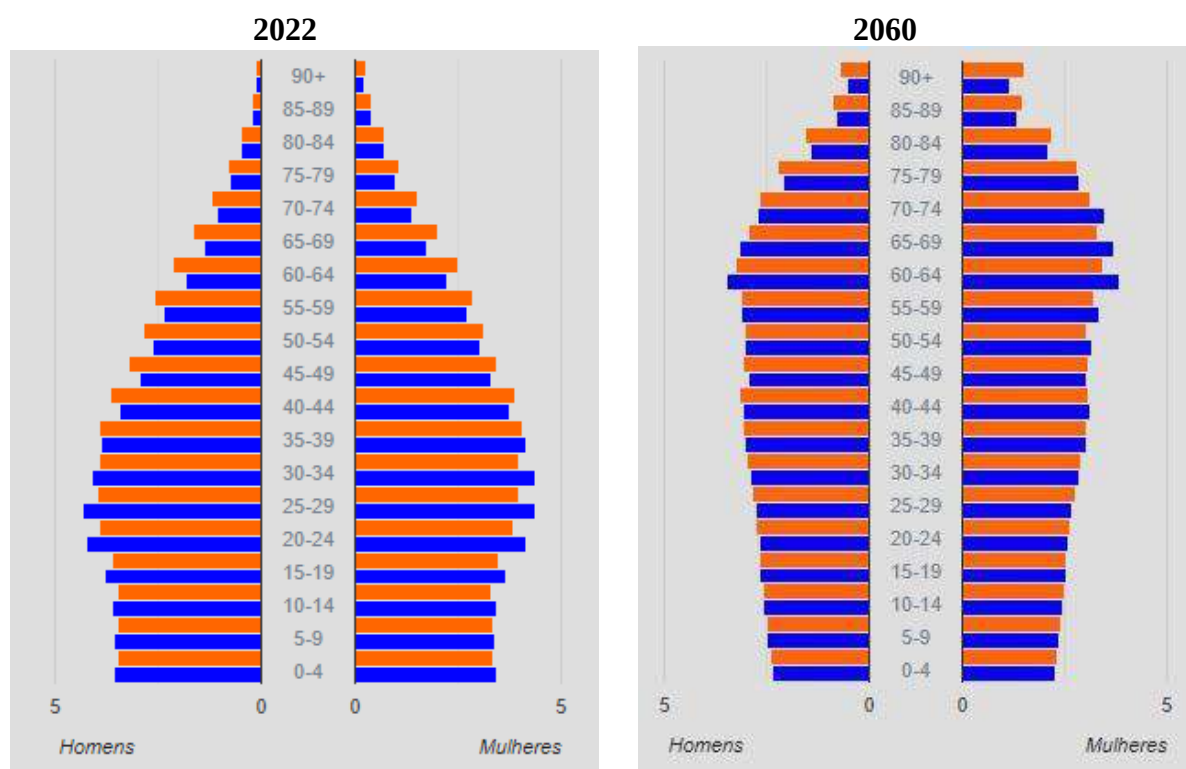


Figura 2.2 - População Idosa no Brasil entre 2022-2060.

Fonte: IBGE, 2010.

Segundo a OMS (2008), o número e a proporção da população urbana continuarão a aumentar nas décadas que se seguem, especialmente em cidades com menos de 5 milhões de habitantes. Uma projeção de que a cada cinco pessoas, três estarão residindo em cidades no ano de 2030 e nas áreas menos desenvolvidas, esse número poderá ser quatro vezes maior. Destaca-se ainda que a população idosa também acompanhará o ritmo dos mais jovens, com um cenário de aumento. Todavia, esses avanços no aumento dessa população não constituirá um progresso para a humanidade se não for aliado a melhores condições de vida para essa população mais velha, incluindo a aceitação por parte das outras idades e que a sociedade e o poder público possam incluir o idoso nas questões socioespaciais (BERTINI, 2006).

Segundo especialistas no estudo do envelhecimento, estes referem-se a três grupos de pessoas mais velhas: os idosos jovens, os idosos velhos e os idosos mais velhos. O termo **idoso jovem** geralmente se refere a pessoas de 65 a 74 anos, que costumam estar mais ativas e cheias de vida. Os **idosos velhos**, de 75 a 84 anos, e os **idosos mais velhos**, de 85 anos ou mais, são aqueles que têm maior tendência para a fraqueza, enfermidade e podem ter dificuldade para desempenhar ou sentirem-se excluídos de algumas atividades sociais (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006).

Todavia, vale ressaltar que isso não é uma regra, por exemplo, uma pessoa com 90 anos com uma boa saúde física pode ser funcionalmente mais jovem e ativa do que uma de 65 anos que não se encontra nesse padrão. Ou seja, esse processo de envelhecer não acontece de forma igual para todos, onde utiliza-se normalmente a idade funcional, que considera “a capacidade de uma pessoa interagir em um ambiente físico e social em comparação com outros da mesma idade cronológica” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 574).

O processo de envelhecimento, além de complexo, é negado e ao mesmo tempo evitado e temido por boa parte da população, onde existem diversos preconceitos, tanto por parte da pessoa idosa quanto da sociedade. Nesse sentido, precisa-se ter uma reeducação de todos quanto às ideias preconceituosas e aceitar que a velhice é mais um estágio da vida que contém experiência, sabedoria e liberdade (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). A forma com que se vive e se administra a própria vida diz muito sobre as expectativas de futuro para a pessoa idosa. Portanto, uma integração entre viver ativamente em contextos sociais e culturais, interagindo com outras gerações, pode gerar efeitos positivos em aspectos biológicos, psicológicos e sociais (PAPALIA *et al.*, 2006).

No que diz respeito a esse envelhecimento populacional e a urbanização em conjunto com as tendências mundiais, ambos representam forças significativas que moldam o século XXI. As cidades crescem ao mesmo tempo em que os indivíduos com 60 anos ou mais procuram

residir nesses locais. Todavia, é preciso que os espaços da cidade possuam ambientes favoráveis e propícios para essa população (OMS, 2008). A OMS considera, ainda, que o envelhecimento ativo é um processo de vida que se molda em diversos fatores, como saúde, participação social e segurança, que podem funcionar isoladamente ou em conjunto e ajudar na construção de uma cidade amiga do idoso.

Vale destacar que para uma melhor compreensão das características de uma cidade amiga do idoso é importante ouvi-lo e inclui-lo no processo de tomada de decisões do seu próprio espaço (WHO, 2003). Uma cidade amiga do idoso é aquela que estimula o envelhecimento ativo oferecendo serviços para saúde, participação e segurança que sejam acessíveis e de qualidade. Em 2007, a OMS trouxe os princípios do Envelhecimento Ativo às cidades no “Guia Global das Cidades Amigas do Envelhecimento”. O resultado da pesquisa nas 33 cidades no mundo todo deu origem a oito eixos temáticos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2007) (Figura 2.3): Participação Social, Respeito e Inclusão Social, Participação Cívica e Emprego, Comunicação e Informação, Apoio Comunitário e Serviços de Saúde, Espaços ao ar livre e Edificações, Transporte e Habitação.



Figura 2.3 - Eixos temáticos do projeto cidade amiga do idoso. Fonte: Guia Global das Cidades amigas do envelhecimento, WHO (2007).

O guia ressalta que apesar de os oito eixos resultantes terem um potencial e devam ser levadas em consideração na construção de uma cidade amiga do envelhecimento, deve-se principalmente ouvir cada realidade e cada população, pois existem também falhas, barreiras e até sugestões que são manifestadas pelos usuários de determinado espaço dentro da aplicação

de qualquer metodologia participativa (O’SULLIVAN; MULGAN; VASCONCELOS 2010; OMS, 2008).

O Projeto *PlaceAge*: “Projetando lugares com os idosos: Rumo a comunidades amigas do envelhecimento”⁹, já confirmava a assertiva anterior em seus primeiros resultados de pesquisa. A investigação feita com os idosos nas cidades do Brasil e do Reino Unido aponta a insatisfação dos idosos com a desvalorização de suas opiniões na tomada de decisões em projetos urbanos de requalificação pelo poder público (PLACE AGE NEWSLETTER, 2018).

No contexto urbano, muitas vezes, o idoso não é incluído nos processos de transformação de uma cidade, onde percebe-se no formato e na intenção dos equipamentos urbanos oferecidos a eles. A forma como se pensa a cidade deve contemplar o que pensa a pessoa idosa, seu direito de ir e vir, a sua forma de construí-la, de até lembrá-la, uma vez que todos esses direitos básicos podem facilmente trazer uma relação de perda de identidade e de condição simbólica-afetiva dos espaços para com os cidadãos (HOLANDA, 1995; BERTINI, 2006; BOMFIM 2003).

Uma cidade que possui acessibilidade precária, como calçadas altas, barreiras, falta de equipamentos adequados, longas escadarias, pavimentação inadequada, transportes coletivos inacessíveis, falta de sinalização para pedestres etc., é uma cidade que exclui e segrega os idosos dos espaços públicos. É importante destacar que essa discussão não tem a pretensão de direcionar todo o planejamento das cidades apenas para idosos, mas que eles sejam incluídos na tomada de decisões dos seus próprios espaços (BERTINI, 2006; SCHICCHI, 2000).

De fato, espaços urbanos que incluam a população na sua construção, a fim de uma ação/transformação, constroem lugares mais humanizados e com equidade social. Neste estudo, a importância de alinhar as necessidades dos idosos com as gerações mais jovens pode contribuir para a diminuição do ageísmo, potencializando a sociabilidade e a vida urbana, além de corroborar com uma cidade mais saudável para todos.

2.3.3 Intergeracionalidade e o senso de lugar

O que se tem observado nos dias atuais é que há uma maior convivência entre diversas gerações, denominada assim como Relações Intergeracionais - RI (MOTA, 2010). Essas relações compõem o tecido de transmissão, reprodução e transformação do mundo social. As

⁹ Projeto de parceria internacional liderado pela Universidade Heriot-Watt em Edimburgo, no Reino Unido, e pela Universidade Federal de Pelotas, em Pelotas, no Brasil. Pesquisa iniciada em maio/2016 e finalizada em abril/2019. Entre os países envolvidos, participam o Reino Unido, o Brasil e a Índia.

gerações são portadoras de história, de ética e de representações peculiares do mundo (VITALE, 1997; FERREIRA 2004). Pinheiro Junior (2005) complementa que essas relações representam o compartilhamento de experiências sociais referentes às fases históricas que cada pessoa passa, a partir de um conjunto de valores e ideias resultantes de um determinado contexto.

Essas relações possibilitam o aprendizado do movimento de sociabilização e sua dimensão temporal, fazendo perceber que os indivíduos envolvidos têm uma base complexa que, para além de relações familiares, pode atingir o âmbito social como um todo (NERI, 2005; FERREIRA, 2004). Martini (2015) complementa, colocando que as relações intergeracionais podem acontecer entre diferentes grupos etários, podendo estender-se até quatro gerações, o que acarreta a importante relação que existe dos avós/avôs com a sociedade. Cada geração possui seus próprios interesses, que estão atrelados às suas vontades e motivações pessoais, influências políticas, econômicas, sociais e culturais, e por essa variedade que se dá a importância de dividir esses valores entre as gerações, mostrando, então, que intergeracionalidade é um facilitador na transmissão desses valores, onde oportuniza-se a troca de conhecimentos no momento em que as gerações se encontram (CARVALHO, 2012).

A prática intergeracional é vinculada à participação ativa dos indivíduos de todas as idades dentro da sociedade e lida com todas as gerações, uma vez que esse estímulo do convívio intergeracional é importante na medida em que as relações, valores e comportamentos são flexibilizados, contribuindo com a quebra do preconceito etário (ageísmo) (FERRIGNO, 2003; O'SULLIVAN; MULGAN; VASCONCELOS, 2010; MELVILLE; HATTON-YEO, 2015).

Esse preconceito está ligado, principalmente, à relação das demais gerações com o público idoso, onde a sociedade sempre tende a fazer com que eles se sintam excluídos e/ou segregados. Isso pode gerar um bloqueio em estabelecer relações com outras gerações, acarretando o isolamento social, gerando efeitos negativos de cunho psicológico e comportamental (CARVALHO, 2012). Contudo, já existem diversos incentivos de práticas culturais e comunitárias para unir as gerações (KAPLAN et al., 2007) e, no início do século XXI, a intergeracionalidade foi reconhecida como estímulo à potencialidade urbana, lidando com tensões etárias e reduzindo preconceitos.

Incentivar o convívio intergeracional é reconhecer, por exemplo, que a pessoa idosa tem um papel muito importante como ator social dentro da cidade e é vista como experiente na troca dessas relações, podendo contribuir para qualquer que seja a geração na construção de suas bases de identidade, cultura e sociabilidade (ANDRADE, 2008; GONZÁLEZ-CELIS, ESQUIVEL; JIMÉNEZ, 2005).

As relações intergeracionais produzem efeitos relevantes para a experiência e a qualidade de vida das pessoas jovens e idosas e têm implicações importantes para a coesão comunitária. A sua prática é geralmente de pequena escala, consistindo em programas e projetos intensivos, em ambientes específicos, onde jovens e idosos partilham atividades planejadas, com o objetivo de enriquecer as relações intergeracionais e provocar uma série de resultados positivos para os indivíduos e para as comunidades, como a inclusão social dos jovens e dos idosos na comunidade (PAIN, 2005; BRANCO, 2014).

As necessidades das gerações consideradas neste estudo são distintas e sua socialização no espaço urbano depende de atividades que respeitem essas particularidades, mas que também as unam pelas suas semelhanças (LAYNE, 2009). Libardoni (2018) destaca a segurança no meio público, onde os jovens possam explorar o espaço e os idosos se sintam mais seguros para desenvolver suas atividades, trazendo autonomia e independência. Todavia, é importante que também existam métodos que contribuam com a potencialização do senso de lugar a partir da convivência entre gerações.

Esse vínculo afetivo transforma o ambiente e o deixa mais “dócil”, ou seja, jovens e idosos, como grupos mais vulneráveis, conseguem sentir-se mais seguros em utilizar esses espaços. Um ambiente dócil¹⁰ potencializa o uso individual, permitindo que cada um possa ter um maior aproveitamento de determinado espaço, além de contribuir para a melhoria dos comportamentos dos indivíduos e para as características do meio (condições para deslocamento, usos, orientação, socialização etc.). No entanto, é sempre importante questionar para quem o ambiente é bom, não somente se ele é por si só (ALBUQUERQUE, 2019). Embora a ‘docilidade ambiental’ seja um conceito usado para o envelhecimento, pode-se aplicar também em outros contextos de faixa etária (GÜNTHER; ELALI, 2018).

Existem diversos fatores que contribuem para o comportamento do indivíduo dentro de um espaço, mas destacam-se os elementos que são ligados à docilidade do ambiente físico e social, onde o usuário tem a possibilidade de manifestar-se de forma livre, participar das atividades coletivas ou até isolar-se (se/quando julgado necessário) e participar na tomada de decisões dentro do seu espaço, gerando autonomia e vínculo com o lugar (GÜNTHER; ELALI, 2018). É importante ressaltar que todas as gerações devem estar inseridas dentro dessa tomada de decisões no ambiente em que vivem e se relacionam, uma vez que as modificações temporais do lugar estão ligadas diretamente aos vínculos e afetos estabelecidos (BOMFIM, 2003).

Essa vinculação entre pessoa/ambiente é estabelecida com o tempo, pois conforme o

¹⁰ O termo docilidade ambiental foi desenvolvido por Paul Lawton e colaboradores no Centro Geriátrico da Filadélfia a partir do final da década de 1960 (GÜNTHER; ELALI, 2018).

espaço vai sendo habitado e apropriado, consolidando as relações, significados e interpretações, os usuários vão dotando o espaço de valor, transformando-o em lugar (TUAN, 1983). Os indivíduos desenvolvem sentimentos em diferentes níveis de intensidade e valor a respeito do espaço habitado, chamado de topofilia (TUAN, 1980). A construção social dos lugares se dá a partir dos vínculos entre a pessoa e o espaço, constituindo-se a partir das relações e dos afetos que existem ali (MORANTA; POL, 2005). Corroborando com a assertiva anterior, Bomfim (2003, p. 61) diz que “a cidade é o lugar dos encontros, da intersubjetividade, da formação de relações, pois os indivíduos nunca se afetam sozinhos. Os pensamentos, as ações e os afetos não se originam na essência de cada um, mas na relação”.

Com base nessas relações e nos seus vínculos com o lugar, a afetividade vem como contribuição para compreender o espaço urbano, possibilitando investigação das formas como as pessoas se conhecem e se relacionam com o ambiente (POL, 2003; BOMFIM, 2010). Ou seja, na Psicologia Ambiental configura-se como a “[...] expressão das dimensões afetiva, de atração do lugar e de autoestima”, sendo “[...] indicadora de um processo de apropriação dos habitantes, de identificação e de ação-transformação” (BOMFIM, 2010, p.218).

Em termos psicológicos, o apego emocional é crucial para determinar como são desenvolvidos o significado (*meaning*) e o sentido de lugar (*sense of place*). A dimensão temporal também é extremamente importante, uma vez que o senso de lugar pode ser construído através das memórias que vão sendo atreladas a locais específicos, a permanência no lugar e a resistência de um espaço público ao longo do tempo. Todavia, mesmo que a familiaridade (*familiarity*) seja importante no processo de apego ao lugar (*attachment*), cada vez mais as mudanças sociais e a homogeneização devido à globalização vêm desafiando as noções que norteiam esta relação de empatia entre ambiente e usuário (PHILLIPS, 2013; DINES; CATTELL; GESLE; CURTIS; 2006). É vital, portanto, a atribuição de sentido de lugar a locais não familiares.

Baseado em Agnes Heller, Bomfim (2010) aponta que a estima de lugar pode ser explicada, também, a partir dos sentimentos orientativos. Segundo esses, as disposições positivas e negativas atuam como guia revelador dos gostos e das ações (HELLER, 2004) do indivíduo de uma determinada sociedade, expressando a forma como ele estabelece relações com um determinado estrato social, com a comunidade, com a cidade e com a sociedade – sendo essa relação de conhecimento interiorizada a partir das vivências e das relações.

Nesse sentido, deve-se levar em consideração que o **senso de lugar** pode trazer vivências positivas e negativas ao indivíduo. As vivências negativas (medo, insegurança, frustração, tristeza, raiva etc.) diminuem o potencial de ação do sujeito para com o ambiente,

por outro lado, as positivas (alegria, identificação, segurança, prazer, agradabilidade etc.) podem contribuir com a potência de ação, gerando, conseqüentemente, uma identidade pessoal e coletiva que fortaleça o sentimento de cidadania (BOMFIM, 2010).

Diante do exposto, o sentido de lugar compreende a relação pessoa-ambiente conectando as relações socioespaciais estabelecidas ao longo do tempo. O surgimento e fortalecimento do sentido de lugar está entrelaçado com a transformação do espaço em lugar, uma vez que as características provindas deste conceito podem ser individuais, dinâmicas e dependentes das interpretações humanas sobre os estímulos que o ambiente pode causar (JORGENSEN; STEDMAN, 2001). Baseado na complexidade de intensidade da identificação com o lugar, Shamai (1991) apresenta uma escala do sentido do lugar com base tanto na ausência de qualquer identificação com o espaço, até o nível máximo, onde a pessoa é capaz de se sacrificar pelo lugar. Essa escala é dividida em sete graus, apresentada a seguir (Tabela 2.1):

Tabela 2.1 Níveis do sentido de lugar

Nível	Identificação	Consideração
0	Indiferença	Nenhum tipo de identificação com o espaço.
1	Identificação	Reconhecimento do espaço enquanto referência de organização e posicionamento, porém sem vínculo afetivo e de representatividade.
2	Representação	A qualificação do espaço em lugar é iminente. O indivíduo se conecta ao espaço e se sente representado por ele.
3	Apropriação	A transformação do espaço em lugar já está consolidada. O indivíduo tem um sentimento afetivo pelo espaço, além de representatividade. Nesse nível existe a projeção de identidade sobre o espaço.
4	Identificação ideológica	A identificação ultrapassa o limite espacial e se integra aos objetivos comunitários da coletividade do lugar. Há uma fusão de seus interesses com o interesse coletivo que implica em fidelidade, devoção e lealdade. A pessoa está profundamente apegada ao lugar.
5	Engajamento	O indivíduo desempenha uma função social de ativismo e representatividade com o lugar para atingir os objetivos comunitários.
6	Sacrifício	O compromisso do indivíduo com o lugar é tão intenso que ele está disposto a sacrificar sua liberdade e sua vida em prol do lugar. Este é o nível mais elevado do sentido de lugar.

Fonte: Adaptado de Shamai (1991).

A partir disso essa relação e estima com o lugar pode ser uma potência de ação (SAWAIA, 2011; SILVA, 2013) para a transformação das realidades vivenciadas pelas

gerações. Afinal, não há como se pensar em mudanças sem pensar o território, logo, estimar o lugar relaciona-se com o cuidado com quem nele vive (BOMFIM; MARTINS; LINHARES, 2015). Bertini (2014) pesquisou as várias gerações e suas diferentes formas de apropriação do espaço urbano. Ela concluiu que o planejamento do espaço urbano, quando é feito sem levar em conta os afetos (estima de lugar) ético-políticos (ação-transformação), não produz a semelhança e a igualdade entre os moradores, ao mesmo tempo em que gera uma maior passividade dos cidadãos frente às perspectivas de transformações políticas do espaço urbano (BOMFIM; SOUSA, 2018).

A discussão feita nesta seção aponta a premissa de que só se pode pensar em uma qualidade ambiental sustentável quando existir um projeto urbano que apoie, encoraje e inclua todas as gerações no processo. A afetividade, como eixo integrador de ação/transformação dos espaços e parte do senso de lugar, deve aliar-se a participação popular na construção de sua própria cidade. Uma vez que isso continue a ser desconsiderado, a vontade do usuário de agir sobre o seu ambiente irá continuar diminuindo e as cidades cada vez estarão mais segregadas.

2.3.4 Espaços públicos, praças e a qualidade ambiental

O ambiente urbano caracteriza-se pelo conjunto de práticas exercidas diariamente nos lugares da cidade, onde os espaços públicos assumem um destaque especial pelo seu caráter de uso coletivo e aptidão para a diversidade (ECKER, 2020). A organização das práticas urbanas no território explica a forma e a estrutura das ocupações, e a organização física da cidade mostra sua função básica através de lugares que sejam propícios à interação e sociabilidade (VAZ, 2010).

As práticas de interação e sociabilidade assumem uma relevância significativa ao tratar de intergeracionalidade nos espaços da cidade, uma vez que os usos coletivos possibilitam essas práticas e essa coletividade/variedade de usos, está atrelada aos conceitos de espaço público, esfera pública, vida pública e domínio público¹¹ (ARENDT, 2007; VAZ, 2010). As ruas, as vielas, as avenidas, os boulevares, os largos, as praças, os jardins, os parques, os passeios, as esplanadas, etc, podem caracterizar-se como espaço público, e em algumas cidades, chegam a ocupar 40% do tecido urbano (MENEZES, 2013).

¹¹ Na conceituação de termo público, Vaz (2010, pág. 27), apresenta àquela constante em dicionários, como sendo "o que concerne à coletividade em seu conjunto ou que dela emana por oposição a privado, aquilo que é do uso de todos ou acessível a todos".

Do ponto de vista da sociabilidade, o espaço público é todo espaço que se configura como local de estímulo ao convívio e às oportunidades de interação social (ECKER, 2020). Sua configuração atua na organização social, expressando, refletindo, viabilizando e contribuindo com a potencialização das práticas sociais (JACOBS, 2011). Quando se tem um espaço público de qualidade, que conta com uma estrutura que fomenta as interações, favorece a liberdade, e permite estar com outras pessoas sem estar acompanhado, devido ao anonimato e à distância pública que oferece (GEHL, 2010).

Em consonância a fala do autor, Jacobs (2011) diz que a presença dessas pessoas nos espaços públicos é fundamental, pois através do contato público – direto ou indiretamente - pode se ter uma sensação maior de segurança no que diz respeito a vizinhança. A maioria desses contatos dizendo respeito:

(...) a solicitações, a totalidade dos quais é dosada pela pessoa envolvida e não imposta a ela por ninguém - resulta na compreensão da identidade pública das pessoas, uma rede de respeito e confiança mútuos e um apoio eventual na dificuldade pessoal ou da vizinhança. A inexistência dessa confiança é um desastre para a rua. Seu cultivo não ser institucionalizado. E, acima de tudo, ela implica em não comprometimento pessoal (JACOBS, 2011, p. 60).

A autora destaca a importância que esses espaços sejam atrativos a fim de possibilitar uma maior diversidade e movimento entre distintas gerações. Como forma de impulsionar os usos nestes espaços, é preciso diversificar os usos para que viabilizem movimentos e permanências; quadras curtas (oportunizar pessoas virar a rua e se cruzarem com mais frequência); uma malha contínua de calçadas e acessos; edifícios com distintos estados de conversação; praças e parques integrados às ruas etc. (JACOBS, 2011). Baseado nas discussões sobre qualidade ambiental nesta seção, foi elaborada uma tabela que compila conceitos importantes utilizados por autores para caracterizar o espaço urbano e seus indicadores de qualidade (Tabela 2.1).

Tabela 2.2 – Indicadores de qualidade espacial.

Indicadores de qualidade espacial	
Autores	Categorias
Jane Jacobs (2011)	Diversidade de usos e pessoas; Segurança; Quadras Curtas; Densidade urbana; Identidade pública e comunitária;

Tabela 2.1 – Indicadores de qualidade espacial.

Jan Gehl (2010)	Escalas – 5 km; Transparência das fachadas; Referências urbanas; Texturas e detalhes; Acessibilidade; Mobiliário Urbano; Espaços de transição; Visuais; Arte urbana; Caminhos;
Kevin Lynch (2011)	Imaginabilidade; Legibilidade; Marcos e referências; Clareza dos limites; Formas simples; Direções distintas; Nomes e significados; Adaptabilidade; Comunicação; Continuidade da identidade;

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Dito isso, em meio às cenas urbanas de agitação, ruídos e pressa, alguns lugares despontam como ilhas que permitem às pessoas reconectarem-se de modo perceptual, cognitivo e afetivo ao seu entorno (VAZ, 2005). Um exemplo disso são as praças, elementos organizadores do espaço urbano e proporcionam encontro, socialização, descanso, atividades diversas ainda estão ligadas à memória da cidade, sendo palco de manifestações culturais, sociais e políticas (BARBINI; RAMALHETE, 2012; SILVA, LOPES; LOPES, 2011).

Através do diálogo entre Vaz (2005) e Jacobs (2011), as praças são como centralidades urbanas pois decorrem de um uso atrativo através da diversidade do seu entorno e de seus usos. Essas centralidades colaboram com a construção da identidade social – como senso de lugar, ou seja, as praças enquanto espaços de uso coletivo são formadas também de uma memória conjunta de seus usuários evocando assim, significados que tornam determinado espaço como lugar (ECKER, 2020).

A praça é considerada um espaço público e de uso coletivo, onde podem ocorrer diversas atividades – sociais, comerciais, culturais, recreativas, esportivas. Em um determinado período, a praça, antes utilizada meramente como espaço para realização de atividades entre os usuários, passou a incorporar em seu desenho, qualidades arquitetônicas e paisagísticas de suma importância, na história das cidades, configurando-se como um espaço de referência, de convergência e de centralidade (ECKER, 2020).

Nesta pesquisa, a partir dos aspectos de sociabilidade e interação levando em conta mais de uma geração – jovens e idosos –, consideramos alguns conceitos que congregam a qualidade espacial das praças como possibilidade de potencializar os encontros intergeracionais. Foram divididos cinco principais tópicos e que serão apresentados a seguir (Tabela 2.2): (1) edificações; (2) rotas de circulação; (3) elementos urbanos; (4) atividades; (5) paisagismo. (SITTE, 1992; MARCUS, FRANCIS, 1998; MOURTHÉ, 1998; BACKES, 2010; ABBUD, 2006; VAZ, 2010; JOHN, REIS, 2010; LYNCH, 2011).

Tabela 2.3 – Elementos de qualidade espacial das praças.

EDIFICAÇÕES (conexões)	Interface entre edificações e o espaço público	 Figura 2.4: Relação e conexão entre edificação e espaço público. Fonte: Archdaily (2020).
ROTAS DE CIRCULAÇÃO	Circulação (permeabilidade e alcance visual)	 Figura 2.5: Calçadas para circulação no centro da cidade de Pelotas, RS. Fonte: Del Fiol (2022).

Fonte: Ecker (2010), adaptado pelo autor (2023).

Tabela 2.2 – Elementos de qualidade espacial das praças.

ELEMENTOS URBANOS	Diversidade de usos e atividades;	 Figura 2.6: Parque Estadual do Cocó na cidade de Fortaleza, Ceará. Fonte: Diário do Nordeste (2021).
ATIVIDADES	Ambiências e aspectos de infraestrutura urbana;	 Figura 2.7: Praça do Dragão do Mar em Fortaleza, Ceará. Fonte: Montezuma (2018).
PAISAGISMO	Desenho paisagístico e vegetação;	 Figura 2.8: Parque Estadual do Cocó na cidade de Fortaleza, Ceará. Fonte: Diário do Nordeste (2021).

Fonte: Ecker (2010), adaptado pelo autor (2023).

As **edificações enquanto interface e conexão dos espaços públicos** (ruas, largos, praças, parques, etc) são como limites espaciais em relação ao entorno urbano, onde muitas vezes delimita os caminhos trazendo maior clareza, facilidade e orientação nos deslocamentos feitos por quem utiliza o espaço (LYNCH, 2011). A partir do posicionamento das fachadas das edificações, a geometria do desenho da praça por exemplo, se dará de forma orgânica

transformando-a em um ponto nodal.

É interessante que as fachadas possam estar voltadas para a praça, facilitando a permeabilidade dos usos daquele espaço, integrando de forma física e visual os espaços públicos e privados (LYNCH, 2011). Deste modo, a centralidade e a vida da praça serão reforçadas pela diversidade dos usos e pela intensidade de frequência a partir da integração das vias de entorno. Vale ressaltar que, a diminuição e/ou inexistência de barreiras físicas, facilidade das rotas de circulação com sinalização, acessibilidade universal adequada, nivelção de pisos, etc.; facilitarão o acesso a praça e aos edifícios que a circundam.

Dito isso, os acessos às edificações no entorno da praça tornam-se locais significativos para encontros contribuindo para uma concentração diversa de atividades. Esses locais de “transição” podem receber um paisagismo bem trabalhado como mecanismo de conforto térmico, visual, acústico e ambiental, criando assim mais espaços de permanência, uma vez que os percursos e transições podem tornar-se mais agradáveis (MARCUS; FRANCIS, 1998). Logo, quanto mais pessoas se apropriam e permanecem nas praças, mais familiarizados a ela se tornam, contribuindo para o senso de lugar.

Mediante ao exposto, **as rotas de circulação** surgem como ponto importante no desenho da praça pois possibilitam a percepção territorial da praça com o entorno urbano. Essa conectividade dos caminhos – como percurso –, deve possuir facilidade de acesso, uma diversidade entre passagem e permanência, atributos paisagísticos que propiciem conforto, ambientes com funções diversas, favorecendo assim a sociabilidade (ABBUD, 2006).

A proposição das ambiências deve possibilitar a concentração das atividades, identificando assim os pontos nodais na praça que possibilitarão a permanência nesses espaços. Esses nodais, devem ser projetados para colaborar com uma maior visibilidade entre os subespaços da praça, contribuindo para a sensação de segurança e na facilidade de apreensão desse espaço (LYNCH, 2011). Para isso, um espaço público sem muitas barreiras, livres de circulação possibilitam a permeabilidade espacial e contribui para um maior contato entre os usuários, quando necessário ou desejável (VAZ, 2010).

Desse modo, ao passo que as pessoas passam a usufruir um determinado espaço da praça com certa frequência, ali se estabelece um lugar e um sentido de permanência. Isso será resultado das **atividades** e condições que o espaço oferece, desde a existência de elementos urbanos que priorizem a escala humana contribuindo assim para a interação social. A regularidade na frequência desses espaços estabelecerá os padrões de uso e comportamento pautados no senso de lugar, cooperando também, para que os usuários o conservem (MARCUS; FRANCIS, 1998).

Essas atividades serão reforçadas a partir dos usos das pessoas, mas a disposição dos elementos urbanos, ambiências e desenho da praça também é uma forma de contribuição. Esses elementos são uma forma de subsídio para segurança, permanência e interação, uma vez que Lynch (2011) afirma que as pessoas tendem a preferir estar nesses locais. Deste modo, locais para sentar ao ar livre e ambientes voltados para realização de diversas atividades são imprescindíveis para sociabilidade entre mais de uma geração, como por exemplo: espaços livres para sentar, mobiliários para realizar refeições, conversar, sentar, brincar, praticar exercícios, locais adequados para apresentações artísticas e contemplação da paisagem, etc. Todavia, é necessário aliar a essas condições determinadas elementos para que as pessoas usem e continuem a se apropriarem destes espaços, tais como: bancos, árvores, esculturas, postes, fontes, áreas de ajardinamento e sombreamento, pátios semiabertos, dentre outros – a depender da necessidade local.

Portanto, esses **elementos urbanos** assumem uma função primordial ao se tratar da concepção projetual desses espaços. O desenho dos elementos deverá compor as formas que as ambiências de determinada praça irão assumir, podendo auxiliar na orientação, na prestação de serviços, no conforto e na segurança. Dentre os elementos urbanos, o mobiliário possui usos específicos de grande importância na contribuição das permanências, percepções e interações que as pessoas têm de suas cidades (JOHN; REIS; 2010). O seu desenho e localização irão influenciar na diversidade de usos dentro de cada ambiência proposta no espaço público, evitando subutilizações e esvaziamento do local.

Ainda sobre o desenho do mobiliário, é interessante que por exemplo os bancos, possuam assentos confortáveis com encosto e permitam a utilização de todas as pessoas. O formato do banco poderá influenciar muito a permanência e interação dos usuários: ângulos côncavos alocados de maneira estratégica com uma ergonomia adequada, podem instigar as pessoas a sentarem e permanecerem no local (MARCUS; FRANCIS, 1998). Outros elementos que são destaques para uma boa qualidade espacial, são: esculturas, grafites, iluminação, bicicletários, quiosques, etc. - todos estes explorando o potencial de conforto térmico a partir do paisagismo, de recursos hídricos, etc.

Por fim, o **paisagismo** – praticamente parte integrante de todos os outros elementos citados – desempenhará funções ambientais importantes para agregar a qualidade dos espaços públicos. Kaplan (2007) diz que a vegetação atua sobre o comportamento humano, e apontam poder de concentração, recuperação, alívio do estresse, que é fruto do contato entre pessoa/ambiente. Alguns elementos físicos condicionam uma melhor qualidade espacial envolvendo o paisagismo, como por exemplo: o formato dos espaços, largura dos passeios,

distribuição de áreas verdes e molhadas, mobiliários e homogeneidade dos ajardinamentos (ABBUD, 2006).

Abbud (2006) complementa que, a escolha das espécies, das texturas, das cores e do porte das vegetações devem estar coerentes com cada ambiência criada na praça, observando todos os elementos que compõem o espaço, para que haja de fato uma potencialização de uso de cada lugar. A seleção das espécies deverá cumprir cinco funções: marcação de eixos, enquadramentos, conexões espaciais, pontos focais e barreiras físicas (ABBUD, 2006; BACKES, 2010). Dessa maneira, a vegetação poderá demarcar eixos e visuais, exercer função de barreira, proporcionar conforto a partir do sombreamento ou de quebra-ventos, formar espaços e contribuir com uma transição confortável do acesso entre edificação e espaço público.

Nesta discussão, a praça enquanto *locus* da sociabilidade propícios para jovens e idosos, constituem espaços referenciais contribuintes para melhoria da qualidade de vida da população. A presença de uma boa infraestrutura, de espaços multigeracionais, de elementos naturais, qualificam o ambiente urbano tanto em questões ambientais quanto psicológicas. Ao trazer uma discussão sobre reintegrar socialmente distintas gerações nos espaços da cidade em um bairro vulnerável, devemos levar em consideração o que os usuários querem para o lugar, a realidade local e como as relações podem potencializar a vida urbana – para além de sua estrutura física.

É necessário reiterar que, quando uma população participa dos processos decisórios de transformação dos espaços de seu bairro (melhorias), seu senso de pertencimento ao lugar pode ser potencializado. As praças como espaços públicos de socialização e de encontro detêm de uma qualidade que pode ser fortalecida pela própria comunidade a partir de recomendações projetuais elaboradas a partir da escuta de mais de uma geração, constituindo assim, uma cidade como deveria ser, diversa.

Seguidamente, serão apresentadas possibilidades de políticas urbanas que possam contribuir com a potencialização desse encontro geracional na cidade e da qualidade ambiental.

2.4 Políticas Públicas Urbanas - os Programas Intergeracionais (PIs)

Para uma possibilidade de interação e relação entre mais de uma geração, os Programas Intergeracionais (PIs) foram criados como alternativa para a promoção de uma percepção positiva sobre o envelhecimento. Eles se apoiam em atividades de socialização e interação que fornecem uma estrutura de qualidade e preparada para entender como esses comportamentos entre as gerações podem representar um papel importante e transformador nas relações entre

indivíduo e ambiente (HATTON-YEO; OHSAKO, 2000; LIMA, 2007). Os PIs foram definidos na 1ª Conferência Internacional ICIP¹² (Keele University, Reino Unido), em 2002, como:

um sistema, uma abordagem e uma prática em que todas as gerações, independentemente da idade, etnia, localização e estatuto socioeconômico, se unem no processo de gerar, promover e utilizar ideias, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores de forma interativa com o objetivo de fomentar a melhoria pessoal e o desenvolvimento da comunidade. (HATTON-YEO, 2002, p.19).

Os PIs surgiram nos Estados Unidos da América (EUA) no final da década de 1960, como resposta à separação geográfica dos membros jovens e idosos do âmbito familiar. Seguidamente, na década de 1980, começaram a ser utilizados na abordagem de problemas sociais relacionados com as necessidades culturais, sociais e económicas da comunidade, onde nos anos 1990 foram considerados instrumentos para o desenvolvimento comunitário. Atualmente, os PIs são desenvolvidos pelo mundo a partir de sugestões dadas pela ONU e são alvo de grandes estudiosos e pesquisadores de diversas áreas, uma vez que contam com estratégias de intervenção em vários âmbitos, tais como: educação, habitação, saúde, inclusão, trabalho, cultura, ambiente, sociabilidade, mediação, prevenção, recreação, dentre outros (VILLAS-BOAS *et. al.*, 2015).

Diante dos benefícios que os PIs têm sobre a comunidade em geral, verifica-se que seus objetivos permeiam sob uma grande diversidade, como o reforço dos sistemas educativos e de ensino, o desenvolvimento do sentimento de pertencimento (senso de lugar), a preservação de tradições culturais, a melhoria do apoio à comunidade, o apoio às mães adolescentes, a promoção de conscientização acerca do meio ambiente, entre outros. Com relação à sua implementação, são orientados a ser desenvolvidos em escolas, centros culturais, centros comunitários, centros de convívio, centros de dia, universidades, empresas, municípios, associações, hospitais etc. (VILLAS-BOAS *et. al.*, 2015), mas praticamente não se identifica na literatura sua realização nos espaços públicos da cidade.

Tornaram-se populares em muitos países, a partir de uma iniciativa da Unesco para estimular o desenvolvimento de políticas públicas. Foi elaborado, pela Unesco (HATTON-YEO, 2000), um documento que reuniu informações com considerável riqueza sobre os PIs, descrevendo o potencial desses programas a fim de promover relações e intercâmbios entre jovens e idosos como parte integrante da Política Social Pública. Descreve, também, as

¹² Conferência Internacional que reúne profissionais de mais de 20 países de todo o mundo, para compartilhar experiências sobre como os Programas Intergeracionais funcionam em distintas culturas. A conferência conta com pesquisadores, profissionais, educadores, promotores de saúde, ativistas comunitários e outros interessados em incorporar as atividades intergeracionais como políticas públicas (WHO, 2005).

perspectivas porque tal aproximação é considerada essencial em experiências nas percepções dos programadores em diferentes culturas e povos (FRANÇA; DA SILVA; BARRETO, 2010; HATTON-YEO, 2002; LIMA, 2007).

Segundo Hatton-Yeo (2002), para além da integração social, as atividades intergeracionais podem trazer mais benefícios à cidadania, tais como relatado pelos colaboradores, os quais mencionam que as mesmas acontecem em torno de movimentos de paz, como respostas a experiências de guerras, trabalhos voluntários, principalmente, em situações escolares onde são oferecidos cuidados e atividades de lazer. Destaca-se, ainda, que a abordagem "intergeracional" é um instrumento eficaz e inclusivo para seus programas de aprendizagem continuada, como a aprendizagem ao longo da vida (LIMA, 2007). No contexto dos programas, a ação intergeracional tem a seguinte dinâmica (Figura 2.4):

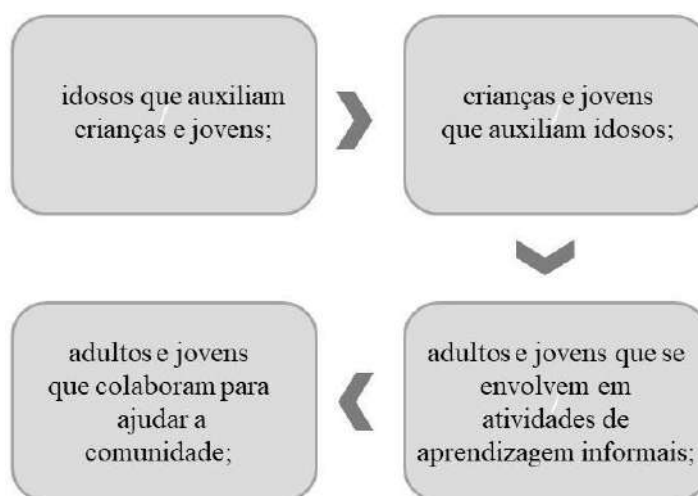


Figura 2.9 - Dinâmica de objetivos dos PIs. Fonte: Lima (2007), adaptado pelo autor (2022).

Três eixos característicos principais constituem os Programas Intergeracionais: **1)** reúnem pessoas de distintas gerações, no mesmo espaço, a fim de realizar a mesma atividade; **2)** beneficiam todos os seus participantes e a comunidade; e **3)** têm como componente fundamental a educação entre as gerações, tornando os participantes aptos a aprender coisas novas e trocar experiências em diversos contextos, colaborando com a melhoria das relações estabelecidas na comunidade (MANNION, 2012).

De acordo com Sáez (2002), os PIs dividem-se em três categorias gerais: os **Programas Intergeracionais de Serviço (1)**, que têm como função primária a prestação de serviços, para a qual a educação não é a essência, mas é o fio condutor; **Programas Educativos Intergeracionais (2)**, que trazem a educação como fonte primária, onde a coaprendizagem é o principal objetivo de aproximar as distintas gerações; e, por fim, o que mais se aplica a esta

pesquisa: os **Programas Intergeracionais de Serviço e Aprendizagem**, que congregam a dupla função de valorização da aprendizagem e do serviço na comunidade, integrando relações a partir das necessidades de cada geração.

As atividades propostas nos PIs promovem espaços que oferecem diversas oportunidades para trocas geracionais e de experiência profissional voluntária, gerando vínculo entre benefícios individuais e sociais. Para isso, considera-se que esse intercâmbio entre gerações seja um instrumento eficaz, com efeito de inclusão social e promoção de cidadania, gerando uma potência de ação dos indivíduos sob o ambiente em que estão inseridos (UNESCO, 2000). As tabelas a seguir (Tabelas 2.3; 2.4) demonstram alguns dos objetivos comuns e resultados desses programas em distintas culturas:

Tabela 2.4 - Objetivos dos PIs em distintas culturas e gerações.

OBJETIVOS	
PARA AS GERAÇÕES MAIS NOVAS (CRIANÇAS E JOVENS)	PARA OS IDOSOS
‘promover contato diferenciado com o idoso, isto é, incentivado através da interação;	minimizar as perdas do processo do envelhecimento;
oportunizar trocas de experiências entre as pessoas de idades diferentes e da aprendizagem de habilidades através da educação informal;	promover a inclusão e da valorização da pessoa idosa;
despertar um novo olhar sobre as questões que cercam o envelhecimento;	oportunizar a transmissão dos conhecimentos, habilidades e valores humanos a outras gerações;
estimular o resgate das brincadeiras tradicionais; desenvolver novas aptidões;	ensinar sobre novas tecnologias.

Fonte: Adaptado de Lima (2007).

Tabela 2.4 - Resultados dos PIs em distintas culturas e gerações

RESULTADOS (positivos)	
PARA AS GERAÇÕES MAIS NOVAS (CRIANÇAS E JOVENS)	PARA OS IDOSOS
promover a troca afetiva entre as gerações;	ressignificar sua identidade social;
fortalecer os vínculos intergeracionais através da interação;	despertar de um novo olhar sobre as questões do envelhecimento;

Fonte: Adaptado de Lima (2007).

Tabela 2.4 – (continuação) Resultados dos PIs em distintas culturas e gerações

RESULTADOS (positivos)	
PARA AS GERAÇÕES MAIS NOVAS (CRIANÇAS E JOVENS)	PARA OS IDOSOS
aumentar o interesse pela aprendizagem, pelo saber e pelo conhecimento, através do convívio informal com os idosos;	aumentar autoestima e melhoria da saúde;
melhorar o relacionamento com os mais velhos;	possibilitar uma nova perspectiva de vida e realização pessoal;
melhorar o entendimento sobre o envelhecer e suas necessidades, através do estímulo para ajudar os mais velhos.	criar oportunidades que lhes permitiram transferir a experiência de vida, valores acumulados e afetividades;
	promover novos relacionamentos positivos e estimulantes com as crianças, com os jovens e com os profissionais e com a comunidade em geral;

Fonte: Adaptado de Lima (2007).

Ao mesmo tempo em que estudiosos da área demonstram que esses programas são um bom indicativo metodológico para a reintegração social, chamam a atenção também para a complexidade de implementar um PI, uma vez que para isso se exige tempo, conhecimento, cuidado e, principalmente, uma metodologia participativa. As atividades a serem propostas nesses programas exigem recursos adequados para a realização dos trabalhos e é necessário o apoio integral dos Centros Sociais e Comunitários, especialmente se as atividades forem propostas para os espaços da cidade (SÁNCHEZ; DÍAZ, 2014). Diante disso, existem etapas para que o profissional possa se basear na construção de um Programa Intergeracional, como apresentado na Tabela 2.5.

Tabela 2.5 - Etapas para a construção de um Programa Intergeracional.

(1) Diagnosticar as necessidades (escalas de lugar podem variar)
(2) Analisar profundamente o problema
(3) Definir objetivos
(4) Descrever e analisar estratégias de intervenção
(5) Planejar atividades
(6) Avaliar o programa

Fonte: Adaptado de Tavares (2010).

Para que o programa implementado de fato funcione e atinja seu objetivo, deve-se refletir previamente sobre a realidade existente na comunidade que será aplicada, realizando inicialmente um **diagnóstico das necessidades locais (1)**, onde a participação da população é primordial para destacar os problemas, as potencialidades e todos os aspectos reais para se ter melhor direcionamento e funcionamento das atividades (PINTO; HATTON-YEO; MAREEL, 2009).

Após realizar o diagnóstico, deverá ser feita a **análise do problema** tanto de forma geral quanto específica, atentando-se a todas as medidas de adaptação à realidade de determinada população. A necessidade de implementação de um PI surge de uma lacuna social dentro de uma comunidade/instituição e logo será o eixo problemático principal a ser solucionado (HATTON-YEO; OHSAKO, 2001). Como mencionado anteriormente, cada problema é específico a cada comunidade a ser investigada, ainda que se trate da mesma coisa, a forma como acontece em cada local exige uma necessidade de intervenção distinta.

Seguidamente à definição do problema, a equipe responsável pela elaboração do programa deve **estabelecer objetivos** a fim de saber onde se pretende chegar (PINTO; HATTON-YEO; MAREEL, 2009). Para que esses objetivos sejam atendidos, devem ser destacados alguns elementos importantes, como **estratégias de intervenção**, uma vez que essas podem facilitar a dinamização e a efetivação do programa na comunidade. Os elementos em questão são: apoio do poder público para financiamentos, equipe técnica e multidisciplinar com formação complementar, articulação e apoio dos setores existentes dentro dos bairros, inserção da população dentro da equipe e outros. Essas estratégias podem garantir o melhor proveito do programa onde o mesmo for inserido, refletindo no sucesso de aplicação e duração (MACCALLUM *et al.*, 2006).

Após definição das estratégias, é importante também que haja um bom **planejamento de atividades**. Essa etapa consiste em um desenho bem definido do cronograma, com toda a organização de equipe, o órgão de apoio articulado pela comunidade, os participantes, os materiais a serem utilizados e o tempo para que se atinja o objetivo do programa. Isso acontece para que o setor de apoio financeiro, por exemplo, saiba o que, para que e quanto tempo está sendo investido na implementação do programa. Ao final deverá ser feita pela comunidade, juntamente ao poder público, uma **análise e avaliação do programa**, a fim de investigar a viabilidade de aplicar em outras comunidades da cidade (SANCHÉZ; DIAZ, 2007).

Dito isso, percebe-se o quanto o desenho do perfil comunitário é importante e pode diferenciar um PI bem-sucedido daquele que não o é. Ou seja, a participação comunitária é de fato o fio condutor para se ter uma política pública bem-sucedida, ainda mais quando se propõe

unir duas ou mais gerações como agentes transformadores da cidade (HATTON-YEO; WATKINS, 2004).

É possível visualizar a complexidade do processo de implementação de um PI, sendo fundamental que esse possa assentar-se em bases sólidas em sua elaboração (EHEART *et. al.*, 2005). E, no mesmo sentido, os autores asseguram que os programas que se centram na satisfação de necessidades reais da população levam em conta cada realidade, além de incluí-las no processo.

Além de demonstrar os passos e as possibilidades da implementação de um Programa Intergeracional, percebe-se, ainda, a falta de articulação do poder público em implantar esses programas nos espaços públicos urbanos. Essa lacuna pode ser ligada diretamente ao problema levantado nesta pesquisa, onde os espaços da cidade vão se transformando sem considerar os vínculos criados pela comunidade. A vontade de agir e cuidar de determinado espaço potencializa-se quando são oferecidas condições e autonomia para seus usuários, e os programas intergeracionais, nesse caso, surgem como potencializadores de um bom desenho urbano.

A seguir são apresentadas algumas possibilidades de atividades a serem feitas em um programa intergeracional, assim como sua efetivação enquanto política pública.

2.5 Os trabalhos e as pesquisas: possibilidades temáticas dos PIs

Os Estados Unidos detêm a maior parte de pesquisas e trabalhos desenvolvidos acerca dos programas intergeracionais, elencando os trabalhos voluntários incentivados pela Unesco com o objetivo de serem implementados e apoiados nas políticas públicas (LIMA, 2007). A seguir serão apresentados alguns cenários em que esses programas já foram realizados, como, por exemplo: em Escolas, em Instituições de Longa Permanência (ILPIs), em Centros de Atividades Sociais etc., onde as atividades trabalham com memória e senso de lugar.

Dentro dos **Programas Intergeracionais em Escolas**, tem-se o exemplo da “Escola Primária em Phoenix, Arizona e Programas de Mentoria da Universidade de Maryland (EUA)”, onde os idosos voluntariam-se para serem tutores das crianças e dos jovens, auxiliando nas tarefas escolares e atividades culturais entre as gerações. Essas atividades que associam os idosos a escola e a comunidade dão oportunidade aos mais velhos de compartilharem sua experiência, seu tempo, suas habilidades e seus saberes com as crianças e os jovens, tornando-se um recurso de valor tanto para a escola quanto para a construção cidadã. O idoso e seu papel de representar um mentor, cuidador, amigo e educador gera um cenário positivo e contribui

com a troca de experiências entre as gerações, com respeito, afeto e identificação com a comunidade em geral (NEWMAN, 1997a).

Os participantes dessas atividades incluem idosos que são ou não aposentados, obviamente apresentando algum interesse acadêmico com a pessoa mais jovem. Newman (1997a) aponta que os resultados após a realização das atividades providas dos PIs são positivos tanto para os jovens quanto para os idosos, pois aumenta sua motivação nas trocas dos saberes, na melhora da autoestima e da autoimagem, assim como em uma percepção positiva do envelhecimento e do desenvolvimento de ambos.

Os **Programas Intergeracionais em Instituição de Longa Permanência do Idoso (ILPI)** têm como exemplo o “Jovens a serviço de idosos em Pittsburgh – Pensilvânia”, onde reúne jovens voluntários entre 14 e 22 anos que auxiliam os idosos dependentes ou sem lucidez, e têm como objetivo a melhora do bem-estar psicológico e a autoestima de ambas as partes, através do entusiasmo, do afeto e da espontaneidade. Outro exemplo é a Universidade da Flórida, onde os professores de Ensino Universitário orientam as crianças em visitar (com supervisão) essas ILPIs, para realizar atividades organizadas em sala de aula, tais como: desenho, leitura, música, entre outras, estimulando e aprimorando a comunicação e a interação entre as gerações (LIMA, 2007). Saavedra, Ramirez e Contreras (1997 *apud* BRANDÃO *et al.*, 2006), mostram em pesquisas realizadas com idosos institucionalizados que as atividades intergeracionais ajudaram a melhorar escalas de depressão:

Os resultados demonstraram que idosos que participaram do PI e que fizeram uso de medicamento antidepressivo tiveram uma maior redução da depressão em comparação ao grupo controle que também estava medicado. Esse estudo demonstra que a interação com as crianças pode trazer benefícios afetivos aos idosos, que com frequência sofrem de depressão. A depressão é uma das causas mais frequentes de problemas de memória nessa faixa-etária, sendo que projetos como o de Saavedra *et al.* (1997), além de proporcionarem benefícios afetivos, também podem constituir ações preventivas relevantes no âmbito cognitivo (Brandão *et. al.*, 2006, p. 102).

Outro cenário são os **Programas Intergeracionais com apoio de cuidadores**, que reúnem jovens adultos e de baixa renda, que auxiliam nos cuidados tanto de crianças quanto de idosos com alguma deficiência específica ou sem lucidez. Um exemplo desse tipo de programa acontece na cidade de Washington, o “Avós adotivos e amigos da família”, que conta em média com 250 voluntários, incluindo idosos que se disponibilizam a atender as crianças com necessidades especiais por cerca de 20h semanais. Nesse caso, os cuidadores recebem treinamento mensal, são remunerados por hora trabalhada e recebem auxílio transporte e

refeição juntamente com seguro em caso de acidentes. Os resultados incluem uma percepção de melhor satisfação de vida, onde os idosos se sentem úteis e respeitados, tendo a oportunidade de compartilhar suas experiências com a população mais jovem (LIMA, 2007).

Já quando se trata dos **Programas Intergeracionais em Centros Sociais ou Comunitários**, o foco é a coeducação a partir das atividades sociais de interação e entre jovens e idosos. Ferrigno (2003) verificou que a troca de saberes entre essas gerações perpassa desde o intercâmbio de memórias culturais até a transmissão de novas habilidades, como, por exemplo, o uso de novas tecnologias.

Uma pesquisa realizada junto ao Programa de Atenção Integral à Saúde do Idoso da Secretaria de Estado de Saúde em conjunto com as escolas da rede pública de ensino do Distrito Federal, elaborou atividades de integração entre as gerações no projeto “Reminiscências Integrando Gerações”. O objetivo foi avaliar as atividades do projeto sob o ponto de vista dos próprios participantes antes e após o envolvimento intergeracional, obtendo resultados em que antes das atividades os jovens apresentavam preconceito com os mais velhos, e posteriormente mostraram-se mudanças positivas de comportamento tanto dos jovens quanto dos idosos, indicando, ainda, que as atividades de integração contribuem para desenvolver a confiança e respeito mútuo (SOUZA, 2003).

Existem, no mundo, diversas iniciativas relacionadas com Programas Intergeracionais que têm funcionado em alguns países. As duas Assembleias Mundiais sobre o envelhecimento despertaram nos países que participaram um interesse em desenvolver os PIs, como tal encontramos exemplos variados desses programas em anexo (Anexo 1, p. 81).

Contudo, as atividades realizadas pelos Programas Intergeracionais precisam da colaboração do Estado para uma real efetivação dessas políticas públicas na cidade. Dito isso, para o incentivo e o fomento dessas atividades nos espaços urbanos, também devem se apoiar nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), nas Associações organizadas de bairro e nos Centros Comunitários que trabalhem com grupos de diversas gerações envolvidos nas atividades culturais e de lazer. Em geral, as políticas nesse setor passam por Ministérios e Secretarias de Cultura, Lazer, Esportes e Saúde e têm, assim, um maior apoio para sua implementação (FERRIGNO, 2009).

A intergeracionalidade dentro das políticas de Estado ocorre como tema transversal, uma vez que dentro da **Assistência Social** tem-se um objetivo primário pautado nas relações da família na atenção do mais novo com o mais velho e nas tentativas de cooperações intergeracionais. Na área da **saúde**, orienta-se e recomenda-se, em prol de um envelhecimento

saudável, a interação entre as gerações. E na **educação**, as escolas e universidades possuem papel fundamental para o intermédio e realização desses projetos (FERRIGNO, 2003; 2009).

Em termos metodológicos os programas intergeracionais podem ser realizados de forma sistemática ou assistemática, destacando a importância de parcerias com a colaboração de instituições e organizações governamentais e não-governamentais. Qualquer que seja o tipo do programa e sua extensão, para ser bem-sucedido é preciso haver uma forte liderança entre as instituições que irão participar e que sejam comprometidas com os resultados do trabalho (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010).

Essas instituições, como é o exemplo do Sesc, do Sesi e similares, congregam a maior parte dos projetos que promovem lazer, cultura, preservação ambiental em processos de educação e projetos intergeracionais. Ou seja, é extremamente importante que o poder público valorize e invista de fato em políticas públicas que apoiem esses projetos comunitários, contribuindo, assim, para uma melhor da qualidade de vida das cidades e das populações (FERRIGNO, 2009).

A partir das discussões levantadas nesta seção, percebe-se que os estudos que mais se aproximam do objetivo desta pesquisa são os desenvolvidos a partir dos locais compartilhados desenvolvidos nos Centros de Atividades Sociais, identificando, assim, que há uma carência da implementação e incentivo desses programas nos espaços da cidade. Desse modo, nota-se a necessidade em articular com o poder público para elaborar políticas urbanas baseadas na interação entre gerações, que considerem o senso de lugar e que tornem os usuários participantes da elaboração desses projetos.

O interesse pela concepção dessas políticas faz com que o exercício da cidadania fortaleça a autoestima e possibilite o acesso da população aos bens culturais de nossa sociedade, desenvolvendo a capacidade de interação, participação e pensamento crítico. Este tópico tem como objetivo refletir e estabelecer o diálogo a fim de reforçar a cooperação entre as gerações, assim como a importância de desenvolver espaços urbanos amigáveis para todos que respondam diferentes realidades ambientais, culturais, sociais e políticas.

2.6 Síntese do capítulo

A revisão bibliográfica construída neste capítulo possibilitou a discussão sobre os eixos estruturantes desta pesquisa, que se permeiam nas inter-relações entre gerações com foco na afetividade e na comunidade como agentes ético-políticos dentro da cidade. Uma pesquisa desenvolvida a partir da participação popular enquanto protagonista na construção de suas

relações entre pessoa/ambiente traz a necessidade de uma abordagem pautada nos conceitos da Psicologia Ambiental.

Seguidamente a essa primeira parte do capítulo, foram elencadas especificidades sobre a diferença entre espaço e lugar e como essas se relacionam com a cidade a partir dos afetos existentes ou não em determinadas comunidades. Quando se é pensado em traçar diretrizes urbanas que corroborem com a potencialização dos espaços da cidade é de suma importância que se entenda quais os níveis de simbolismo que as populações desenvolvem sobre os espaços.

Na segunda parte do capítulo, discutiu-se acerca das gerações (jovens e idosos), suas características, físicas, sociais e psicológicas, assim como a contribuição desses grupos etários dentro dos espaços da cidade, destacando suas semelhanças e particularidades. Além disso, levantou-se a questão do convívio intergeracional e suas contribuições como transmissores, reprodutores e transformadores da sociabilidade urbana. Apesar de precisarem de incentivo e cuidados, as discussões mostram que a intergeracionalidade foi reconhecida como potencialidade urbana, ligando-se diretamente ao objetivo desta pesquisa.

Na terceira etapa, foi discutido sobre os Programas Intergeracionais como medidas para políticas públicas, seus modos de implementação, colaboração e apoio juntamente ao poder público. Foi percebido que a metodologia de implementação dessas políticas deve estar apoiada em diversos tipos de instituições existentes na cidade e, principalmente, com o Estado. Dentro das tipologias de PIs elencadas nesta etapa, percebeu-se a falta de exemplos de programas que aconteçam de fato nos espaços urbanos, mas os que foram mostrados, tanto a nível nacional quanto internacional, trarão uma boa base a fim da elaboração de diretrizes para essas políticas públicas a serem inseridas no desenho urbano.

A partir do referencial teórico, foi possível corroborar o problema, a pergunta e o objetivo da pesquisa que, a partir dos aspectos afetivos a serem identificados entre as gerações a partir de suas interações, poderão contribuir na elaboração de diretrizes urbanas potencializadoras dos espaços da cidade e do senso de lugar.

O capítulo que se segue apresenta o percurso metodológico adotado.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para alcançar os objetivos desta pesquisa. Tais procedimentos giram em torno dos estudos entre pessoa/ambiente e comportamento, dentro da área da percepção ambiental. Será apresentado o estudo de caso, uma contextualização desse e as estratégias realizadas para delimitação espacial onde foram aplicados os métodos. Por fim, são expostos os métodos de coleta e análise dos dados.

3.1 Abordagem metodológica

Este estudo é caracterizado como exploratório, a fim de proporcionar uma visão mais aproximada acerca de um fato (GILL, 2016). Ao tratar da interação entre jovens e idosos na cidade e de como essas populações se relacionam nesse espaço através dos afetos, a abordagem desta pesquisa classifica-se como qualitativa e fenomenológica, uma vez que as experiências visualizadas em campo possibilitam a interpretação da essência das coisas e como elas são percebidas no mundo, dentro de seus contextos e significados (SEAMON; GILL, 2016).

Ao trazer uma abordagem qualitativa em uma pesquisa tem-se o objetivo de buscar uma aproximação real de como a pessoa faz parte e/ou relaciona-se com determinado ambiente, de como as relações impactam de forma direta nos comportamentos e na qualidade de vida ambiental. Dito isso, as relações entre pessoa/ambiente – levando em consideração que a pessoa é o próprio ambiente – têm uma importância significativa na diversidade conceitual, descritiva e metodológica a ser descoberta pelo pesquisador, principalmente em tornar a população como copesquisadores de todos os processos de descoberta (SEAMON; GILL, 2016).

Como mencionado no capítulo 2, ao trabalhar com os espaços da cidade, com gerações distintas e seus modos de se relacionar entre si e com o ambiente, deve-se reafirmar novamente a importância de aplicar métodos condizentes com os estudos ambiente/comportamento e da Psicologia Ambiental. Esse apontamento de diversidade nas relações intergeracionais na cidade com base nos afetos indica uma necessidade multidisciplinar que está ligada diretamente aos estudos sobre comportamento, onde os métodos adotados devem incluir a população em um processo participativo durante toda a pesquisa. A abordagem multimetodológica foi escolhida por minimizar as possíveis falhas de aplicação de um único método, trazendo possibilidades de mais vertentes destacadas nas relações pessoa/ambiente (GÜNTHER; ELALI; PINHEIRO,

2008; SEAMON; GILL, 2016), especialmente nesse caso onde se tem mais de uma geração.

3.2 Estudo de caso

Com a finalidade de atingir os objetivos desta pesquisa e responder à questão principal: como a interação entre jovens e idosos baseada no senso de lugar pode contribuir com a potencialização da vida urbana? Foi delimitado o estudo de caso ao Bairro Vicente Pinzón, na cidade de Fortaleza no estado do Ceará (Figura 3.1).

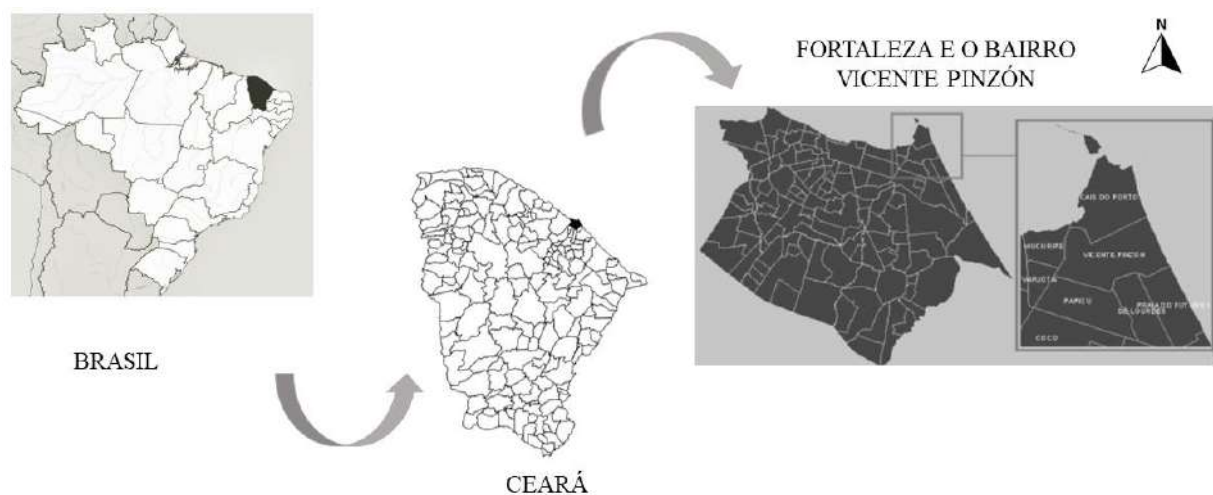


Figura 3.1 - Localização da cidade de Fortaleza, Ceará. Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor, 2022.

Os critérios escolhidos para o referido estudo de caso são **(1)** as experiências do pesquisador na realização de um Projeto de Gerontologia Ambiental com cunho intergeracional, realizado no segundo semestre do ano de 2019; **(2)** a localização com foco na concentração etária (jovens e idosos); em um bairro vulnerável e **(3)** a proximidade com os centros sociais e comunitários. Posteriormente, cada critério de escolha será melhor contextualizado (página 50, capítulo 03, item 3.2.2).

3.2.1 A cidade de Fortaleza e o Bairro Vicente Pinzón: características gerais

Em 1664, a primeira expedição holandesa chegada no Ceará construiu, às margens do riacho Pajeú, o Forte Schoonenborch, rebatizado muitos anos depois pelo nome de Fortaleza de

Nossa Senhora da Assunção¹³. Fortaleza¹⁴ é a capital do estado do Ceará no nordeste brasileiro, situada a 2.285 km de Brasília - capital federal. De acordo com o Censo Demográfico realizado em 2010 pelo IBGE, a cidade de Fortaleza possui aproximadamente 2.456.185 habitantes, com uma projeção populacional de 2.703.391 habitantes feita pelo IBGE em 2021.

Baseado nos números expressos pelo IBGE (2010), dentre esses habitantes, 261.992 (10,67%) são indivíduos com 60 anos ou mais e, assim, como no Brasil, Fortaleza passa por um aumento substancial da população idosa. No que diz respeito aos jovens, esse mesmo censo aponta uma população de 718.613 (29,3%) pessoas no grupo etário de 15 a 29 anos de idade (IBGE, 2010).

Como citado, o recorte escolhido para o estudo de caso foi o Bairro Vicente Pinzón, que se localiza na extremidade nordeste da cidade de Fortaleza, fazendo fronteira com os bairros Cais do Porto, Mucuripe, Varjota, Papicu, De Lourdes e Praia do Futuro I (Figura 3.2).

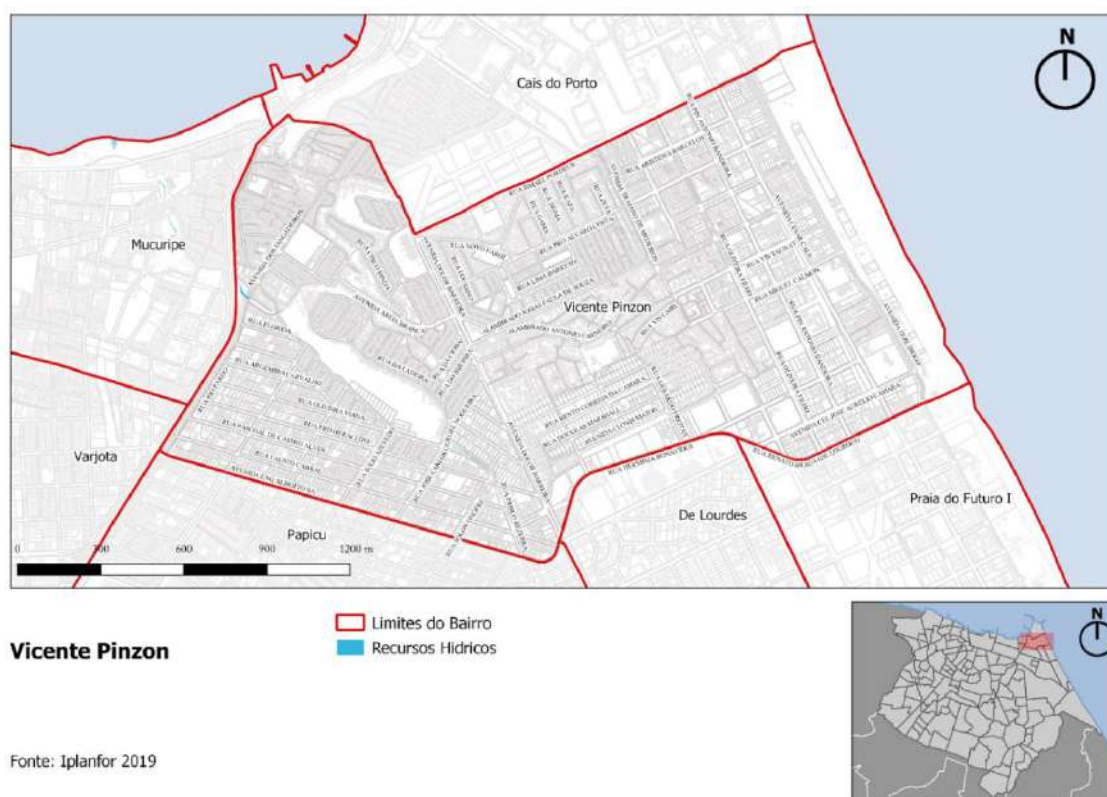


Figura 3.2 – Mapa da localização do Vicente Pinzón em Fortaleza. Fonte: Iplanfor, 2019.

¹³ Adaptado do texto: O Ceará no Processo Civilizatório – de 02 de fevereiro de 1500 a 13 de abril de 1726 de Luiz Edgard Cartaxo de Arruda Júnior, disponível em: www.ceara.com.br/fortaleza/historiadefortaleza.htm Acesso em: 2 jun. 2022.

¹⁴ O município tem como limites o Oceano Atlântico ao norte; Maracanaú, Itaitinga e Pacatuba ao sul; Caucaia a oeste e Eusébio e Aquiraz a leste. Com 314,930 km², Fortaleza é uma das menores capitais do país em área territorial. De acordo com o IBGE (2010), a principal fonte econômica do município está centrada no setor terciário, com seus diversificados segmentos de comércio e prestação de serviços. Em seguida, destaca-se o setor secundário, com os complexos industriais.

A história de ocupação desses bairros (Figura 3.2) localizados na ponta nordeste da cidade¹⁵ tem muito em comum com a história do Mucuripe, o qual era formado por aldeias de pescadores e que nem sempre teve os limites administrativos que tem hoje. Audifax Rio (2013), no livro “Mucuripe”, descreve o cenário da época composto por uma vila de pescadores, armazéns, residências dos funcionários do atracadouro¹⁶ (o qual posteriormente, tornou-se o porto) e uma estrada de pedra que se ligava ao centro da cidade. É importante destacar que a área que congrega esses bairros sofre com a especulação imobiliária, fazendo com que Vicente Pinzón se torne palco para os reassentamentos dos moradores que sofrem com o processo de desapropriação.

De acordo com projeções feitas pelo IBGE (2021), o bairro Vicente Pinzón possui 45.518 habitantes, com uma área de aproximadamente 3,07 km², possuindo forte ligação com o mar, com a cultura e com os esportes – principalmente os mais ligados aos rios e mares. O bairro foi se constituindo no alto de uma duna, chamada de morro do Teixeira. Inicialmente ocupado por favelas, foi aos poucos sendo urbanizado, mas ainda há muita demanda para infraestrutura e serviços (BARBOSA, 2016).

Possui em média 12.712 residências, com renda média de R\$684,18 e taxa de alfabetização de pouco mais de 90%, integrando os 10 bairros da cidade de Fortaleza com maior número de pessoas analfabetas de 15 anos ou mais. É importante ressaltar, que o Vicente Pinzón está entre os bairros com o maior número de pessoas vivendo na extrema pobreza, conjuntamente com os bairros Conjunto Palmeiras, Jangurussu, Granja Lisboa, Barra do Ceará, Mondubim, Canindezinho, Granja Portugal, Genibaú e Siqueira, com um total de 4.249 pessoas de uma população de 45.518 pessoas no bairro, representando 9,33% (FORTALEZA, 2014a).

Além disso, é o bairro com o maior número de trabalhadores qualificados da caça e pesca, refletindo no seu processo de ocupação por pescadores (IBGE, 2010). Em relação ao turismo, existem alguns pontos bem conhecidos da cidade, o Mirante (Figura 3.3) e o Farol, onde se tem a vista do litoral leste e oeste fortalezense (Figura 3.4).

¹⁵ Cais do Porto, Mucuripe, Varjota, Vicente Pinzón, Papicu, De Lourdes e Praia do Futuro I.

¹⁶ Local onde geralmente as embarcações param para embarque ou desembarque.



Figura 3.3 – Mirante no bairro Vicente Pinzón, na cidade de Fortaleza, Ceará. Fonte: Autor, 2022.



Figura 3.4 – Farol do Mucuripe no Bairro Vicente Pinzón na cidade de Fortaleza, Ceará. Fonte: Autor, 2022.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), índice que considera indicadores como educação, renda e longevidade, aponta as condições precárias de vida de muitos moradores do bairro Vicente Pinzón, reflexo também da segregação socioespacial resultante da especulação imobiliária (PEQUENO, 2015).

Adiante, serão melhor explanados os critérios de seleção para esse estudo de caso.

3.2.2 Critérios de seleção do estudo de caso: contextualização

A cidade de Fortaleza possui seis regionais – (Regiões Administrativas + Regional Centro) onde o bairro em questão encontra-se inserido na área pertencente a Secretaria Executiva Regional 2 (SR II) (Figura 3.5), que de acordo com dados do IBGE (2010) congrega uma das maiores concentração de jovens e idosos da cidade (Tabela 3.1).

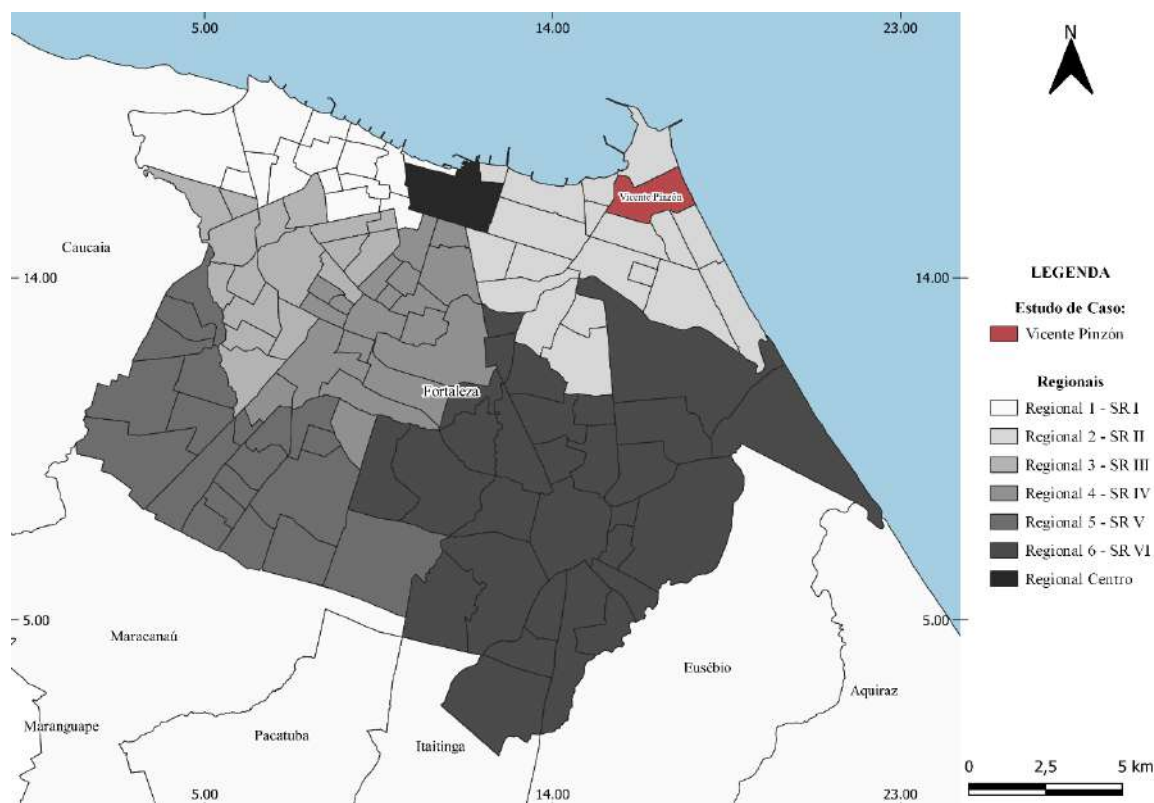


Figura 3.5 – Mapa das Regionais de Fortaleza/CE e bairro Vicente Pinzón. Fonte: Prefeitura de Fortaleza, adaptado pelo autor, 2022.

Tabela 3.1 - Projeção Populacional nas Regionais de Fortaleza.

REGIONAL	FAIXA ETÁRIA				TOTAL
	0-9	10-18	19-59	60+	
SR I	58.325	64.890	237.962	40.012	401.189
SR II	45.647	52.073	249.643	53.294	400.637
SR III	54.244	62.924	239.461	40.850	397.487
SR IV	36.680	43.114	192.887	37.807	310.494
SR V	95.818	105.602	349.882	45.686	596.990
SR VI	91.211	102.167	358.869	44.343	596.594
TOTAL	381.925	430.770	1.628.704	261.992	2.703.391

Fonte: Censo/2010, IBGE, adaptado pelo autor, 2022.

Ao final do ano de 2019, a participação do pesquisador no Projeto de Gerontologia Ambiental com cunho intergeracional, citado anteriormente (página 47, capítulo 03, item 3.2.1), foi realizado no bairro Vicente Pinzón com parceria entre o Serviço Social do Comércio (SESC) Fortaleza e o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). O projeto possui 11 anos de existência e beneficia mais de 400 idosos residentes em Fortaleza e na Região Metropolitana, onde se tem como objetivo principal reintegrar socialmente os idosos com as gerações mais jovens dentro de suas comunidades, o que se alinha diretamente com o objetivo desta pesquisa.

O ponto de partida da escolha do bairro partiu do elo entre extensão-universidade-comunidade, onde a partir das metodologias baseadas em autonomia, princípios de horizontalidade, processos participativos e demandas coletivas – foi possível fortalecer a importância do papel da universidade pública na cidade e para a sociedade, retornando o investimento que lhe é cabida. A construção do diagnóstico urbano participativo sinalizou a vontade da população de agir sobre os espaços de seu bairro, onde os mesmos destacaram a insatisfação de intervenções pontuais e que não resolvem a base dos problemas maiores existentes na comunidade.

Desse modo, o fruto dessa extensão – pesquisa – ação, foi apresentado ao poder público municipal da cidade de Fortaleza, mostrando a potencialidade de se pensar e construir o território através das metodologias participativas, onde estas contribuem com o protagonismo e a autonomia de distintas gerações, reconhecendo-os(as) como sujeitos capazes de exercer seu direito à cidadania e à cidade.

Seguindo para as delimitações mais específicas, uma vez que já foi apontado dentro da discussão teórica desta pesquisa (página 43, capítulo 02, item 2.5), as atividades intergeracionais necessitam de apoio de algum centro social ou comunitário (FERRIGNO, 2009) e o projeto mencionado foi realizado com apoio da Associação de Idosos do Mucuripe Oscar Verçosa no bairro em questão, conhecida popularmente como Casa da Dona Tatá¹⁷, que serviu de apoio para que as atividades sejam realizadas também nos espaços da cidade.

Adiante, pode-se conferir as relações de proximidade entre a Associação mencionada, o Centro Comunitário, o CRAS e três praças do bairro (Figuras 3.6 e 3.7, capítulo 3, item 3.2.2). Os centros sociais por sua vez, terão papel fundamental para aproximação com o público desta

¹⁷ A Dona Tatá é uma das idosas mais antigas do bairro e transformou o quintal de sua casa na Associação, onde a mesma começou recebendo os mais íntimos, com o intuito de realizar reuniões e/ou confraternizações com sua família, amigos e vizinhos. A iniciativa foi tomada porque essas pessoas não se sentiam mais seguras de, por exemplo, ir até a Praça do Mirante pra permanecer no local e realizar quaisquer atividades.

pesquisa, uma vez que deverá ser feito contato direto com a assistente social do bairro, profissional que tem contato direto e diário com a comunidade.

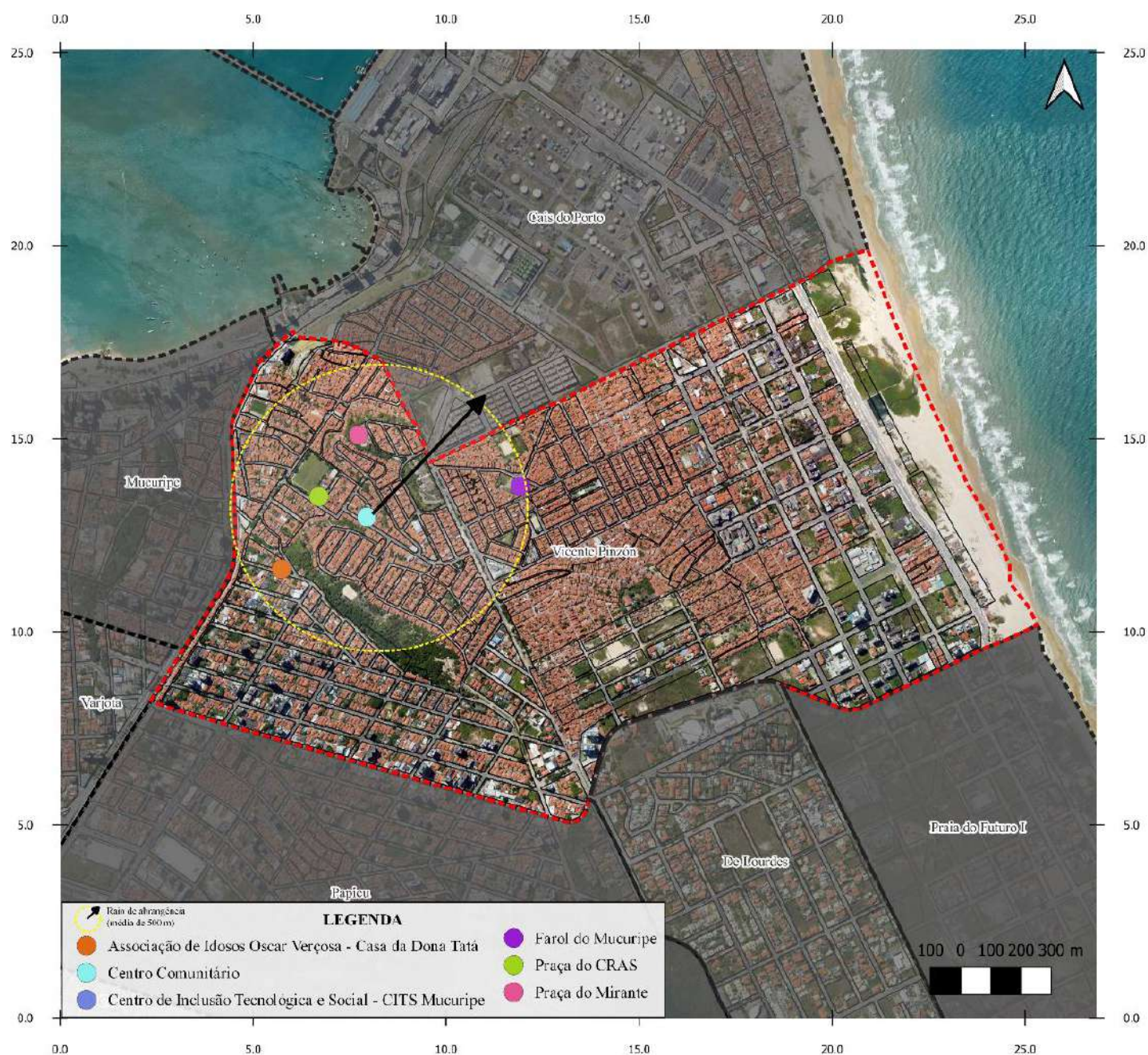


Figura 3.6 – Proximidade de localização dos Centros Sociais existentes no bairro Vicente Pinzón e as praças seleccionadas. Ceará. Fonte: Autor, 2023.

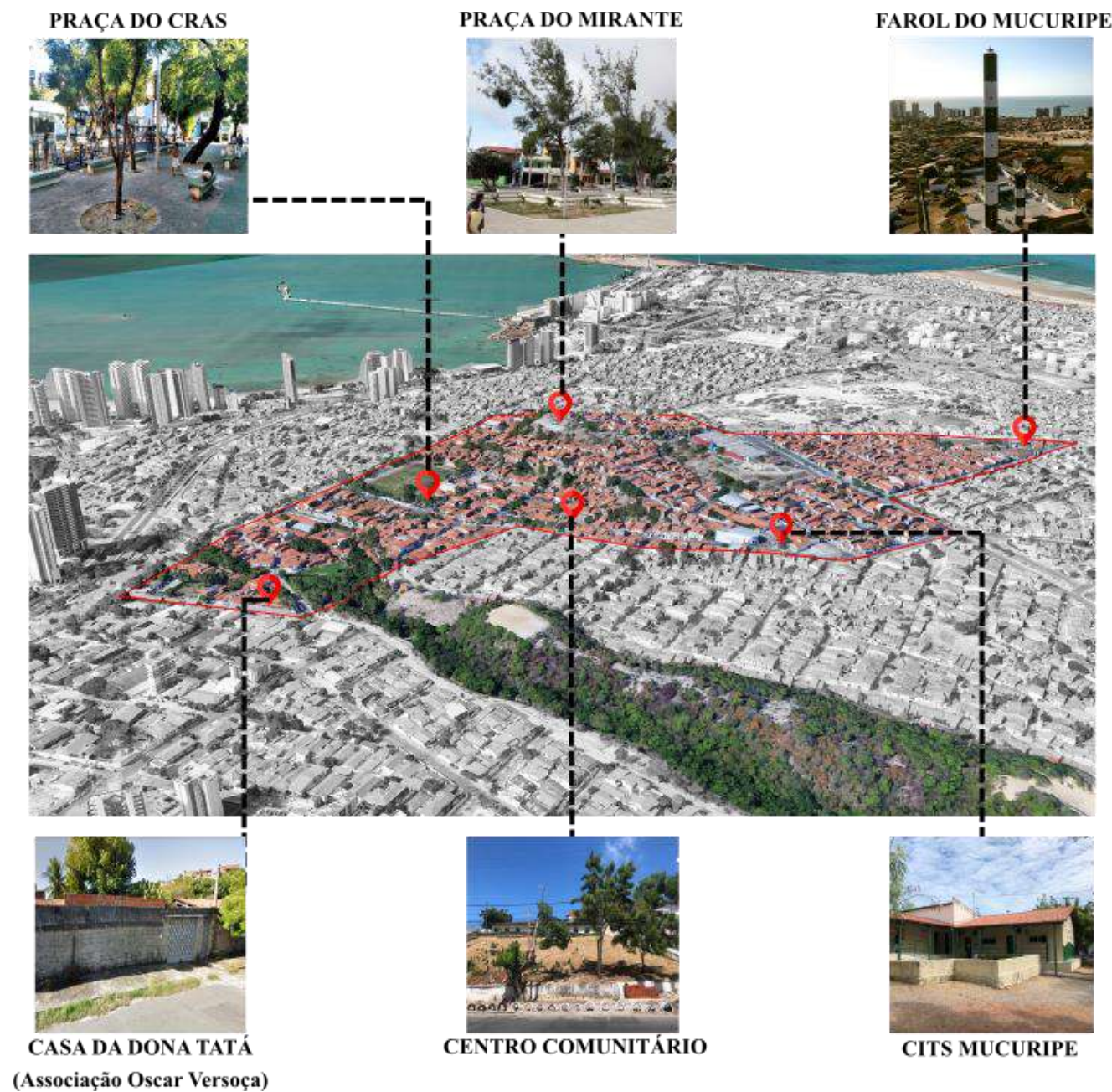


Figura 3.7 – Localização das Praças selecionadas em relação ao Centros Sociais do bairro Vicente Pinzón na cidade de Fortaleza, Ceará. Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor, 2023.

Partindo da proximidade com a Associação e o Centro Comunitário, a seleção dos espaços que foram analisados se baseou, também, no que é apontado pela literatura, onde espaços tradicionais, como praças e parques¹⁸, são propícios para a sociabilidade urbana entre jovens e idosos (TONKISS, 2005; TONNELAT, 2010). Assim, foram identificadas três praças, uma vez que, de acordo com Guimarães (2004), uma praça pública deve distar minimamente 800 metros das unidades residenciais e sociais para que se tenha uma boa qualidade de uso ambiental e gere possibilidades de interação.

A priori, as três praças predefinidas para este estudo foram: a Praça do CRAS (1), a Praça do Mirante (2) e a Praça a Metro (3). Para a presente análise foi desconsiderada a Praça a Metro, pois a mesma encontra-se em desuso pela população, considerando somente as duas primeiras. A Praça do CRAS e a do Mirante encontram-se a 234 e 494 metros, respectivamente, da Associação e do Centro Comunitário do bairro, enquadrando-se no que foi apontado por Guimarães (2004).

Outro critério que corroborou com a escolha desses espaços foram os níveis de concentração etário entre a população jovem (Figuras 3.8 e 3.9 páginas 52 e 53) e idosa (Figuras 3.10 e 3.11, capítulo 3, páginas 53 e 5, item 3.2.1) nessa área, representados a seguir:

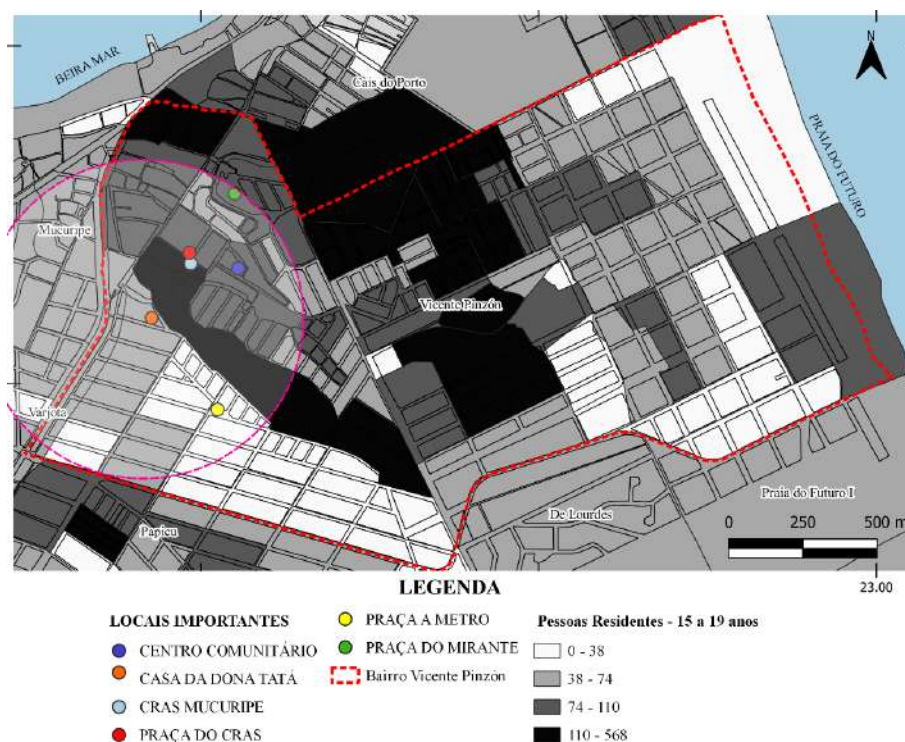


Figura 3.8 - Jovens de 15 a 19 anos residentes na área de estudo. Fonte: IBGE, 2010.

¹⁸ Tonkiss (2005) divide a sociabilidade urbana em três tipologias espaciais: (i) Praça como pertencimento coletivo; (ii) Cafés como trocas sociais; e (iii) Rua como encontros informais entre permanências ou a falta delas.

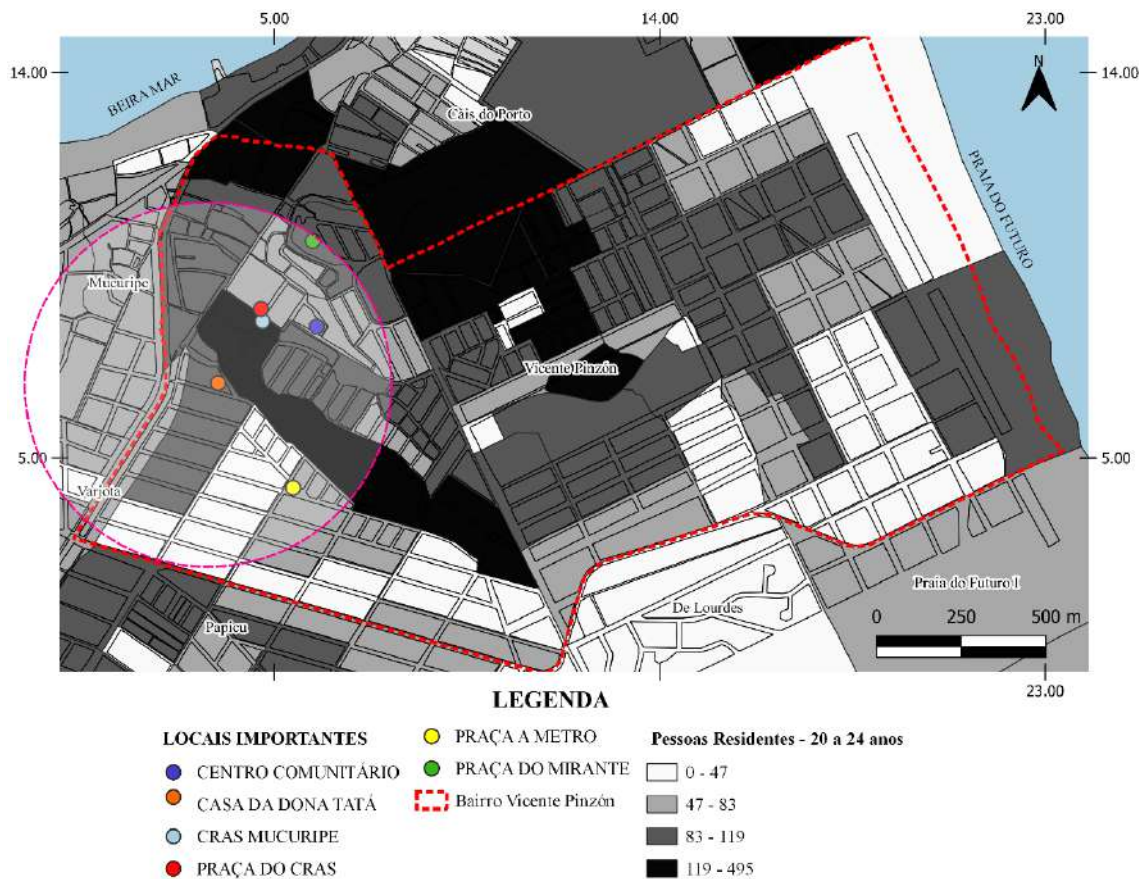


Figura 3.9 - Jovens de 20 a 24 anos residentes na área de estudo. Fonte: IBGE, 2010.

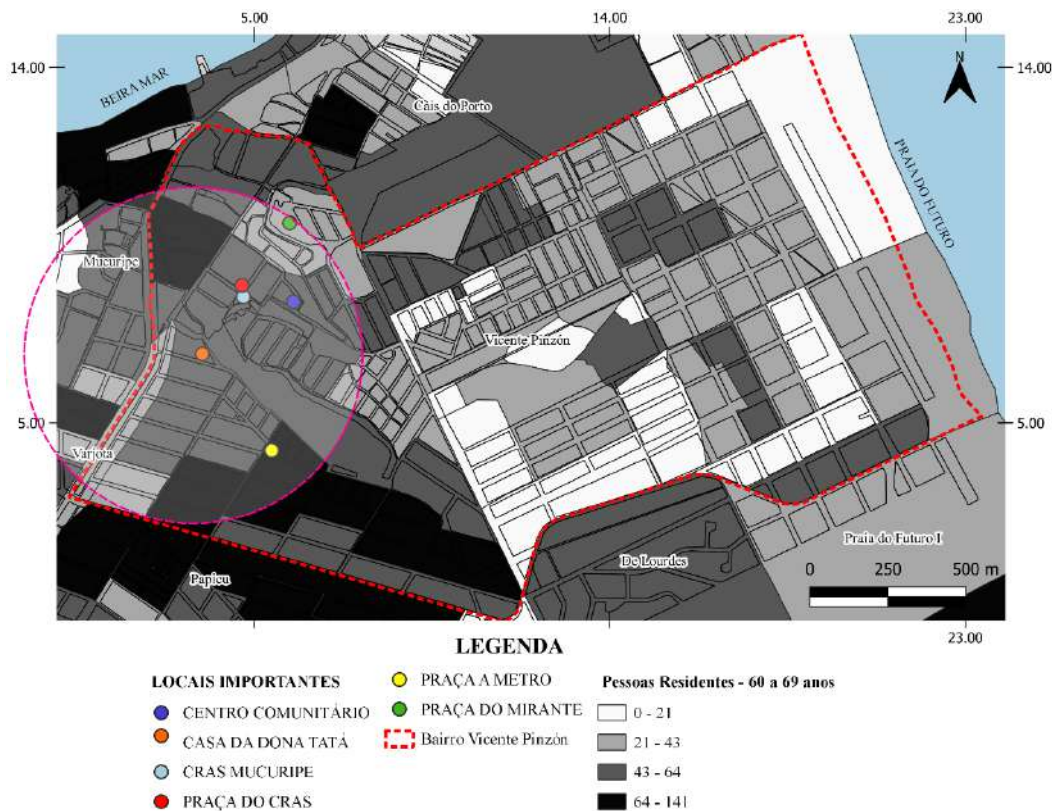


Figura 3.10 - Idosos de 60 a 69 anos residentes na área de estudo. Fonte: IBGE, 2010.

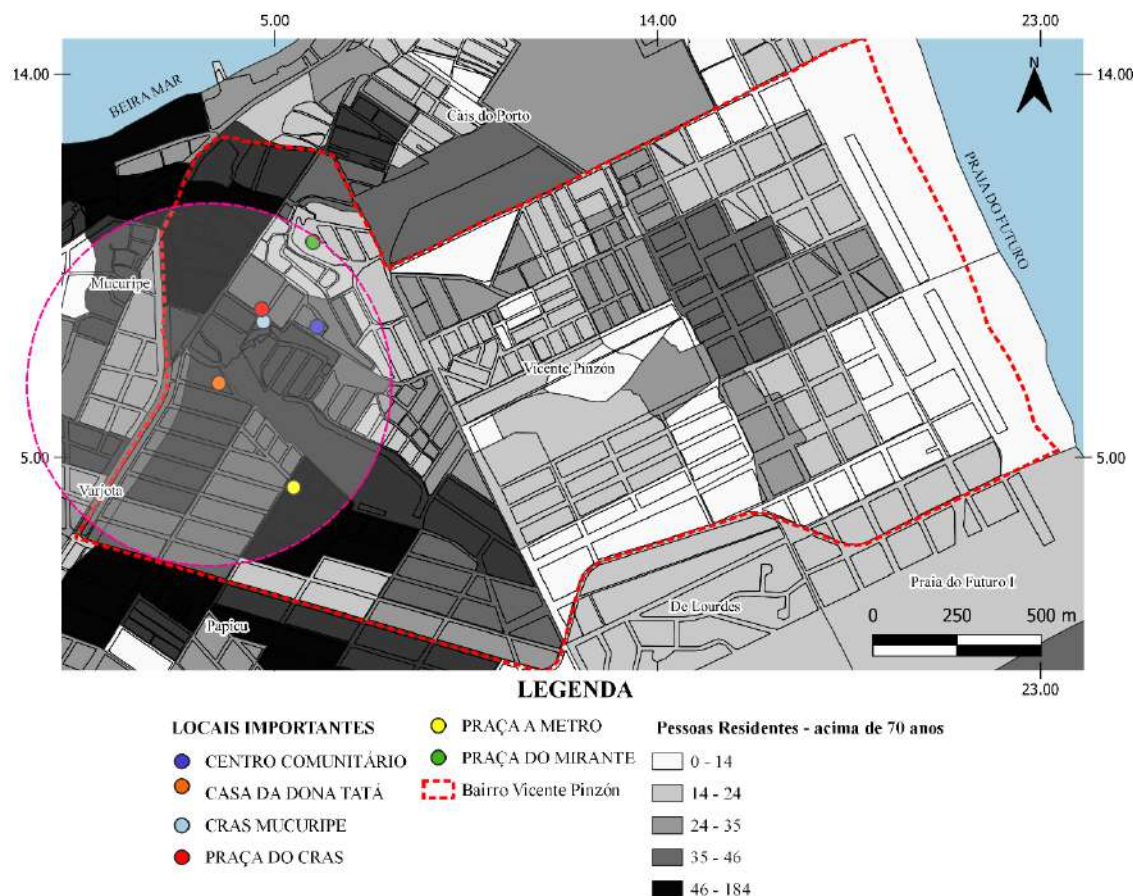


Figura 3.11 - Idosos acima de 70 anos residentes na área de estudo. Fonte: IBGE, 2010.

Através da espacialização das informações, percebeu-se que, a maior concentração de jovens e idosos está ao oeste do bairro, próximo a Associação Oscar Verçosa e ao Centro Comunitário. A seguir, são apresentados os objetos de estudos selecionados.

3.2.3 Praça do CRAS

Localizada em uma área de abrangência à Associação de Idosos do Mucuripe Oscar Verçosa, ao CRAS e ao Centro Comunitário existente no bairro, a praça do CRAS (Figura 3.12) é um espaço utilizado para realização de atividades com os moradores do bairro. Situada no encontro das Ruas Professor Luíz Costa e Luís Tibúrcio, sendo duas das vias mais movimentadas, onde contam com a chegada e partida de apenas três linhas de ônibus que adentram ao bairro e fazem acesso ao centro da cidade. Seu entorno caracteriza-se pelo uso comercial e misto, onde tem-se a presença também de uma escola de ensino fundamental, escola de esportes, quadra e estádio de futebol.



Figura 3.12 – Vista da Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón. Fonte: autor, 2022.

Para a presente análise, levou-se em consideração a diversidade de uso da praça, os equipamentos e infraestrutura existente, a fim de explorar a possibilidade de um espaço potencial para atividades multigeracionais com intermédio dos centros sociais e comunitários existentes.

3.2.4 Praça do Mirante

Segundo dados da Prefeitura de Fortaleza (2019), a Praça do Mirante, cujo nome é o mesmo da rua onde está localizada – Rua do Mirante, localiza-se em um dos pontos mais altos do bairro e possui vista para o litoral leste e oeste da cidade de Fortaleza, além de ser um dos principais pontos turísticos da capital do Ceará (Figura 3.13). Segundo Nogueira (2015), no início dos anos 1980, no ato da entrega das unidades habitacionais para pescadores retirados da orla da praia pelo Governo do Estado, começou o processo de urbanização do entorno da praça e sua construção.



Figura 3.13 – Vista panorâmica da Praça do Mirante no bairro Vicente Pinzón. Fonte: Autor, 2022.

No ano de 2015, o Governo do Estado do Ceará e a Prefeitura de Fortaleza deram início a ordem de serviço para a requalificação da Praça do Mirante. A área da praça é de 4.000m² e o projeto contou com a implantação de áreas de gramado, arborização, sistema de irrigação e drenagem, escadarias e rampas acessíveis com guarda corpo, calçadas, mobiliários urbanos, lixeiras de coleta seletiva, nova iluminação, além de reformar os quiosques e o anfiteatro existente. Essa praça foi escolhida porque, além de ter potencial turístico por conta de sua vista para os litorais, é um dos locais mais utilizados pelos moradores como fonte de renda, além do lazer (FORTALEZA, 2015).

A praça conta com espaços de convivência e grandes áreas para caminhada, playgrounds, áreas de alimentação, academia ao ar livre, anfiteatro e com uma vista de boa parte da cidade. Para fins de análise, a pluralidade mencionada nos usos da praça e em sua estrutura apontam um grande potencial na apropriação de distintas gerações.

3.3 Métodos de pesquisa

Esta pesquisa é dividida em três etapas a partir de seus objetivos específicos: **(i)** para analisar as relações intergeracionais na cidade com foco na afetividade e no senso de lugar a fim de contribuir com a potencialização da vida urbana, propõe-se realizar observações no local de estudo seguidas de entrevistas semiestruturadas; **(ii)** para caracterizar e mapear o bairro desde aspectos socio físicos até os afetivos, pretende-se realizar levantamento físico das áreas escolhidas e, posteriormente, confeccionar os mapas afetivos; **(iii)** e, por fim, com o intuito de compreender como a interação entre as gerações baseadas na afetividade podem cooperar com as relações entre pessoa/ambiente e vida urbana, as entrevistas semiestruturadas e observações apoiarão essa etapa.

Os métodos propostos para o estudo de caso são: pesquisa documental; observação; levantamento físico; entrevistas semiestruturadas; e mapeamento afetivo – uma vez que a adoção dos mesmos partiu dos critérios indicados por Günther, Elali e Pinheiro (2008), que possibilitam uma leitura mais horizontal e coesa ao se tratar das relações entre pessoa/ambiente. Levou-se, também, em consideração, segundo Sommer e Sommer (2002), uma ordem de aplicação metodológica do método menos reativo ao mais reativo, desde uma abordagem mais exploratória até uma mais específica.

A seguir, em forma de síntese processual metodológica, apresenta-se a relação entre os objetivos desta pesquisa com os métodos utilizados (Tabela 3.2):

Tabela 3.2 – Relação entre objetivos e métodos de coleta.

Objetivo Geral: elaborar recomendações de diretrizes para políticas urbanas na cidade baseadas na interação entre jovens e idosos e no senso de lugar, a fim da potencialização da vida urbana.	
Objetivos Específicos	Método de coleta
Analisar a intergeracionalidade com ênfase nas relações estabelecidas nos espaços urbanos, seus vínculos com o lugar e como essas podem contribuir para potencialização da vida urbana;	Pesquisa bibliográfica e documental Entrevistas semiestruturadas + Observação (com registro fotográfico) + Levantamento Físico
Caracterizar e mapear o bairro em seus aspectos sociofísicos e afetivos que corroborem com a potencialização do encontro geracional e da vida urbana;	Levantamento físico + Mapas Afetivos
Compreender, a partir das investigações, como a interação entre as gerações, com base nas apropriações e nos afetos, pode cooperar com a potencialização das relações pessoa/ambiente e da vida urbana.	Entrevistas semiestruturadas + Observação (com registro fotográfico) + Mapas Afetivos

Fonte: Autor, 2022.

Mesmo após a explanação do planejamento de aplicação dos métodos, não se pode desconsiderar que a construção desta pesquisa foi realizada dentro de uma pandemia global, a Covid-19. Mesmo que a vacinação tenha avançado no Brasil e no Estado do Ceará¹⁹, as diversas variantes que vem surgindo e as novas ondas da doença podem vir a comprometer em algum momento o andamento da aplicação de algum dos métodos.

Ao final de outubro de 2021, algumas atividades já foram retomadas com o público idoso na Associação de Idosos Oscar Verçosa (Casa da Dona Tatá), seguindo restrições e protocolos sanitários necessários. O público jovem que contribui com as atividades realizadas dentro e fora da associação foi reduzido e além de organizar os encontros, acaba participando

¹⁹ Localização estadual de realização da referida pesquisa.

também. As aplicações dos métodos ocorreram pós decreto de fim da pandemia e não foi preciso ser feita nenhuma adaptação.

3.3.1 Levantamento bibliográfico e documental

A construção da presente pesquisa ocorreu através de fontes primárias e secundárias (Tabela 3.3, página 61) que fundamentaram a produção do capítulo anterior de referencial teórico, congregando as temáticas sobre: Psicologia Ambiental, Percepção, Afetividade/Senso de Lugar, Espaços Urbanos, Programas Intergeracionais e a relação entre jovens e idosos na cidade.

Tabela 3.3 – Fontes primárias e secundárias para estudo de caso.

Fontes Primárias	Fontes Secundárias
FORTALEZA (2015); (2019) AUDIFAX RIO (2013) Acervo Mucuripe (2017)	PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, (2008) NOGUEIRA (2015) FERRGNO (2009) TONKISS, 2005; TONNELAT, 2010; PEQUENO (2015) BABRBOSA (2016) Google Earth BACKER (2004) BOMFIM (2010)

Fonte: Autor, 2022.

A pesquisa documental permitiu o conhecimento e aprofundamento prévio do objeto escolhido para estudo de caso, facilitando ainda mais as demais aplicações metodológicas. Para isso, foram consultados o Mapa Urbano Prefeitura de Fortaleza, por meio do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – PDDU (2009), das plataformas Fortaleza em Mapas (2019) e do IBGE, “Google Maps” e “Google Earth”. Ainda assim, houve a necessidade de adaptação de algumas imagens aéreas (base para o levantamento físico) tendo em vista as mudanças temporais do lugar, que foram conferidas *in loco*.

3.3.2 Observação

Antes de indagar qualquer usuário sobre determinado ambiente, é necessário que sejam captadas informações preliminares a partir das suas próprias percepções e leituras ambientais. A observação nos permite captar uma informação através dos diversos sentidos que o ser humano possui, onde será registrada e interpretada (PINHEIRO; ELALI; FERNANDES, 2008). Desse modo, a observação foi realizada de modo participante nos mesmos dias em que foram aplicadas as entrevistas e os mapas afetivos, o intuito foi captar informações que caracterizem a situação atual do ambiente a ser analisado em dias que acontecem as atividades intergeracionais mediadas pelos Centros Sociais e Comunitários.

As observações aconteceram em quatro dias distintos: 31/01/2022; 13/05/2022; 08/12/2022 e 12/12/2022. As duas primeiras visitas aconteceram no turno da manhã no primeiro semestre de 2022, entre 10:00 e 11:30 horas, e as duas últimas no segundo semestre do mesmo ano no início da tarde, entre 12:30 e 14:00hs. As duas primeiras visitas tiveram caráter exploratório, a fim de compreender a realidade atual do bairro Vicente Pinzón após um período pandêmico e articulação de um retorno gradual das pessoas na rua. E as duas últimas foram realizadas após o retorno total das atividades sociais existentes no bairro.

Pelo contato prévio em 2019 com as associações e alguns moradores do bairro, as observações iniciaram após esclarecimentos do que a pesquisa se tratava. Ainda assim, esse contato inicial com os articuladores do bairro antes da aplicação dos demais métodos, foi fundamental para o alinhamento de dias, horários possíveis baseado no retorno das atividades. O registro dos dados coletados foi realizado através de levantamento fotográfico e anotações. O CRAS, o Centro Comunitário e o CITS Mucuripe foram suporte para a realização dos passos seguintes.

Para análise dos dados, foi criada uma relação de categorias de análise baseada em Bardin (1977) tendo em vista as características urbanas das praças selecionadas (Tabela 3.4). A partir disso, foram analisados elementos urbanos que pudessem contribuir com a potencialização de interação entre jovens e idosos nos locais estabelecidos. As imagens captadas nas observações serviram de apoio para o levantamento físico e caracterização da área.

Tabela 3.4 – Categorias de análise das observações.

Categoria de análise	Aspectos observados
Conexões (edificações – rua – praça) (LYNCH, 2011)	Distâncias; Acessos e acessibilidade; Diversidade de uso do entorno;
Rotas de Circulação (ABBUD, 2006; BACKES, 2004; LYNCH, 2011);	Conectividade com as vias adjacentes; Caminhos e conexões; Espaços de passagem e permanência;
Atividades e Elementos Urbanos (MARCUS, FRANCIS, 1998; LYNCH, 2011);	Mobiliários existentes e sua disposição; Texturas, cores e formas; Espaços de socialização e permanência; Arte pública; Iluminação;
Paisagismo (ABBUD, 2006; BACKES, 2010);	Formato e distribuição dos jardins; Ajardinamento; Sombra; Cores e sentidos.

Fonte: Autor (2023).

Este método partiu da premissa de compreender quais foram as transformações físicas e temporais do lugar, para que fosse possível analisar quais elementos ainda existem e contribuem para a potencialização do encontro geracional e os que foram modificados. Algumas potencialidades ou não a partir dos achados foram melhor fundamentos a partir das entrevistas, descritas no capítulo 4.

3.3.3 Levantamento físico

O levantamento físico teve como base a pesquisa documental, que permitiu a caracterização prévia das áreas escolhidas para estudo e o seu redesenho como forma de atualizar e alinhar a base antiga com o que realmente existe no atual ano desta pesquisa. Para isso, foram utilizados a base de imagem do *Google Earth* e os mapas existentes na plataforma *online* - Fortaleza em Mapas²⁰. Foram destacados aspectos físicos, como estrutura da praça, sinalização, acessos, arborização, mobiliários, acessibilidade, usos etc. O registro fotográfico feito no método de observação foi de grande importância na conferência do presente levantamento.

²⁰ Disponível em: <<https://mapas.fortaleza.ce.gov.br/>>

Quanto à investigação das interações jovens-idosos e suas relações de apego com o lugar, a base construída na captação dos aspectos físicos e sociais subsidiou uma melhor fundamentação nas etapas das entrevistas e dos mapas afetivos.

3.3.4 Mapas afetivos

As relações afetivas entre jovens e idosos na cidade foram investigadas a partir do Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos (IGMA), elaborado por Bomfim (2010), que analisou os afetos e sentimentos das pessoas em relação ao ambiente urbano em Barcelona e em São Paulo. Diferindo do trabalho realizado pela autora em cidades como um todo, o presente estudo é realizado com duas gerações (jovens e idosos) e suas relações em espaços específicos de um bairro. Desse modo, foram feitas algumas adaptações na formulação, organização e aplicação do instrumento para melhor compreendermos as particularidades de cada público a fim de atingirmos os objetivos propostos.

A metodologia dos mapas afetivos tem como base os mapas cognitivos ou mentais de Lynch (1960), que elabora uma base conceitual a partir da inter-relação entre pessoa/ambiente e suas expressões simbólicas. O mapeamento afetivo traz a **afetividade** (página 23, capítulo 02, item 2.3) como elemento condutor/mediador da ação/transformação nos espaços baseado na participação popular.

Na metodologia de Bomfim (2010), o instrumento é apresentado com base no quadro-síntese abaixo (Tabela 3.6). O mapa afetivo é composto pelos seguintes itens: identificação (caso necessário); desenho para representar de forma imagética a cidade; significado do desenho atribuído pelo respondente; sentimentos gerados através do desenho; o que pensa da cidade; comparação da cidade com algo; caminhos percorridos; participação em associação; participação eventual em movimento social; e características sociodemográficas²¹, porém, para a presente pesquisa não foram utilizados os dados quantitativos.

Tabela 3.5 - Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração do mapa afetivo da cidade.

(1) Identificação	(2) Estrutura (desenho)
Nº, Sexo, Idade, Escolaridade, Cidade - tempo de residência (mesmo quando não originário)	* Mapa cognitivo de Lynch: desenho de monumento, caminhos, limites, confluência, bairros, lugares; *Metafórico: desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou estado de ânimo do respondente.

Fonte: Bomfim (2010), adaptado pelo autor, 2022.

²¹ Decidimos não utilizar a “Escala Likert” a fim de priorizar a análise qualitativa do instrumento.

Tabela 3.5 – Síntese do processo de categorização voltado para a elaboração do mapa afetivo da cidade (continuação).

(1) Significado	(2) Qualidade	(3) Sentimentos
Explicação do respondente sobre o desenho.	Atributos do desenho e da cidade, apontados pelo respondente.	Expressão afetiva do respondente ao desenho e à cidade.
(4) Metáfora		(5) Sentido
Comparação da cidade com algo pelo respondente, que tem como função a elaboração das metáforas.		Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da cidade e outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidades e sentimentos).

Fonte: Bomfim (2010), adaptado pelo autor, 2022.

Cada etapa de preenchimento foi enumerada na tabela acima (Tabela 3.6) para facilitar o entendimento e a aplicação. A aplicação do mapa afetivo foi feita em dois momentos: primeiramente, com o público jovem e, posteriormente, com o público idoso. As fichas foram impressas em folha A4 – paisagem e foram preenchidas pelo pesquisador, como apresentado acima (Tabela 3.6). Os materiais, como lápis de cor, pincel, caneta, folha A4 sem pauta ou qualquer material foram providenciados pelo autor desta pesquisa. O Centro Comunitário do Vicente Pinzón foi o espaço utilizado para a confecção dos **Mapas Afetivos do grupo idoso**, no dia 08/12/2022 às 11:30h (horário final das atividades no local e ida dos idosos para o CRAS); e os **Mapas Afetivos do grupo jovem foi realizado** no CITS Mucuripe às 13:30h (horário pré planejamento das atividades semanais). A seguir, a explicação das etapas realizadas na elaboração mapa:

Primeiramente, foi preenchido pelo pesquisador o **item 1 de identificação**. Em seguida, foi entregue uma folha A4 em branco ao participante, solicitando que realizasse um desenho do bairro mencionando as praças selecionadas. Essa etapa é importante, pois, como explicou Bomfim (2010), serve para deflagar um processo de representação imagético antes de se expressar as emoções sobre o lugar de forma escrita. Foi explicado ao participante que qualquer auxílio com o desenho poderia solicitar o pesquisador, além de dar outras alternativas de representar o lugar, como, por exemplo, através de poemas, como foi simbolizado por dois dos jovens.

Durante o processo ou quase na finalização do desenho, o pesquisador em diálogo com o respondente foi preenchendo os demais itens, tais como: **item 2 - estrutura**, categorização do desenho como cognitivo ou metafórico. Na **etapa 3 - significado**, foi indagado ao

participante uma explicação da construção de seu desenho e logo em seguida, na **etapa 4 - Sentimentos**, que sentimentos ele tem/tinha por aquele lugar.

No próximo **item 5 - metáfora**, foi requisitado aos respondentes que comparem esse lugar expressado no desenho com alguma metáfora, uma vez que o pesquisador deu exemplos práticos, para facilitar a compreensão. Entendemos a metáfora como um modo de apreensão dos afetos por desvelar em linguagem figurada, o cultivo da intimidade, a experiência da vida cotidiana, permitindo o “insight” comunitário e a coletividade (BOMFIM, 2010).

E, por fim, no último **item 6 - sentido**, foi realizada a análise dos desenhos e das respostas de cada mapa afetivo. Com base nisso foram identificados e interpretados nos mapas quais pontos são comuns e quais diferem entre os jovens e os idosos, levando em consideração seu resultado.

Ao final foi feita a análise de conteúdo de Bardin (1979), onde puderam ser observados os resultados dos desenhos vinculados aos sentimentos dos participantes, auxiliando na elaboração de políticas urbanas mais coerentes para as duas gerações e que viabilizem a potencialização da vida urbana. Os resultados de todos os mapas afetivos produzidos estão detalhados no Apêndice H (p. 224).

3.3.5 Entrevistas semiestruturadas

Com a finalidade de compreender como a intergeracionalidade e a afetividade podem cooperar com a potencialização da vida urbana no bairro Vicente Pinzón, foram realizadas oito entrevistas semiestruturadas com (4) jovens e (4) idosos participantes do Centro Comunitário e/ou CITS Mucuripe. A escolha pelos usuários participarem das atividades das associações justifica-se pelo que fora apontado na literatura, uma vez que para uma articulação de políticas públicas que reintegrem socialmente as gerações na cidade de forma mais assertiva, a elaboração de diretrizes deve apoiar-se em alguma associação ou organização popular comunitária (FERRIGNO, 2009; LIMA, 2007).

A entrevista semiestruturada é uma conversa registrada entre pesquisador e entrevistado, onde se busca compreender o pensamento, a opinião, as crenças, as divergências e até desabafos sobre determinado assunto (GÜNTHER, 2008; RHEINGANTZ *et al*, 2009; SEAMON; GILL, 2016). É importante que, durante o processo, seja respeitado o fluxo discursivo dos entrevistados, proporcionando um clima agradável, onde o mesmo possa sentir uma valorização e interesse pela sua fala, consequentemente, os resultados serão bem mais aprofundados. É relevante considerar, também, o local e o contexto social onde as entrevistas

serão realizadas, uma vez que isso contribui para a produção discursiva e de sentidos (ARAGAKI *et al.*, 2014).

Por mais que o pesquisador em questão já tenha um vínculo prévio com os responsáveis, idosos e jovens da Associação Oscar Verçosa, do Centro Comunitário e do CITS Mucuripe, foi feito um contato prévio no dia 10/11/2022 a fim de explanar de forma clara o propósito da entrevista, para saber como estavam acontecendo as atividades intergeracionais entre jovens e idosos no bairro e se existem alternativas baseadas nisso que possam contribuir para uma melhor qualidade de vida na cidade e na relação entre a comunidade.

As entrevistas foram feitas nos momentos de interação programados pelo CITS e Centro Comunitário, onde tinha *coffee break*, forró e aulas diversas. Os dias de aplicação das entrevistas foram: 08/12/2022 com o público idoso no Centro Comunitário e 14/12/2022 com o público jovem no CITS Mucuripe. Notou-se a importância de realizar as entrevistas juntamente com os Mapas Afetivos a fim de um método complementar o outro.

As entrevistas foram gravadas e transcritas para análise de conteúdo (BARDIN, 1979). A partir dos achados, a construção das categorias de análise se relacionou com o senso de lugar que as distintas gerações têm com os objetos de estudo, assim como características ambientais, modos de uso e apropriação, de memória, de afeto e de como enxergam a intergeracionalidade como potência de ação (ou não) dentro da vida urbana. Dito isso, as perguntas aplicadas com os jovens e idosos estão explanadas nas tabelas a seguir (Tabelas 3.6 e 3.7):

Tabela 3.6 – Perguntas estruturantes para entrevistas (jovens).

Jovens
Você interage e/ou convive com pessoas com mais de 60 anos em seu bairro? O que você acha disso?
Você consegue me dizer quais os pontos positivos existentes na convivência com os idosos em seu bairro?
Você acha que a convivência com os idosos pode melhorar algo na vida do bairro? Se sim, pode me dar um exemplo?
Quando você convive com os idosos na cidade, que sentimentos são despertados em você?
O que você acha da praça oferecendo espaços que possibilitem atividades em conjunto com os idosos? O que não poderia faltar nesses espaços?
Qual praça você mais gosta de frequentar? E com que frequência?
Que sentimentos despertam em você ao pensar nessa praça?
Quais são os elementos que você mais gosta na praça escolhida? E os elementos que você menos gosta?
O que mais você sente falta na praça?

Fonte: Autor, 2022. Tabela 3.7 – Perguntas estruturantes para entrevistas (idosos).

Idosos
Você interage ou convive com jovens entre 15 e 24 anos na cidade? O que você acha disso?
Você consegue me dizer quais os pontos positivos existentes na convivência com os mais jovens na cidade?
Você acha que a convivência com os mais jovens pode melhorar algo na vida da cidade? Se sim, pode me dar um exemplo?
Quando você convive com os mais jovens na cidade, que sentimentos são despertados em você?
O que você acha da praça oferecendo espaços que possibilitem atividades em conjunto com os mais jovens? O que não poderia faltar nesses espaços?
Qual praça você mais gosta de frequentar? E com que frequência?
Que sentimentos despertam em você ao pensar nessa praça?
Quais são os elementos que você mais gosta na praça escolhida? E os elementos que você menos gosta?
O que mais você sente falta na praça?
Como está a sua convivência com os jovens desde que começou a pandemia da Covid-19? O que mudou?
Nesse contexto, qual o sentimento que é despertado em você, ao aproximar-se das pessoas na cidade?

Fonte: Autor, 2022.

As informações básicas gerais de identificação foram aproveitadas dos mapas afetivos e serão mantidas em sigilo. Como mencionado, anterior ao início de cada conversa, foi pedido o consentimento de gravação de cada respondente.

3.3.5 Escolha dos participantes

A escolha dos participantes teve como ponto de partida **jovens e idosos** que participem ou da Associação Oscar Verçosa, do Centro Comunitário ou de algum Centro Social do bairro Vicente Pinzón. Atualmente, **os idosos** que participavam das atividades originalmente pela Associação Oscar Verçosa (Casa da Dona Tatá) migraram para o Centro Comunitário, uma vez que a Dona Tatá, a idosa que fundou a Associação encontra-se acamada. Já o número de jovens continua a variar de acordo com os dias da semana e demandas, pois boa parte estuda de forma integral ou em um dos turnos.

O pesquisador delimitou um universo de 4 jovens e 4 idosos. A aplicação dos métodos levou em consideração três critérios: **(1)** jovens e idosos moradores e nascidos no bairro e; **(2)**

jovens e idosos que são originários de outros bairros, mas que atualmente residam no local **(3)** participem e/ou colaborem de algum Centro Social no bairro. Para além das distinções entre gerações, as categorias foram pensadas também para comparar as percepções de pessoas nascidas ou não no bairro. O recorte etário se baseou no IBGE (2010), considerando para esta pesquisa (Tabela 3.8):

Tabela 3.8 – Idades selecionadas entre jovens e idosos para pesquisa.

Geração	Idade
Jovens	18 ou 19 anos;
	De 20 a 24 anos
Idosos	60 a 79 anos
	80+

Tabela 3.9 – Idades selecionadas entre jovens e idosos para pesquisa. Fonte: Autor, 2022.

É importante ressaltar que as idades foram distribuídas entre o intervalo apontado pelo IBGE (2010), mas na apresentação dos resultados as idades encontram-se especificadas.

3.4 Síntese do capítulo

Neste capítulo foram expostos os procedimentos metodológicos, o objeto de estudo e os métodos de investigação adotados na pesquisa. A apresentação do estudo de caso foi feita em conformidade aos objetivos, problema e pergunta adotados nesta investigação. Dito isso, as tipologias urbanas selecionadas apresentam elementos importantes que podem corroborar com a interação social entre as duas gerações aqui estudadas.

Dentro de uma perspectiva da potencialização da vida urbana, baseada em duas gerações e suas implicações afetivas dentro da cidade, foram selecionados os métodos de pesquisa que mais se adequaram tanto ao contexto quanto ao estudo de caso apresentado. Esclareceu-se como os dados foram obtidos, analisados e interpretados e, assim, o quarto capítulo apresenta a imersão realizada nos espaços multigeracionais e os resultados obtidos.

CAPÍTULO 4: RESULTADOS

Este capítulo apresenta as descobertas da pesquisa sobre a interação entre jovens e idosos no espaço urbano baseado no senso de lugar. Os resultados obtidos são apresentados a partir da análise dos dados resultantes da aplicação dos diferentes métodos de coleta e organizados com base no referencial teórico e nos objetivos específicos desta pesquisa, divididos em dois eixos principais: (i) relações intergeracionais na cidade e senso de lugar; (ii) potencialização da vida urbana e o desvelar dos afetos. No decorrer da organização dos resultados, a caracterização socio física e afetiva dos espaços foi entremeadada nos dois tópicos mencionados anteriormente para uma melhor compreensão total.

4.1 Relações Intergeracionais na cidade e o Senso de Lugar

Nesta seção serão apresentados os resultados pautados nas entrevistas, nas observações e no levantamento físico e afetivo, referentes à percepção da população jovem e idosa do bairro Vicente Pinzón partindo de sua inter-relação na cidade e como isso pode cooperar com a potencialização da vida urbana.

4.1.1 As praças públicas e a sociabilidade urbana entre gerações

A partir das observações realizadas no bairro, das entrevistas semiestruturadas e dos mapas afetivos, destacamos duas praças (Praça do Mirante e Praça do CRAS) como espaços potenciais a interação social entre jovens e idosos, levando em consideração o apoio do Centro Comunitário, do CRAS e do CITS Mucuripe.

4.1.1.1 Praça do Mirante

Como já mencionado anteriormente (item 3.2.4, página 69) a Praça do Mirante, cujo o nome é o mesmo da Rua que está localizada – Rua do Mirante, localiza-se em um dos pontos mais altos e com vista para o litoral cearense. Em diálogo com Nogueira (2015), no início dos anos 1980, no ato da entrega das unidades habitacionais para pescadores retirados da orla da praia pelo Governo do Estado, começou o processo de urbanização do entorno da praça e sua construção. Na década de 1980 e 1990, o Mirante começou a ser ocupado por bares, restaurantes e casas devido ao processo de especulação imobiliária da orla da praia (Figura

4.14), fazendo com que os pescadores fossem ocupando o morro de Santa Terezinha, conhecido como Vicente Pinzón (AUDIFAX RIO, 2013).

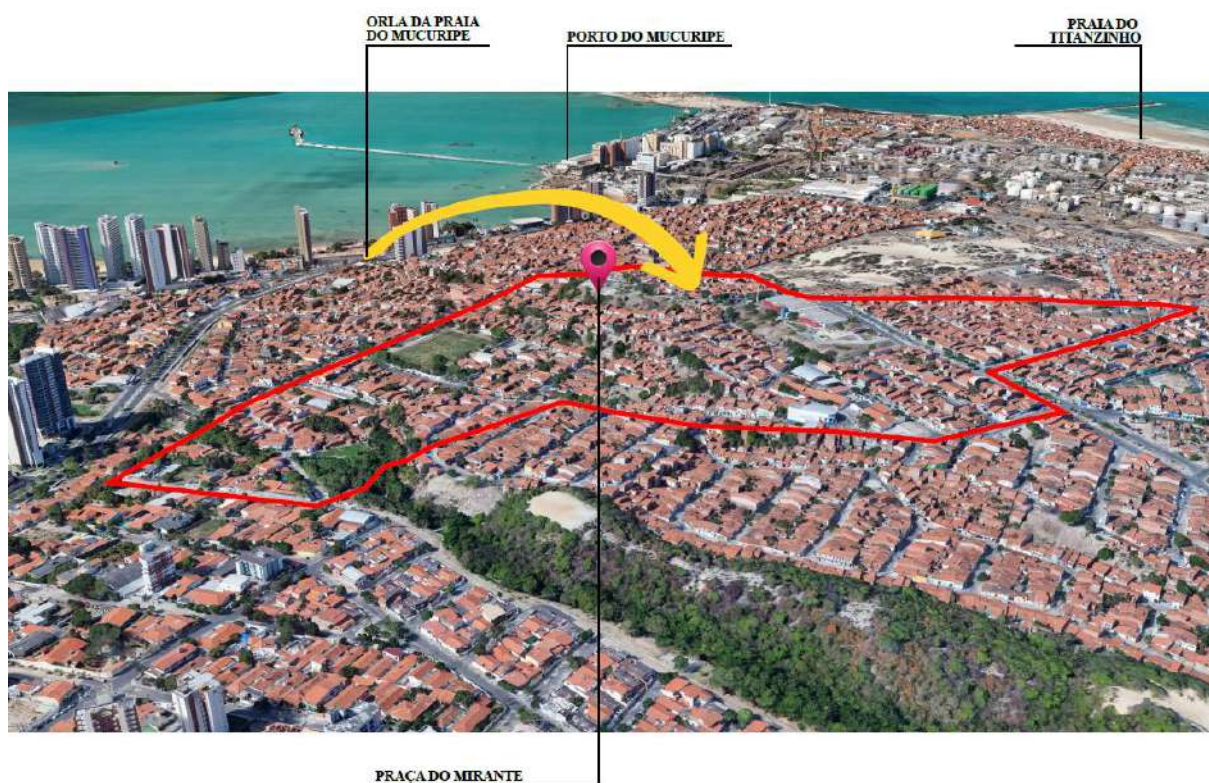


Figura 4.14 – Vista Aérea de Realocação dos pescadores para o bairro Vicente Pinzón. Fonte: Autor, 2022.

De acordo com dados disponibilizados pelo portal da Prefeitura de Fortaleza (2015), o projeto contou com a implantação de áreas de gramado com sistema de irrigação e drenagem, guarda corpo nas escadarias e calçadas, além de uma área pavimentada com aproximadamente, 4.000m². Além disso contou com a plantação de novas espécies arbóreas e uma infraestrutura de praça com piso intertravado drenante, rampas de acessibilidade, mobiliários urbanos, lixeiras de coleta seletiva, nova iluminação, além de reformar o quiosque e anfiteatro existentes. Todavia, por localizar-se em uma área de topografia muito acentuada, a maioria dos acessos de chegada à praça se dão por escadarias – que também foram recuperadas – mas que, dificultada um maior uso do público idoso e de pessoas com mobilidade reduzida.

A partir do levantamento físico da referida praça (Figura 4.15), percebe-se que o uso misto predomina em seu entorno contando com uma boa quantidade de equipamentos comerciais que funcionam durante diversos horários do dia. Como aponta Jacobs (2011), a diversidade de usos pode possibilitar uma melhor vida urbana, uma vez que se tem a oportunidade de movimento de pessoas pelos distintos serviços oferecidos naquele local. Em diálogo com a autora e o com

o levantamento físico atual, a fala da **entrevistada idosa** também corrobora com essa possibilidade de uma maior diversidade de usos a partir de atividades intergeracionais:

“Ah, movimento né? A convivência com as pessoas, conversando, comendo, fazendo atividade física.” **EI_03_76anos;**

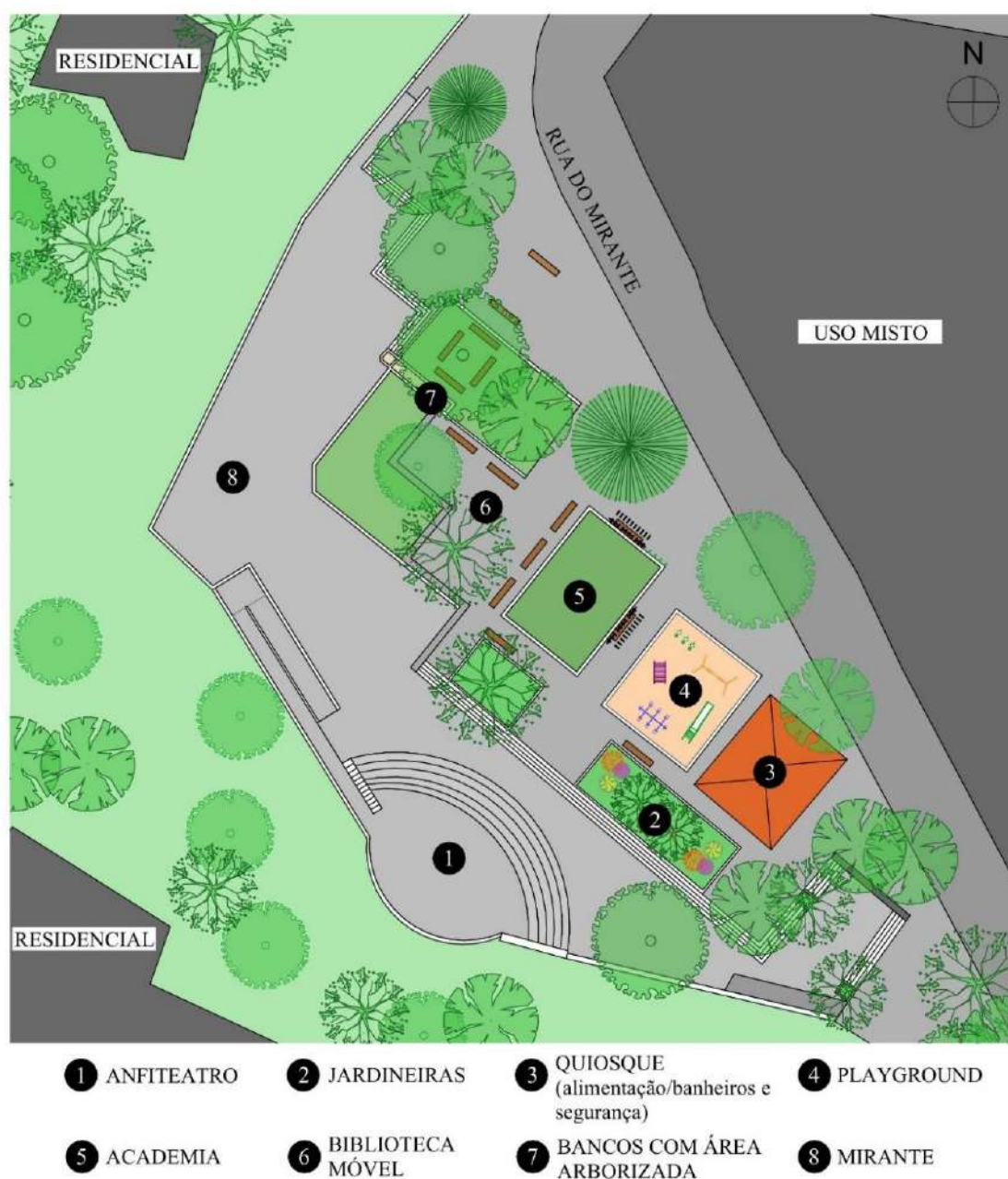


Figura 4.15 – Levantamento físico da Praça do Mirante no bairro Vicente Pinzón. Fonte: Autor, 2023.

Ainda com base no levantamento físico (Figura 4.15), constatou-se que a praça conta com espaços considerados multigeracionais, com grandes áreas para caminhar, playgrounds,

áreas de alimentação, academia ao ar livre, anfiteatro, canteiros com ajardinamentos e bancos sombreados propícios para permanência no local. A configuração espacial da praça contribui para a formação de várias ambiências no local, considerando os diversos níveis que são criados pelas escadarias que funcionam também como bancos, além de rampas de acesso que contribuem com a acessibilidade do lugar (Figuras 4.16 e 4.17).



Figura 4.16 – Canteiros existentes na Praça do Mirante. Fonte: Autor, 2023.

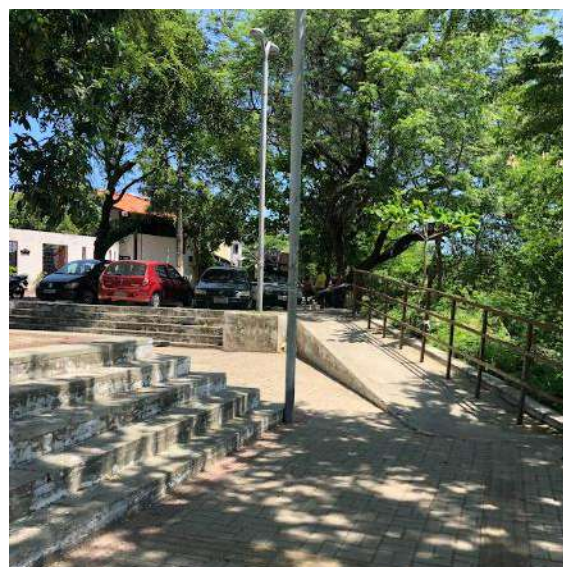


Figura 4.17 – Escadas e rampas de acesso existentes na Praça do Mirante. Fonte: Autor, 2023.

No entorno imediato da referida praça, percebe-se uma predominância do uso misto, onde se tem a presença de bares, restaurantes, academia, salão de beleza, trazendo assim a possibilidade de uma maior diversidade de usos durante todo o dia. Esses equipamentos funcionam em sua maioria durante o dia e a noite, os próprios moradores organizam movimentos na praça e improvisam barracas para venda de comidas, etc. No período noturno, é mais costumeiro ver uma maior apropriação jovem, uma vez que as atividades organizadas por eles acabam não atraindo tanto o público idoso. Mas, independentemente disso, a Praça do Mirante continua sendo ponto de encontro, permanência, passagem e está interligada a praticamente todo o grande Mucuripe, propiciando uma vista panorâmica para o litoral da cidade de Fortaleza (Figuras 4.18 e 4.19).



Figura 4.18 – Vista da Praça do Mirante para a Orla da Praia da Beira Mar de Fortaleza. Fonte: Autor, 2022.



Figura 4.19 – Vista da Praça do Mirante para o Porto do Mucuripe. Fonte: Autor, 2022.

Com o passar do tempo, além dos acessos principais à praça do Mirante, os moradores foram sentindo a necessidade de criar seus próprios acessos, como uma forma de “atalho”. O formato da praça possibilita que os quintais de alguns moradores se voltem para a mesma, possibilitando diversas formas de acessar. A própria vizinhança construiu escadarias que facilitam a chegada na praça (Figura 4.20), viabilizando também subir e descer do morro de modo mais rápido. Porém, as escadarias encontram-se em situação precária, pois o poder público não olha para essas soluções projetuais feitas pelos moradores como uma potencialidade.



Figura 4.20 – Escadarias de acesso à Praça do Mirante. Fonte: Autor, 2023.

A partir das observações de campo, percebeu-se que o que ainda possibilita a vista da praça do Mirante para o resto da cidade é a topografia acentuada do bairro e a horizontalidade das edificações existentes, onde os moradores e visitantes podem contemplar a paisagem. Todavia, com o passar dos anos e da especulação imobiliária, as vistas que se tem para o litoral cearense encontram-se praticamente embaçadas pela verticalização da orla, fato que causa descontentamento entre os moradores como é percebido nas seguintes falas:

“aqueles prédios ali me incomodam [rindo]. Me incomoda demais... ‘Os caras’ constrói os prédios a 10 metro da orla...” **EJ_03_24anos;**

“então essa questão geográfica, os órgãos públicos tiraram tudo de nós...”
EJ_02_21anos;

Mas, ainda assim é percebido pelos relatos a potência de lugar que a praça tem para a comunidade quando um dos jovens entrevistados compara a mesma com um “Centro de Eventos”, onde os elementos urbanos como: mesas de xadrez, espaços para caminhada e atividades físicas, arborização, facilidade no acesso, ponto de encontro, anfiteatro para eventos culturais são indicadores de qualidade espacial como é destacado por Jacobs (2011), Gehl (2010) e Lynch (2011). A assertiva pode ser confirmada a partir da seguinte fala:

“eu andava muito pelo mirante, mas faz um tempo que não vou lá... geralmente lá é mais palco pra atividades assim que tem uma galera de várias idades, sabe? É quase um **Centro de Eventos do bairro**, principalmente por ser em uma área mais “tranquila” aqui do território, sabe?” “Ai, me sinto acolhida... em casa. Esse território é meu lugar.” **EJ_04_24anos;**

Da mesma forma que as praças são centralidades urbanas e configuram-se como espaços potenciais para interação entre gerações (TONKISS, 2005; TONNELAT, 2010), podem ser espaços que sem incentivo de alguma atividade específica, não sejam tão agradáveis e convidativos como se pode perceber nas seguintes falas:

“e o que eu mais sinto hoje é saudade, **mesmo indo pra lá, fazendo alguma atividade, eu sinto que a prefeitura não olha mais tanto pra lá**, depois daquelas obras da praia ali, na beira... tudo ficou esquecido... O povo adorava subir o morro, olhar pro mar, comer ali... ver o pôr do sol, fazer suas atividades, hoje tá mais devagar... sabe?” **EI_01_79anos;**

“A praça do Mirante de vez em quando eu venho pra cá... ela já foi melhor e poderia voltar a ser, porque muita gente gosta...” **EJ_01_18anos;**

A partir de uma pluralidade observada nos aspectos físicos, a Praça do Mirante continua sendo um espaço propício para a promoção da intergeracionalidade, considerando que é a interação entre mais de uma geração nesses locais contribui para a potencialização da vida urbana. A partir da interface entre as edificações (**uso misto**) e os espaços livres públicos (**praça**), percebe-se que para além dos elementos urbanos e do paisagismo, **as ambiências formadas a partir das interações** tem um valor significativo para que a Praça do Mirante continue sendo um lugar em que os jovens e os idosos possam continuar se apropriando. Isso pode ser percebido através das falas dos seguintes entrevistados:

“É sempre tem um lugarzinho que eles tão de manhã... Conversando, rindo, às vezes bebendo... [Risadas] Às vezes caminhando, entendeu?”
EJ_01_18anos;

“Mas quando a minha filha me leva ou quando tem alguma festa assim que organizam né, o povo daqui a gente vai mesmo. A gente fica lá perto do anfiteatro, porque tem umas danças, umas coisas pra nós (idosos). Aí tem uns tempos aí que colocam umas feiras... lá tem muita sombra, dava pra fazer um bocado de coisa, tem até academia lá pra nós (idosos).” **EI_02_71anos;**

Pelo exposto, percebe-se que especialmente na praça do Mirante, um dos fatores que corroboram para que as pessoas permaneçam é o conforto físico. A presença de um paisagismo (Figura 4.21) que colabore com um bom sombreamento dos espaços físicos da praça faz com que as permanências aconteçam com mais facilidade tornando o lugar agradável e propício à apropriação. As **hortas urbanas e os ajardinamentos** são elementos que se destacam na qualidade desse lugar para **os dois públicos (jovem e idoso)**, pois os moradores cuidam e fazem com que a vegetação permaneça viva, como podemos ver nas seguintes passagens:

“O que eu mais gosto é o verde da praça do Mirante... são as plantas. Tem muita árvore, muita planta, tem um povo que mora lá que cultiva... Umas plantinhas, uns jarrinhos assim, eles botam... E é muito bonito. Às vezes eu vou pra lá, pra tocar violão e ficar olhando ‘pras’ plantas, que eu gosto né.... Quando o pôr do sol lá é muito bonito, tem um anfiteatro lá que eu acho muito massa também...” **EJ_01_18anos**

“... povo que mora nos arredores que cuida das plantas da praça, mas a prefeitura faz é arrancar... eu aposto que se tivesse uma horta pro povo cuidar dava pra plantar até pra cozinhar, alguma fruta né...dava pra fazer coisa demais ali no mirante e aqui na frente do centro comunitário, já que é tudo perto, até levar a gente pra ajudar né?” **EI_03_76anos;**



Figura 4.21 – Arborização da Praça do Mirante. Fonte: Autor, 2022.

A qualidade de arborização da praça é exemplificada pelo o que Gehl diz (2013) sobre a necessidade que os espaços públicos têm de serem confortáveis, inclusive termicamente, para que seja considerado um espaço de permanência. Diante disso, a praça do Mirante se mostra um espaço potencial para descanso, permanência e diversão em diversos momentos do dia. Mas, ainda assim alguns elementos urbanos que compõem os aspectos de qualidade espacial ainda se encontram expostos ao sol (Figura 4.22), onde no contexto de altas temperaturas como a cidade de Fortaleza, pode ser menos utilizada devido a pouca presença de arborização ou coberta, causando desconforto térmico em horários diurnos.



Figura 4.22 – Playground existente na praça do Mirante. Fonte: Autor, 2023.

Ainda com relação a praça, foram identificados outros elementos que desempenham funções importantes para agregar a qualidade dos espaços públicos, tais como: **as escadarias funcionando como bancos e em formato de ‘U’** – possibilitando o encontro entre pessoas a partir do olhar e propiciando a estadia frente na frente, apesar de não possuir uma cobertura para que seja utilizado nos horários mais quentes do dia. Além disso, espaços como o anfiteatro tem uma área com visão privilegiada para a orla da praia (Figura 4.23), além de possuir um grande potencial para contemplação da paisagem (Figura 4.24) e para realização de diversas atividades multigeracionais, como: **apresentações culturais, danças, atividade física e espaços de estar.**



Figura 4.23 – Anfiteatro da Praça do Mirante. Fonte: Autor, 2023.



Figura 4.24 – Vista do Anfiteatro para a Beira Mar de Fortaleza. Fonte: Autor, 2023.

A localização mais acentuada da Praça do Mirante é considerada pelos moradores um grande atrativo para apropriação, tanto através do vínculo afetivo com o mar quanto pela vista da cidade como um todo, sendo percebido na fala a seguir:

“eu acho **bom demais caminhar ali, porque é alto né?** A gente vê tudo... o mar... **antes dava pra ver mais, mas ainda assim é bom.**” EI_01_79anos;

Em contrapartida, ainda sobre a entrevistada, percebe-se que na passagem **‘antes dava pra ver mais...’** refere-se à verticalização da orla da praia em decorrência da especulação imobiliária, fazendo com que atualmente quase não se veja mais o mar, forte símbolo para os moradores do local, não somente para os idosos, mas para os jovens também. E dito isso, é percebido a importância das relações intergeracionais na preservação das memórias do lugar,

pois os mais jovens podem aprender e perceber a importância de continuar os legados das gerações mais velhas. A assertiva anterior pode se comprovar através da fala do entrevistado:

Porque o grande Vicente Pinzón, o Mucuripe né, é formado por uma comunidade de pescadores né... quem conhece a história sabe. **E pra nós que é da juventude, é muito bom ter eles por perto, porque acabam resgatando a memória e a gente entendendo porque é tão importante a pesca na nossa quebrada, tá entendendo?** Das militâncias que existiam naquela época, tipo da colônia Z8, da colônia de pescadores e tudo mais - e aí, resgatar a história e a cultura do bairro né? Até pra continuar o legado deles... e eu não consigo identificar um ponto negativo, sabe? **Acho que a comunidade é feita disso, de geração para geração, então isso acaba ajudando a preservar né, essa cultura, essa história,** então na real eu não vejo um ponto negativo tá ligado?" EJ_02_21anos;

Em diálogo com Pequeno (2015), a especulação imobiliária neste sentido potencializa a segregação socioespacial do bairro, salientando também que o bairro apresenta um dos IDH's mais baixos da cidade de Fortaleza. Essa separação e entendimento sobre o interesse imobiliário, muitas vezes velado nas intervenções feitas pelos órgãos públicos, é percebida claramente nos sentimentos demonstrados pelos mais jovens:

"E do mirante eu vejo a geografia, geografia que eu vejo todo dia, os trilhos separa o Castelo Encantado da burguesia..."

Tu tá ligado? Tá entendendo? E aí lá do mirante, a gente vê o trilho, sabe? E aí a gente vê **'do lado de lá' a burguesia, a aldeota, a varjota...** tá entendendo? E **do lado de cá, a gente vê a favela,** tá ligado? **Sendo que é a mesma população,** que inclusive desce pro lado de lá pra garantir o sustento, tá entendendo? E volta ao longo do dia pro lado de cá, porque tem que dormir, tem que cuidar dos filhos... então essa questão geográfica, **os órgãos públicos tiraram tudo de nós...**" EJ_02_21anos;

"Eu não gosto do metrô, VLT... não funciona dia de domingo por que acham que a pessoas não usam o VLT pra outras coisas além de trabalhar. Tá entendendo? Então isso me incomoda de ter uma coisa ali que **não é propriamente 100% feita para as pessoas,** pra né.... de uma forma genuína..." EJ_03_24anos;

As falas anteriores dialogam diretamente com o problema desta pesquisa, que retrata a não inclusão de jovens e idosos no processo de ação/transformação dos espaços da cidade e a desconsideração de seus vínculos com os lugares (ABRAMS; HOGG; MARQUES, 2005). A mudança da paisagem pode afetar diretamente como as pessoas se sentem com os lugares,

percebido de forma clara anteriormente nas falas dos jovens entrevistados. Como aponta Castello (2007) e Schneider (2015), essas consequências negativas podem desqualificar **lugares em não lugares**²².

Além do que já foi apontado pelo público jovem, os idosos também se sentem insatisfeitos com a desvalorização de suas opiniões na tomada de decisões em projetos urbanos de requalificação pelo poder público. Essa afirmação já era percebida em 2018 nos resultados das pesquisas do Projeto *PlaceAge*: “Projetando lugares com os idosos: Rumo a comunidades amigas do envelhecimento e continua a se confirmar nos dias atuais a partir da fala da entrevistada:

“...sabe o que eu tava lembrando agora? Às vezes a gente ia pra missa que era celebrada lá, tinha também umas feiras... não sei porque parou mais, acho que não tem quem faça... eu tenho pra mim que a gente é muito esquecido pela prefeitura nessas questões, sabe? Porque esse movimento é que faz a gente querer tá nesses lugares.” **EI_01_79anos;**

Em consonância ao exposto, é notório que outros problemas de estrutura urbana se propagam até os dias atuais. Durante as oficinas realizadas no período de estudo do Projeto de Extensão entre o SESC e a UFC em 2019, os idosos já apontavam **problemas com os aspectos físicos do bairro**, destacando: a ausência de sinalização, a dificuldade de usar escadarias, a mobilidade comprometida pelas obras do VLT, além do problema do lixo colocado na rua e da precariedade do saneamento básico. Durante as observações no atual ano desta pesquisa (2023), foi verificado que ainda que os mesmos problemas persistem, além de obras que priorizam a mobilidade do carro, e agora, a inexistência de mobiliários urbanos durante longos percursos.

A insatisfação dos moradores sobre o não olhar do poder público sobre o espaço se arrasta por anos. Ainda que seja percebido que o real problema ultrapassa os aspectos físicos do lugar, nota-se uma negligência dos órgãos responsáveis, especialmente quando se trata de territórios vulneráveis. Os atributos físicos mencionados anteriormente deveriam ser o básico a ser garantido para os moradores do bairro Vicente Pinzón para que minimamente se possa viver de forma digna na cidade. A qualidade urbana só irá funcionar quando se tiver uma estrutura mínima para se viver e quando for dada **a devida importância em inserir todas gerações dentro dessa tomada de decisões no ambiente** em que vivem e se relacionam.

²² Ver definição de ‘lugar e não lugar’ capítulo 2 no tópico: “Espaço, lugar e simbolismo espacial”.

4.1.1.2 Praça do CRAS

Popularmente conhecida no bairro Vicente Pinzón como a Praça do CRAS (Figura 4.25) este espaço público é o único ponto de chegada e saída da comunidade através de transporte público coletivo (Figura 4.26). Em vista disso, pode ser considerado um não-lugar uma por muitas vezes ser passagem para os que entram e saem do bairro. Todavia, ao mesmo tempo em que é um local de passagem para alguns, para outros torna-se local de permanência e extensão da própria casa, uma vez que existe uma grande diversidade de usos nos edifícios que a circundam.



Figura 4.25 – Localização da Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón. Fonte: Autor, 2023.

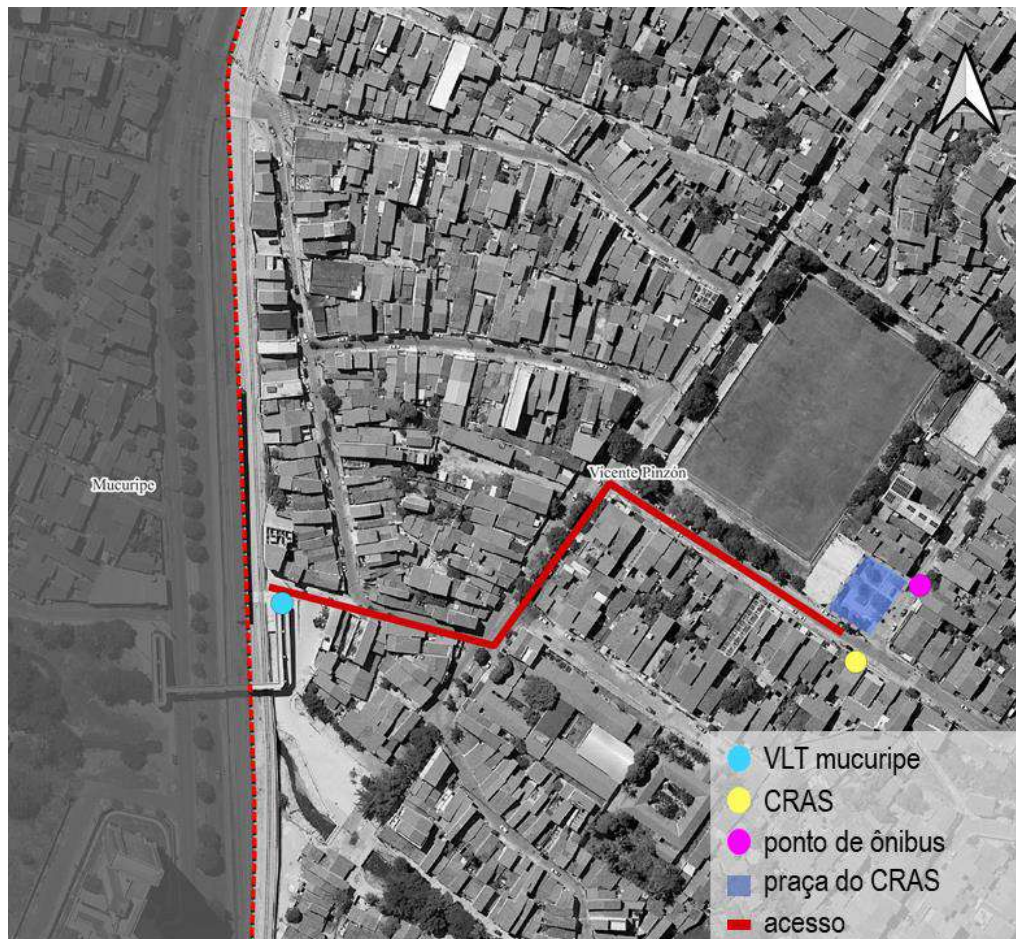


Figura 4.26 – Acessos para a Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón. Fonte: Autor, 2023.

A partir das vivências in loco e do levantamento físico, a referida praça é o ponto mais fácil de encontro (legibilidade) entre os usuários, facilitando os acessos de entrada e saída de outros bairros, assim como ponto de partida para adentrar aos demais espaços. A configuração urbana da praça, certamente possibilitou uma maior diversidade de usos ao longo do tempo, onde é percebido diversos equipamentos relevantes em seus arredores, como por exemplo: o CRAS, academias, comércios, escolas, quadras e supermercados.

De acordo com relatos dos próprios moradores, o CRAS por exemplo, tem grande influência em promover atividades intergeracionais na praça com apoio do Centro Comunitário e do CITS Mucuripe, todavia, as mesmas só acontecem quando há um incentivo de realização pelos jovens que trabalham nesses Centros Sociais. Com o passar do tempo, o público idoso passou a não se apropriar tanto deste espaço sem incentivo e isso é percebido nas seguintes falas dos entrevistados:

“Ah, eu não ando muito mais pra esses cantos, só sabe vim pra cá (Centro Comunitário), pro CRAS ali que é meu grupo, só vou pra esses cantos mesmo, de uns tempos pra cá eu me senti mais desmotivada e triste.” **EI_02_71anos;**

“Às vezes eu penso até em ir sabe... ‘pras’ praças e tudo mais, só que não tem opção pra você sentar e comer, não tem as mesmas coisas do centro comunitário... Muito difícil acontecer, mas aqui e acolá o CRAS promove umas coisas naquela praça da frente, mas muito difícil mesmo. Mas aí quando a gente vê um movimento, acaba ficando mais tempo.” **EI_03_76anos;**

Dito isso, é perceptível que ainda que alguns lugares se caracterizem com uma boa qualidade urbana, acabam tornando-se espaços com apropriação reduzida onde os encontros são apenas iniciais e o incentivo para permanecer não existe. As interações sociais neste caso, são de suma importância para potencializar esses espaços e um dos meios para isso é possibilitar o convívio intergeracional que necessita de um incentivo.

Percebeu-se também, nas observações e no levantamento físico (Figuras 4.27, 4.28, 4.29, 4.30 e 4.31) que as apropriações entre os dois públicos (jovem e idosos), acontecem com mais intensidade justamente quando acontece alguma atividade no CRAS e/ou em horários específicos, por exemplo: ida e chegada do trabalho, da escola, etc. A praça em si, conta com elementos urbanos que compõem um espaço multigeracional, tais como: mesas com jogos de xadrez, academia ao ar livre, playground, bancos, uma área bem arborizada com bancos, além de possuir uma caixa d’água **onde os próprios moradores dos arredores usam em suas casas e na própria manutenção da praça.**

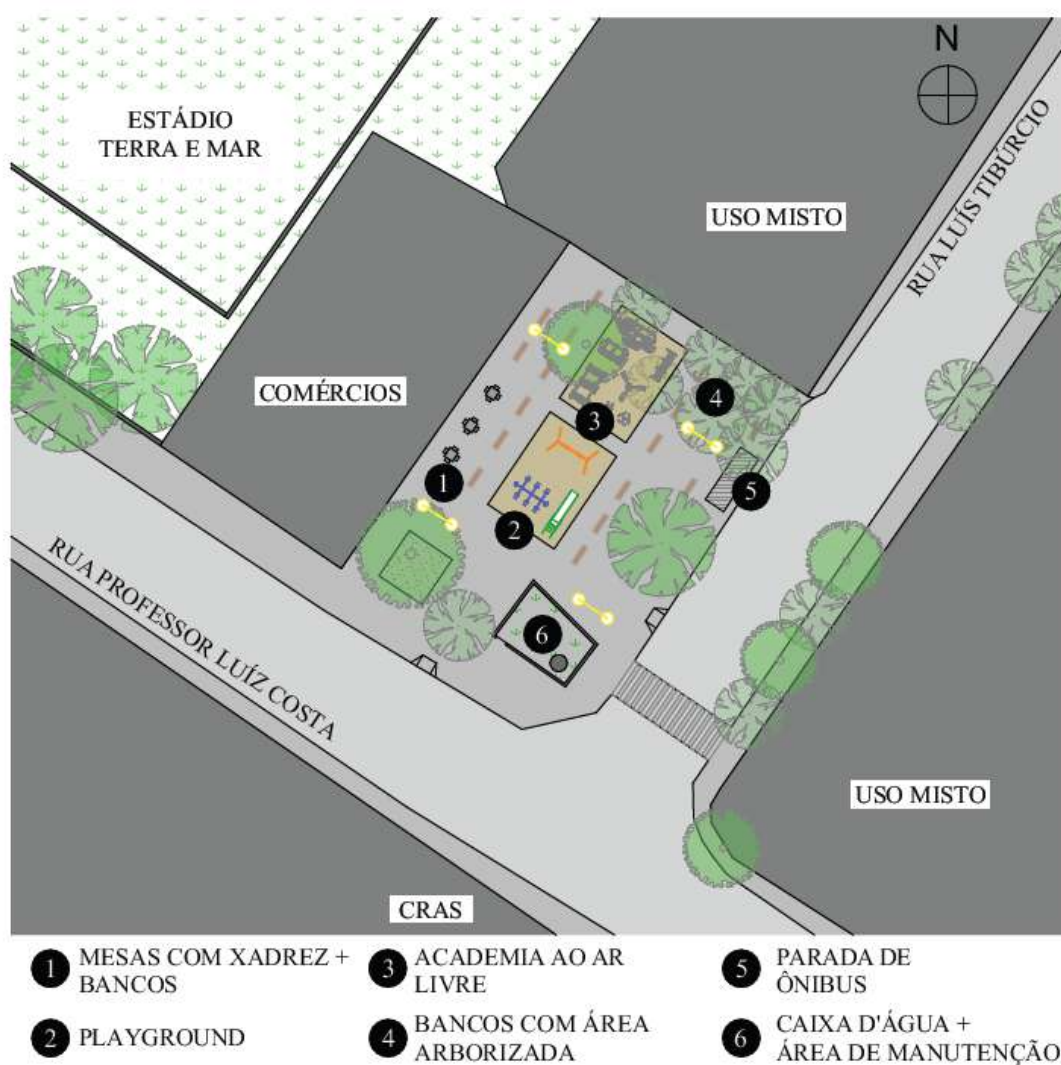


Figura 4.27 – Levantamento físico da Praça do CRAS no Bairro Vicente Pinzón. Fonte: Autor, 2022.



Figura 4.28 – Vista 01 da Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón. Fonte: Autor, 2023.



Figura 4.29 – Vista 02 da Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón. Fonte: Autor, 2023.



Figura 4.30 – Vista 03 da Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón. Fonte: Autor, 2023.



Figura 4.31 – Vista 04 da Praça do CRAS no bairro Vicente Pinzón. Fonte: Autor, 2023.

Ainda analisando a estrutura física, percebe-se que é uma praça de pequeno porte, mas que ao mesmo tempo torna-se convidativo em diversos horários do dia pois é lugar onde a vizinhança senta aos fins de tarde, tomam café, esperam o ônibus, chegam da escola, onde todos esses usos tornam a praça uma extensão das casas que a circundam. Apesar disso e de possuir uma estrutura potencial para os dois públicos, a apropriação de forma a dinamizar a vida urbana depende também das atividades propostas como forma de incentivo, como aponta London (2008). Principalmente no grupo jovem foi identificado a existência de vários artistas e como é percebido na do jovem entrevistado, a **arte urbana** pode ser um elemento que pode contribuir com a potencialização da vida urbana da praça e de outros espaços do bairro, especialmente se for feito por um morador.

“Por exemplo, tem muito idoso que passa e eu tô na parede fazendo minha arte, diz assim: ‘que arte linda cara’, ‘você se garante’, ‘tá foda’ e a gente? cara, obrigado... é da rua pra rua, isso me deixa feliz demais, tá ligado?
EJ_02_21anos;

Diante do exposto, foi percebido o potencial tanto para interação quanto para a apropriação de ambas as gerações, quando se trata de oferecer atividades de lazer através dos Centros Sociais. Os mais velhos demonstraram mais segurança em estar nos espaços públicos quando há apropriação do grupo jovem, ainda mais se estes puderem colaborar/mediar as atividades de interação. O grupo jovem também corrobora com o interesse em ajudar e reconhecer a importância dessas interações, destacando a importância de carregar um legado a partir das memórias construídas com os mais velhos. A Unesco (2000) ressalta a importância dessas atividades incentivadas pelos Centros Sociais, sendo elas um meio para contribuir com

a minimização do preconceito etário e da aproximação geracionais nos espaços da cidade. O cruzamento das falas dos entrevistados das distintas gerações a seguir, sinaliza isso a afirmação anterior:

“essas atividades de repente poderiam oportunizar por exemplo, um mais velho ver o quanto a juventude se transformou, que a imaturidade foi embora, que os jovens estão cada vez mais presentes na arte, nas ruas, nas ações e que a gente pode contribuir até com a vida ativa deles ao passo que contribuímos com a nossa - ocupando os espaços.” EJ_04_24anos;

“depois desses programas que o governo botou aqui né? Muitos deles mudaram muito e são até chefes das atividades que acontecem aqui nos centros. Acho que falta mais olhar por eles, pra que cheguem na nossa idade e continue cada legado, né... eu vejo que o CRAS ajuda muito e o CITS também, os que a gente tem mais contato são eles...” EI_04_75anos;

“Tipo assim, precisava ter um apoio de alguma atividade, porque tipo, é... você pega, um exemplo, pegar uma biblioteca ambulante, trazer para uma praça e tal, se não tem um oficineiro, se não tem uma rede de leitura, se não tem uma pessoa que faça uma mediação, de leitura e tal, então por si só não dá.” EJ_03_24anos;

Deste modo, em geral, compreende-se que há uma falta de diálogo associada a uma vontade de interagir entre ambas as gerações. Isso é percebido na fala dos idosos entrevistados que com certa frequência pegam ônibus na Praça do CRAS e a partir disso é percebido nas falas que algumas interações contribuem até com uma dúvida ou até uma ajuda na hora de pegar o ônibus coletivo. Já nas falas dos mais jovens, um dos entrevistados relata que por muitas vezes, em um dos muros desta mesma praça, costuma fazer sua arte e alguns dos idosos o elogiam, demonstrando uma convivência positiva a partir da arte urbana. Vale ressaltar que, ambos os respondentes fazem parte das atividades promovidas pelo CITS Mucuripe (Figura 4.32) e Centro Comunitário do bairro (Figura 4.33), demonstrando então que os Centros Sociais a partir da elaboração de atividades intergeracionais na cidade podem cooperar com uma minimização do preconceito etário.



Figura 4.32 – Centro de Inclusão Tecnológica e Social - CITS Mucuripe no bairro Vicente Pinzón.
Fonte: Autor, 2023.



Figura 4.33 – Centro Comunitário do bairro Vicente Pinzón em Fortaleza, Ceará. Fonte: Autor, 2023.

Nas observações foram percebidos alguns fatores que são importantes para a Praça do CRAS ser um ponto de encontro (nodal), sendo eles: a proximidade com os Centros Sociais mencionados e a predominância do uso misto. No entorno do espaço existem escolas de ensino fundamental, campos de futebol, academia, mercadinhos e as próprias escadarias para acessar o Mirante (parte mais alta do bairro). É possível comprovar a assertiva anterior, através do diálogo entre Lynch (2011) e Abbud (2006) onde pontuam que as **interfaces e as conexões dos espaços públicos vinculadas as rotas de circulação facilitam os deslocamentos, possibilitam uma maior permanência nos espaços das praças, contribuindo para uma possível interação.**

No geral, pudemos destacar que enquanto visitante da Praça do CRAS, houve a sensação de estar sendo observado ou de se estar adentrando a um espaço comunitário, numa espécie de “olhos da rua” de Jacobs (2011), em que os moradores durante o dia, principalmente no início da manhã e fim da tarde, estavam nas calçadas ou janela conversando entre si. Entretanto, demonstravam receptividade em qualquer abordagem e notamos que as redes de vizinhança tornam a praça como a extensão da própria casa, transferindo o ato de sentar à calçada aos fins de tarde para o referido local.

4.2.1 Potencialização da vida urbana e o desvelar dos afetos

Como já mencionado no capítulo 2 desta pesquisa (página 36), as relações intergeracionais na cidade foram reconhecidas no início do século XXI como estimulantes a potencialidade urbana, lidando com tensões etárias e reduzindo preconceitos. Aliado a este diálogo, Bomfim (2010) fala que ouvir e considerar a voz dos cidadãos pode ser o caminho para o desenvolvimento de uma ética (ação) na cidade. Então, a cidadania neste caso está relacionada diretamente ao território onde o ser humano vive e constrói seu modo de vida, uma vez que ela é a chave para um acesso mais democrático na construção de espaços urbanos mais saudáveis para todas as gerações.

Neste caso, o incentivo intergeracional na cidade é reconhecer a potencialidade que o idoso tem em trocar experiências com os mais jovens, incentivando-os a preservar e cuidar dos seus espaços, contribuindo assim, para uma cidade mais saudável a partir da preservação dos vínculos estabelecidos com os lugares. A intergeracionalidade neste caso, pode contribuir para uma maior apropriação dos espaços da cidade, especialmente em lugares que representam algum vínculo afetivo retratado pelos usuários. Essa afirmativa é percebida nas colocações de dois dos entrevistados:

“Seria uma coisa positiva pra viver né, ficar na praça, porque se tiver um povo assim mais jovem a gente se sente até mais segura, o negócio é que a gente vai pra esses lugares, volta cedo... passa pouco tempo... porque pra gente da nossa idade é perigoso. Eu acho.” **EI_03_76anos;**

“...então aqui e acolá eu gosto de andar ali pelo Mirante com minha companheira... porque ali tem os policiais e os jovens gostam muito de ficar até altas horas, e aí quando a gente vai sabe que tem algum movimento, mesmo que seja pouco... antes tinha mais né.” **EI_04_75anos;**

Nesse mesmo viés, o vínculo estabelecido nos espaços aliado as relações entre jovens e idosos, como grupos mais vulneráveis, possibilitam um sentimento de maior segurança ao utilizar esses espaços, tornando-os mais dóceis (GÜNTHER; ELALI, 2018). Para isso, retomamos a Lynch (1982) onde um destaca importância da imagem mental para o sujeito nas dimensões de identidade, estrutura e significado. Para que se construa um vínculo positivo com o espaço, transformando-o em lugar (TUAN, 2013), os jovens e idosos precisa vivenciá-lo e ter bons encontros, por exemplo.

Pelo exposto no capítulo 3 (página 75), a construção de mapas cognitivos ou mentais é um processo que acontece através da vivência no espaço, onde podemos ser afetados de forma cognitiva ou afetiva. Na metodologia adotada por Lynch, tem-se a cognição e o conhecimento ambiental centrado na estrutura que o espaço é traduzido para o indivíduo, compreendendo-o de forma fragmentada e individual. Neste intervalo, Bomfim (2010) acessou esses dois níveis, sem desconsiderar o terceiro, o campo dos significados dos espaços, indispensáveis para o senso de lugar.

Pelo olhar de Vygotsky, o significado é o desenvolvimento dos processos cognitivos carregados de sentidos pelas vivências individuais no meio cultural, ou seja, o lado mais afetivo. Assim, apresentamos através dos desenhos, poemas ou qualquer outra forma em que os jovens e idosos conseguiram desvelar seus afetos pelo bairro.

Para melhor organização da apresentação dos resultados dos Mapas Afetivos dos jovens e idosos (Apêndices F e G), foi elaborada duas nuvens de palavras, sendo a primeira do grupo jovem (Figura 4.34) e a segunda do grupo idoso (Figura 4.35, página 106). A seleção de palavras se deu a partir das **metáforas**, **significados**, **sentimentos** e **qualidades** elencados na construção do desenho do Mapa Afetivo sobre o bairro Vicente Pinzón. No preenchimento das informações gerais para o mapa, dos 8 respondentes apenas **3 deles não são nascidos no bairro, porém vivem há muitos anos no território**, exceto pelo **Idoso 04 que mora há apenas 4 anos**. Mesmo com algumas diferenças temporais, ainda assim, é perceptível a predominância de uma estima de lugar positiva entre jovens e idosos.

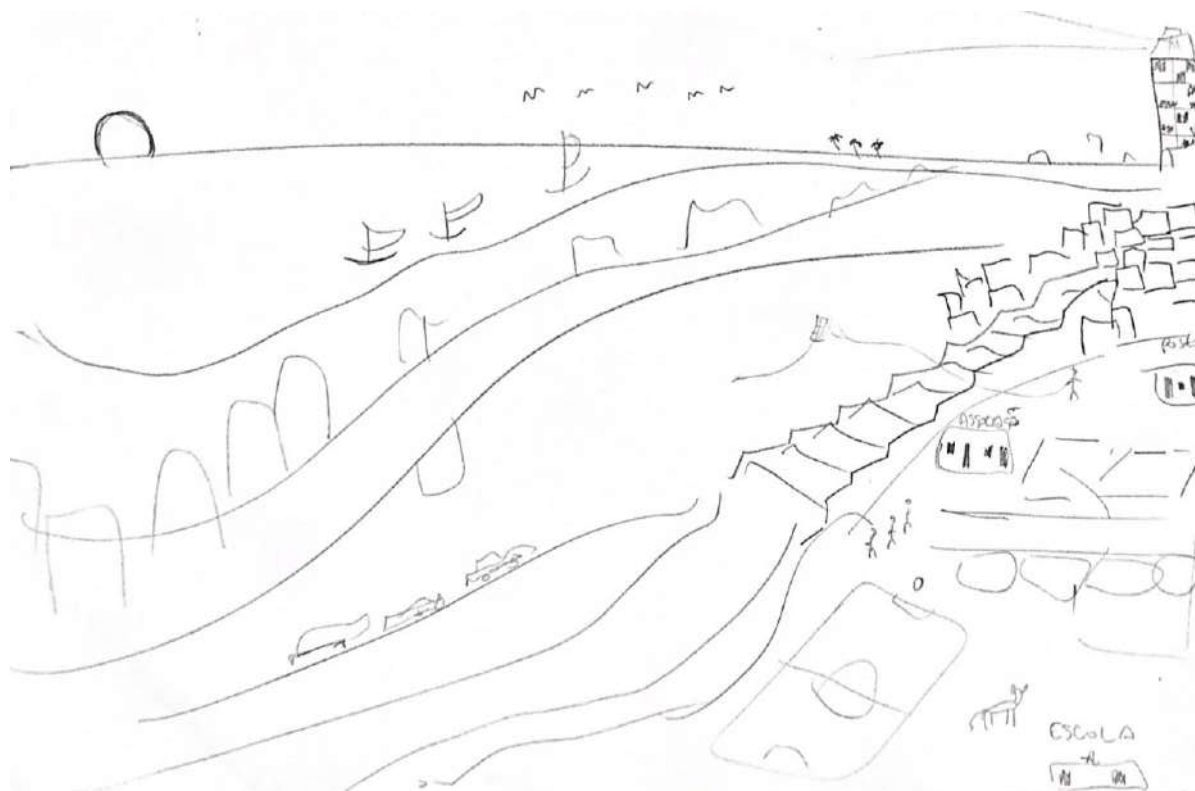


Figura 4. 35– Desenho do Mapa Afetivo elaborado pelo Jovem 03. Fonte: Autor, 2023.

As **escadarias** são apontadas para além de um elemento de circulação, elas também servem como permanência e acesso aos locais mais altos do bairro, como por exemplo, a **Praça do Mirante**. Sendo o ponto mais alto, o jovem relata que a contemplação da vista com a orla da praia (**paisagem**), é um ponto muito importante pois o mar é um dos maiores símbolos de um território onde vivem muitos pescadores. Não é à toa que, as ruas foram sendo nomeadas com o passar do tempo com os nomes de alguns, como se pode ver na **fala do Jovem 02**:

“E uma das histórias que eu preservo mais do Mucuripe é essa questão sabe? Porque até **o nome das ruas aqui da comunidade são nomes de peixes e de pescadores**, tá ligado? Rua Pescador Chico Bidar, Rua da Enxova, é... vamos se dizer assim, Avenida dos Jangadeiros, Manuel Dias Branco - que foi um dos grandes pescadores que anos atrás, na década de 90 reivindicar direitos lá no Rio de Janeiro e morreu por lá, tá ligado? O conhecido, Manuel Jacaré...então é muito simbólico pra gente.” **Jovem 02**;

Pelo exposto, Segundo Gehl (2010) e Lynch (2011), tanto as **Escadarias** quanto as **Praças** se classificam como **Marcos e Referências Urbanas**, enquadrando-se dentro dos indicadores de qualidade espacial, tanto a **legibilidade** e quanto **permeabilidade**. Todavia, o **Jovem 02** é um dos articuladores do CITS Mucuripe e em sua experiência, percebe que os espaços como as praças tem tido uma ausência de apropriação, acarretado principalmente pelo

sentimento de insegurança diminuindo assim a identidade com o lugar. Libardoni (2018) destaca que a segurança no meio público é um meio de trazer autonomia e independência a jovens e idosos, contribuindo assim para uma maior apropriação dessas duas faixas etárias.

Além disso, o **Jovem 03** menciona o silêncio do poder público e o esquecimento de cuidado com o território, percebendo ao longo do tempo várias intervenções físicas nas praças e nas ruas, mas que rapidamente voltam à uma situação precária. A partir da fala, é notória a vontade dos moradores de agir na mudança e na autogestão dos seus espaços, mas é apontado que as pessoas nunca são consultadas quando é realizada qualquer intervenção no bairro. O respondente acredita que esse esquecimento, provém especificamente da especulação imobiliária ao colocar que:

“estamos às margens – seja literalmente do mar – onde construímos nossa história e às margens de grandes projetos, por exemplo: a “requalificação da beira mar” e os prédios altos que impedem nossa visão da orla da praia, a gente se sentem cada vez mais engolido e principalmente, esquecidos” **Jovem 03;**

De forma metafórica, o Jovem usa a metáfora **“Paraíso na Terra”** ao referir-se ao Vicente Pinzón pois para ele é como se fosse um respiro em meio a uma cidade tão desigual. A questão de sentir-se totalmente esquecidos pelo poder público foi um sentimento quase que unânime por todos os respondentes desta pesquisa, demonstrando a relação que isso tem com a cidade de **Fortaleza** como um todo, pois como aponta a ONU é a **segunda cidade brasileira mais desigual do país**, atrás apenas de Goiânia.

Aliado a essa afirmativa, a caracterização física do lugar é comparada a um **castelo de madeira** – como metáfora produzida pelo **Jovem 02**, tanto pelo visual das casas (lembrando um castelo) (Figura 4.36) e a madeira representa o material de que as habitações eram feitas antes de receberem uma infraestrutura mais adequada – reforçando que, ainda hoje funciona dessa forma. Neste caso, é percebido que a paisagem urbana das casas é um aspecto simbólico positivo para os moradores e que essa estrutura de madeira é feita pelos moradores desde a época do movimento de ocupação feita de pescadores mencionada anteriormente (Tópico 4.1.1.2, página 81).

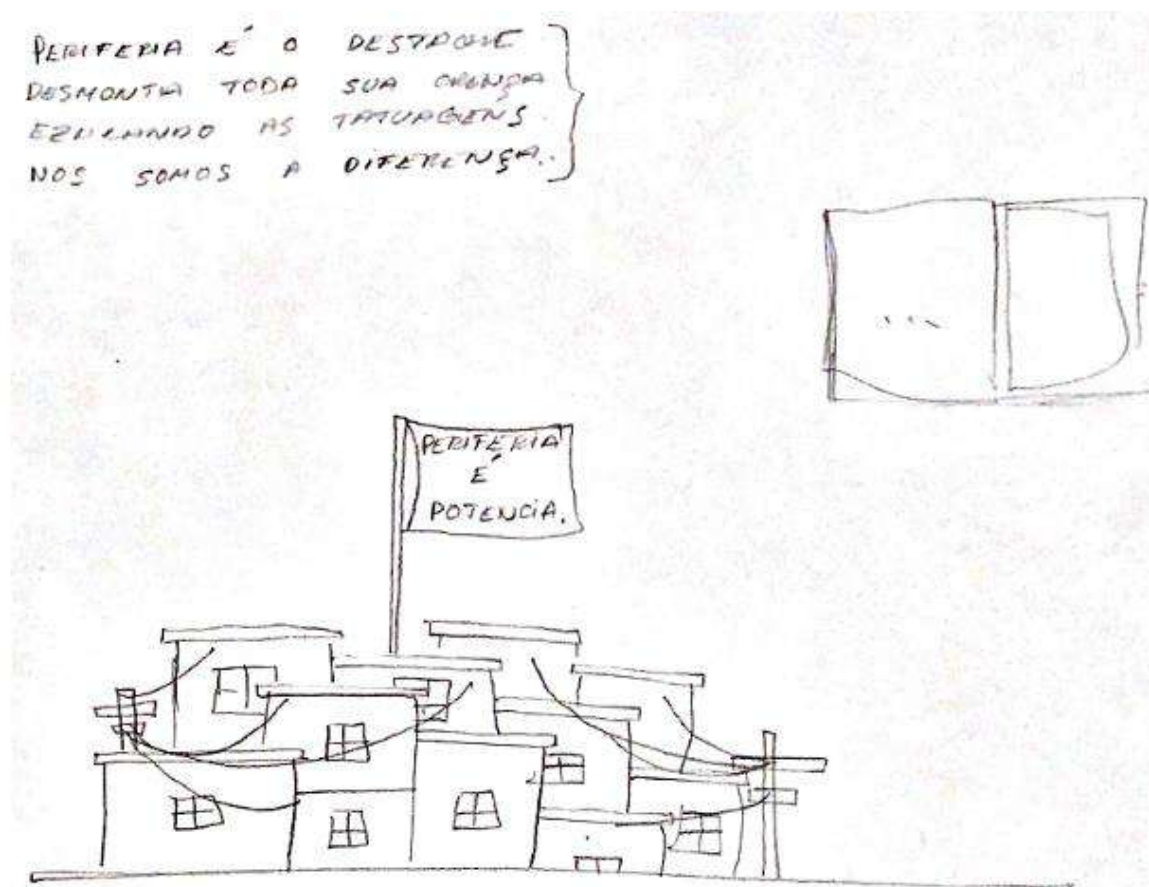


Figura 4.36 – Desenho do Mapa Afetivo elaborado pelo Jovem 02. Fonte: Autor, 2023.

Para representar o sentimento pelo bairro, o **Jovem 02**, *rapper* do território e articulador do CITS Mucuripe, coloca que o lugar é potência, elaborando no momento que confecciona seu Mapa Afetivo, um trecho para falar do lugar:

“Periferia é o destaque, desmonta toda a sua crença... exalando as tatuagens, nós somos a diferença.

Periferia é potência!” EJ_02_21anos;

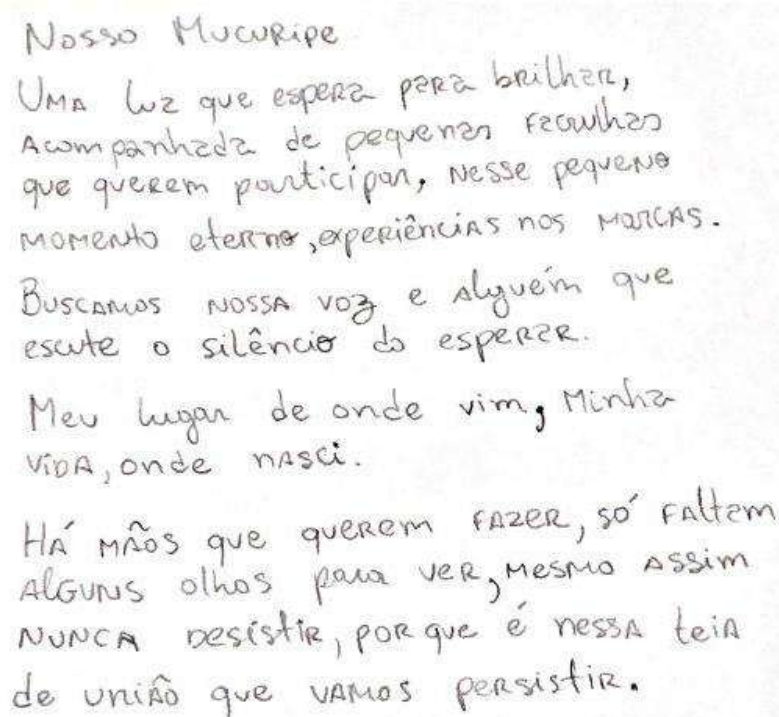
O jovem é compositor, *rapper* e faz artes urbanas com a ‘pichação’, o mesmo relata que o poder público não o reconhece e outros diversos artistas como algo bom para a cidade, pois sempre desfaz e invisibiliza tudo que a população (especificamente jovem) faz no bairro como forma de resistência, ocupação e de legado (**identidade**). Pontua ainda que se considera um marginal – por morar às margens da burguesia e que luta todos os dias com os seus, apesar de tudo, para continuarem sendo “os donos” do Mirante, o grande Mucuripe.

A partir dessa colocação de “os donos do Mirante” e “meu lugar” podemos dialogar com a vontade de continuar com um fortalecimento comunitário e de criação de uma rede de

apoio entre a comunidade em geral, incluindo distintas gerações. Isso ajuda a desbloquear o que Sawaia (2001^a) denomina como potencialidade de emergir a inteireza do indivíduo que se produz na coletividade através do corpo e da consciência. A autora atribui também, e neste momento enfatizamos o grupo jovem, a possibilidade de ao longo do desenvolvimento, ter a geração de uma ação afetiva (social) e efetiva (compromissada), desfragmentando as relações mercantis e individualizantes impostas pela nossa sociedade. Neste caso, a intergeracionalidade aparece como um dos aspectos que pode contribuir com a potencialização da vida urbana.

Como já mencionado, a vontade de agir sobre o território, transformando-o e fortalecendo em seus aspectos simbólicos é um sentimento destacado por todos os jovens e idosos. Partindo desse pressuposto, na elaboração de seu Mapa Afetivo, a **Jovem 01** acredita que na inserção e na participação popular nas transformações do seu território, destacando que cada geração que ali nasce e resiste é responsável pela potência que aquele lugar emerge. Isso pode ser observado na fala dos autores Andrade (2008) e demais autores Gonzáles-Celis; Esquivel; Jiménez (2005), onde ressaltam a importância do papel da pessoa idosa na troca de experiência com os mais jovens no sentido de fortalecer a importância de preservar as memórias afetivas do lugar.

Ainda neste viés, percebe-se que a experiência da **Jovem 01** se implica de forma mais forte nos níveis simbólicos pautado em uma vinculação positiva ao lugar, baseados em Giuliani (2003). Os aspectos estruturais e físicos não são desconsiderados, todavia, o problema está mais concentrado na desconsideração dos vínculos afetivos e na inserção de toda a comunidade nas transformações do seu território. A partir do poema como representação do sentimento pelo bairro (Figura 4.37), é percebido uma força no afeto pelo lugar e a demonstração de vontade de agir na autogestão dos espaços, mas que as pessoas continuam não sendo escutadas. De todo modo, é visto que a desistência de resistir não é uma opção, mesmo quando se resiste em uma área onde os olhos da especulação imobiliária não se fecham. União, Resistência, Afeto e Ação-transformação resumem a metáfora feita pela Jovem 01 (Apêndice F).



Nosso Mucuripe
 Uma luz que espera para brilhar,
 Acompanhada de pequenas recaulhas
 que querem participar, nesse pequeno
 momento eterno, experiências nos marcos.
 Buscamos nossa voz e alguém que
 escute o silêncio do esperar.
 Meu lugar de onde vim, Minha
 vida, onde nasci.
 Há mãos que querem fazer, só falem
 alguns olhos para ver, mesmo assim
 nunca desistir, porque é nessa teia
 de união que vamos persistir.

Figura 4.37– Poema elaborado pela Jovem 01 na construção de seu Mapa Afetivo. Fonte: Autor, 2023.

Os resultados da pesquisa do *PlaceAge* (2018) em diálogo com Silva et. al. (2018), corroboram com a insatisfação de jovens e idosos na desvalorização de suas opiniões na tomada de decisões em projetos urbanos de requalificação pelo poder público. Bomfim (2003) enfatiza: todas as gerações devem estar inseridas dentro dessa tomada de decisões no ambiente em que vivem e se relacionam, uma vez que as modificações temporais do lugar estão ligadas diretamente aos vínculos e afetos estabelecidos. Mas, antes de somente inserir a população em decisões projetuais de requalificação urbana, é preciso ouvir as problemáticas elencadas pelos próprios moradores que muitas vezes partem de outro contexto. As falas do jovem entrevistado demonstram a insatisfação de não serem inseridos nas decisões de intervenção feitas em seu bairro:

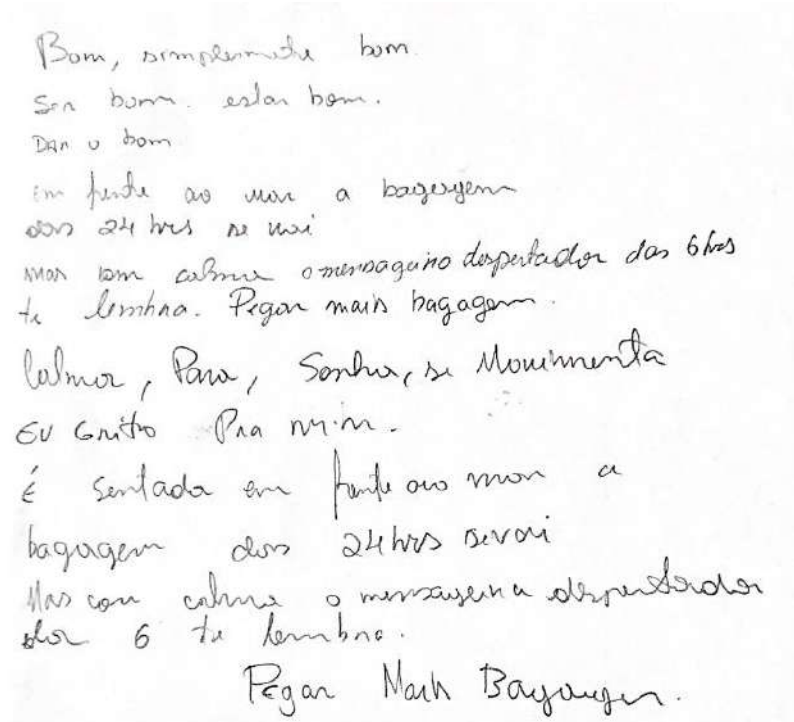
“... não adianta de nada reformar todo ano algum lugar e a gente da minha idade não se sentir seguro lá. A polícia já ajuda muito, mas nem sempre é tranquila e o movimento não acontece se não tiver lugar adequado lá, por exemplo um negócio de sanduíche, um bazar... agora a noite tem que ser mais iluminado porque é muito escuro... Eu mesma não aguento ficar muito tempo sentada naqueles bancos, sem encosto e ruim de sentar.... **o povo que mora nos arredores que cuida das plantas da praça, mas a prefeitura faz é arrancar...** eu aposto que se tivesse uma horta pro povo cuidar, um lugar bem estruturado se nos é impedido de usar? É complicado, cara... Só querem que os turistas usem pra tirar foto.” **EJ_02_21anos;**

“É meio contraditório, porque quando o poder público precisa, até profissionais de outras áreas, é a gente que eles procuram, tá ligado? Procura um chefe de bairro, um articulador comunitário, uma pessoa que interaja e seja porta voz... então quando se tem qualquer tipo de intervenção e projeto, só vai dar certo pra entrar de fato no território se tiver essa articulação entre comunidade e poder público, tá entendendo?” EJ_02_21anos;

É percebido a partir do jovem entrevistado, que não há um diálogo horizontal entre o poder público com os moradores, as intervenções aparentam não funcionar e a população demonstra cansaço e insatisfação em sempre ser consultada de modo inicial, mas que nunca há um retorno efetivo. A desconsideração dos aspectos simbólicos acarreta o esvaziamento desses lugares de convívio, gerando insegurança e medo de permanecer, além de diminuir a qualidade da vida urbana.

Um dos aspectos para contribuir com a potencialização da vida urbana é a preservação da memória do lugar, sejam elas em aspectos físicos ou simbólicos. Os locais tidos como familiares reforçam o sentido de lugar, especialmente por carregarem uma memória coletiva do espaço, onde a população produz um vínculo positivo gerando potência de ação aos espaços urbanos (VALENTE-PEREIRA, 1991; MARICATO, 2014).

A interpretação (sentido) do Mapa Afetivo (poema) elaborado pela **Jovem 04** (Figura 4.38) decifra o bairro e o lugar partir da passagem **“o mensageiro despertador das 6hs te lembra, pegar mais bagagem...”**. A jovem metaforicamente interliga o lugar com o sentimento de **resistência**; uma vez que o **“te lembrar”** pauta-se na potencialização do lugar através das memórias, das histórias, da força que este bairro carrega através dos ensinamentos passados e “preservados” através das distintas gerações. E o **“pegar mais bagagem”**, pauta-se no sentido de sempre continuar a construção simbólica do lugar através de mais aprendizado entre a geração nova e a velha.



Bom, simplesmente bom.
 Ser bom. estar bom.
 Dar o bom.
 em frente ao mar a bagagem
 dos 24 hrs ao mar
 mas com calma o mensageiro despertador das 6 hrs
 te lembra. Pegar mais bagagem.
 calma, Para, Sonhar, se Monumenta
 Eu Grito Para mim.
 é sentada em frente ao mar a
 bagagem dos 24hrs servi
 das com calma o mensageiro despertador
 das 6 te lembra.
 Pegar Mais Bagagem.

Figura 4.38– Poema elaborado pela Jovem 04 na construção de seu Mapa Afetivo. Fonte: Autor, 2023.

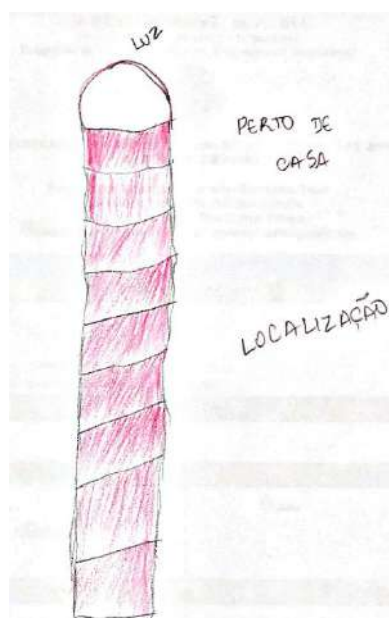
O **significado de expansão** ultrapassa o sentido literal da forma física urbana e chega à expansão no que se diz respeito às memórias afetivas e sentimento de pertencimento ao lugar. Todavia, é importante destacar a qualidade ambiental referida em: “bom, simplesmente bom, estar bom...” revela também um sentido de mesmice e esquecimento. A boa qualidade acaba se aliando ao lugar como **casa e acolhimento**, mas que a percepção dos moradores é que não é um lugar visto pelo poder público como potência. A respondente é uma das articuladoras das atividades intergeracionais que acontecem no CITS Mucuripe e Centro Comunitário e por causa disso, vê **o bairro como uma árvore genealógica**, onde destaca a importância de preservação das memórias e dos legados repassados de geração para geração.

Esse desejo de preservar as memórias dos lugares aliado a uma visão positiva sobre o mesmo, podem ganhar um caráter transformador em Bomfim (2010), uma vez que para a autora, a necessidade de ação-transformação para o bem comum na cidade, primeiramente nasce no desejo do sujeito, transformando-se em ação potencializadora. Por isso, o afetivo-cognitivo é eixo integrador para uma ética e política na cidade, não só o cognitivo racionalizante do conhecimento ambiental.

Outrora, os elementos elencados pelo **Jovem 03** carregam também um forte simbolismo para os idosos, sendo percebidos em seus Mapas Afetivos. Os elementos que aparecem, são: **o Farol** (símbolo de orientação e afeto das famílias de pescadores); **as escadarias** (como

percursos e permanências); **a orla** (como separação da comunidade com o mar); **asjangadas** (como símbolo da fonte de renda das famílias); **e as praças** (espaços livres). Predominam nos desenhos elaborados pelos idosos, **o Farol** (Figuras 4.39) e **as praças**.

DESENHO DA IDOSA 01



DESENHO DO IDOSO 04



Figura 4.39 – Comparação entre desenho da Idosa 01 e o Farol. Fonte: Autor, 2023.

Relatado pela **Idosa 01**, Farol do Mucuripe como elemento de orientação – tanto para os navios que chegam ao porto, quanto para os próprios moradores do bairro Vicente Pinzón. A proximidade com sua residência contribuiu também, para que a respondente escolhesse o Farol para representar memória afetiva. A mesma destaca que além disso, é ponto de encontro de várias gerações, onde especificamente durante a noite reúne diversos jovens que permanecem ali para aproveitar a comida que é vendida informalmente nas calçadas das residências, muitas vezes pelos próprios idosos. A idosa pontua também que o ‘antigo farol’ servia como “praça” (Figura 4.40) para diversos moradores, mas que foi esquecido pelo poder público. É importante destacar que o elemento foi apontado como lembrança de um tempo em que a praia era mais “aberta” aos pescadores e que com os grandes projetos, essa relação foi gerando um sentimento de perda.



Figura 4.40 – Antigo Farol do Mucuripe localizado próximo ao Porto do Mucuripe em Fortaleza, Ceará. Fonte: Jornal O Povo, 2022.

O Farol do Mucuripe (O novo) apareceu nos desenhos e falas dos 4 idosos, sendo um marco importante para os moradores do bairro servindo como localização (**legibilidade**), uma vez que segundo Lynch (2011), dessa maneira a leitura espacial do bairro se torna mais fácil tanto pelos usuários. Além disso, é ponto de encontro entre jovens e idosos, onde as ruas que circundam o Farol acabam servindo como lugar para sentar aos fins de tarde e encontrar pessoas. Na interpretação do sentido da imagem feita pela **Idosa 01** (Apêndice G), podemos perceber a qualidade simbólica que este marco tem para ela e para a vizinhança.

SENTIDO (interpretação dos pesquisadores): A idosa demonstrou em seu desenho o **Farol do Mucuripe como elemento de orientação** – tanto para os navios que chegam ao porto, quanto para os próprios moradores do bairro;

Assim, é identificado nesta análise elementos que são referências visuais importantes para uso e apropriação dos moradores/visitantes, além de fazer parte de uma memória afetiva entre os dois públicos. Além da linguagem arquitetônica distinta entre o “Farol Velho e o Novo”, outro ponto que chama atenção é a relação existente entre a distância dos mesmos (Figura 4.41).



Figura 4.41 – Relação da distância entre o Farol Velho e o Farol Novo. Fonte: Autor, 2023.

Ainda que o “Farol Antigo” do Mucuripe esteja fora dos limites territoriais geográficos do bairro Vicente Pinzón (2 km), deve ser levado em consideração que os moradores desse território desconsideram tais limites, considerando todo o entorno do Cais do Porto, Mucuripe, De Lourdes, Praia do Futuro I como o Grande Mucuripe²³. A identificação com o lugar pode ultrapassar os limites geográficos impostos pelo Poder Público, assim como coloca Cavalcante (2017), a comunidade existente entre os diversos bairros que compõem a ponta leste da capital cearense, considera-se de forma homogênea, parte do Grande Mucuripe. Essa leitura do

²³ Enquanto construção social, o bairro extrapola seus limites político-administrativos atuais, tornando impossível sua análise sem considerá-lo de forma ampliada, analisando-o conjuntamente com os bairros Varjota, Cais do Porto e Vicente Pinzón (CAVALCANTE, 2017).

conflito com os apontamentos de Giuliani (2003), que considera que a potencialização dos vínculos com os lugares se dá partir da identidade construída pelos usuários e com o cuidado em que os mesmos tem por determinado lugar. **O Idoso 04** ainda pontua que:

O Vicente Pinzón e o Grande Mucuripe **são os bairros do 'já teve'** igual a cidade de Fortaleza. **El_04_75anos;**

Ainda sobre as metáforas apresentadas na nuvem de palavras produzida pelos idosos, **as Idosas 02 e 03** destacam em seus desenhos, um forte apego pelo bairro a partir da possibilidade de interagir nas praças relacionando sua calçada como extensão da própria sala de estar (Figura 4.43). O aspecto positivo atrelado a este elemento urbano, se dá pelo fato de poder sentar à calçada aos fins de tarde, onde segundo as respondentes bem é sombreado e possui uma diversidade de vegetação, plantada e cuidada pelas mesmas. Essas colocações estão ligadas **diretamente ao conforto físico e a maior permanência e apropriação dos espaços públicos** apontados por Ferraz (2013), uma vez que a Idosa 02 compara a boa arborização de sua rua com a praça do Mirante.

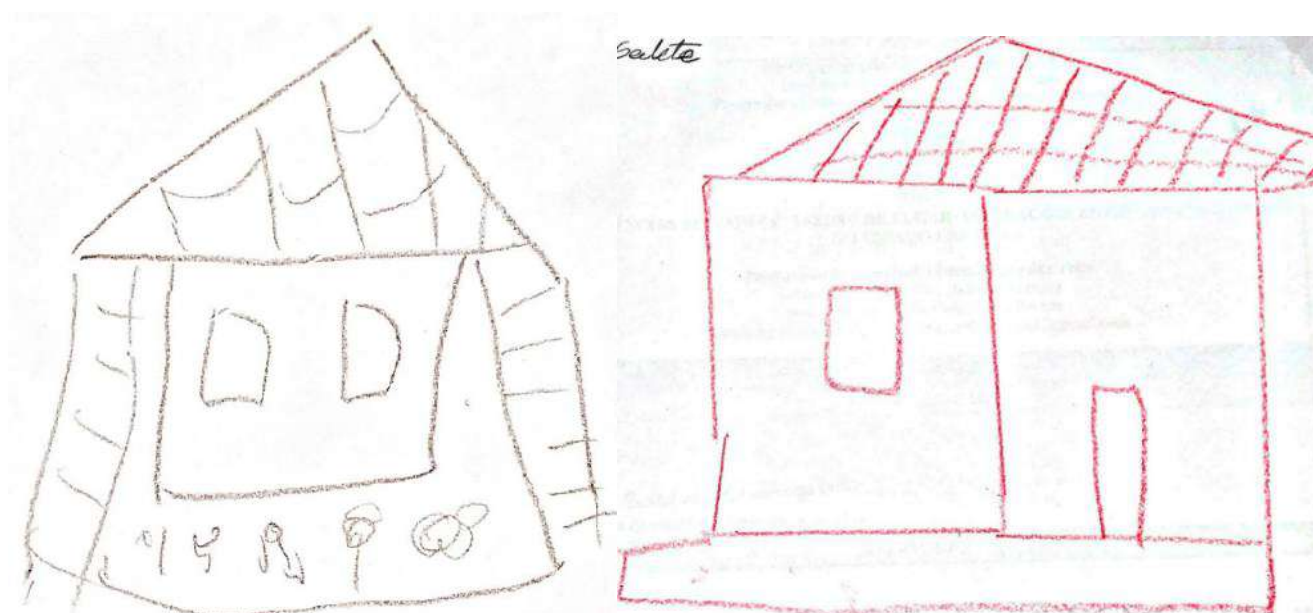


Figura 4.43 – Desenhos elaborados nos Mapas Afetivos das Idosas 02 e 03. Fonte: Autor, 2023.

É o que se pode perceber nos resultados das pesquisas de Martins (2021), demonstrando que em áreas não centrais da cidade distintas gerações se encontram para conversar nas calçadas e praças, realizando atividades desportivas nas ruas, principalmente, nos fins de tarde. As idosas ainda ressaltam que, se sentem em família na vizinhança que moram, **fortalecendo ainda mais**

a sensação de segurança nos arredores de sua casa e que desejam o mesmo para as praças, como exemplo, a do Mirante.

De modo geral, as idosas tem uma estima positiva pelo bairro classificando-o como “o melhor lugar do mundo”, mas é importante destacar um ponto sinalizado pela Idosa 02, que as atividades realizadas no Centro Comunitário – mediada pelos jovens, a encorajam estar mais ativa atualmente pois a morte recente de seu filho a deixou entristecida por muitos meses dentro de casa. A mesma, diz que “esse movimento” fez com que muitos dos idosos assim como ela, saíssem mais de casa para interagir, dançar, brincar e conversar. Colaborando com a fala anterior, a Idosa 03 acredita que **a iniciativa dos jovens** que organizam hoje, as atividades nos Centros tem papel fundamental para **fortalecimento e preservação desta memória, além de serem o intermédio para que esses momentos possam se estender para os espaços públicos do bairro.**

Assim, foi possível perceber que Bomfim (1996) e Sawaia (2001a), são essenciais para pensarmos na possibilidade de desenvolver cidadãos corresponsáveis, tanto de forma individual quanto social na ação-transformação ético-política da cidade. Redes de apoio construídas na vizinhança são essenciais, uma vez que a **conectividade social apareceu como forte elemento favorecedor dos encontros, das apropriações e permanências nos espaços públicos.** Isso não quer dizer que os aspectos físicos sejam menos importantes para uma boa qualidade ambiental, mas que as relações construídas em determinado lugar precisam ser prioridade se é almejada uma cidade mais plural e democrática. A participação popular precisa ser figura principal na construção das cidades e essa intervenção precisa acontecer na base, ou seja, na elaboração de políticas urbanas efetivas que respeitem cada realidade e contribuam para uma maior preservação do senso de lugar.

5 CONCLUSÃO

Este capítulo apresenta as conclusões da dissertação, onde é retomado ao problema e pergunta de pesquisa relacionando com os objetivos geral, específicos e com os métodos utilizados. São feitas considerações acerca da contribuição desta pesquisa para potencialização de espaços urbanos a partir das relações intergeracionais e do senso de lugar. Além disso, são apresentadas recomendações de diretrizes urbanas que contribuam com a elaboração de uma cidade mais coerente com cada realidade, a partir da pluralidade entre as gerações (jovens e idosos) e da criação de vínculos positivos com os lugares. Por fim, são apontadas as dificuldades encontradas no processo e sugestões de desdobramentos da presente investigação.

Ao levantar possibilidades que corroborem com uma vida mais saudável para todos nas cidades, é necessário pensar na inclusão da comunidade não somente em seus processos decisórios, mas, principalmente, em possibilitar que os sujeitos sejam agentes de transformação dos espaços em que vivem. Nesse contexto, retoma-se o **problema desta pesquisa** girou em torno da **não inclusão das gerações dentro dos processos de ação/transformação dos espaços, desconsiderando seus vínculos estabelecidos, causando, assim, consequências negativas ao nível psicológico e dos comportamentos das populações.** A partir das discussões feitas na fundamentação teórica deste trabalho, é notório que ainda há uma insuficiência na articulação de políticas públicas de reintegração social para com as gerações com foco na afetividade e no senso de lugar, especialmente nos espaços da cidade.

Partindo de uma abordagem realizada a partir da ótica da área da Psicologia Ambiental, houve a possibilidade de se ter uma visão ampla do contexto geral, especialmente quando se trata entre mais de uma geração e a vida na cidade. Contribuindo assim para que fosse possível responder a seguinte **pergunta de pesquisa**: **Como a interação entre as gerações baseada no senso de lugar podem contribuir com a potencialização da vida urbana?**

Por conseguinte, como **objetivo geral**, este trabalho pautou-se na **elaboração de recomendações de diretrizes para políticas urbanas baseadas interação entre jovens e idosos e no senso de lugar,** contribuindo assim com a potencialização da vida urbana. Espera-se, também, que essa inserção comunitária dentro da transformação dos espaços urbanos estimule a potência de ação dos usuários de distintas gerações, contribuindo, assim, com a construção de uma comunidade mais cidadã.

Para atingir o objetivo citado, foram estabelecidos três objetivos específicos:

- (i) Analisar a intergeracionalidade com ênfase nas relações estabelecidas nos espaços urbanos, seus vínculos com o lugar e como essas podem contribuir para a potencialização da vida urbana;
- (ii) Caracterizar e mapear o bairro em seus aspectos socio físicos e afetivos que corroborem com a potencialização do encontro geracional e da vida urbana;
- (iii) Compreender, a partir das investigações, como a interação entre as gerações com base nas apropriações e nos afetos pode cooperar com a potencialização das relações pessoa/ambiente e da vida urbana.

Os objetivos foram atingidos a partir da coleta de dados **(i)** pesquisa bibliográfica e documental **(i)** observação **(ii)** levantamento físico; **(iii)** mapas afetivos **(iv)** entrevistas semiestruturadas e da análise qualitativa de um estudo de caso, realizado no bairro Vicente Pinzón localizado na cidade de Fortaleza/CE.

5.3 PRINCIPAIS RESULTADOS

Os resultados obtidos no estudo de caso, mostram o bairro Vicente Pinzón, primeiramente como parte do grande Mucuripe, onde os moradores provindos de uma vila de pescadores se sentem parte de um território muito mais abrangente do que os limites geográficos impostos. Durante a coleta de dados, a assertiva anterior tornou-se fio condutor dessa pesquisa, especialmente ao se investigar senso de lugar baseado em relações intergeracionais na cidade. Apesar de alguns achados apontarem semelhanças entre as duas gerações aqui consideradas, a pluralidade dessas relações e dos espaços urbanos congregaram uma maior complexidade para além dos limites físicos das Associações e das Praças existentes em seu entorno.

Com relação ao objetivo específico 01, buscou-se **analisar a intergeracionalidade com ênfase nas relações estabelecidas entre jovens e idosos na cidade, seus vínculos com o lugar e como essas podem contribuir para potencialização da vida urbana.**

A partir das entrevistas e observações, foi percebido um grande conhecimento sobre o lugar entre os dois públicos aqui estudados. O simbolismo do espaço apareceu como ponto forte nas falas de todas as gerações, desde as relações intergeracionais possibilitadas pelas atividades que acontecem nos Centros Sociais até o forte sentimento de vizinhança e acolhimento elencado pela maioria dos respondentes. Os espaços de transição e permanência do bairro possuem um **forte símbolo e memória** entre os moradores do bairro Vicente Pinzón,

onde por exemplo, na fala de um dos jovens é dito que a toponímia das ruas carrega o nome de grandes pescadores, fazendo com que o grupo jovem cresça, entenda a história de seu território e saiba a importância de preservá-lo.

Tanto os jovens quanto os idosos, ao relatarem as memórias construídas nos espaços do bairro, demonstram que os laços familiares são a base para repassar os ensinamentos e legados para as diferentes gerações, sejam nascidas ou não no bairro. Todavia, foi possível perceber que mesmo com a intensificação das atividades produzidas no CITS Mucuripe, no Centro Comunitário e no CRAS, ainda não se tem estratégias efetivas que faça o intercâmbio entre as atividades intra e extramuros. Vale ressaltar também, que uma das maiores preocupações relatadas por ambas gerações que fazem com que a potencialização dos usos dos espaços públicos tenha enfraquecido, ainda é a **insegurança**.

Ambas as gerações consideram positiva a interação nos ambientes urbanos, onde por exemplo, pelos relatos dos idosos muitas vezes permanecem mais tempo nas praças e nas ruas, quando há uma intensa movimentação de jovens e atividades. Os relatos positivos sobre as experiências intergeracionais, demonstram grande potencial em propiciar mais possibilidades de atividades que congreguem jovens e idosos e que corroborem com a potencialização da vida urbana. Todavia, os ambientes também devem conter **aspectos físicos** que favoreçam a permanência e uma maior sensação de segurança entre mais de uma geração.

Em contrapartida aos aspectos positivos baseados nas relações intergeracionais, alguns apontamentos serviram de alerta e devem ser levados em consideração, tomando como exemplo, o preconceito etário. Em ambas as gerações, foi relatado uma **maior tensão etária entre o público idoso com o mais jovem**, percebendo que muitas vezes essas gerações não têm oportunidade de conversar, de conviver e alinhar seus diferentes modos de viver e pensar. O público jovem entende que os ensinamentos são importantes para preservar e cuidar dos ambientes urbanos, mas não sentem tanta abertura com alguns idosos que não são da família.

Os vínculos com o lugar apareceram mais com base nas relações nas calçadas da vizinhança e na Praça do Mirante, onde aconteciam mais eventos promovidos pelos próprios moradores. O Mirante é um dos locais que mais aparece quando se fala do encontro geracional, pois “grandes eventos” organizados pelos próprios moradores possibilitam que uma maior diversidade de usos aconteça em diferentes horários do dia. A possibilidade de grafitar e fazer encontro de *rappers*, batalhas de *tiktok* e de brega funk são aspectos simbólicos retratados pelo público jovem, já o público idoso prefere a caminhada e os jogos de tabuleiro, mas alegam que sentem mais segurança de permanecer quando os jovens estão movimentando aquele local.

Por fim, ambas as gerações reconhecem que de modo geral, as relações intergeracionais podem cooperar para a potencialização da vida urbana beneficiando ambos os grupos: jovens pela troca de experiência, aprendizado e legado e os idosos por se manter socialmente ativos em seu bairro.

No segundo momento, tivemos o objetivo específico 02 que visou **caracterizar e mapear o bairro em seus aspectos sociais, físicos e afetivos que corroborem com a potencialização do encontro geracional e da vida urbana**. Os espaços físicos do bairro mais citados por ambas as gerações foram a Praça do Mirante e a do CRAS, justamente por estarem dentro do mesmo raio de abrangência em que o Centro Comunitário, o CITS Mucuripe e o CRAS, equipamentos também elencados pelos respondentes, possuindo uma centralidade (**permeabilidade**).

Com base no levantamento físico das Praças, foi percebido que de modo geral ambas possuem uma boa (**diversidade**) de uso em seu entorno imediato. A Praça do Mirante, por já ter tido uma maior concentração fluxo de pessoas em sua primeira reforma e ter o olhar da Prefeitura para um local propício a prática turística, além de possuir aspectos físicos que a enquadra-se como ambiente multigeracional. Apontada de forma quase unânime pelos jovens e idosos, a Praça do Mirante apesar de todas as mudanças ainda é local de encontro, festividade e tem grande significado para a comunidade (**legibilidade**).

Em contrapartida, a praça do CRAS não recebeu a mesma preferência pelos respondentes, ainda que também possua uma estrutura física com elementos que corroborem com o encontro geracional. Acredita-se que, por ser início e fim da linha de ônibus que integra o bairro Vicente Pinzón ao Terminal do Papicu, torna-se local de chegada, partida e passagem durante boa parte do dia, mas, durante a noite é um dos locais mais movimentados do bairro. Todos os aspectos que contemplam a qualidade da vida urbana, estão presentes nos ambientes citados pelos jovens e pelos idosos, inclusive o **conforto físico** que também foi apontado como positivo na área das praças.

O apego e a identidade de lugar pelas referidas praças são citados por ambas as gerações, porém, alguns elementos e edificações tiveram um destaque. Segundo os resultados, os encontros geracionais acontecem de forma mais efetiva entre a Praça do Mirante e a Praça do CRAS, mas isso só é possível pelas atividades realizadas pelos Centros Sociais citados nesta pesquisa. Foi percebido, que ainda é insuficiente a articulação e autonomia da comunidade sobre esses espaços pela questão da insegurança, apontada principalmente pelos idosos, uma vez que se sentem mais seguros quando há presença do grupo jovem na rua.

De modo geral, os jovens e os idosos não relatam em nenhum momento algo de negativo sobre a estrutura urbana do bairro, mas em praticamente todas as falas fazem questão de frisar

a falta de segurança como maior motivo para o esvaziamento e falta de vontade de apropriar-se dos lugares. Por outro lado, o grupo jovem demonstra mais interesse em lutar pelo direito de usar os espaços como queiram, fazer parte das mudanças físicas, deixando sua marca e potencializando o sentimento que os mesmos têm pelo lugar. Incentivar a ação desses jovens sobre o espaço pode contribuir para uma maior apropriação também do público idoso, uma vez que os relatos apontam que os mais velhos se sentem mais seguros quando há presença jovens nos espaços públicos do bairro.

Um ambiente urbano com estrutura física considerada ruim por profissionais e boa pela comunidade, mostra a discrepância dos reais motivos no distanciamento e esvaziamento de distintas gerações em apropriar-se da cidade. Um bairro vulnerável, que se encontra às margens de grandes projetos de requalificação urbana torna-se alvo principal da especulação imobiliária e resiste dia após dia, sofrendo com a falta de investimento público não só na estrutura física, mas na segurança e na inclusão da população nos processos decisórios de seus espaços.

Por fim, o objetivo específico 03 buscou **compreender, a partir das investigações, como a interação entre jovens e idosos, com base nas apropriações e nos afetos, podem cooperar com a potencialização das relações pessoa/ambiente e da vida urbana.** Quanto aos resultados, observou-se que os ambientes são agradáveis e de modo geral são vistos como positivos por ambas as gerações. As artes urbanas, o cuidado com as hortas, as atividades de caminhada pela manhã cedo, a vista do farol e as relações que se formam na vizinhança a partir desses elementos, congregam um vínculo positivo com o lugar tanto pelos jovens quanto pelos idosos.

Apesar de toda a insegurança e pressão entremeada em um território vulnerável que sofre com a especulação imobiliária, o costume da pesca, da dança, das atividades intergeracionais realizadas nos Centros Sociais, são alguns dos pontos de resistência que a comunidade do bairro Vicente Pinzón se utiliza para manter as tradições de seu território. Um lugar, que como um todo para os respondentes pode ser considerado “casa”, onde todo mundo se conhece e luta diariamente para garantir o mínimo oferecido. Por fim, o sentimento não é de um lugar que necessita de reparos, mas sim de um olhar digno de garantia de uma vida melhor, desde os problemas urbanos até a sensação de estar seguro nos locais que são simbólicos para as distintas gerações aqui estudadas.

5.1.2 Recomendações de diretrizes urbanas

A partir da aproximação com gerações tão diferentes em um ambiente vulnerável socialmente e fisicamente, chega-se à conclusão de que insistir em intervenções que desconsiderem a realidade local e a voz das pessoas é apenas parte de um problema maior. As recomendações propostas adiante, podem até ser consideradas óbvias, mas com a pressão que esses territórios sofrem diariamente por não serem prioridade do poder público, chama a atenção para um planejamento urbano que não funciona pois não inclui a comunidade e que cada vez mais entrega às cidades a quem tem maior poder aquisitivo.

Assim, diante dos resultados coletados nesta pesquisa, foram elaboradas as seguintes diretrizes urbanas baseadas no senso de lugar (1) direcionadas aos agentes envolvidos de forma geral e ao (2) ambiente construído e natural.

POLÍTICAS URBANAS:

- Conhecer as reais demandas do bairro e propor intervenções que incluam a comunidade (distintas gerações) no processo de ação transformação do lugar. Em bairros vulneráveis em que muitas vezes o problema maior não está no ambiente físico, devem ser priorizados problemas como por exemplo, a segurança e o incentivo de atividades que aconteçam em distintas horas do dia;
- Promover, junto a um corpo técnico interdisciplinar, a participação comunitária e intergeracional em ações em que os mesmos participem e opinem nas mudanças necessárias nas praças e nos espaços públicos do bairro;
- Estimular o envolvimento e a responsabilidade das comunidades situadas no entorno da área no processo de implantação, operacionalização e gestão do espaço público;
- Elaborar estratégias de ações com intermédio dos Centros Sociais e Comunitários para incentivar nas escolas a importância da educação patrimonial e da preservação do patrimônio material/imaterial do bairro, como por exemplo: O Farol antigo, fazendo com as gerações futuras entendam e sintam a necessidade de ocupar e apropriar-se do local;
- Incentivo da criação de feiras semanais nas praças do bairro, contribuindo com a uma maior apropriação da rua e aumento da venda de comércio locais. A sugestão é que as feiras possam acontecer dia e noite, organizada pelo CITS Mucuri e Centro Comunitário;

- Realização periódica de eventos culturais nas praças e espaços potenciais. Dentro da realização dos eventos podem ser realizadas pelos moradores um incentivo a valorização do comércio e cultura local, contribuindo com um turismo sustentável e inclusivo;
- Utilizar boa arborização, passeios adequados, bancos, canteiros ao longo das vias que possibilitem a interligação entre as praças existentes;
- Incentivar e subsidiar que as atividades realizadas nos Centros Sociais do bairro possam acontecer para além dos muros. Realizar nas praças o projeto “Vovóteca”, onde os idosos que moram e participam destes centros, possam partilhar sabedorias, tradições, memórias através de eventos culturais organizado pelos jovens;

AMBIENTE FÍSICO:

- Pavimentar as vias locais onde as habitações estão localizadas com piso intertravado ou paralelepípedo, evitando o capeamento em asfalto, devido ao clima da cidade de Fortaleza, contribuindo também para melhor acesso as praças e equipamentos sociais do bairro;
- Realizar a drenagem urbana e compatibilizar com os sistemas de pavimentação, calçamento ecológico permitindo uma melhor mobilidade e acessibilidade aos pedestres;
- Melhorar a iluminação dos espaços de convivência, mas principalmente das vias locais e coletoras;
- Aumentar a arborização nas vias tomando como base a qualidade de sombreamento existentes na Praça do Mirante. O arranjo dos elementos paisagísticos, materiais e a arborização devem ter equilíbrio entre variedade e repetição, harmonia e contraste na sua composição, podem servir de componentes para gerar uma fluidez no desenho da paisagem;
- Criação de hortas urbanas comunitárias feitas pela comunidade, ação esta que pode ter iniciativa do público jovem voluntário do CITS Mucuripe e Centro Comunitário. O intercâmbio entre criação e cuidado pode ser uma potencialidade realizada por ambas as gerações;

As diretrizes foram construídas com base nos vínculos com o lugar desvelados pelas gerações aqui estudadas, pautadas também na realidade de uma comunidade esquecida pelo

poder público. Mesmo que não tão específicas, as recomendações visam uma atenção para os dois eixos principais (1) o senso de lugar e a (2) articulação e a inserção da comunidade nos processos decisórios de seus espaços. Espera-se que os apontamentos contribuam de forma efetiva, para um senso de lugar que se potencialize por todas as gerações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS, LIMITAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES FUTURAS

Este trabalho teve como objetivo principal elaborar recomendações de diretrizes urbanas pautadas no senso de lugar e nas relações intergeracionais, possibilitando assim a potencialização da vida urbana. Entretanto, vários fatores devem ser levados em consideração quando se trata de cidade, de pessoas de várias idades e uma realidade ambiental pós pandemia global, ainda mais quando se trata de espaços vulneráveis que constantemente lidam com adversidades físicas e sociais.

Diversos estudos são realizados diariamente com objetivo de se planejar uma cidade que seja ideal para todos, desde aspectos físicos, sociais e políticos. Todavia, os resultados desta pesquisa geraram mais inquietações do que respostas, uma vez que o planejamento e o desenho urbano continuam sendo baseados em interesses capitalistas. Como uma das cidades mais desiguais do Brasil, Fortaleza insiste em reproduzir intervenções que fogem totalmente da realidade plural que uma cidade tem, gerando consequências negativas e que se alastram até os dias atuais.

Elaborar estratégias que reconheçam o espaço público como local de permanência e potencialidade não parece uma preocupação do poder público, especialmente em bairros vulneráveis e periféricos. A ausência efetiva dessas políticas, tem gerado insegurança e medo das pessoas permanecerem nos lugares, mas por terem um vínculo afetivo perpassado entre gerações, a percepção sob o lugar ainda é positiva. Não adianta romantizar uma apropriação pautada na resistência, onde uma população ocupa, mas tem medo, onde notícias atuais mostram que os pescadores do grande Mucuripe chegam à orla da praia com suas barracas destruídas pelo poder público.

A maior limitação da pesquisa foi encontrar uma comunidade totalmente diferentes pós pandemia, sentindo-se muito mais insegura. Além disso, alguns dos líderes sociais em que o pesquisador teve contato em 2019 não estava mais a frente dos projetos realizados nas Associações, porém, com os devidos ajustes outros Centros Sociais colaboraram inclusive para que a coleta de dados fosse possível.

Por fim, as sugestões para futuras investigações é que áreas vulneráveis sejam priorizadas por um olhar de um corpo técnico que faça o intercâmbio da voz dessa população com o poder público e efetivem de fato as estratégias elaboradas por outros estudos assim como esse. A luta de uma comunidade por um ambiente considerado positivo, pauta-se por adaptações realizadas ao longo do tempo pelas necessidades dos próprios moradores e não na reprodução de projetos padronizados.

Os desdobramentos desta pesquisa urgem da necessidade de investigar o preconceito etário ainda latente nos dias atuais e as atividades intergeracionais na cidade trazendo pautas sobre o racismo, LGBTQIAP+fobia, possibilitando assim uma rotatividade geracional mais coerente com a contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ABBUD, B. **Criando paisagens: guia de trabalho em Arquitetura Paisagística**. São Paulo: Editora SENAC, 2006.
- ABRAMO, H. W. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação. n.º. 5. v. 6 p. 25-36, 1997.
- ABRAMS, D; HOGG, M. A; MARQUES, J. M. **A social psychological framework for understanding social inclusion and exclusion**. In D. Abrams, M. A. Hogg, & J. M. Marques (Eds), The social psychology of inclusion and exclusion (pp. 1-23). Psychology Press: New York, 2005.
- ALBUQUERQUE, D.da S. **A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos**. 2019. 136 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- ANDRADE, C. M., OSORIO, N. B., SINESIO NETO, L. **Avô-Neto: uma relação de risco e afeto**. Santa Maria. Biblos: 2008.
- ARAGAKI, S. S. et. al. **Entrevistas: negociando sentidos e coproduzindo versões de Realidade**. In: SPINK, Mary Jane et al. A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Cap. 3. p. 57-72
- AUGÉ, M. **Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade**. 1ª edição francesa. Lisboa, 90 Graus, 2005.
- BACKES, M. A. **Princípios do Paisagismo Ecológico**. Curso Modular “Paisagismo Regenerativo” - apostilas diversas (não publicado). Nova Petrópolis-RS, 2004.
- BERTINI, F. M. A. **Centro da cidade de Fortaleza, lugar das transformações: o idoso e os afetos implicados**. 2006. 183f. Dissertação (Mestrado em Psicologia).
- BERTINI, F. M. A. **Do Corpo Igual Vazio ao Corpo Semelhante Útil: análise dos afetos em uma cidade planejada na perspectiva da Filosofia de Espinosa em diálogo com a Psicologia Social**. Tese de Doutorado. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.
- BOMFIM, Z. A.C. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo**. 2003. número de folhas. Ex: 100 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica - PUC. São Paulo, 2003.
- BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BOMFIM; Z. A. C; DELABRIDA; Z. N. C.; FERREIRA K. P. M.; In: Cavalcante, Sylvia; Elali, Gleice A. **Psicologia ambiental** (p. 79). Editora Vozes. Edição do Kindle. 2018.

BOMFIM, Z. Á. C., MARTINS, A. K. da S., & LINHARES, D. (2015). **Estimar os jovens é estimar a escola, o bairro e a comunidade**. In F. V. Machado, G. Massola & M. A. T. Ribeiro (Org.). *Coleção Práticas Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos: Estado, Ambiente e Movimentos Sociais* (1. 284-302).

BRANDÃO, L., SMITH, V., SPERB, T.M., & PARENTE, M.A.M.P. **Narrativas Intergeracionais, Psicologia: Reflexão & Crítica**, 19(1), 98-105, 2006.

EHEART, B. K.; HOPPIING, D.; POWER, M. B.; MITCHELL, E. T.; RACINE, D. **Connecting generations, strengthening communities: A toolkit for intergenerational program planners**. Philadelphia, PA: Center for Intergenerational Learning, Temple University, 2005.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. I.; CAVALCANTE, S.; NÓBREGA, L. M. A. Ambiente. In: **Temas básicos em psicologia ambiental**. Cavalcante, S.; Elali, G. A. (org.), 2011.

CANTER, D. **The Psychology of Place**. New York: St. Martin's Press, 1977. E- BOOK. ISBN: 0-312-65388-0. Arquivo Kindle. Paginação irregular.

CARVALHO, M. C. B. N. M. **Relações Intergeracionais**: alternativa para minimizar a exclusão social do idoso. **Revista Portal de Divulgação**, v.3, n. 28, dez. 2012.

CAVALCANTE, S.; ELIAS, T. F. **Apropriação**. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 63-69, 2011.

CAVALCANTE, S.; NÓBREGA, L. M. A. **Espaço e Lugar**. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 63-69, 2011.

CAVALCANTE, E.de O. **Os meandros do habitar na metrópole**: expansão urbana e controle territorial na produção do litoral de Fortaleza. Tese (doutorado) - Universidade federal do Ceará, Centro de Ciências, programa de Pós-Graduação em Geografia. Fortaleza, 2017.

DINES, Nicholas; CATTELL, Vicky; GESLER, Wil; CURTIS, Sarah. **Public spaces, social relations and well-being in East London**. Bristol: The Policy Press, 2006.

ELALI, Gleice Azambuja. GÜNTHER, Isolda de Araújo. **Docilidade Ambiental**. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja. **Psicologia Ambiental: Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 60-74, 2018.

ESPINOSA, B. **Ética**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, (1677/1992).

FERRAZ, V. DE S. **Hospitalidade urbana em grandes cidades**. São Paulo em foco. [s.l.] Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP: p. 265, 2013.

FERREIRA, M. de F. de J. A. **O idoso e a criança**: o significado da relação ao contar histórias. 2004. 182f. Dissertação de Mestrado em Gerontologia - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

FERRIGNO, J. C. **Co-educação entre gerações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **Conflito de gerações**: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária. 2009. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FORTALEZA. Prefeitura Municipal de. Vacinação da população adulta. Fortaleza, 2022.

_____. Prefeitura Municipal de Fortaleza. Desenvolvimento humano, por bairro, em Fortaleza. Fortaleza, 2014a.

FURTADO, J. L. **Fenomenologia e crise da arquitetura**. *Kriterion* [online]. 2005, vol.46, n.112, pp.414-428. ISSN 0100-512X

FRANÇA, L. H. de F. P; SILVA, ALCINA M. T. B. da; BARRETO, M.S.L. **Programas intergeracionais**: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, Rio de Janeiro, p. 519-531, 2010.

GALLO, D; BESSA, E. **Qualidade de Vida Urbana como Política Pública**: o movimento cidades saudáveis. *Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades*, v. 04, n. 27, 2016, pp. 14-23.

GIFFORD, R. **Environmental psychology**: manifold visions, unity of purpose. *Journal of Environmental Psychology*, n. 29, p. 387-389, 2009

GIULIANI, M. V. **Theory of attachment and place attachment**. In M Bonnes, T. Lee, and M. Bonaiuto (Orgs.), *Psychological theories for environmental issues*. Aldershot: Ashgate, 2003.

GONÇALVES, T. M. **Cidade e poética**: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí: Unijuí, 2007.

GONZÁLEZ-CELIS, R., ESQUIVEL, H., JIMÉNEZ, F. (2005). **Impacto de un aula para personas mayores sobre la calidad de vida**. Una experiencia inter-generacional. Avances de un proyecto. *Revista Interamericana de Educación de Adultos*. 27(1), 95-109.

- GUIMARÃES, Pedro Paulino. **Configuração urbana:** evolução, avaliação, planejamento e urbanização. São Paulo: ProLivros, 2004. 260 p.
- GÜNTHER, H; PINHEIRO J. Q.; LOBO, R. S. **Psicologia ambiental:** entendendo as relações do homem com seu ambiente. Campinas: Alínea, 2004.
- GÜNTHER, H; ROZESTRATEN, R. J. A. **Psicologia Ambiental:** Algumas Considerações sobre sua Área de Pesquisa e Ensino. Laboratório de Psicologia Ambiental, Brasília, n.10, p.1-7, 2005.
- GÜNTHER, H., ELALI, G. A., & PINHEIRO, J. Q. (2008). **A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente:** características, definições e implicações. In J. Q. Pinheiro & H. Günther (Eds.), Métodos de pesquisa nos estudos pessoa/ambiente (pp.369-396). São Paulo: Casa do Psicólogo
- GÜNTHER, H. (org). **Métodos de Pesquisa Nos Estudos Pessoa-Ambiente.** 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 75-104.
- HARVEY, D. **Cidades rebeldes:** do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: MarΘ ns Fontes, 2014.
- HATTON-YEO, A. & OHSAKO, T. (Eds.). **Intergenerational programmes:** public policy and research implications. An International Perspective. Stoke-on-Trent: The Beth Johnson Foundation (2001).
- HATTON-YEO, A. **Conference report: Connecting generations:** A global perspective. In ICIP International intergenerational conference connecting generations: A global perspective (pp. 1-48). Keele: UNESCO Institute for Education and Beth Johnson Foundation. (2002).
- HELLER, A. **Teoria de los sentimientos.** Tradução de Francisco Cuso. 3. ed. México: Distribuciones Fontamara. 1993.
- HISSA, C. E. V. & Corgosinho, R. R. (2006). **Recortes de lugar.** Geografia, 2 (1), p. 07-21.
- HISSA, C. E. V. & Nogueira, M. L. M. (2013). **Cidade-corpo.** Revista UFMG, 20 (1), p. 54-77.
- HOLZER, H. **O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-humanista:** uma contribuição para a geografia contemporânea. GEOgraphia, Niterói, RJ, v. 5, n.10, p. 113-123, 2003.
- INTERGENERATIONAL use of public places. **Realização de The Open University Urban Design London.** Apresentação de Sheila Peace. Londres, 2005. Disponível em: <<http://www.urbannous.org.uk>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

ITTELSON, W.; H.; RIVLIN; LEANNE G. **Psicologia ambiental: el hombre y su entorno físico**. Cidade do México: Trillas, 1978. p. 66-72.

ITTELSON, W. H., PROSHANKY, H. M., RIVLIN, L. G., WINKEL, G. H. (2005). **Homem ambiental**. Textos de psicologia ambiental, 14, 1-9. Acesso em 23 de março, 2011, em <http://www.psi-ambiental.net/pdf/14HomemAmbiente.pdf>.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. 3. ed. São Paulo, SP:WMF Martins Fontes, 2011.

KAPLAN, M; HAIDER, J; ARCH, U. C. D.; ARCH; D. T. B. **Environmental Design Perspectives on Intergenerational Programs and Practices**. Journal Of Intergenerational Relationships, [s.l.], v. 5, n. 2, p.81-110, 24 set. 2007. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1300/j194v05n02_06.

LAYNE, M. R. **Supporting Intergenerational Interaction: Affordance of Urban Public Space**. 2009. 721 f. Tese (Doutorado) - Curso de Design, North Carolina State University, Raleigh, 2009. Disponível em: <<https://repository.lib.ncsu.edu/handle/1840.16/4834?show=full>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

LEITE, M. E., MELO, M. A. S. S. **Juventudes e espaço urbano: uma análise geográfica na cidade de Montes Claros/MG**. Caderno de Geografia, v.27, n.48, 2017.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEMOS, D. P. **O Serviço Social e o Projeto Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais: Uma experiência de estágio no Serviço Social do Comércio SESC**. 2004. 53 f. Monografia [Curso de Serviço Social]- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Florianópolis/SC.

LIMA, C.R., **Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações**. Campinas/SP; 2007: Dissertação de Mestrado em Gerontologia, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

LONDON. S. V. London Development Agency. **Supporting an intergenerational centre in London: Scoping the evidence**. London: Policy Studies Institute, 2008. 17 p. Disponível em: <<http://www.psi.org.uk/pdf/2007/ScopingIntergenerationalPractice.pdf>>.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: WMF / Martins Fontes, 2011. (Texto original de 1960).

MACCALLUM, J. et al. **Community building through intergenerational Exchange programs**. Australia: National Youth Affairs Research Scheme, (2006).

MAGALHÃES, D. N. **Intergeracionalidade e cidadania**. In: PAZ, Serafim.

Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia? Rio de Janeiro: CBCISS-ANG/RJ, 2000. p. 153-156.

MARCUS, C.C.; FRANCIS, C. **People places**: design guidelines for urban open space. Nova Iorque: John Wiley, 1998.

MANNION, G. **Intergenerational education**: The significance of reciprocity and place. *Journal of Intergenerational Relationships*, 10(4), 386-399, 2012.

MARICATO, E. **O impasse da política urbana no Brasil**. 3. ed - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINS, W. de M. **“Trilhas Juvenis”**. Uma análise das práticas espaciais dos jovens em Goiânia. Goiânia, 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás.

MARTINS, D. F. **Entre liberdades e restrições**: experiências na mobilidade urbana de crianças nos trajetos casa-escola-casa em Quixadá, Ceará. 241f.: il. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Tecnologia, Departamento de Arquitetura. Natal, RN, 2021.

MELVILLE, J; HATTON-YEO, A. **Intergenerational shared spaces in the UK context**. In: VANDERBECK, Robert; WORTH, Nancy (Ed.). *Intergenerational Space*. Abingdon: Routledge, 2015. p. 50-64.

CAVALCANTE, S. **Identidade de Lugar**. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (org). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011. p. 208-216.

MORENO, E; POL, E. **Apropiación, simbolismo del espacio e identidad social**. In: *Nociones psicosociales para la intervención y la gestión ambiental*. Barcelona: Monografies Sòcio/Ambientais, 1999.

MOTTA, A. B. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento**. *Revista Sociedade e Estado*, v.25, n.2, maio/ago. 2010.

NEWMAN, S. **Intergenerational Programs**: Past, Present, Future. Ed. Taylor & Francis, Washington, EUA, 1997a

NOGUEIRA, A. A. **Surfando nas ondas do Titanzinho**: corpo, memória, natureza e cultura em Fortaleza (1960-2010). 257 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

O'SULLIVAN, C; MULGAN, G; VASCONCELOS, D. **Innovating better ways of living in later life: Context, Examples and Opportunities**. Londres: The Young Foundation, 2010. 39 p. Disponível em: <<https://youngfoundation.org>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

PAPALIA, D. E., OLDS, S. W., e FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEQUENO, R. **Mudanças na estrutura socioespacial da metrópole: Fortaleza entre 2000 e 2010**. PEQUENO, R. (ed.) Fortaleza [recurso eletrônico]: transformações na ordem urbana. 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2015a.

PHILLIPS, J. **Older people's use of unfamiliar spaces**. In ROWLES, Graham D.; BERNARD, Miriam (eds). *Environmental Gerontology: Making Meaningful Places in Old Age*. pp. 199-224. New York: Springer Publishing Company, 2013.

PINHEIRO JUNIOR, G. **Sobre alguns conceitos e características de velhice e terceira idade: uma abordagem sociológica**. Revista Linhas, Florianópolis, v.6, n.1, 2005.

PINTO T., HATTON-YEO A. e MAREEL I. **Guia de ideias para planejar e implementar projectos intergeracionais – Juntos: ontem, hoje e amanhã. Portugal: Associação Valorização Intergeracional e Desenvolvimento**, (2009).

POL, E. **La apropiación del espacio**. In: IÑIGUEZ, L.; POL, E. (Org.). *Cognición, representación y apropiación del espacio*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1996. p. 45-21.

PLACE AGE NEWSLETTER: Age friendly communities. [s.l.]: Place Age, jul. 2018. Second Edition. Disponível em: <<https://issuu.com/placeage/docs/final-newsletter-second-edition-2018>>. Acesso em: 10 julh. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA – PMF (2019). **Requalificação Praça no Vicente Pinzón**. Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-entrega-requalificacao-da-praca-jose-lobes-da-silva-no-vicente-pinzon>> Acesso em: 11 jul. 2022.

QUINTAS, S. (2010). **Percepção de técnicos e indivíduos “sem-abrigo”**: Histórias ocultas de uma realidade do Porto. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

ROMICE, O., & UZZELL, D. (in print). **Community design studio: a collaboration of architects and psychologists**. Transactions. (referred Journal by CEBE).

SÁEZ, J. **Hacia la educación intergeneracional:** Concepto y posibilidades. In Juan Sáez (Coord.), *Pedagogía social y programas intergeneracionales: Educación de personas mayores* (pp. 99-112). Málaga: Aljibe, 2002.

SÁNCHEZ, M; & DÍAZ, P. **Certificado europeo en aprendizaje intergeneracional:** Materiales de formación. Granada: The Beth Johnson Foundation, Association Generations, Höskolan för Lärande och Kommunikation i Jkpg AB, Universidad de Granada & Društvo za izobraževanje za tretje življenjsko obdobje, 2014.

SANTOS, E. M. **A produção do espaço urbano e a imagem da cidade pelo migrante jovem.** Caminhos da Geografia. Goiânia. v. 8 n. 24. dez/2007.

SANTOS, M. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SAWAIA, B. B. **O calor do lugar:** segregação urbana e identidade. São Paulo em Perspectiva, 1995, 9(2), 20-24.

SAWAIA, B. B. **Por que investigo afetividade.** Texto apresentado para concurso de promoção na carreira para a categoria de Professor Titular do Departamento de Sociologia da PUCSP. São Paulo: PUC/SP, 2001.

SAWAIA, B. B. **O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão.** In: As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 99- 119.

SEAMON, D.; GILL, H. K.; Qualitative Approaches to Environmental-Behavior Research: understanding environmental and places experiences, meanings, and actions. In: GIFFORD, R. (edit.) **Research Methods For Environmental Psychology.** 1th ed. Hoboken: Jon Wiley & Sons Ltd, 2016. p. 115-135.

SEAMON, D.; SOWERS, J. **Place and placelessness:** Edward Relph. In: HUBBARD, P.; KITCHIN, R.; VALENTINE, G. (Ed.). *Key texts in human geography.* London: Sage, 2008.

SILVA, A. M. da. **Atratividade e dinâmica de apropriação de espaços públicos para o lazer e turismo.** 2009. 250 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, E. A. **Para todas as estações da vida:** uma proposta de formação de redes intergeracionais, 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SCHNEIDER, R. H; IRIGARAY, T. Q. **O envelhecimento na atualidade:** aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. 2008. 593f. Artigo Científico. Campinas, 2008.

SCHNEIDER, L. C. **Lugar e não-lugar:** espaços da complexidade. *Ágora*, 17(1), 65-74, 2015.

SOARES, G. da S. **Percepções sobre as práticas intergeracionais.** 2018. 175f. Dissertação (Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo) - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e à Faculdade de Economia, Coimbra, 2018.

SOMMER, B; SOMMER, R. **A Practical Guide to Behavioral Research:** tools and techniques. 5th ed. Nova York: Oxford University Press, 2002. 380 p.

SOUZA, E. M. **Intergenerational interaction in health promotion:** a qualitative study in Brazil. *Revista da Saúde Pública*, 2003, vol. 37, nº 4, p. 463-469.

SOUSA, F., & ALMEIDA, S. M. D. **E se perguntássemos aos Sem-Abrigo?!!** Satisfação e necessidades percebidas face aos serviços, num abrigo de Lisboa. *Análise psicológica*, 19(2), 299-312, 2001.

SPELLER, G. M. **A importância da vinculação aos lugares.** In: SOCZKA, L. (org.) *Contextos humanos e Psicologia Ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

TASSARA, E. T. O; RABINOVICH, E. P. **A invenção do urbano e o poético:** uma cartografia afetiva Estudo sobre o bairro paulistano da Barra Funda. In E. T. O. Tassara (Org.), *Panoramas interdisciplinares: para uma psicologia ambiental do urbano* (pp. 211-267). São Paulo: EDUC / FAPESP, 2001.

TAVARES, C. M. **Programas intergeracionais:** revisão teórica e construção de proposta de intervenção. 70f. Dissertação de Mestrado em Educação Social e Comunitária na Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2010.

TONKISS, F. **Space, the City and Social Theory:** Social Relations and Urban Forms. Cambridge: Polity Press, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=oXA7Ut7nrVwC&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s> Acesso em: 12 jan. 2022.

TUAN, YI-FU. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VALERA, S; POL, E. (1999). **Symbolisme de l'espace public et identité sociale.** *Villes en Parallèle*, 28-29, 13-33.

VILLAS-BOAS, S; OLIVEIRA, A; RAMOS, N; MONTERO, I. **Elaboração de Programas Intergeracionais:** o desenho do perfil comunitário. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, v. 14, p. 31-47, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (2005). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde

ANEXO – Exemplos de Programas Intergeracionais (PIS) no Brasil e no Mundo.

ESCALA MUNDIAL
1. “Jardins da Escola” - Itália Implementado em Orto, em Condotta, Itália, trata-se de um projeto que tem como oportunidade ensinar os alunos a interagir com os adultos mais velhos, a fim de descobrirem o valor das atividades de cunho ambiental e sustentáveis, como cuidado de hortas, jardinagem tradicional, assim como conhecimento acerca do patrimônio local. Os mais velhos repassam para os jovens, algumas das histórias locais desde a dinâmica da cidade quanto dos edifícios, enquanto realizam nas praças o cuidado com a vegetação e implantação de hortas, quando necessário. Os avós da jardinagem, que apoiam estes projetos, comprometem-se a trabalhar durante os três anos de duração de cada programa.
2. Projeto Intergeracional de Tutoria – Inglaterra A fim da realização deste projeto, foram recrutados homens e mulheres com mais de 50 anos que trabalhassem de forma voluntária, como mentores de jovens que estavam em transição do ensino primário para o secundário. Como é colocado no projeto, os mais velhos ajudam o público mais jovem tanto nas suas atividades como suporte escolar, quanto nas atividades fora da sala de aula, evitando riscos de exclusão social e de preconceito etário.
3. Casa do Ator - Romenia Este projeto conta com atores mais velhos formados, que interagem e ensinam crianças e jovens em situação de vulnerabilidade e/ou sem abrigo. Alguns destes profissionais encontram-se sem emprego ou suporte social, então a troca de interações e ensino contribuem para o não isolamento, dando muitas vezes a esses jovens oportunidades a partir de uma autoconfiança que ganham a partir disso. Essas atividades muitas vezes, ocorrem nos espaços da cidade, mesmo que, não sejam adequados na maioria das vezes.
4. Plantação em Grassmoor – Inglaterra É um projeto comunitário intergeracional, no qual jovens e idosos trabalham no cultivo de frutos e vegetais nas hortas urbanas e também na preservação dos espaços verdes da cidade. Tem como objetivo diminuir a criminalidade ao mesmo tempo que provoca a interação entre as gerações, promovendo comunidades mais saudáveis. Já foi observado em algumas das intervenções, crianças colhendo frutos e vegetais e levando para suas casas, além de também consumirem no local. Alguns dos idosos, repassam também seus conhecimentos acerca do plantio e dos benefícios de algumas plantas.
5. Wildfriends – México É uma organização constituída por jovens e idosos com o intuito de proteger animais em extinção. É um PI dentro do eixo de educação ambiental, patrocinado pelo Centro de Vida Selvagem da Universidade do Novo México. Os voluntários, acabam visitando espaços da cidade, e ajudam também, sempre que possível, animais que necessitam.

6. *Walk n' Roll: SRTS - La Mesa, San Diego/EUA.*

Este projeto visa aumentar o número de crianças, jovens, adultos e idosos na prática de atividade física na cidade, como caminhar, andar de bicicleta, ter aulas de dança ao ar livre, a fim de melhorar a saúde, o meio ambiente e a segurança dos espaços públicos. O programa também encoraja crianças do jardim de infância até ao 5º ano a caminhar e/ou ir de bicicleta para a escola com segurança, onde os mais velhos possam supervisionar o trajeto e ir ao longo do tempo dando autonomia para estas crianças.

7. *Speaking Exchange - parceria entre a agência FCB Brasil e casas de repouso em Chicago, EUA.*

Este programa coloca alunos de uma Escola de Inglês - CNA em contato (via Skype) com idosos dos EUA. O objetivo é demonstrar e estimular os idosos a utilizarem as tecnologias de informação, onde estão cada vez mais transversais as gerações. Os idosos podem ensinar informalmente, inglês aos jovens brasileiros e assim vão partilhando suas experiências, contribuindo para aproximação etária. Este programa foi um dos mais premiados no Festival Cannes Lions 2014 e já conta com mais de 30 prêmios nacionais e internacionais. É uma boa alternativa a ser implementada nos CRAS/CREAS nos bairros de apoio às gerações.

8. *iGen Intergenerational Classroom - Canadá*

Surgiu a partir de uma parceria entre um Centro Comunitário e uma Escola Pública com intermédio da professora, Keri Albert. Os participantes são idosos com algumas deficiências físicas e motoras do Centro Comunitário, que são acompanhadas por crianças do 5º ano, supervisionadas pelos professores. É um projeto que junta dois problemas sociais: os fracos níveis de confiança e desempenho escolar de algumas crianças e a estigmatização e isolamento sentidos pelos idosos. O projeto junta duas gerações num mesmo espaço diário durante um ano letivo, proporcionando atividades diversas dentro dos espaços da escola, entendendo-se a atividades conjuntas na cidade.

9. *Projeto Viver (DeVeloping CreatiVe Intergenerational Relations)*

Este projeto teve a oportunidade de ser desenvolvido em diversos países europeus e teve como objetivo a promoção de atividades que favorecem a troca geracional entre habilidades e valores. Dentro do mesmo projeto, foram criados outros objetivos específicos que contaram com: formação de jovens e idosos com um novo perfil funcional de competências, capazes de promover atividades intergeracionais lúdicas e de desenvolvimento pessoal e comunitário; formação de cuidadores de idosos; articulação na elaboração de atividades como dança, caminhada, alongamento, piqueniques, conversas em grupo, shows, celebrações ecumênicas, dentre outras; Planejar e implementar a "Semana para a Conciliação": seminários, exposições e debates; Articulação de ações sociais com o poder público na manutenção dos espaços físicos e livres das comunidades vulneráveis.

Esse projeto guarda-chuva obteve muito impacto nas associações e espaços da cidade, onde teve como fruto a elaboração do "Manual de Boas Práticas- Intergeracionalidade", com a colaboração de diversos parceiros. Devido ao seu êxito este foi selecionado pela Comissão Europeia como uma "Boa prática" por ter participado na construção do Novo Modelo Europeu de Igualdade de Oportunidades.

10. “Vovóteca” - Famalicão/Portugal

Projeto realizado com o objetivo de criar espaços onde os idosos possam partilhar sabedoria, tradições – jogos, canções, brinquedos – com os mais novos. Essa partilha é feita de diversas formas: debates, reuniões, workshops, ateliers, espetáculos, exposições. Podem ser realizados em diversos espaços, desde escolas, centros comunitários, parques e praças.

11. PROJETO REALidades - Coimbra/Portugal

Realizado pela CEIFAC, o projeto visa estimular o contato entre jovens universitários e idosos residentes na Alta de Coimbra, através da metodologia Photovoice. Durante cinco meses, idosos e jovens capturam imagens da cidade, que possam remeter saberes e experiências de vida - tanto individual quanto comunitária. No final, foi realizada uma exposição itinerante na Alta de Coimbra com as imagens e o objetivo foi, além de incentivar o respeito e solidariedade, foi mostrar as diversas leituras que ambas as gerações podem ter dos espaços da cidade a partir dos afetos.

ESCALA NACIONAL**12. Instituto História Viva, “Ouvir e Contar” - Curitiba/ Brasil**

O objetivo deste projeto foi possibilitar a transformação de ambientes de dor, sentimento de inutilidade em ambientes positivos através do incentivo à leitura, onde a população alvo são idosos em lares e crianças em hospitais ou casas abrigo. O Programa treina voluntários que vão posteriormente aos lares ouvir os idosos e suas histórias e por conseguinte, as transformam em contos infantis, contando-as novamente para as crianças.

Após esse momento, é pedido às crianças que façam um desenho que depois é devolvido ao idoso que contou a história. Este é um projeto que já chegou a mais de quinze mil pessoas, tendo sido reconhecido diversas vezes, onde foi citado em diversos órgãos de comunicação social no Brasil.

13. “Projeto Era Uma Vez... Atividade Intergeracionais” - SESC/Brasil

Teve sua implementação no ano de 1993, nos Departamentos Regionais do Pará, Ceará e Santa Catarina. Este projeto consiste em uma ação socioeducativa que possibilita a valorização e participação cidadã das gerações com o meio social com objetivo de realizar atividades em grupo com crianças, adolescentes e idosos, fomentando a comunicação intergeracional. (LEMOS, 2004). É realizado a partir das dinâmicas em grupo que conta com o apoio de uma equipe interdisciplinar, trabalhando eixos de interação, educação, direito à cidade, participação popular, meio ambiente, educação física, envelhecimento, psicologia, entre outros. Atualmente, o projeto atua em diferentes cidades que adotam uma parceria com Universidades Públicas para realização de atividades intergeracionais dentro das cidades.

14. *Caminhando Juntos - SESC Fortaleza*

O projeto tem como objetivo estimular a convivência intergeracional entre jovens e idosos através de convivências realizadas em oficinas, vivências artísticas, rodas de conversa, que tem como contribuição aproximar as gerações prevenindo o preconceito etário. As ações acontecem na Unidade de Fortaleza do Sesc e se estendem para as Associações existentes nos bairros.

Recentemente, no ano de 2019, aconteceu o Projeto Intergeracional “Cidadania Ativa: uma nova realidade para o idoso”, onde beneficia mais de 400 idosos na cidade de Fortaleza, possuindo 11 anos de existência. Nesse sentido, deu-se o encontro entre o projeto e o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFC – Canto, extensão universitária formada por alunos, que atua com metodologias participativas em comunidades vulneráveis. Teve como objetivo a construção coletiva de um diagnóstico urbano de um bairro da cidade, onde a comunidade construiu essa leitura a partir das próprias dificuldades, destacando também as potencialidades e até realizou propostas de melhoria urbana onde se gerou um documento de reivindicação por políticas públicas urbanas adequadas à realidade daqueles usuários.

15. *Práticas Educativas da Ação Gerontologica – Fortaleza e Iguatu/CE.*

O projeto estimula reflexões acerca das discussões biopsicossociais do envelhecimento, colaborando com a construção de ações, realização de estudos e programas pautados na gerontologia social que contribui para uma melhor compreensão dos aspectos do envelhecer. São realizadas ações que sensibilizam cuidados em Grupos de Idosos mediados por jovens, como o Projeto Velhice na Tela (aproximação dos idosos com novas tecnologias), oficinas e encontros nos espaços da cidade (caminhadas, danças, encontros ecumênicos e outros). As ações acontecem na unidade do SESC de Fortaleza e de Iguatu.

Fonte: Lima (2007); Tavares (2010); Villas-Boas *et. al.* (2015); Soares (2018); adaptado pelo autor (2022).

APÊNDICES

APÊNDICE A – FICHA BASE DO MAPA AFETIVO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  EXPERIÊNCIAS AFETIVAS E O SENSO DE LUGAR: INTERAÇÕES ENTRE JOVENS E IDOSOS NO ESPAÇO URBANO Pesquisador Responsável: Mateus Romualdo Teles Orientadora: Profa. Dra. Adriana Portella Co-orientadora: Profa. Dra. Gisele Pereira Contatos: (85)997595621 e-mail: mateusromut@gmail.com	
FICHA – MAPA AFETIVO	
IDENTIFICAÇÃO	
Nº Sexo: Idade: Escolaridade: Cidade/tempo de residência (originário ou não):	
ESTRUTURA	
SIGNIFICADO	QUALIDADE
SENTIMENTO	METÁFORA
SENTIDO	

APÊNDICE B – ROTEIRO ENTREVISTA GRUPO JOVEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  EXPERIÊNCIAS AFETIVAS E O SENSO DE LUGAR: INTERAÇÕES ENTRE JOVENS E IDOSOS NO ESPAÇO URBANO Pesquisador Responsável: Mateus Romualdo Teles Orientadora: Profa. Dra. Adriana Portella Co-orientadora: Profa. Dra. Gisele Pereira Contatos: (85)997595621 e-mail: mateusromut@gmail.com
Prezado(a) convidado(a), Convidamos você a participar da pesquisa intitulada “Experiências Afetivas e o Senso de Lugar: interações entre jovens e idosos no espaço urbano”. O estudo está sendo desenvolvido no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, onde o mesmo tem como objetivo investigar as experiências afetivas entre jovens e idosos na cidade a fim da potencialização da vida urbana. Sua participação é muito importante para o desenvolvimento do trabalho. Para responder, é necessário que seja morador do bairro Vicente Pinzón e frequente alguma das associações existentes no bairro. Qualquer dúvida pode entrar em contato com o Pesquisador Responsável: Mateus Romualdo. A duração da conversa pode girar em torno de 30 minutos e todas as informações pessoais serão mantidas em sigilo. Desde já muito obrigado pela sua participação.
PÚBLICO JOVEM: Você interage e/ou convive com pessoas com mais de 60 anos em seu bairro? O que você acha disso? Você consegue me dizer quais os pontos positivos e negativos existentes na convivência com os idosos em seu bairro? Você acha que a convivência com os idosos pode melhorar algo na vida do bairro? Se sim, pode me dar um exemplo? Quando você convive com os idosos na cidade, que sentimentos são despertados em você? O que você acha da praça oferecendo espaços que possibilitem atividades em conjunto com os idosos? O que não poderia faltar nesses espaços? Qual praça você mais gosta de frequentar? E com que frequência? Que sentimentos despertam em você ao pensar nessa praça? Quais são os elementos que você mais gosta na praça escolhida? E os elementos que você menos gosta? O que mais você sente falta na praça?

APÊNDICE C – ROTEIRO ENTREVISTA GRUPO IDOSO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  EXPERIÊNCIAS AFETIVAS E O SENSO DE LUGAR: INTERAÇÕES ENTRE JOVENS E IDOSOS NO ESPAÇO URBANO Pesquisador Responsável: Mateus Romualdo Teles Orientadora: Profa. Dra. Adriana Portella Co-orientadora: Profa. Dra. Gisele Pereira Contatos: (85)997595621 e-mail: mateusromut@gmail.com
Prezado(a) convidado(a), Convidamos você a participar da pesquisa intitulada “Experiências Afetivas e o Senso de Lugar: interações entre jovens e idosos no espaço urbano”. O estudo está sendo desenvolvido no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, onde o mesmo tem como objetivo investigar as experiências afetivas entre jovens e idosos na cidade a fim da potencialização da vida urbana. Sua participação é muito importante para o desenvolvimento do trabalho. Para responder, é necessário que seja morador do bairro Vicente Pinzón e frequente alguma das associações existentes no bairro. Qualquer dúvida pode entrar em contato com o Pesquisador Responsável: Mateus Romualdo. A duração da conversa pode girar em torno de 30 minutos e todas as informações pessoais serão mantidas em sigilo. Desde já muito obrigado pela sua participação.
PÚBLICO JOVEM: Você interage e/ou convive com pessoas entre 18 e 25 anos em seu bairro? O que você acha disso? Você consegue me dizer quais os pontos positivos e negativos existentes na convivência com os jovens em seu bairro? Você acha que a convivência com os jovens pode melhorar algo na vida do bairro? Se sim, pode me dar um exemplo? Quando você convive com os jovens na cidade, que sentimentos são despertados em você? O que você acha da praça oferecendo espaços que possibilitem atividades em conjunto com os jovens? O que não poderia faltar nesses espaços? Qual praça você mais gosta de frequentar? E com que frequência? Que sentimentos despertam em você ao pensar nessa praça? Quais são os elementos que você mais gosta na praça escolhida? E os elementos que você menos gosta? O que mais você sente falta na praça?

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS GRUPO JOVEM**Entrevistador: Mateus Romualdo Teles****Duração: 25 minutos e 25 segundos****Data da Entrevista: 14/12/2022**

Entrevistador: Então tá, vamos iniciar... Quantos anos tu tem quantos anos?

EJ_01_18anos: Eu tenho 18.

Entrevistador: Ok. Aqui no bairro, tu interage ou convive com pessoas idosas? Seja aqui ou seja nas ruas, nas praças... E o que que tu acha disso, de conviver com essa faixa etária?

EJ_01_18anos: Hum.. É porque assim, eu trabalho mais em área de igreja e tal, a gente faz trabalho no meio da rua aí, visitas.... Num sei se isso pode dizer que é a interação né....

Entrevistador: No teu trabalho?

EJ_01_18anos: Não é um trabalho, é um trabalho voluntário. Daí só que assim, interação mesmo de sair na rua e sei lá.... Brincar ou alguma coisa do tipo, eu fazia quando era mais nova. Hoje em dia nem tanto, entendeu?

Entrevistador: Entendi. Mas essas interações que tu fala na igreja, são só dentro da igreja?

EJ_01_18anos: Não, a gente sai pra fazer trabalho fora da evangelização e tal, hoje entregamos cesta básica, alguma coisa que o povo tá precisando. Por que a igreja não é só pregar....

Entrevistador: Entendi

EJ_01_18anos: E aí, a gente tem contato com todo tipo de pessoa....

Entrevistador: Na rua mesmo? Nas praças?

EJ_01_18anos: Na rua, dentro de becos assim.... A gente entra muito em becos.

Entrevistador: Entendi. E você nasceu aqui no Vicente Pinzon?

EJ_01_18anos: Nasci aqui.

Entrevistador: Você consegue me dizer quais pontos positivos e negativos existem nessa convivência com idoso por exemplo, dentro dessa tua experiência?

EJ_01_18anos: Convivência com idosos, vamos lá.... Eles não são muito populosos assim, a gente não vê tanto, a gente vê mais em praça, tipo aqui no Mirante, não sei se tu conhece....

Entrevistador: Hum, conheço sim.

EJ_01_18anos: É sempre tem um lugarzinho que eles tão de manhã...

Entrevistador: Fazendo o que?

EJ_01_18anos: Conversando, rindo, às vezes bebendo...

[Risadas]

EJ_01_18anos: Às vezes caminhando, entendeu? E aí na associação também tem alguns.... Aqui era bom ter um CUCA.

Entrevistador: Sim.

EJ_01_18anos: Por que é um lugar que tem um alvo bem...

Um equipamento mais cultural de pegar uma abrangência [Interrompido]

EJ_01_18anos: É. Bem cultural aqui. Eu fiquei... quando eu descobri que não tinha eu fiquei assim.... Mas era bom porque podia pegar todos os público alvo, de todas as faixas etárias e dá um.... né.... um guia. Mas em relação aos idosos, é.... assim.... não tem muita maioria. A maioria aqui não é tão sabe.... Eles ficam mais em casa, assim, mais, tem ruas que são mais tranquilas, porque são de família. Por aqui, se você andar um pouquinho tem ruas muito movimentadas e tem outras que são mais um condomínio que é uma grande família entendeu.... Que eles decoram agora no tempo de copa, decoraram agora, num sei o que.... É mais uma família, eles não são muito maioria aqui, entendeu?

Entrevistador: Entendi. E pontos negativos?

EJ_01_18anos: De idosos?

Entrevistador: Sim, sobre essa convivência, tu vê alguma coisa de negativo?

EJ_01_18anos: Assim.... Só mais bebedeira que eu vejo [Em tom de risada]. Lá no Mirante tem muito, que tem espacinho, mas não é tão negativo assim né....

Entrevistador: Entendi

EJ_01_18anos: É só se tiver assim, problemas que envolvam.... E o que eu vejo também é facção aqui, entendeu?

Entrevistador: Hum...

EJ_01_18anos: Que eu tenho quase certeza, que tem líderes mais velhos, vamos dizer assim, que comanda entendeu, que conhece, que tem um respeito. Então.... é isso.

Entrevistador: Entendi. E tu acha que se por exemplo tivesse a oportunidade e tudo mais de inclusive fazer essas atividades que tu mais falou tipo no CUCA e outros equipamentos - até na própria rua - que integrassem jovens e idosos, tu acha que isso poderia melhorar alguma coisa assim no bairro?

EJ_01_18anos: Muito. Eu acho que por que a gente, quando a gente é mais jovem, a gente é mais aberto né, as probabilidades, só que tem muitos idosos aqui que não tiveram muita chance de ter essa relação, sabe?

Entrevistador: Entendi.

EJ_01_18anos: Assim, eles são meio ignorantes não no fato de comportamento, mas de conhecer a gente sabe? Eles estão aqui e sempre continuam no mesmo mundinho. Eu acho que se tivesse tipo como se fosse um CUCA, é... ia ser bom, pra abrir pelo menos, pra sair da vidinha monótona. Não que isso seja ruim... [Interrompida]

Entrevistador: Tô entendendo...

EJ_01_18anos: Só que alguns querem e não tem a opção de ter alguma atividade. Tipo, eu tenho um tio que sai pra caminhar de manhã, ele é velho já, eu tenho certeza que se tivesse um espaço que tivesse outros da mesma idade dele, ele tava no meio. Então...

Entrevistador: Entendi. E o que que tu sente quando acontecem essas aproximações com os idosos no bairro? Que sentimento te gera?

EJ_01_18anos: Só de ajuda assim... Às vezes também de aprender, por que né... Eles têm uma carga maior de vida, pode ensinar muita coisa pra gente.

Entrevistador: De trocar experiências?

EJ_01_18anos: É. “Trocação” de experiência. De como seguir naquilo, que é pra aproveitar o que a gente tem né...

Entrevistador: E por exemplo, com relação a essas praças, a do Mirante, a do CRAS, a outra praça principal que tem por perto depois ali do farol do Mucuripe, sabe?

EJ_01_18anos: Sei sim

Entrevistador: Se esses locais tivessem uma estrutura boa e adequada, se eles oferecessem essas atividades conjuntas. O que que tu acha que aconteceria?

EJ_01_18anos: Seria o meu sonho [Rindo]. Por que assim... Ficaria mais na praça porque as praças são dominadas por um certo tipo de público e a gente fica meio receoso de ir, tipo, tem a praça do Alto da Paz, que eu moro aqui no Alto da Paz e lá também tem uma praça. Eles estão fazendo um projeto de empreendedorismo, tão construindo e tal, só que a praça em si, é dominada por um público.

Entrevistador: Mais idoso?

EJ_01_18anos: Não, mais jovens.

Entrevistador: Ah tá, entendi.

EJ_01_18anos: Daí tipo, se tivesse uma interação maior e se o poder público investisse mais em lugares diversos poderia melhorar... Assim, tem muita criança lá, que fica naquela pista de skate, se tivesse um equipamento que chamasse mais atenção... (pausa). Pronto, tem uma academia ao ar livre só que não é muito utilizada, e se utilizada quebra ou o povo não faz bom uso, entendeu?

Entrevistador: Entendi. Ah sei lá tipo, digamos que se eu fosse um assistente social e eu organizasse uma atividade ao ar livre com várias idades, a vida da praça seria melhor?

EJ_01_18anos: Pronto.. é exatamente isso aí que eu tô falando, não consegui me expressar bem, desculpa.

Entrevistador: Tudo bem, entendi.

EJ_01_18anos: Precisamos de mais atenção. Aqui no Alto da Paz que é um bom exemplo né, é uma comunidade onde eu vejo que tem muita gente que precisa de interação. Por exemplo, tem mãe de família que tem, sei lá, 3 meninos que precisam que eles tão ali o tempo todo, dentro

de casa assim... O que que eu vou fazer meu Deus, e é perigoso lá fora, se tivesse um.. alguém olhando e eu confiasse, eu deixaria, entendeu?

Entrevistador: Entendi. Tu frequenta alguma praça assim? Tem alguma..

EJ_01_18anos: Essa do Mirante de vez em quando eu venho pra cá...

Entrevistador: Tu gosta?

EJ_01_18anos: Gosto mas ela já foi melhor e poderia voltar a ser, porque muita gente gosta...

Entrevistador: Sério? Porque?

EJ_01_18anos: Toda vez que a gente vinha, eu venho junto com meu companheiro. E aí toda vez que eu venho, a gente fica comentando que poderia ser um espaço muito melhor utilizado, e tá abandonado..

Entrevistador: Mesmo depois de ter passado por aquela reforma?

EJ_01_18anos: Mesmo depois da reforma... É por que assim, o lugar também é feito de experiências...

Entrevistador: Com certeza.

EJ_01_18anos: Então eu queria que tivesse.. Que antigamente, eu não sei se tu recorda, que tu num viveu aqui né.. mas na Paça do Mirante tinha *reggae*..."

Entrevistador: Sim.... Que tinham uns eventos de final de ano?

EJ_01_18anos: Isso! Mesmo que eu não seja muito de ir pra reggae, assim.. só que eu achava legal. A minha mãe mesmo, ela morou aqui desde pequena, se mudou pra Messejana e tal, só que ela conhece aqui mais do ninguém. E aí ela já, ela viveu muito ali naquele Mirante, entendeu? E aí eu recordando as histórias que ela fala pra mim, aí eu olho hoje e, meio que se perderam esses costumes...

EJ_01_18anos: Só tem a academia lá, tem uma pizzaria aqui, que não vai muita gente.. Entendeu? Tem a escolta policial lá, só que sabe, poderia ter gincana...

Entrevistador: Falta vida?

EJ_01_18anos: Falta vida, poderia ter sabe... pode ter a estrutura, só que falta interação... sabe?

Entrevistador: Entendi. E, acho que tu até já respondeu, eu ia perguntar que sentimentos despertam em ti ao pensar lá por exemplo.. tu já acabou de dizer..

EJ_01_18anos: É [Rindo].

Entrevistador: E assim, quais elementos que existem hoje lá? Vamos dar um exemplo da praça do Mirante, que é a que tu falou que vai mais. O que tu mais gosta e menos gosta lá? Tu pode falar até no sentido, ah, eu acho que isso funciona bem e tal...

EJ_01_18anos: De estrutura ou de outras coisas?

Entrevistador: É, de estrutura mesmo

EJ_01_18anos: O que eu mais gosto é o verde da praça do Mirante... é as plantas. Tem muita árvore, muita planta, tem um povo que mora lá que cultiva...

Entrevistador: Ah é?

EJ_01_18anos: Umas plantinhas, é.. Uns jarrinhos assim, eles botam.. E é muito bonito. As vezes eu vou pra lá, pra tocar violão e ficar olhando pras plantas, que eu gosto né.... Quando o pôr do sol lá é muito bonito, tem um anfiteatro lá que eu acho muito massa também..

Entrevistador: Sim, sim.

EJ_01_18anos: Que poderia ser muito melhor utilizado [Estalando os dedos].

Entrevistador: Tu imagina se tivesse um café ali, tipo assim, “Aí vamo lá tomar um café e olhar o pôr do sol...”?

EJ_01_18anos: O que eu sempre penso quando eu vou pra lá, é o que? Comércio, feira e não tem.

Entrevistador: Sim, uma feira de domingo por exemplo?

EJ_01_18anos: Isso, antigamente tinha, aquelas que ficam na rua mesmo sabe?

Entrevistador: Sim.

EJ_01_18anos: Na pracinha podia ter feira de empreendedorismo e tal... De noite, sei lá, vamos fazer um, os “pratinhos”, num sei, que hoje é a cultura do povo né, fazer “pratinhos.” Vamos vender uma lasanha, ou de manhã ter um evento que busque um público alvo, de.. como tu falou, um café da manhã entendeu? Uma palestra sobre alguma coisa. O que eu vi lá, uma vez perdida foi um bombeiro, que chamava os velhinhos.. as velhinhas né, por que os velhinhos não iam, e ele ficava dançando e elas junto [Rindo] zumba.

Entrevistador: E elas amando [Rindo]

EJ_01_18anos: Toda vida que eu passava e ficava: “hum, vocês estão aí só pra dançar entendeu?”

[Risada de ambos]

EJ_01_18anos: Mas eu ficava muito feliz quando eu passava que eu fazia academia ali no CTA que fica ali no Mirante..

Entrevistador: Na esquina né?

EJ_01_18anos: É na esquina do Mirante, no cruzamento.. Aí quando eu passava lá tinha o bombeiro e as.. cheio de velhinhas, “vocês estão aí pra se exercitar” [Rindo]. Eu achava lindo, e se tivesse isso todo tempo sabe.. De noite só tem os jovens fazendo coisa que não é pra fazer ou uma vez ali.. Se tivesse uma coisa que chamasse mesmo, um evento, eu tenho certeza que seria..

Entrevistador: Atividades diversas né? Achei muito massa que tu falou: “não adianta ter estrutura se não tem relação né...”

EJ_01_18anos: É, não adianta.

Entrevistador: Super importante pra vida da cidade né? Ok então, por fim, que a gente já vai partir para o desenho, o que tu mais sente falta realmente são essas experiências?

EJ_01_18anos: É, experiências, relações né, com as pessoas.. Acho que nem só eu, o pessoal também sente...

Entrevistador: É um sentimento meio comum?

EJ_01_18anos: É.... todo mundo vê que falta isso entendeu e não sabe mais a quem recorrer...

Entrevistador: Entendi. Certinho então. Muito obrigado pelas respostas, tá?

EJ_01_18anos : De nada, eu passaria horas falando se eu não tivesse atrasada pro curso, porque amo meu lugar, minha 'quebrada'. Espero ter ajudado

Entrevista Jovem 02**Entrevistador: Mateus Romualdo Teles****Duração: 31 minutos e 34 segundos****Data da Entrevista: 14/12/2022**

Entrevistador: Vamos iniciar. Tu mora aqui desde sempre?

EJ_02_21anos: Desde sempre.

Entrevistador: Tu tem quantos anos mesmo?

EJ_02_21anos: Tenho 21.

Entrevistador: Você interage e/ou convive com pessoas idosas aqui no bairro? E o que tu acha disso?

EJ_02_21anos: Não interajo tanto assim com os idosos na rua, mas dentro de casa tenho meu avô e a gente acaba dialogando muito sobre isso... sobre futebol e pá. No bairro mesmo é muito pontual sabe os que eu interajo assim, sei lá, parece que não tem oportunidade mesmo.

Entrevistador: E você consegue me dizer quais pontos positivos e negativos teriam sobre essa interação? Se ela fosse mais presente?

EJ_02_21anos: Ah, muitos pontos positivos. Porque o grande Vicente Pinzon, o Mucuripe né, é formado por uma comunidade de pescadores né... quem conhece a história sabe. E pra nós que é da juventude, é muito bom ter eles por perto, porque acabam resgatando a memória e a gente entendendo porque é tão importante a pesca na nossa quebrada, tá entendendo? Das militâncias que existiam naquela época, tipo da colônia Z8, da colônia de pescadores e tudo mais - e aí, resgatar a história e a cultura do bairro né? Até pra continuar o legado deles.

Entrevistador: Entendi. E algum ponto negativo?

EJ_02_21anos: Eu não consigo identificar um ponto negativo, sabe? Acho que a comunidade é feita disso, de geração para geração, então isso acaba ajudando a preservar né, essa cultura, essa história, então na real eu não vejo um ponto negativo tá ligado?

Entrevistador: Entendi. E tu acha que se tivessem mais oportunidades de interagir com esses idosos... não só na tua casa, mas na rua, nas praças... não só no centro comunitário, tu acha que melhoraria a vida no bairro?

EJ_02_21anos: Depende do pensamento de cada idoso, tá entendendo? Tipo, tem idoso que tem o pensamento mais conservador, tem idoso que tem o pensamento mais comunista e tal (rindo), então tem seus pontos positivos e seus pontos negativos, tá ligado? Então depende muito sabe, da galera que vai topa ficar junto e que também vai entender como a juventude entende o mundo e pá. Tipo, ele pode contribuir mas ao mesmo tempo não sabe? Porque ele não vai entender o que é a geração de hoje e o que a juventude tá passando, tá ligado? Porque a geração deles, quando eles estavam na juventude, era de outra forma tá ligado? Mas assim, acredito que dependendo de como seja essa aproximação isso pode ajudar no sentido do preconceito etário mesmo, até na questão do racismo estrutural, né mano... porque naquela

época era muito difícil a pessoa ter o estudo que tem hoje né mano, então hoje pra gente que é do social, que faz parte dos coletivos, a gente teve que buscar né... porque a gente não vê dentro da nossa escola falando sobre isso ou estimulando sobre isso, tá ligado? então a gente teve que buscar pra adquirir esse determinado sentimento, tá ligado? E a outra pessoa que tá recebendo esse conhecimento tem que tá aberta a escutar o que a gente tem a propor... Porque são várias questões pô, várias questões... desde LGBTQIAP+ até o racismo, até de desigualdade social, tá entendendo? então abrange vários eixos aí...

Entrevistador: Entendi. E o que tu sente quando tu tem essa oportunidade de conviver com essas pessoas mais velhas? Seja nos Centros Sociais ou na rua, na praça...?

EJ_02_21anos: Cara, eu sinto orgulho tá ligado? Meu avô por exemplo, sempre foi avô e pai... inclusive, ele foi pescador aqui do bairro, por muitos anos, tá entendendo? Então tipo, nosso quintal é a praia... Ele resgatou pra mim a história, então além das nossas conversas ele foi um ponto de apoio pra dar um norte, tá entendendo? É... de conflitos que tinha na escola, a diretora não conseguia mediar, mas quando eu contava pra ele, ele conseguia me dar um norte, ele conseguia mediar aquele conflito, tá entendendo? Então, outra questão é de conseguir ver o potencial que ele tem, tá ligado? Porque ele foi muito forte... então por exemplo, o peixe pra nós é o nosso alimento, é de onde nós tira o sustento pra dentro de casa, tá ligado? E ainda tem um ponto muito forte, porque meu vô teve diabetes, teve duas vezes AVC e amputou as duas pernas e ainda teve COVID e o que resiste ele hoje, o que faz ele estar forte nessa trajetória da vida foi o peixe, por causa do ômega três... é o que segura ele mesmo, de tá contando a história é basicamente isso, sabe?

Entrevistador: E quando tu fala que ‘o quintal da nossa casa é a praia’, me questiono sobre todas essas reformas da Beira Mar e desses prédios altíssimos, meio que escondendo esse bairro todo... pois era muito mais aberto, era muito mais fácil chegar lá... Isso impactou a comunidade de alguma forma?

EJ_02_21anos: Macho, eu canto rap, tá ligado? Sou grafiteiro, sou artista da comunidade e tal, tá entendo? faço parte de vários movimentos culturais, produção de eventos aqui dentro do bairro mesmo, sabe? E aí, eu fazia parte de um grupo chamado Castelo de Rima, que eles tem uma música chama ‘Pátria que pariu’... e aí, ele conta num trecho mais ou menos assim:

*“E do mirante eu vejo a geografia, geografia que eu vejo todo dia,
os trilhos separam o Castelo Encantado da burguesia...”*

Tu tá ligado? Tá entendendo? E aí lá do mirante, a gente vê o trilho, sabe? E aí a gente vê ‘do lado de lá’ a burguesia, a aldeota, a varjota... tá entendendo? E do lado de cá, a gente vê a favela, tá ligado? Sendo que é a mesma população, que inclusive desce pro lado de lá pra garantir o sustento, tá entendendo? E volta ao longo do dia pro lado de cá, porque tem que dormir, tem que cuidar dos filhos... então essa questão geográfica, os órgãos públicos tirou tudo de nós, se você for procurar por exemplo no instagram ou na internet mesmo, é o acervo mucuripe, não sei se você já ouviu falar?

Entrevistador: Conheço sim, conheço o cara que organiza lá...

EJ_02_21anos: E aí, ele conta né, tem um vídeo no instagram que ele conta a questão dessa nova obra que teve né mano, porque muita gente tira o sustento de lá, tá entendendo? E são pessoas da comunidade e eles ganham muito pouco... apesar de fazer o trabalho todo né mano,

de ir buscar o peixe em alto mar e trazer pra cá pra burguesia ou a cidade inteira poder se alimentar, tá entendendo? E aí eles ganham por diária, não é pelo peixe, tá entendendo? um valor muito menor do que é vendido por aí, sabe? Tipo, tem um empresário ali que já articula essa compra e tudo, tá ligado? Mas assim, diária não paga o risco de morte em alto mar, não paga um afogamento, não paga o conserto de uma tarrafa, tá ligado? Então assim, esse lance é muito arriscado, mas é o jeito... E uma das histórias que eu preservo mais do mucuripe é essa questão sabe? Porque até o nome das ruas aqui da comunidade são nomes de peixe e de pescadores, tá ligado? Rua Pescador Chico Bidar, Rua da Enxova, é... vamos se dizer assim, Avenida dos Jangadeiros, Manuel Dias Branco - que foi um dos grandes pescadores que anos atrás, na década de 90 reivindicar direitos lá no Rio de Janeiro e morreu por lá, tá ligado? O conhecido, Manuel Jacaré... Então é muito simbólico pra gente.

Entrevistador: Muito interessante tua narrativa. E, tomando isso como base, esse simbolismo... qual impacto tu achas que teria dessa troca geracional dentro do bairro se tivessem espaços elaborados com qualidade para diversas idades? Uma diversidade de usos?

EJ_02_21anos: Macho, o que mais impede a gente de frequentar os espaços públicos, tipo praça, areninha, a rua mesmo, sabe? É que a gente tenta participar ativamente daquele espaço, mas a polícia militar impede a gente de tá ali, sabe? Por exemplo, já houve batalhas de rima aqui na comunidade, até na praça do Mirante mesmo - que é a nossa maior referência aqui no bairro...Tinha batalha de break, batalha de passinho de funk - que tá bem na moda né? Então eles chegavam sempre com uma abordagem bem turbulenta, já tacando bala de borracha e tudo mais, a gente levava uma autorização pra usar a praça e mostrava, eles apenas rasgavam na nossa frente, tá ligado? A gente sempre ficava indignado e sem esperança de usar aquele espaço, porque ao mesmo tempo que queríamos segurança - essa mesma segurança acontecia só pro interesse de alguns e de outros não. O poder público sempre querendo mostrar pro turista uma coisa que não existe, tá ligado? Não inclui, não escuta a gente, tá ligado? Cheio de artista e uma galera que é doida pra organizar os eventos e se desmotiva por essas coisas, entendeu? Então o que adianta um lugar bem estruturado se nos é impedido de usar? É complicado, cara... Só querem que os turistas usem pra tirar foto.

Entrevistador: Olha, isso é bem revoltante, principalmente quando tu toca nesse ponto de ter que pedir autorização para usar um espaço público, isso não existe... o nome já diz tudo, ESPAÇO PÚBLICO que é pra ser feito pela e para a comunidade. É um direito de vocês, a cidade é feita com nosso dinheiro de certo modo... todo mundo pagou/paga imposto e não ter direito a cidade, é bem intrigante!

EJ_02_21anos: Sim! E aí, uma das coisas que mais fez a gente parar de fato de frequentar a praça por um tempo, foi essa força policial que matou um dos nossos né, mano? Então assim, mesmo com toda turbulência, a gente tentava fazer o nosso corre, tá ligado? Tornar esse pedaço que é nosso, vivo... mas por um tempo a gente não foi mais, porque poderia ser um de nós, simplesmente por uma richa da polícia. Tá certo que tem gente que abusa também, fazendo coisa errada, mas uns pagam pelos outros e isso é muito foda, entende? E assim, voltamos a reivindicar os nossos direitos, que não são muitos... a comunidade tem voz e tem vez e precisamos dizer alto que é o nosso espaço, não estamos pedindo favor a ninguém, tá ligado? É muito difícil a gente que tá assim 'nas margens' né mano? Porque eu me considero um marginal, tá ligado? Não no sentido de ser bandido, mas de estar nas margens do capital e da burguesia, sendo invisibilizado a cada dia que passa. E assim, eles precisam da gente, né? É

meio contraditório, porque quando o poder público precisa, até profissionais de outras áreas, é a gente que eles procuram, tá ligado? Procura um chefe de bairro, um articulador comunitário, uma pessoa que interaja e seja porta voz... Então quando se tem qualquer tipo de intervenção e projeto, só vai dar certo pra entrar de fato no território se tiver essa articulação entre comunidade e poder público, tá entendendo?

Então assim, voltando à questão do espaço e tal... até hoje a gente sente um medo, estamos voltando aos poucos, sem o mesmo público por conta desses rolês passados, porque tipo, juntava umas 300 pessoas de todas as idades, com eventos organizados pela gente mesmo, sabe? E aí, tinha até as danças dos idosos do centro comunitário que aconteciam mais cedo e a gente ajudava, pra depois seguir com as batalhas. Então assim, hoje aos poucos tem rolado uma coisa ou outra, mas o receio continua. A gente conseguia reunir uma galera de vários bairros do grande Mucuripe, tá ligado? Tipo, Verdes Mares, ServiLuz, Papicu, vinha até Castelo Encantado, tá entendendo? Subia o morro pra ter aquele momento de troca, de diversão e ali, hoje a gente não tem mais essa quantidade. Mas acreditamos que aos poucos podemos potencializar isso de novo, mas com ajuda também de um entendimento da nossa arte e de um espaço seguro, tá ligado? Até pra trazer o povo que voltou a fazer atividade nos Centros pra rua. Porque mano, é da rua pra rua, tá ligado? E mesmo assim, eles estipulam um horário pro nosso rolê acabar, tipo até 21h e 22h, pra um espaço que é nosso, tá ligado? E aí, depois tu tem que escutar mano, a música lá... faz muito sentido pra tudo que a gente sente.

Entrevistador: Eu acho que tua fala foi muito rica, que inclusive já respondi a pergunta seguinte que é sobre como vocês se sentem em relação aos usos existentes hoje nas praças e na rua. E aí, seguindo, eu te pergunto: O que é que, diante disso tudo, que tu sente mais falta nesses lugares?

EJ_02_21anos: Mano... era bom que tivesse em todas as praças, um anfiteatro bem estruturado, um espaço para praticar esportes, uma pista de skate, porque isso é cultura... hoje o hip hop é formado por lei, inclusive é obrigatório inserir nas políticas públicas.

Entrevistador: Deixa eu te interromper, só pra te pontuar uma coisa... Tu falou da pista de skate, então vamos simular que eu sou a prefeitura (o poder público) e chego na comunidade atrás dos talentos para ajudar na requalificação de um espaço... daí te chamo para tu fazer um trabalho nessa pista, colocar tua arte e tal, tu ia se sentir muito mais pertencente?

EJ_02_21anos: Macho, minha arte ser valorizada... eu ia me sentir representado, tá ligado? A minha arte já tem uma identidade tão minha, que se tu olhar tu já vai saber que é minha, tá ligado? Já é bem conhecida por todos da comunidade... Então, de eu ter minha arte naquela praça e outras pessoas da nova e velha geração chegando lá, me reconhecendo ali e pá, vê em mim uma referência... porque mano, a arte é um legado né, por si só... então o pessoal ver e reconhecer pra continuar esse legado, de cuidar e tal, então todas as gerações que passarem e deixarem marcado, serão lembrados. Eu posso falar até do pixo também mano, o pixo é uma arte que mexe com os nossos ideais, não é só jogar uma tinta na parede, é mais de deixar o seu legado e ser visto, reafirmando isso o tempo todo já que somos invisibilizados o tempo todo... essa arte é como a gente se expressa, tá ligado? É o nosso jeito de resistir... A comunidade foi silenciada por vários anos e por diversos motivos, tá entendendo? Então quando a gente tá ocupando os espaços, jogando uma arte na parede, trocando uma ideia com os mais novos ou mais velhos, é a construção de uma memória de legado, entendeu? A luta tem que continuar unindo toda essa galera.

E assim, a sociedade é tão conservadora que não consegue entender essa expressão e implicação, sabe? Não enxerga o ponto positivo que a arte tem... Por exemplo, tem muito idoso que passa e eu tô na parede fazendo minha arte, diz assim: 'que arte linda cara', 'você se garante', 'tá foda' e a gente? cara, obrigado... é da rua pra rua, isso me deixa feliz demais, tá ligado? Porque o feedback não vem do cliente que tá me contratando pra receber um produto, tá ligado? é através do público que tá vendo a arte... porque o artista tem uma perspectiva e você tem outra perspectiva, tá ligado? Se eu jogar um desenho na parede e te perguntar: Qual é tua perspectiva, o que tu tá vendo ali na arte? Tu vai falar... E aí, pô... minha perspectiva que eu quis passar foi essa, então cada um vai ter um olhar diferente, mas não deixa de impactar. Então é isso, a arte não tem limite, a arte não tem barreira... e daí, eu entro na questão de território... hoje em fortaleza, a gente tem vários territórios faccionados né, que não pode ultrapassar na faixa de gaza e etc, mas assim, quando você se comporta como um artista, você chega em qualquer lugar, pô... e a cultura é isso, ela rompe barreiras e é a cultura mais viva dentro da periferia, onde tem muita gente que foi silenciado por anos e o rap por exemplo trouxe essa voz de novo, levantou... tá entendendo? Então hoje tem muita gente fazendo rap, seja ele de ostentação, seja de combate ao sistema, seja ele de várias formas... tá entendendo? Então, eles querem se expressar, nós queremos nos expressar... A gente quer ser visto, ouvido e fazer parte das políticas públicas, na construção delas... desde a base. Porque hoje em dia, a galera burguesa monta as políticas públicas lá entre eles, traz pra periferia, sem entender nada da realidade... sendo que tem outras várias dificuldades. Não é o espaço pelo espaço, é nos dar nosso direito de ir e vir e ocupar quando quisermos.

Se ela (a política pública) não vier até a instituição (comunidade), como a instituição vai até ela né? Então tem que pensar em tudo isso, já que é uma das coisas que a gente mais combate, é de estar inserido né... A construção dessas políticas serem feitas com as pautas que a gente leva né mano, olha só, isso daqui não dá certo... vamos por aqui que vamos ter um resultado mais coerente, várias paradas e tal mano...

Entrevistador: Muito forte teus relatos e contribuiu para além até do roteiro programado, muito obrigado, tá? Espero voltar em breve pra te mostrar tudo o que virou isso daqui.

Entrevista Jovem 03**Entrevistador: Mateus Romualdo Teles****Duração: 25 minutos e 28 segundos****Data da Entrevista: 14/12/2022**

Entrevistador: Iniciando então. Primeira questão: Você interage ou convive com pessoas idosas aqui no bairro? O que que tu acha disso?

EJ_03_24anos: A princípio tenho contato com pessoas mais velhas... é uma terceira idade a gente pode dizer assim?

Entrevistador: Sim..

EJ_03_24anos: E aí, o que que eu acho disso? Desse contato com essas pessoas?

Entrevistador: Isso, se tu convive...

EJ_03_24anos: Sim, com certeza, cotidianamente.

Entrevistador: E o que que tu acha dessa convivência? Tem alguma opinião sobre?

EJ_03_24anos: É.. eu acho que é uma convivência harmoniosa, tranquila né.. E eu acho rico assim, porque querendo ou não, os mais velhos tem vários ensinamentos para nos passar. E então eu acredito que, sei lá.. desde um bom dia até um.. sei lá.. uma gentileza com uma pessoa dessa, eu acho que.. É.. enriquece.

Entrevistador: Entendi. E tu consegue pontos positivos e negativos dessa interação? Não precisa ser vários pontos não, pode ser um positivo e um negativo.

EJ_03_24anos: Acho que talvez o positivo, seja o aprendizado em relação a lições de vida né... Uma experiência, com relação a vida mesmo né... Eu acho que talvez o principal seja isso. Esse aprendizado por essa parte de mais experiência né.

Entrevistador: Entendi. E um negativo, tem algum pra contar?

EJ_03_24anos: Acho que tem. Talvez o negativo, bom, para alguns idosos talvez, o mundo ele.. parece que não continua o mesmo. Tipo assim.. Pra que a gente possa entender, tem pessoas que acham que o mundo é como elas eram na infância né.... E aí que a gente sabe que o mundo por muitos anos já vem passando por transformações, eu acho que talvez seja isso, é essa aceitação na transformação da sociedade...

Entrevistador: Sim. Talvez se não houvesse também essa barreira fosse melhor de entender que, olha... do mesmo jeito que eles podem nos passar os ensinamentos, a gente pode né?

EJ_03_24anos: Com certeza.

Entrevistador: E tu acha que se essa convivência de um modo positivo e tudo mais, dentro do bairro mesmo, não só em lugares assim edificadas, centro comunitário, CRAS.... no Vicente Pinzón como um todo, isso poderia melhorar a qualidade dos espaços?

EJ_03_24anos: Positivamente assim no sentido de ocupar os espaços?

Entrevistador: É, se essa convivência, por exemplo entre vocês jovens e idosos no bairro, se essa convivência existisse, houvessem as atividades e tudo mais, isso iria melhorar a vida do bairro ou não? Ou tu acha que tanto faz?

EJ_03_24anos: Eu acho que sem dúvida, sim. Acho que a relação iria contribuir positivamente pra convivência na comunidade, pra convivência social, pras pessoas daquela região, daquele local. Acho que sim ia ajudar bastante. Não sei como, mas é.. eu acredito muito nessa questão do encontro né. Eu acho que essas pessoas estarem junto, isso já trás conexão, isso já criar afeto, vínculo, né, então. De fato, com certeza por essa questão mesmo subjetiva... De fortalecer enquanto grupo...

Entrevistador: Ainda sobre a convivência com pessoas idosas, qual o sentimento que te desperta?

EJ_03_24anos: Eu me sinto grato..

Entrevistador: Grato?

EJ_03_24anos: Eu acho que o sentimento mais que aflora em mim é o sentimento de gratidão assim.... Por entender que, são gerações de épocas diferentes né.. então eu vejo que é um sentimento de gratidão por eles é... aceitarem, estarem junto conosco, até por que são gerações que já são avós né, ou bisavós não sei.. ou seja, não estão a pouco tempo aqui né? Então eu acho que é muito o sentimento de gratidão pela acolhida né, deles cuidarem dos netos, cuidarem dos nossos pais, nos trazerem as histórias com a oralidade que eles ouviam dos seus avós.... Então é mesmo um sentimento de gratidão por tudo... só deles estarem mesmo aqui, deles existirem né.. Então acho que é isso.

Entrevistador: Entendi. E com relação tipo, as praças, até os espaços públicos aqui do bairro do Vicente Pinzon, tu acha que se esses locais possibilitarem atividades em conjunto entre vocês jovens e os idosos nesses espaços, o que poderia não faltar lá?

EJ_03_24anos: Nesses espaços?

Entrevistador: Sim. Por exemplo, a Praça do Mirante, a praça do CRAS, aquela praça que tem ali depois do farol, que tem uma quadra de futebol.... O que que não poderia faltar pra que essa interação e essas atividades acontecessem de uma forma assim, boa, e com qualidade?

EJ_03_24anos: Acho que são espaços de lazer, de interação, de convivência, como sei lá.. mesas de xadrez. Acho que isso é muito bacana, uma mesa de xadrez que você pode sentar e bater um papo, ou então jogar um dominó, é legal.

Entrevistador: Já serve pra várias outras coisas, né?

EJ_03_24anos: Já, e é ali o começo para tudo né. Por que eu acho que isso conecta mais as pessoas. E se tivessem mais instrumentos, quer dizer, elementos para propiciar uma melhor convivência comunitária, pacífica...

Entrevistador: Mas tu acha que só isso funcionaria? Tipo assim, vamos aqui equipar a praça com todos esses equipamentos, tu acha que só fazendo isso as pessoas iriam?

EJ_03_24anos: Não....

Entrevistador: Precisaria ter um apoio?

EJ_03_24anos: Sim. Tipo assim, precisava ter um apoio de alguma atividade, porque tipo, é... você pega, um exemplo, pegar uma biblioteca ambulante, trazer para uma praça e tal, se não tem um oficinheiro, se não tem uma rede de leitura, se não tem uma pessoa que faça, medie a leitura e tal, então por si só não dá.

Mas muito lógico essa tua provocação, que traz, que de fato, só não é mesmo o elemento que precisa ter né, mas eu acho que também é, propiciar mecanismo né, viabilizar formas que esses espaços possam ser ocupados né, como os eventos, como algo mesmo de programação né, programático né.

Entrevistador: Sim...

EJ_03_24anos: Eu acho que, uma oferta né, alguém que tomasse a frente, que além dessa questão dos elementos, ter uma oferta de atividades. Acho que seria interessante né.

Entrevistador: Entendi.

EJ_03_24anos: Por exemplo o Final de ano né, a confraternização do pessoal e tudo. Então com certeza, sem dúvida né, seria muito bom um evento sei lá...

Fazer com que a gente se sinta parte pode incentivar as pessoas a se ‘empoderarem’, a ocuparem os espaços, e aderir essa questão mesmo de afeto né, por que eu acho que é isso que.... define as questões assim né... tipo assim, se as pessoas não se sentirem parte daquilo, o poder público pode fazer o que for [rindo], mas né.... não dá.

Entrevistador: Isso.

EJ_03_24anos: E eu acho que é isso, as mudanças elas vem do micro né e partem para o macro né, e não né... de cima para baixo [rindo].

Entrevistador: É isso mesmo.

EJ_03_24anos: Mas é isso viu Mateus [rindo]

Entrevistador: Qual a praça que tu gosta mais de frequentar aqui, ou tu não frequenta?

EJ_03_24anos: Eu frequento, gosto muito de andar aqui pelas escadas, pela comunidade. Eu gosto muito de tá ali na ‘praça da vista’, que é o castelo, praça da vista que é em frente ao Iate Clube... a própria praça do Mirante que é na parte mais alta né...

Entrevistador: Hum...

EJ_03_24anos: Era como se fosse um morro, era um morro né, e aí que o M Dias Branco em contrapartida com uma parceria público-privado fez a reforma, revitalizou, ficou tipo um entorno.... tipo um... como se fosse mesmo o, como é que a gente pode chamar? Mas não é mais um morro com entulho como era antes, agora é grama, tudo urbanizado....

Entrevistador: Ah sim, sim.

EJ_03_24anos: Pronto, ali é a vista

Entrevistador: Requalificado?

EJ_03_24anos: Isso, requalificado. Justamente, é um ponto que pra mim traz mais, traz mais sentimento assim, que eu acho que ali eu passava desde criança e tudo, e ter essa conexão né.... Se transformar e enfim, ver tudo ali acontecer, me desperta muita coisa boa.

Entrevistador: Vontade de tá lá também né?

EJ_03_24anos: É sim, praça da vista.

Entrevistador: Acho que o que tu acabou de responder a próxima pergunta que era de sentimentos que te trazem. E quais são os elementos que existem lá que tu mais gosta, pode ser assim físico?

EJ_03_24anos: Acho que o mar.

Entrevistador: Ver o mar...

EJ_03_24anos: É, poder contemplar o mar.

Entrevistador: Ter a visão de fato do mar?

EJ_03_24anos: Eu gosto muito assim de poder ir naquele canto e... ter essa sensação né, de ver o mar

Entrevistador: De ver, sentir o.... [interrompido]

EJ_03_24anos: É por que me lembra muito também da arte, me lembra muito da vida, da.... enfim disso que se tem de ser afetado por que tem né.

Entrevistador: Sim.

EJ_03_24anos: Então o mar, ele tá ali me traz muito isso né....

Entrevistador: Te afeta....

EJ_03_24anos: É me afeta é. E aí é isso [rindo]

Entrevistador: Massa, massa. E tem alguma coisa que tu não gosta muito de lá? Não precisa nem ‘não gostar’, o que tu menos gosta, “não gosto muito disso não” mas tudo bem?

EJ_03_24anos: Eu não gosto do metrô, VLT.

Entrevistador: Porquê?

EJ_03_24anos: E ai que o VLT não funciona dia de domingo por que acham que as pessoas não usam o VLT pra outras coisas além de trabalhar. Tá entendendo? Então isso me incomoda de ter uma coisa ali que não é propriamente 100% feita pras pessoas, pra né.... de uma forma genuína...

Entrevistador: Girando em torno do interesse capitalista....

EJ_03_24anos: Pra trazer a massa, pra vim trabalhar nos prédios e volta. Então como se você não tivesse direito pra ir pra um parque, um cinema e tudo. Então domingo é sua folga, fique em casa [rindo]. Não vai trabalhar então não tem direito ao VLT. Então isso me traz uma certa “incomodação” absurda assim. De ver como isso é imposto mesmo né, e como isso é tão naturalizado, as pessoas.... [interrompido]

Entrevistador: As pessoas meio que já se acostumaram a receber o mínimo... [Interrompido]

EJ_03_24anos: Tão amarradas. Isso me traz uma inquietação....

Entrevistador: Mas é isso mesmo. É bem sério mesmo. E tipo assim...

EJ_03_24anos: Aí ver aqueles prédios. Aqueles prédios ali me incomodam [rindo]. Me incomoda Mateus. Os cara constrói os prédio a 10 metro da orla....

Entrevistador: Tu viu aquele maiorzão que agora tão fazendo?

EJ_03_24anos: Vi, vi. Ali parece que já tá todo vendido né...

Entrevistador: Sim. Ali no mirante, que dava pra ver muito mais antigamente, agora... [Interrompido]

EJ_03_24anos: Agora a visão é pouquíssima.

Entrevistador: Você vê umas brechas né. Você vê uns pedaços...

EJ_03_24anos: Tu passou por lá esses dias foi? Tu já conhece? [Interrompido]

Entrevistador: Sim, já, de tempos.

EJ_03_24anos: Então acaba que.... a vista [Interrompido]

Entrevistador: A vista ainda é bonita, mas...

EJ_03_24anos: Diferente de como era né?

Entrevistador: Sim.

EJ_03_24anos: Não sei qual é o pior pra gente, o VLT ou os prédios [rindo].

Entrevistador: Sim. E o que tu mais sente falta assim, de ter? Vamos fugir um pouco dessa praça que tu falasse. Sei lá, vamo usar a do Mirante, a do CRAS como exemplo, até as outras... O que tu acha que falta? Por que por exemplo, a do Mirante tem tecnicamente, ela tem uma boa estrutura hoje em dia, mas enfim... O que que falta? Que tu achas que falta?

EJ_03_24anos: Mirante?

Entrevistador: Qualquer uma...

EJ_03_24anos: Pensando assim de uma forma bem geral... Acho que faltam muitos brinquedos... brinquedos. Eu vejo que quem frequenta mais praça são o público é infantil. Eu vejo que muitas crianças frequentam as praças né, andam, circulam por ali então eu vejo que há uma necessidade maior de brinquedos. Se tiverem brinquedos, se tiverem mais é.... objetos.... não é nem objeto, não sei se coisas lúdicas né....

Entrevistador: Equipamentos lúdicos?

EJ_03_24anos: Equipamentos lúdicos, entendeu? Balançador, escorregador... parquinho. Acho que seria muito interessante porque é um público que naturalmente demanda mais, tá ali né, do que os jovens, do que os próprios idosos. Então... e até por que brincar é um direito né, então acho que viabilizar que a criança também tenha acesso a esse direito, também é um dever né.... e acaba que quando tem muita criança ali, geralmente têm adulto por perto, idoso...

Entrevistador: Com certeza.

EJ_03_24anos: Sei lá, acho que o mínimo.

Entrevistador: É o mínimo. É o que eu tava falando, as vezes a gente fica cobrando o mínimo.
[Interrompido por terceiros]

Entrevista Jovem 04**Entrevistador: Mateus Romualdo Teles****Duração: 33 minutos e 12 segundos****Data da Entrevista: 14/12/2022**

Entrevistador: Pronto, iremos iniciar. Tu sempre morou aqui? Quanto tempo?

EJ_04_24anos: Sempre. Eu nasci em 1998, então vivo aqui tem mais de 23 anos... agora estou com 24.

Entrevistador: Tu fez algum curso técnico? Ou não?

EJ_04_24anos: Não, é porque tipo, eu já participava dos meios sociais aqui do território, sabe? Faço parte da Associação dos moradores e sempre tive essa habilidade de trabalhar com a educação, entendeu? Sempre estive nesses espaços com os jovens.

Entrevistador: Então eu gostaria de saber se você interage e/ou convive com pessoas idosas aqui no bairro? E o que achas disso?

EJ_04_24anos: Eu acho que nós temos que ter uma consciência de que nós estamos em um tempo diferente dessas pessoas, no sentido mesmo da geração, da criação... a forma que essas pessoas foram desenvolvidas é totalmente diferente do pessoal da nossa época, temos que primeiro ter claro isso. E eu acho que só é um pouco complicado, pela questão da compreensão mesmo, deles com a gente... porque nosso ritmo é um e o deles é outro totalmente diferente. Só que ao mesmo tempo que eu falo isso, acho que pode ser uma falta de oportunidade, de sentar, conversar, interagir, ter momentos e espaços pra isso, sabe? Mesmo sabendo que alguns são mais difíceis que outros, assim de aceitar mesmo, tá me entendendo? Esse diálogo é muito importante pra que nós jovens possamos compreender as exigências e demandas deles, sabe? Principalmente pessoas como eu, que trabalham e se envolvem nesse meio social e de organização das próprias atividades que eles fazem aqui nos centros.

Entrevistador: E a partir disso, tu consegue me apontar pontos positivos e negativos desta convivência?

Jovem 04: Sim... Os mais velhos no caso né? Eu vejo assim, quando os mais velhos veem uma equipe profissionalizada, eles já levam mais a sério, entendeu? O que eu quero dizer é, quando a gente trabalha no e pro território, a gente é conhecida sabe? mas não é conhecida a fundo... Só pela base de passar: "oi, Adjá, oi fulano...", aquele cotidiano faz com que a gente seja vista como alguém que tá ali, que aquela pessoa viu nascer e viu crescer... e acha que por isso, tem um certo domínio pela pessoa, que os mais velhos tem isso, né? Então assim, o ponto negativo é esse, de em algum momento eles acharem que tem uma certa autoridade sobre a gente, já o positivo é justamente ter jovens como uma equipe profissionalizada mostrando que também tem uma base, que tem uma pedagoga, que sabe o que tá fazendo... entende? Parece que a gente ganha mais respeito assim... é o que eu vejo. Tipo, que eles vejam que a gente ocupa também esses espaços e nos tornamos líderes para continuar alguns legados e entender também que precisamos construir novos, porque tudo muda o tempo todo.

Entrevistador: E tu acha que se essa interação com base nesse respeito funcionasse, a vida do bairro, a segurança, a apropriação, as relações, tudo isso melhoraria?

EJ_04_24anos: Iria sim! Com certeza. Porque a questão, os mais velhos iriam estar... Tu sabe que eles tem esse medo da juventude, por causa das questões territoriais, porque tu sabe que acontece, né? Mas assim, se houvesse essa comunicação (que falta), se tivesse algum meio de que isso fosse desmistificado, seria muito melhor. Então, o medo deles se transformaria... porque muitos deles nem sabem mais como tá funcionando essa questão territorial... tipo, da mesma forma que eles nos passam seus ensinamentos, se esse medo fosse desmistificado, isso poderia acontecer da forma inversa. Aí, eles se sentiriam - acredito eu -, mais a vontade de interagir, de estar nos locais, de pedir ajuda... porque muitas vezes eles se propõem a errar, mas não pedem a nossa ajuda (de alguns, né?). Informação, diálogo com o movimento territorial é a base.

Entrevistador: E você, como profissional de um dos Centros Sociais aqui do bairro - como é a tua relação com esses idosos?

EJ_04_24anos: Assim, eu não tenho uma relação tão direta em casa... porque meu pai não mora comigo, minha mãe já faleceu, mas a vizinhança... porque assim, faço reiki... sou a famosa rezadeira do bairro, faço os banhos, meditação, essas coisas... daí sim, eu tenho acesso aos mais velhos, eles me procuram. E isso acontece porque minha mãe era rezadeira e isso foi o legado deixado pra mim... então por isso que eu acho que essa coisa da geração é muito importante, as heranças, os legados, os costumes e se isso tudo não se fortalece entre nós aqui no território, o espaço perde o sentido.

Entrevistador: E qual sentimento que tu tem, quando surge essa possibilidade de interagir com os mais velhos na cidade a partir dessas questões relatadas?

EJ_04_24anos: Eu sinto... respeito. Porque imagina como é pra uma pessoa de 65 anos ter que respeitar uma pessoa trans? Porque pra eles é errado devido a cultura cristã... mas quando você tá de crachá, quando você mostra profissionalismo, que tem respaldo... não que isso é válido pra gente, porque não é e não era pra ser assim, mas é a forma que encontramos de cultivar esse respeito e ter essa brecha pra dialogar e minimizar esses preconceitos. Infelizmente. É só perguntar para os mais velhos quem é que vocês acham que manda no bairro... aí você vai esclarecer, ampliar os olhares, porque os mais velhos precisam desse olhar mais amplo e mais aberto em relação a tudo que mudou e muda.

Entrevistador: Entendido. Agora, vamos falar sobre os espaços públicos aqui do bairro, como por exemplo as praças, tu acha que se esses locais oferecessem uma estrutura de qualidade e espaços que pudessem contemplar todas as idades... que propiciam esses encontros, o que não poderia faltar? No geral mesmo.

EJ_04_24anos: Pessoas! Eu indicaria a partir da minha vivência, é que os espaços, as praças pudessem se estruturar a partir das atividades juvenis, porque se os jovens se sentissem parte dali, poderiam mediar atividades que antes aconteciam com os idosos - reduzidas, mas que ainda acontecem. Tipo, uma atividade de interação de que? Por exemplo: Você é mais velho que eu, eu sou mais jovem que você, então a gente tem uma pré relação a partir do momento em que ocupamos o mesmo território... e aí, essas atividades de repente poderiam oportunizar por exemplo, um mais velho ver o quanto a juventude se transformou, que a imaturidade foi embora, que os jovens estão cada vez mais presentes na arte, nas ruas, nas ações e que a gente

pode contribuir até com a vida ativa deles ao passo que contribuimos com a nossa - ocupando os espaços. E aí eu deixo até um questionamento: Como conhecer ele (o mais velho)? Atuando com ele... isso vale pro lugar também né. Só concluindo mesmo, esse respaldo que eu tanto falo é buscando respeito, porque a partir do mesmo que o mais velho vê aquilo no menino de 15 anos, ele vai dar mais ouvidos, sabe? Vai mudar o discurso: “Ah aquele vagabundo, mal vestido... aquele preto...” são muitas camadas que vamos entrando e fazendo o papel de educá-los ao passo que também somos educados.

Entrevistador: Sim, sim... E assim, tu costuma frequentar alguma praça aqui do bairro? E quais?

EJ_04_24anos: Frequento sim, eu andava muito pelo mirante, mas faz um tempo que não vou lá... geralmente lá é mais palco pra atividades assim que tem uma galera de várias idades, sabe? É quase um centro de eventos do bairro, principalmente por ser em uma área mais “tranquila” aqui do território, sabe? Mas atualmente, eu tenho gostado muito de andar pelo farol e ficar por ali, tem umas senhoras sempre na calçada e a galera na rua mesmo... bebendo, dançando, curtindo.

Entrevistador: Quais sentimentos te despertam nesses locais?

EJ_04_24anos: Ai, me sinto acolhida... em casa. Esse território é meu lugar.

Entrevistador: E tu consegue me apontar os elementos que mais gosta e menos gosta nessas praças?

EJ_04_24anos: Assim, eu gosto de todos os lugares daqui... a questão é, tem lugares que me despertam mais insegurança e outros mais acolhimento. No caso da insegurança, não é no sentido da sociedade e nem dos habitantes, insegurança pela falta de uma estrutura adequada. A gente frequenta o Farol velho, mas a qualquer hora pode cair... A gente frequenta a praça do Mirante e até as outras, mas o piso é péssimo, não tem banco... é tudo estragado, não tem sombra, quando é a noite a luz é péssima... a estrutura é muito ruim, o problema maior na real. E tipo, mesmo assim a gente tá lá, fazendo o nosso corre, por causa dos movimentos mesmo, da dança, da arte, do hip hop, das nossas organizações mesmo, só é vivo por causa da nossa resistência... então, já pensou nisso melhorado? A variedade de pessoas seria bem maior em todos os horários. A gente faz tanta coisa, planta, pinta, faz plaquinha, dá nosso toque, sabe? então é aquele laço que se cria sabe, quase um lugar que é xodó.

Entrevistador: Massa! E no final das contas, o que tu sente mais falta? Em geral?

EJ_04_24anos: Olha Mateus, acho que é uma coisa que deveria ser claro pra todo mundo e aparentemente não é. Quando a gente cuida de algo, a gente cuida... vê responsabilidade em permanecer ali, transformar, se apropriar... E como eu faço isso? Dando oportunidade da gente participar dessas políticas públicas... porque muitas delas nem chegam aqui, quem dirá tentam saber qual a nossa realidade... Então, quando se for pensar em alguma melhoria pra qualquer objetivo que se queira atingir ali naquele lugar, tem que perguntar, tem que incluir, tem que vivenciar... porque depois quem fica é a gente, quem cuida e a gente... e desse jeito sentimos a responsabilidade de não deixar ninguém acabar e mesmo que acabe, a gente se organiza, ajeita, muda, deixa tudo do nosso jeito. E ainda tem também a oportunidade de mostrar isso aos mais novos... daqui a pouco seremos a ‘velha geração’ e isso vai sendo deixado como legado. A nossa história vai se transformando, mas não será apagada.

Entrevistador: Que massa poder escutar tudo isso, muito obrigado tá? Vou parar a gravação aqui.

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS GRUPO IDOSO**Entrevista Idosa 01****Entrevistador: Mateus Romualdo Teles****Duração: 23 minutos e 12 segundos****Data da Entrevista: 08/12/2022**

Entrevistador: Pronto, podemos ir começando aos poucos. O que a senhora acha de conviver com pessoas mais jovens aqui no bairro? Nas praças, na rua... de forma geral?

EI_01_79anos: É o seguinte, os jovens de hoje... porque assim, eu moro próximo a praça do Mirante que tem muitos jovens assim, por lá né... e comigo mesmo eles não falam, mas eu não tô nem aí, entendeu? Eu vivo minha vida, na minha casa ou até quando eu saio, e aí, eu vejo que eles ficam inclusive até altas horas da madrugada na calçada da minha casa... deve ser porque gostam. Mas eu não entendo, porque de dia eles não falam: 'Oi Dona Maria, bom dia, tudo bem?' não tem essa interação. Eu vejo assim, que os adolescentes de agora, até minhas netas... eu tenho uma bisneta - que tem 15 anos, ela chegava assim na calçada da minha casa e fingia que nem me conhecia... e assim, não sei porque isso, porque eu sou uma pessoa que ama ajudar todo mundo, faço tudo que eu puder... uma vez minha filha até comentou que eu acabo vivendo a vida dos outros e esquecendo da minha, mas eu gosto, sabe? Então eu sinto falta, acho que pode ser uma troca que falta no dia a dia, sabe? Porque a gente precisa, de um favor... de uma coisa, mas a maioria 'não se chega'. Um exemplo é um rapaz que mora de frente a minha casa, que tem 5 filhos, tudo de menor... Daí teve uma época, que ele 'teve' tão doente e eu sempre dava um jeito de dar uma ajudinha a ele lá... porque são nossos vizinhos, né? Todo mundo ali uma hora pode precisar um do outro e nesse momento, eu sentia maior prazer de cuidar/conversar com os menino dele... então eu sinto falta.

Entrevistador: E, a partir deste relato, a senhora consegue me dizer quais pontos positivos e negativos nessa convivência com os mais jovens?

EI_01_79anos: Por exemplo, se a gente tivesse mais oportunidade de conviver e receber uma atenção dos jovens, por exemplo... a gente tá aqui com o celular e não tá sabendo resolver uma coisas, eles ajudam né? E a gente aprende... às vezes esquece, mas sempre quando precisasse a gente sabia que poderia contar com eles, entendeu? E aí a gente pode sentir até mais amigo, mais próximo deles... porque por exemplo, quando me casei e o pai dos meus filhos morreu, eu fiquei com 5 filhos de menor e tinha 3 meninas... aí eu tinha muito medo de arrumar outra pessoa e fosse maltratar eles, porque eu criei tudinho e nunca precisei bater em nenhum, sempre respeitando... eu sofri muito na infância, então meu trauma eu não queria de jeito nenhum que meus filhos tivessem... então acho que o lado ruim seria esse mau trato... eu tenho muito medo que aconteça com a gente.

Entrevistador: Então a senhora acha que se as relações e interações com os mais jovens ocorressem com mais frequência, a vida do bairro iria melhorar?

EI_01_79anos: Com toda certeza... era muito melhor, entendeu? Eles sendo parte do nosso dia aqui dentro do bairro e a gente do deles, com certeza iam nos conhecer bem melhor e evitar que criasse esse preconceito, que você sabe né? tem muito...

Entrevistador: Entendi... E assim, quais praças vocês mais gostam de frequentar ou gostariam se tivesse essa possibilidade de atividade conjunta?

EI_01_79anos: Ah sim, já hoje eu fui pra praça do Mirante... vim direto de lá, dia de hoje tem ginástica com música e eu adoro. Fiz muitas amigas lá... a gente aproveita pra fazer caminhada e a atividade física acontece muito lá, até assim no fim da tarde mesmo... fica uns jovens dançando as coisas deles né e a gente lá.

Entrevistador: Hum e vocês ficam sozinhas?

EI_01_79anos: Não... é organizado por uma menina que também ajuda nas coisas aqui no Centro Comunitário... aí a gente pediu né, porque lá tem uma academia na praça e é bom de fazer caminhada, bonito, tem muita sombra... aí a gente combina aqui no Centro e de manhã bem cedo a gente se encontra lá. Eu adoro. E sabe o que eu tava lembrando agora? Às vezes a gente ia pra missa que era celebrada lá, tinha também umas feiras... Não sei porque parou mais, acho que não tem quem faça... eu tenho pra mim que a gente é muito esquecido pela prefeitura nessas questões, sabe? Porque esse movimento é que faz a gente querer tá nesses lugares. Falta muita segurança por aqui... muita coisa se perdeu (acredito eu) que é por causa disso. Agora... que os policiais estão lá na praça, melhorou mais... a gente tá voltando aos poucos também.

Entrevistador: Entendi. E assim, qual a dificuldade maior atualmente de acessar esses lugares?

EI_01_79anos: Eu não vejo nenhuma. Porque lá tem estrutura mas talvez falta fiscalização, porque o povo quebra e leva as coisas... aí a gente tá fazendo as coisas por enquanto numa parte que tem uma quadra, tem dia de segunda às 17h, terça pela manhã e quinta de manhã também, antes de vir pro forró.

Entrevistador: E a senhora pode me dizer que sentimentos te despertam ao pensar nessa praça?

EI_01_79anos: Eu me sentia mais segura... e o que eu mais sinto hoje é saudade, mesmo indo pra lá, fazendo alguma atividade, eu sinto que a prefeitura não olha mais tanto pra lá, depois daquelas obras da praia ali, na beira... tudo ficou esquecido. Teve uma reforma há um ano aí, nem me lembro direito mais quando foi... o povo só ia mais no começo e depois voltou a ter menos movimento... tá voltando agora, sabe? Mas assim, com gente igual a mim, mais velha... só quando vai para essas praças acompanhado e quando as meninas aqui do Centro marcam... eu me lembro demais da gente sentado de tarde, 'na boca da noite' 'prosando'... tinhas umas colegas que faziam até crochê pra vender por lá mesmo, tinha umas feiras dia de domingo... acho que pelo esquecimento o povo foi 'se desgostando...' mas de repente aos pouco a gente vai voltando mais.

Entrevistador: Entendi. Pertencimento tem, falta mais olhar e cuidado né?

EI_01_79anos: Sim... a última coisa que fizeram foi colocar a polícia, que melhorou a segurança, mas não é só isso né?

Entrevistador: Sim, sim... entendo. E, a senhora consegue me dizer que elementos mais gosta e menos gosta na praça escolhida? Por exemplo: "anfiteatro, academia ao ar livre... etc", entende?

EI_01_79anos: Sei... olha hoje em dia por fazer parte do grupo de idosos eu gosto mais de danças e me exercitar, então o que eu mais gosto de fazer lá é isso. A gente acaba ficando um pedaço depois da aula e conversando um pouquinho, tomando um café... às vezes elas (as companheiras) combinam até de levar algum lanche, mas é difícil... Mas eu acho bom demais caminhar ali, porque é alto né? A gente vê tudo... o mar... antes dava pra ver mais, mas ainda assim é bom.

Entrevistador: Que legal! E o que a senhora sente mais falta lá na praça? No caso, a do Mirante né? Que a senhora tá falando?

EI_01_79anos: É sim... olha, eu sinto falta do movimento que tinha antes. Porque eu vou vez ou outra né? E aí eu já faço o que mais gosto atualmente, mas é como eu te disse, antigamente a gente ia pra se sentar e ficar 'prosando', às vezes até escurecer mesmo, sabe? Só que aí teve os acontecidos, a violência, o esquecimento mesmo e eu sinto que tá voltando devagar, mas não como já foi um dia. O povo adorava subir o morro, olhar pro mar, comer ali... ver o pôr do sol, fazer suas atividades, hoje tá mais devagar... sabe?

Entrevistador: Entendi. Ainda continua sendo o lugar de vocês né?

EI_01_79anos: Ora, pra sempre... nosso morro é bom demais. (rindo)

Entrevistar: Que legal! Muito obrigado por dividir um pouquinho das suas experiências, me ajudou bastante. Obrigado de verdade!

EI_01_79anos: Que isso meu filho, eu adorei.

Entrevista Idosa 02**Entrevistador: Mateus Romualdo Teles****Duração: 29 minutos e 49 segundos****Data da Entrevista: 08/12/2022**

Entrevistador: Beleza, vamos começar! O que a senhora acha da convivência com pessoas mais jovens aqui no bairro seja aqui, seja nas praças, nas ruas...?

EI_02_71anos: Ah adoro, viver aqui com eles, eu adoro. A gente acaba se sentindo mais esperta né? Assim, nem todos gostam de chegar perto e ter paciência pra escutar, as vezes eu sinto falta só de falar mesmo. Mas eu adoro. Aí tem deles que ajuda a gente, com um recado, com uma informação... até assim pra ajudar nos ônibus né.

Entrevistador: Você se sente como com esse tipo de relação?

EI_02_71anos: Acho bom. É melhor do que tá dentro de casa né. Eu não moro sozinha, mas as vezes o divertimento é sair, conversar outras coisas, sentar pra ver o tempo passar... aí eu acho bom demais aqui o centro comunitário porque a gente dança, come, conversa... e tem dias que eu me sinto tão só... Agora assim, eu não tô mais é dançando porque tá com 6 (seis) meses que eu perdi meu filho... morreu tinha com 38 (trinta e oito) anos, deixou 4 (quatro) filhos [voz embargada] Eu fico triste... porque eu ando sem ânimo e aqui e acolá e que eu venho pra cá e esqueço um pouco, nessa convivência... mas também só tem aqui.

Entrevistador: Ele morava com você?

EI_02_71anos: Morava com a “muié” dele... eu só falto ficar louca quando eu me lembro dele...

Entrevistador: Mas aí você veio pra cá, e.... [Interrompido]

Entrevistador: Mas pelo menos a senhora tá aqui, fazendo algo pela senhora, conversando, pensando em outras coisas, acredito que as coisas vão melhorando com o tempo.

EI_02_71anos: [voz de choro] Perdi minha mãe dia 30 de dezembro, quando foi dia 02 mataram meu filho... em maio.

Entrevistador: Foi um perto do outro, né?

[pausa - choro intenso] - momento de acolhida - continuação em 2 minutos;

Entrevistador: Ok, a senhora consegue me dizer quais os pontos positivos e negativos de conviver com esses jovens?

EI_02_71anos: Acho bom sim. Acho bom conviver com eles, conversar... Acho bom também conviver com os idosos daqui, tem uns que vem de fora (outros bairros) a gente acaba conhecendo, saindo mais e visitando, né? Até umas festinha que organizaram por aqui, eles vieram participar e aí todo mundo se aproximou né... os jovens daqui são muito bons pra nós, eles fazem a comida, as brincadeiras, a gente passa o tempo e nem vê...

Entrevistador: Não vê lado ruim nisso?

EI_02_71anos: Não vejo não, queria que tivesse mais né...

Entrevistador: E, você acha que conviver com eles, brincar como você disse, etc. Não só aqui dentro, mas na cidade, nas praças, você acha que melhoraria a vida urbana e a segurança do bairro, convivendo com eles nesses lugares?

EI_02_71anos: Ah, eu não ando muito mais pra esses cantos, só sabe vim pra cá (Centro Comunitário), pro CRAS ali que é meu grupo, só vou pra esses cantos mesmo, de uns tempos pra cá eu me senti mais desmotivada e triste.

Entrevistador: As atividades feitas pelos jovens aqui tem ajudado?

EI_02_71anos: Se não fosse isso, eu já tinha ficado doida meu filho...

Entrevistador: Entendi...

EI_02_71anos: Uma vez minha filha me chamou pra gente ir olhar lá do Mirante (praça), as coisas lá, um fogos... aí eu fui mais ela, fiquei um tempo lá. Mas agora eu só vou quando tem alguém mais jovem que eu, porque assim eu me sinto mais segura. Não é como antigamente que eu ia só... e tem que ser os conhecidos né...

Entrevistador: Você gosta do Mirante?

EI_02_71anos: Lá eu gosto. Eu gosto de lá mas as vezes tem gente que... “maldada” lá... Teve um tempo que teve tiroteio e tudo, mataram um e aí agora tem a polícia lá, mas eu tenho impressão que o povo tem medo.

Entrevistador: Mas faz tempo?

EI_02_71anos: Faz, faz, faz tempo...

Entrevistador: Entendi. E porque a senhora acha que o povo tem medo?

Idosa 02: Sei lá meu filho, acho que a polícia também não deixa muito o povo fazer ‘fole’ lá não, bota os menino pra correr mesmo. Assim, eu mesmo quando ia mais, só era de manhã que tinha a caminhada, aula de zumba e tinha o povo merendando pelo arredor.

Entrevistador: Hum... entendi. E o que a senhora sente quando convive com as pessoas mais jovens?

EI_02_71anos: Acho bom né, só em casa eu fico triste... principalmente porque fico lembrando do meu filho. [voz trêmula]

Entrevistador: Entendi. E a senhora mora só?

EI_02_71anos: Com minha filha, meu genro e meu neto. Mora só nós quatro. Morava nós “tudim”, mas minha neta casou, aí ela saiu, aí eu moro só mais a minha filha... nós quatro.

Entrevistador: Sei... Tá bem, a senhora disse que vem pra cá (Centro Comunitário), para o CRAS e tenta participar das atividades e eventos, né? O que a senhora acha se por exemplo, lá no Mirante, ou na praça do CRAS, oferecessem essas atividades lá, com segurança e pessoas mais jovens ali ajudando, como por exemplo: atividades físicas, uma dança, um jogo, um bordado... Seria bom? E o que que não poderia faltar?

EI_02_71anos: Aqui eu ia fazer até crochê, eu ia até fazer mas não falaram mais... Eu ia achar bom demais, porque já é uma coisa nova pra aprender e se tivesse alguém ensinando com gosto, acho que todos nós aqui ia gostar. Minha neta uma vez fez um curso de sobancelha lá na praça do Mirante, que eles ofereceram... deu foi muita gente. Mas não sei o que aconteceu, não fazem mais.

Entrevistador: Entendi. Mas você acha que seria positivo se essas atividades acontecessem na rua com a ajuda desses jovens de forma supervisionada?

EI_02_71anos: Eu acho... mas tinha que ser de dia né, porque de noite é perigoso, fica muito escuro e na praça mesmo não funciona nada... Eu ia muito em dia de ano (ano novo) natal também. Primeiro a gente ia lá pra praia, mas aí depois que começou esses arrastão paramos de ir mais. É aquela coisa né, a segurança num tem, a praça fica abandonada, a prefeitura inaugurou aí não sei o que lá no Mirante, mas não adianta de nada se não for de dia, que é quando tem mais gente assim...

Mas quando a minha filha me leva ou quando tem alguma festa assim que organizam né, o povo daqui, a gente vai mesmo. A gente fica lá perto do anfiteatro, porque tem umas danças, umas coisas pra nós (idosos). Aí tem uns tempos aí que colocam umas feiras... lá tem muita sombra, dava pra fazer um bocado de coisa, tem até academia lá pra nós (idosos).

Entrevistador: Ah verdade, que é na parte mais alta, né?

EI_02_71anos: É, mais alta... A gente fica lá olhando. Quando tem umas apresentações, a gente fica lá olhando e passeando. Era bom quando eu ia mais, pra sentar na calçada da praça e bordar...

Entrevistador: E quando a senhora pensa nessas praças e nesses espaços, e o que a senhora sente?

EI_02_71anos: Eu sinto saudade do tempo que era mais cheio e tinha mais coisa pra fazer. Ter tem, mas demora a ter lá na praça mesmo sabe, porque a gente num vai só com medo, aí só quando os jovens daqui levam a gente mesmo. Mas é bom lá, de tardezinha...

Entrevistador: Entendi. E a senhora conseguiria escolher algum lugar desses dentro do bairro como preferido?

EI_02_71anos: Lá onde eu moro, ali perto do CRAS também é bom, porque tem umas brincadeiras, campo de futebol e aí tem um movimento, o povo senta mais na calçada, sabe? Aí o povo faz mais coisas. Os ônibus também saem dali né, então é meio que o miolo do Vicente Pinzón, todo mundo se encontra ali.

Entrevistador: Entendi. E se houvesse mais momentos nessas praças que promovessem atividades e eventos em conjunto com os jovens, o que não poderia faltar de infraestrutura, por exemplo?

EI_02_71anos: Eu acho que lá tá bom assim, mas precisa cuidar, as plantas tomando de conta e o piso tá quebrado em alguns lugares... os corrimãos estão enferrujados, ajeitar e cuidar mais, né? Além de melhorar a iluminação e as rampas, as rampas que tem pra subir estão cheias de buracos, os bancos que tem fica tudo no sol e lá tem muita sombra, umas árvores tão bonitas e grandes, sem lugar pra sentar embaixo. Falta também lugar de comer né, acho que o povo gosta mais... porque quando tem feira ou algum movimento de festa assim, o povo vai e fica é tempo

lá... mas só tem o negócio da polícia... se tivesse movimento todo dia assim como era antes, era melhor que aí de tardezinha a gente ia era pra lá...

Entrevistador: A senhora consegue me dizer que elementos a senhora mais gosta e menos gosta nessas praças?

EI_02_71anos: É bom ficar mais ali no anfiteatro né, porque dá pra ver tudo e o que acontece também quando tem algum movimento... o que eu não gosto é insegurança mesmo.

Entrevistador: E o que a senhora mais sente falta?

EI_02_71anos: De ir pra esses lugares sozinha, agora eu preciso né, porque não confio em andar só... por isso eu digo que seria bom os jovens que ajudam nós aqui lá, porque aí dava pra sair mais de casa assim, sabe?

Entrevistador: Entendi... Pois então tá bom. Muito obrigado pelo papo! Vai me ajudar muito.

EI_02_71anos: De nada meu filho, obrigado também por me ouvir. Eu falo demais [rindo]

Entrevista Idosa 03**Entrevistador: Mateus Romualdo Teles****Duração: 31 minutos e 36 segundos****Data da Entrevista: 08/12/2022**

Entrevistador: Então tá, vamos iniciando. Queria te perguntar se a senhora tem interação, convivência com pessoas mais jovens e o que acha disso?

EI_03_76anos: Interação com pessoa mais jovem?

EI_03_76anos: Assim como?

Entrevistador: Por exemplo, pessoas de 20 e poucos anos, se você convive e interage pela cidade?

EI_03_76anos: Não, só minhas netas mesmo. Meus netos, meus bisnetos.... Só as pessoas que eu tenho amizade assim convívio e alguns próximos da minha casa.

Entrevistador: Entendi. A senhora consegue pensar quais pontos positivos e negativos existem nessa convivência assim? Vamos se basear nas tuas netas né? O que é que é bom e o que é que às vezes não é bom?

EI_03_76anos: Eu gosto muito delas, mas as vezes elas não querem assim que eu... Elas mandam muito eu vestir sabe.... Manda sair, pra mim não ficar só em casa triste assim... Ela [diz] “Vai vó se divertir”. Quando eu vim pra cá, ontem teve uns filhos que foram contra, mas as minhas netas mandam eu vir. “Pode ir dançar, se divertir”, que eu gosto muito daqui sabe.... Do Centro Comunitário. Porque em casa eu não saio pra canto nenhum, era todo tempo tímida assim.... Sem prazer na vida. Depois que eu cheguei aqui, comecei a me divertir, querer estar mais pela rua, sabe? Quando eu vi que os mesmos da minha idade se divertem assim, eu pensei: porque não posso também? E ainda tem as meninas (jovens), que ajudam muito a gente... então essa gente nova também motiva a gente.

Entrevistador: Que legal!!! Muito bom saber disso. Dia de terça e quinta que a senhora vem para as atividades?

EI_03_76anos: É, terça e quinta.

Entrevistador: E no CRAS, a senhora também você vai?

EI_03_76anos: No CRAS eu vou.

Entrevistador: Hoje tem né?

EI_03_76anos: Tem sim, os dois dias da semana que eu fico mais ansiosa pra chegar. Chego em casa tão alegre....

Entrevistador: Entendi. E você acha que se tivesse, por exemplo, tirando as suas netas, houvesse uma convivência boa com esses jovens, ou aqui ou nas praças, no bairro, na cidade como um todo? Isso melhoraria?

EI_03_76anos: Melhoraria... Era bom uma amizade com outros jovens além dos que a gente já convive mesmo, até pra ajudar em algo sabe? Mas eu tenho a impressão que eles não querem amizade com a gente não...

Entrevistador: Porquê?

EI_03_76anos: Risadas] Por que eu acho que não. Eles querem amizade com os da idade deles mesmo. Eu queria ter amizade assim, com jovens, mas é muito difícil. A gente só tem mais com idoso mesmo.

Entrevistador: E o que que a senhora sente quando convive assim com essas pessoas mais jovens?

EI_03_76anos: Eu me sinto bem né assim... Seria uma coisa positiva pra viver né, ficar na praça, porque se tiver um povo assim mais jovem a gente se sente até mais segura, o negócio é que a gente vai pra esses lugares, volta cedo... passa pouco tempo... porque pra gente da nossa idade é perigoso. Eu acho...

Entrevistador: E a senhora costuma ir em alguma praça daqui?

EI_03_76anos: Agora eu não tô indo com a frequência de antes, sabe? Por conta da pandemia e dos perigos mesmo, aí quando as coisas voltaram... a gente acabou que ficou mais aqui no Centro Comunitário e algumas vezes lá na praça do CRAS.

Entrevistador: Entendi. E se essas atividades fossem realizadas nas praças ou até na rua com a supervisão da assistente social e a galera mais jovem, a senhora acha que seria bom?

EI_03_76anos: Era bom. Às vezes eu penso até em ir sabe... pras praças e tudo mais, só que não tem opção pra você sentar e comer, não tem as mesmas coisas do centro comunitário... Muito difícil acontecer, mas aqui e acolá o CRAS promove umas coisas naquela praça da frente, mas muito difícil mesmo. Mas aí quando a gente vê um movimento, acaba ficando mais tempo...

Entrevistador: E assim, antigamente, você ia com mais frequência em alguma dessas praças daqui do bairro?

EI_03_76anos: Sim, mas quando tinha companhia e movimento né... depois que fiquei mais velha meus filhos só deixam eu sair com eles ou com alguém que seja conhecido, de confiança... o pessoal aqui do Centro ou do CRAS.

Entrevistador: Tem muito jovem se envolvendo nesses projetos sociais e ajudando vocês né?

EI_03_76anos: É... a maioria são jovens. Se não fossem eles fazendo as coisas aqui, eu não sairia de casa de jeito nenhum. Não tinha pegado gosto em sair de novo.

Entrevistador: Entendi. E se essa praça que tem lá perto da sua casa, a do Mirante ou até a do CRAS que são as mais conhecidas aqui, comessem a promover essas atividades supervisionadas pelos jovens, o que que não poderia faltar, assim, pra você se sentir bem? Se sentir tranquila, etc;

EI_03_76anos: Ah, movimento né? A convivência com as pessoas, conversando, comendo, fazendo atividade física... e ter segurança. Teve umas reformas aí, mas não adianta de nada se não estiver segura e se não tem o que fazer lá.

Entrevistador: E se você pudesse listar o que não poderia faltar de infraestrutura nesses locais, como as praças e os espaços públicos? O que você listaria?

EI_03_76anos: Eu acho que tem que ter segurança em primeiro lugar, porque era o que eu tava dizendo... não adianta de nada reformar todo ano algum lugar e a gente da minha idade não se sentir seguro lá. A polícia já ajuda muito, mas nem sempre é tranquila e o movimento não acontece se não tiver lugar adequado lá, por exemplo um negócio de sanduíche, um bazar... Agora a noite tem que ser mais iluminado porque é muito escuro... Eu mesma não aguento ficar muito tempo sentada naqueles bancos, sem encosto e ruim de sentar. Uma vez colocaram uns de madeira, mas quebram na mesma semana... e outra coisa, o povo que mora nos arredores que cuida das plantas da praça, mas a prefeitura faz é arrancar... eu aposto que se tivesse uma horta pro povo cuidar, dava pra plantar até pra cozinhar, alguma fruta né... Dava pra fazer coisa demais ali no mirante e aqui na frente do centro comunitário, já que é tudo perto, até levar a gente pra ajudar né?

Entrevistador: Sim, com toda certeza! Muito legal tudo isso que a senhora listou!!! E assim, o que a senhora sente hoje em morar aqui?

EI_03_76anos: Eu me sinto bem morar aqui, tô acostumada né. Me sinto em casa, saio toda hora sempre que saio não tem problema. É aquele ‘canto’ que faz a gente se sentir acolhido...

Entrevistador: Ah, que bom. Pertencente né?

EI_03_76anos: É... aqui é o meu lugar... em casa e na vizinhança a gente tem segurança. Pode deixar a casa sozinha, chegar tá do mesmo jeito. Sentar na calçada pra jogar conversa fora pra passar o tempo...

Entrevistador: E o que a senhora mais sente falta nesses locais? Na praça, no bairro, etc?

EI_03_76anos: De viver mais... Eu queria andar pra todo canto que nem antigamente. Sem medo, sem nada que me impedisse. Que as pessoas não fossem tão ruins e convivessem de uma forma boa, de igual pra igual, sabe? Queria não ficar mais muito tempo em casa, porque já era ruim... ficar só e sem ter o que fazer, depois teve essa pandemia né, aí agora tudo se normalizando, mas a gente parece que tá aprendendo tudo de novo. E o povo parece que saiu tudo doido, com a cabeça virada [rindo]. Mas é isso meu filho, eu ‘dou’ graças a Deus quando tem o que fazer aqui no Centro Comunitário, porque passa meu tempo e eu me sinto melhor sabe? De vez enquanto tem uns cursos, umas coisas novas que essa juventude inventa e a gente gosta sabe? Eles ensinam muita coisa... E eu queria que ‘tudim’ fosse assim, só que você sabe como é né, tem os ‘mal fazer’... Mas eu tomara que a gente saia mais por aí, pra conviver mais e se divertir.

Entrevistador: Que linda! Muito obrigado por todas as palavras e pelo seu tempo, tá? Vai me ajudar muito e pode ter certeza que ajudarei no que for preciso por aqui com vocês.

Idosa 03: De nada meu filho, Deus abençoe.

Entrevista Idoso 04**Entrevistador: Mateus Romualdo Teles****Duração: 29 minutos e 45 segundos****Data da Entrevista: 08/12/2022**

Entrevistador: Pronto, podemos ir começando aos poucos. O que a senhora acha de conviver com pessoas mais jovens aqui no bairro? Nos espaços da cidade, em geral...

EI_04_75anos: Sobre a convivência de pessoas mais jovens, é?

Entrevistador: Isso...

EI_04_75anos: Bom, no ambiente aqui em geral eu acho bom demais. Eu só conheço mais aqui por perto do Centro Comunitário, sabe? Eu não ando muito por outros locais não... aqui a gente tem um suporte, então aqui e acolá eu gosto de andar ali pelo Mirante com minha companheira... porque ali tem os policiais e os jovens gostam muito de ficar até altas horas, e aí quando a gente vai sabe que tem algum movimento, mesmo que seja pouco... antes tinha mais né. E assim, eu sou uma pessoa que nunca me casei, sou um rapaz velho, vou completar agora em maio 76 anos. Eu tinha costume de... hoje é porque não pratico mais - mas eu fazia pintura automotiva, sabe? Eu fazia e era daqueles que não ligava muito, sabe? Bebia demais e ao invés de me cuidar eu ia era beber cachaça, andava por aí sem ligar muito pras coisas, fui um jovem assim... pode-se dizer: vagabundo mesmo. Venho de uma família pobre (só eu e minha mãe) e me meti em muita coisa errada... já fui junto aí durante um tempo, estudei pouco... só fiz aí o básico, naquela época tinha que começar a trabalhar muito cedo, com 13 anos eu já tava trabalhando em tudo enquanto por aí... e depois de velho, quando eu conheci o programa de idosos aqui do bairro, foi quando as coisas começaram a andar na minha vida e eu sei que quem faz tudo aqui por nós são eles, né? (os jovens), então assim, por mais que eu ache que a gente não conviva muito por aí (no bairro) eu vejo esses programas como uma aproximação mesmo, sabe? E a gente acha bom, a gente sente... Aqui a gente vira criança de novo, sabe? E eu não nasci aqui, venho de outro bairro... mas aí minha mãe morreu e, um dos filhos dela teve a sorte de ter uma melhor vida, sabe? e aí eu acabei indo morar lá durante um tempo... aí por acaso, por causa do grupo de idosos, quando trouxeram a gente pra cá, eu conheci minha companheira atual, por causa dos jovens que organizaram e trouxeram a gente pra cá... e desde então minha vida mudou, por causa dela (a companheira)... daí eu me mudei pra cá e me sinto em casa, mesmo não sendo daqui. Eu disse a ela (a companheira) que você tá salvando minha vida e as professoras (os jovens que organizam os momentos para os idosos), também. Quando a gente fica velho se sente muito mais só, isso tudo aqui me fez querer viver mais.

Entrevistador: Entendi...

EI_04_75anos: Depois disso eu fiquei morrendo de vontade de montar uma oficina pequena pra mim, sabe? Trabalhar ali devagarinho e eu adoro popularidade, conversar, fazer as pessoas felizes... é tanto que hoje é o dia que eu mais gosto, porque nós vem pra cá... dançar, ter contato

com esses jovens e aí eu penso que se eu montasse minha oficina eu chamaria algum deles pra me ajudar, trabalhar, pra eu não me sentir só e nem sentir que sou inútil.

Entrevistador: E, a partir deste relato, o senhor consegue me dizer quais pontos positivos e negativos nessa convivência com os mais jovens?

EI_04_75anos: Olha ponto positivo eu vejo muito aqui mesmo, na convivência, na conversa... a gente às vezes tá num dia ruim e quando chega aqui parece que esquece. Eles ajudam muito a gente aqui no Centro, eu acho bom... O lado negativo são os que se envolvem com droga porque eles nem lembram que a gente existe... as vezes fica até soltando piada... mas eu não me importa não. Eu acho que depende muito que tipo de jovem vai conviver com a gente. Os daqui são os que mais ajudam a gente e a gente gosta...

Entrevistador: E o senhor acha que se as relações e interações com os mais jovens ocorressem com mais frequência, a vida do bairro iria melhorar?

EI_04_75anos: Rapaz isso aí depende muito da convivência, por exemplo, da relação que aquele jovem tem com os pais, porque tem muita criança que é de uma certa maneira que cresce e vai entrando nos lugares errados, e aí não sei se seria uma boa ideia juntar com nós, sabe? Os que vivem nesse mundo da droga... Eles já vivem distante da gente e assim, o mínimo de contato já olham torto e a gente fica com medo né? Só que assim, depois desses programas que o governo botou aqui né? Muitos deles mudaram muito e são até chefes das atividades que acontecem aqui nos centros. Acho que falta mais olhar por eles, pra que cheguem na nossa idade e continue cada legado, né? E aí esses meninos já fica mais tempo com a gente aqui, ajudando, organizando as coisas que a gente gosta...

Entrevistador: Então depende muito do comportamento né?

EI_04_75anos: Sim, eu vejo que o CRAS ajuda muito e o CITS também, os que a gente tem mais contato são eles...

Entrevistador: Entendi... E assim, o senhor acha que se tivesse uma oportunidade organizada por esses jovens nos espaços da cidade (por exemplo, as praças - a do CRAS, a do Mirante), de atividades realizadas em conjunto... seria melhor pro bairro? pra vida do bairro em si?

EI_04_75anos: Ahhhhh, seria bom demais. A dança aqui é muito boa... antigamente faziam lá no Mirante, tinha muita festa... mas depois de um tempo o povo não foi mais com medo. Acho que na realidade de hoje, teria que ser algo bem organizado mesmo, porque por si só a gente prefere ficar dentro aqui do Centro Comunitário mesmo. O Fernando (organizador geral dos eventos) - ele é uma pessoa muito boa, muito importante... ele acaba trazendo os jovens pra cá também, pra ajudar, conversar... por exemplo agora, eu tô achando bom demais conversar, porque a gente nunca tem com quem... e conversar só com as da nossa idade às vezes é chato (rindo). Um dia desses teve um mutirão pra limpar a frente aqui do Centro Comunitário né? E foi gente de todo jeito e de toda idade, rapaz foi bom demais... no final teve até comida (rindo), então a gente conhece mais esses meninos (jovens), né?

Entrevistador: Entendi... E assim, quais praças vocês mais gostam de frequentar ou gostariam se tivesse essa possibilidade de atividade conjunta?

EI_04_75anos: Eu gosto de ir na do Mirante, mas deixei de ir mais... porque agora só vai um grupo de mulher pra ginástica e eu gosto de jogar um baralho, um dominó... nunca organizaram

pra ir os homens não... Mas eu queria ir, eu gosto de dançar, às vezes danço uns três passos e já tô com muita dor, mas mesmo assim eu gosto... Era bom organizar com todo mundo aqui um dia lá né, de repente a gente fala com a mulher aí e eles fazem. Outra coisa que eu sinto falta é de ter alguém pra ajudar nas atividades físicas, sabe? Era bom, porque eu me sinto melhor. Aí eu ia com minha mulher, né?

Entrevistador: Entendi. E assim, qual a dificuldade maior atualmente de acessar esses lugares?

EI_04_75anos: Oportunidade de ter alguma coisa... eu sempre gosto de ir com minha companheira, mas tem horas que deixo de ir por preguiça de ficar lá sem fazer nada, as vezes me obrigo a ir pra sair de casa né, mas falta oportunidade de fazer alguma coisa mesmo, sabe? Aqui no Centro Comunitário dá mais vontade de vir porque tem o forró, tem a comida, tem o movimento, a gente conversa, até presente ganha? (rindo) Eu disse pra você né, eu gosto de jogar baralho, tomar café e fumar meu cigarro... mas aí não tem a companhia, aí eu fico esperando chegar o dia de vim pra cá mesmo.

Entrevistador: Hum... entendi. E o que o senhor acha da praça oferecendo espaços que possibilitem atividades em conjunto com os mais jovens? O que não poderia faltar nesses espaços?

EI_04_75anos: Qual praça?

Entrevistador: A que o senhor mais gosta de frequentar, a do Mirante.

EI_04_75anos: Ahhhh... tinha que ter gente né? (rindo)...

Entrevistador: Rindo. Entendi, mas o que precisaria ter pra reforçar isso? Um quiosque que vende lanche? Falo mais da estrutura do lugar...

EI_04_75anos: Tô prosando com você (rindo). Acho que lá já tem uma estrutura boa, depois da reforma né... o problema é que depois disso, eles esqueceram... não tem manutenção, não tem atividade pra acontecer, as meninas daqui do centro que se organizam as vezes e levam as mulheres pra lá né... O povo ficou com medo e eles colocam polícia, mas mesmo assim o povo não vai como antes. Acho que falta é cuidar mesmo, entendeu? A gente tá por lá de vez enquanto, mas fora isso... não acontece nada. De noite, ninguém vai porque não tem o que fazer... antes tinham uns pratinho, uns sanduíches, mas nem isso tem mais...

Entrevistador: Hum... tô entendendo. E que sentimentos despertam no senhor o pensar nessa praça?

EI_04_75anos: Ah uma coisa boa né? Porque é o único lugar assim que a gente ainda vai né, eu e minha companheira... quando não tá em casa, tá aqui e quando não tá aqui, tá lá... então eu acho bom.

Entrevistador: Entendi. E diante disso, que elementos o senhor mais gosta e menos gosta na praça escolhida?

EI_04_75anos: Eu gosto de me sentar na sombra (rindo). E das mesas de xadrez, mas tiraram...

Entrevistador: Hum e o senhor sente falta?

EI_04_75anos: Demais... eu nem sei porque tiraram, um dia quando chegamos lá não tava mais...

Entrevistador: Nem perguntaram nada?

EI_04_75anos: Nam, nunca perguntam...

Entrevistador: Sei... acho que o senhor acabou respondendo o que mais sente falta então, né?

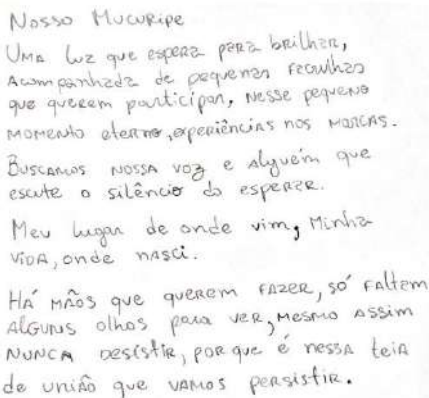
EI_04_75anos: É... isso aí.

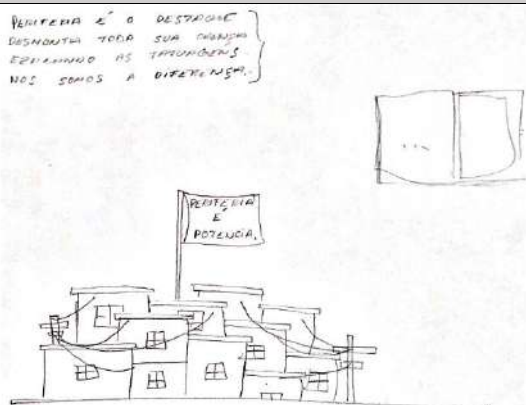
Entrevistador: Então tá! Muito obrigado por dividir um pouquinho das suas experiências, me ajudou bastante. Obrigado de verdade!

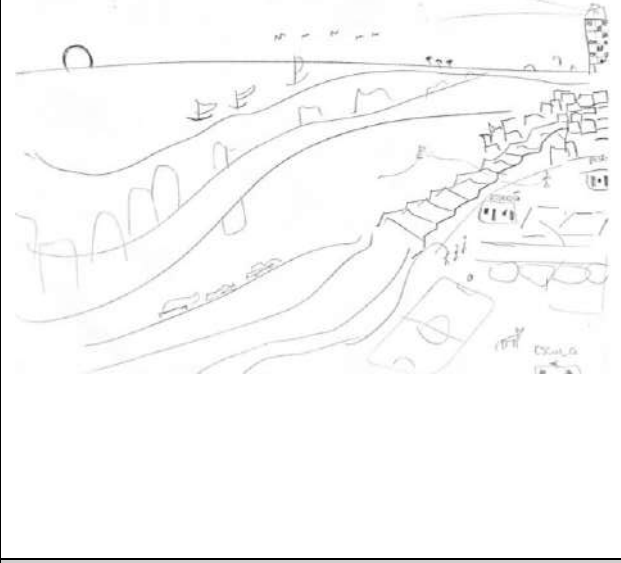
EI_04_75anos: De nada... eu adorei nossa prosa... volte mais vezes, viu?

Entrevistador: Obrigado! Com certeza voltarei.

APÊNDICE F – RESULTADOS DOS MAPAS AFETIVOS (JOVENS)

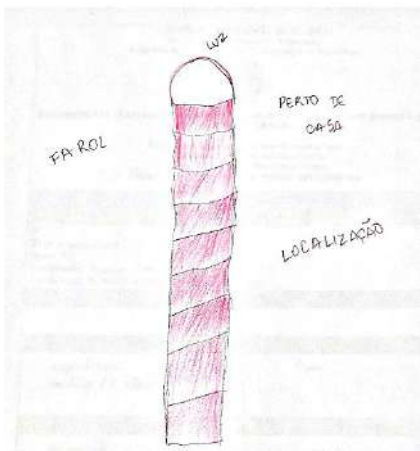
IDENTIFICAÇÃO			
ID: Jovem 01 Sexo: Feminino Idade: 18 anos Escolaridade: Superior completo Cidade/tempo de residência (originário ou não): nascida no bairro;			
DESENHO		ESTRUTURA	
 Nosso Mucuripe Uma luz que espera para brilhar, Acompanhada de pequenas fagulhas que querem participar, nesse pequeno momento atarefado, experiências nos mares. Buscamos nossa voz e alguém que escute o silêncio do esperar. Meu lugar de onde vim, Minha vida, onde nasci. Há mãos que querem fazer, só faltam alguns olhos para ver, mesmo assim nunca desistir, porque é nessa teia de união que vamos persistir.		Metafórico – poesia;	
		SIGNIFICADO	QUALIDADE
		“Há mãos que querem fazer, só faltam alguns olhos para ver...”	União para combater o mal;
		SENTIMENTO	METÁFORA
		Esperança;	Começos; Sonhos;
SENTIDO (Interpretação dos pesquisadores)			
A jovem representa o sentimento que tem pelo bairro através de um poema que elaborou logo após a entrevista. A mesma, em diversos momentos destaca a importância de participar da construção e das transformações do seu território, pois acredita que cada geração que ali nasce e resiste é responsável pela potência que aquele lugar emerge. Associa o bairro como um todo à uma ‘luz’ e seus moradores como ‘pequenas fagulhas’, que tem intensa vontade de participar e construir um lugar mais seguro e de qualidade. Levanta também a pauta de que as gerações devem aprender com as marcas, uma vez que a história da construção do bairro está marcada de forma física e simbólica. Em contrapartida, menciona o silêncio do poder público, referindo-se ao esquecimento sobre o território em questão, uma vez que diversas intervenções são realizadas nas ruas, nas praças e nos espaços livres (sem contactar a população) sempre acabam voltando a situações precárias de infraestrutura. A partir do poema é percebido uma força no afeto pelo lugar e a demonstração de vontade de agir na autogestão dos espaços, mas que as pessoas continuam não sendo escutadas. De todo modo, é visto que a desistência de resistir não é uma opção, mesmo quando se resiste em uma área onde os olhos da especulação imobiliária não se fecham. União, Resistência, Afeto e Ação-transformação resumem esta metáfora.			

IDENTIFICAÇÃO		
ID: Jovem 02 Sexo: Masculino Idade: 21 anos Escolaridade: Superior incompleto Cidade/tempo de residência (originário ou não): nascido no bairro;		
DESENHO	ESTRUTURA	
	Cognitiva – elemento da estrutura urbana	
	SIGNIFICADO	QUALIDADE
	Resistência;	Potência;
	SENTIMENTO	METÁFORA
	Orgulho;	Castelo de Madeira;
SENTIDO (Interpretação dos pesquisadores)		
O jovem representa o bairro Vicente Pinzón como potência, utilizando-se da seguinte frase em um trecho de rap feito no momento da confecção do mapa: “Periferia é potência”. O respondente é nascido no bairro e desvela em seu desenho e experiência, a importância de reconhecer as antigas gerações que ao seu olhar são responsáveis de tornar o Vicente Pinzón e o Grande Mucuripe um local de tanta potencialidade. Enfatiza a pesca e o peixe como símbolos dessa resistência, pois durante muitos anos foi e ainda é fonte de renda dos pescadores, em sua maioria, nascidos no bairro. Caracteriza o lugar como ‘Morro Santa Terezinha’, conhecido pela maioria e faz alusão a um castelo de madeira – como metáfora, tanto pela configuração visual das casas (lembrando um castelo) e a madeira representa o material de que as habitações eram feitas antes de receberem uma infraestrutura mais adequada – reforçando que, ainda hoje é assim. O jovem é compositor, <i>rapper</i> e faz artes urbanas com a ‘pichação’, o mesmo relata que o poder público não o reconhece e outros diversos artistas como algo bom pra cidade, pois sempre desfaz e invisibiliza tudo que a população (especificamente jovem) faz no bairro como forma de resistência, ocupação e de legado (identidade). Pontua ainda que se considera um marginal – por morar às margens da burguesia e que luta todos os dias com os seus, apesar de tudo, para continuarem sendo “os donos” do Mirante, o grande Mucuripe.		

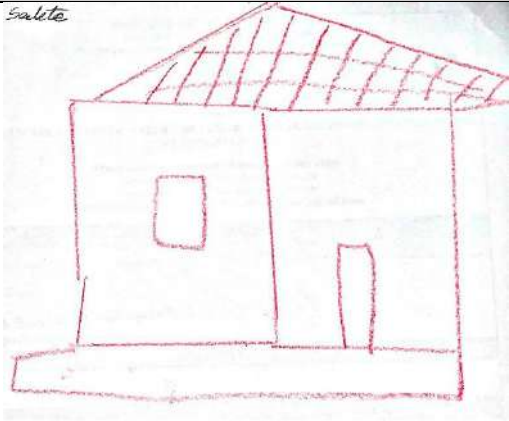
IDENTIFICAÇÃO		
ID: Jovem 03 Sexo: Feminino Idade: 24 anos Escolaridade: Ensino médio completo; Cidade/tempo de residência (originário ou não): morador do bairro há 22 anos;		
DESENHO	ESTRUTURA	
	Cognitiva – elemento da estrutura u	
	SIGNIFICADO	QUALIDADE
	Tranquilidade;	Descanso, Repouso;
	SENTIMENTO	METÁFORA
	Esperança; Orgulho; Admiração;	Paraíso na terra;
SENTIDO (Interpretação dos pesquisadores)		
No desenho, pode ser percebido alguns elementos destaque apontados pelo respondente, tais como: o farol (símbolo de orientação e afeto das famílias de pescadores); as escadarias (como percursos e permanências); a orla (como separação da comunidade com o mar); as jangadas (como símbolo da fonte de renda das famílias); e as praças (espaços livres) acompanhadas da associação (pois é articulador das atividades que acontecem no bairro). Apesar de não ter nascido no bairro, o jovem praticamente viveu/vive sua vida toda no local e destaca a tranquilidade como significado desse lugar. Proveniente de uma família de pescadores, o jovem faz referência ao bairro como um lugar de descanso fazendo a comparação com um paraíso na terra. A conjuntura do desenho potencializa o território como lugar de orgulho, e acima de tudo, esperança, uma vez que é um bairro que resiste e sofre diariamente com os olhos da especulação imobiliária. O jovem pontua ainda que estão sempre às margens – seja literalmente as margens do mar – de onde construíram e constroem sua história de potência ou às margens de grandes projetos, como: a requalificação da beira mar e sua verticalização fazendo com que cada vez mais sintam-se engolidos e principalmente, esquecidos. Por fim, sente como se o Vicente Pinzón, seu lugar, fosse um respiro em meio a uma cidade desigual.		

IDENTIFICAÇÃO		
ID: Jovem 04 Sexo: Feminino Idade: 24 anos Escolaridade: Ensino médio completo; Cidade/tempo de residência (originário ou não): nascida no bairro;		
DESENHO	ESTRUTURA	
	Metafórica;	
	SIGNIFICADO	QUALIDADE
	Expansão;	Resistente;
	SENTIMENTO	METÁFORA
	Acolhimento;	Árvore;
SENTIDO (Interpretação dos pesquisadores)		
“o mensageiro despertador das 6hs te lembra, pegar mais bagagem...” Com este pedaço do poema que decifra o bairro, o lugar... a jovem metaforicamente interliga o lugar com o sentimento de resistência; “te lembrar” no sentido de potencializar-se através das memórias, das histórias, da força que este bairro carrega através dos ensinamentos passados e “preservados” através das distintas gerações e; “pegar mais bagagem” no sentido de sempre continuar a construção simbólica do lugar através de mais aprendizado com os mais velhos e até com a sua própria geração. O significado de expansão ultrapassa o sentido literal da forma física urbana e chega a expansão no que se diz respeito às memórias afetivas e sentimento de proteção ao lugar. Todavia, é importante destacar a qualidade ambiental referida apenas como “bom, simplesmente bom, estar bom...” no sentido de mesmice e esquecimento. A boa qualidade acaba se aliando ao lugar como casa e acolhimento, mas que a percepção dos moradores é que não é um lugar visto pelo poder público como potência. A respondente é uma das articuladoras das atividades intergeracionais que acontecem no CITS Mucuripe e Centro Comunitário e por causa disso, vê o bairro como uma árvore, genealógica de fato, onde destaca a importância de preservação das memórias e dos legados repassados de geração para geração.		

APÊNDICE G – RESULTADOS DOS MAPAS AFETIVOS (IDOSOS)

IDENTIFICAÇÃO		
ID: Idosa 01 Sexo: Feminino Idade: 79 anos Escolaridade: Ensino Básico (incompleto); Cidade/tempo de residência (originário ou não): 50 anos morando no bairro;		
DESENHO	ESTRUTURA	
	Cognitivo - elemento da estrutura urbana;	
	SIGNIFICADO	QUALIDADE
	Orientação e identidade do morro	Lugar bom; Acolhimento;
	SENTIMENTO	METÁFORA
	Insegurança (atual)	Casa - Praia
SENTIDO (Interpretação dos pesquisadores)		
A idosa demonstrou em seu desenho o Farol do Mucuripe como elemento de orientação – tanto para os navios que chegam ao porto, quanto para os próprios moradores do bairro Vicente Pinzón e da cidade de Fortaleza/CE. A proximidade com sua residência contribuiu também, para que a respondente escolhesse o Farol para representar memória afetiva. A mesma destaca que além disso, é ponto de encontro de várias gerações, onde especificamente durante a noite reúne diversos jovens que permanecem ali para aproveitar a comida que é vendida informalmente nas calçadas das residências, muitas vezes pelos próprios idosos. A idosa pontua também que o ‘antigo farol’ servia como “praça” para diversos moradores, mas que foi esquecido pelo poder público. É importante destacar que o elemento foi apontado como lembrança de um tempo em que a praia era mais “aberta” aos pescadores e que com os grandes projetos, essa relação foi gerando um sentimento de perda.		

IDENTIFICAÇÃO		
ID: Idosa 02 Sexo: Feminino Idade: 71 anos; Escolaridade: Ensino Básico (incompleto); Cidade/tempo de residência (originário ou não): nascida no bairro;		
DESENHO	ESTRUTURA	
	Cognitivo – elemento da estrutura urbana;	
	SIGNIFICADO	QUALIDADE
	Lar – Herança – Cuidado;	É o meu lugar, minha vida toda é aqui;
	SENTIMENTO	METÁFORA
	Amor e carinho;	Vida “começo e fim”;
SENTIDO (Interpretação dos pesquisadores)		
A idosa relaciona o bairro como sua casa e sua herança, uma vez que mora desde sempre na casa que seus pais nasceram e acabou ficando pra ela. Essa herança e memória construída faz com que a mesma tenha um grande cuidado pelo seu lugar e tenha uma sensação de família com seus vizinhos que estão ali a muito tempo. A respondente ainda aponta que, a sensação de segurança que ainda mantém é nos arredores de sua casa pois sente que pode contar com qualquer um de seus vizinhos a qualquer momento e em qualquer circunstância. A mesma relatou ainda, a morte recente de seu filho onde encontrava-se muito triste, mas que as atividades do Centro Comunitário a salvaram de ficar entristecida em casa por muito tempo. A idosa pontua a boa relação que mantém com os netos, com os jovens da vizinhança e do Centro Comunitário e sinaliza que é a ligação direta que a faz lembrar do amor que sente pelo seu falecido filho, em suas palavras: “É o que me fortalece e me faz querer continuar”. Por fim, com base em seu desenho mostra a vegetação existente na sua calçada e no canteiro da rua, onde a mesma relata que se sente bem em cuidar das flores que estão ali, plantadas pelos vizinhos e por ela. Destacou que sua rua é bem sombreada e boa de sentar na calçada, assim como a praça do Mirante.		

IDENTIFICAÇÃO			
ID: Idosa 03 Sexo: Feminino Idade: 76 anos Escolaridade: Ensino Básico (incompleto); Cidade/tempo de residência (originário ou não): Nascida no bairro;			
DESENHO		ESTRUTURA	
		Cognitivo - elemento da estrutura urbana;	
		SIGNIFICADO	QUALIDADE
		Diversão – Paz – Dança;	O melhor lugar do mundo;
		SENTIMENTO	METÁFORA
		Alegria e Amor;	Fortaleza / Casa-Lar;
SENTIDO (Interpretação dos pesquisadores)			
O desvelar deste mapa se deu a partir da forte memória afetiva que a idosa tem com o bairro, tanto por ter nascido quanto por ter sido e ainda ser muito neste lugar. Pontou que uma das coisas que mais adora fazer é dançar e a partir do desenho da fachada da sua casa, relata que sempre se sentiu muito segura em sua rua, pois a vizinhança é família para ela. A dança a mantém muito ativa e por isso agradece bastante as atividades intergeracionais que o CRAS propõe no Centro Comunitário, uma vez que ao passar do tempo as mudanças que foram acontecendo no bairro diminuiu o fato de fazer essas atividades na rua ou nas praças. As mudanças estão diretamente ligadas à insegurança que permeia o bairro, especialmente depois do esquecimento do poder público sob o local. Todavia, a respondente acredita que as iniciativas dos jovens que organizam as atividades para os idosos pode contribuir para o fortalecimento e preservação desta memória. Outro ponto importante, foi a calçada identificada no desenho que representa para a idosa uma parte da sua casa – como se fosse mais um ambiente, e a mesma relata que é onde congrega maior possibilidade de reunião e comunhão com seus vizinhos, fazendo alusão ainda à sua calçada e o bairro, como uma grande fortaleza.			

IDENTIFICAÇÃO		
ID: Idoso 04 Sexo: Masculino Idade: 75 anos Escolaridade: Ensino Básico (incompleto); Cidade/tempo de residência (originário ou não): 4 anos morando no bairro;		
DESENHO	ESTRUTURA	
	Cognitivo - elemento da estrutura urbana;	
	SIGNIFICADO	QUALIDADE
	Referência e História;	“Lugar bom se viver e é porque não nasci aqui”
	SENTIMENTO	METÁFORA
	Encanto e saudade;	Mudança;
SENTIDO (Interpretação dos pesquisadores)		
Inicialmente, o idoso pontua o Farol do Mucuripe como parte de sua história. Além de ser uma referência urbana – um marco, traz consigo um significado importante para o respondente, pois ainda que o mesmo não tenha nascido no bairro, o Farol sempre foi um elemento conhecido na cidade de Fortaleza como um todo. Ele demonstra insatisfação com a mudança do antigo pro novo farol, tanto pelo novo local inserido, quanto pelo esquecimento do poder público sobre o antigo. Relata também que, já foi algumas vezes pro antigo farol tomar sua cachaça, admirar o litoral e jogar conversa fora (mesmo não morando ainda lá). Uma das coisas que mais chama atenção do idoso é a arquitetura do antigo farol que não tem praticamente nada a ver com o atual. De modo geral, a insatisfação do idoso é resumida pela metáfora “mudança”, onde o mesmo relata que a mudança das referências urbanas gera um sentimento de perda e pode imaginar a intensificação desse sentimento em quem de fato nasceu e se criou ali. Em suas palavras “O Vicente Pinzón e o grande Mucuripe é o bairro do ‘já teve’ igual a cidade de Fortaleza”.		

APÊNDICE H – Categorias temáticas de análise das entrevistas (jovens e idosos).

Tabela H - Categorias temáticas das entrevistas

Categoria Temática	Unidade de registro	
	Jovens	Idosos
Relações Intergeracionais	“Hum... É porque assim, eu trabalho mais em área de igreja e tal, a gente faz trabalho no meio da rua aí, visitas.... Não sei se isso pode dizer que é a interação né.... porque é um trabalho voluntário. Daí só que assim, interação mesmo de sair na rua e sei lá.... Brincar ou alguma coisa do tipo, eu fazia quando era mais nova. Hoje em dia nem tanto, entendeu?” Jovem 01; “Só de ajuda assim... Às vezes também de aprender, por que né... Eles têm uma carga maior de vida, pode ensinar muita coisa pra gente.”; “... de como seguir naquilo, que é pra aproveitar o que a gente tem né...” Jovem 01; “Não interajo tanto assim com os idosos na rua, mas dentro de casa tenho meu avô e a gente acaba dialogando muito sobre isso... sobre futebol e pá. No bairro mesmo é muito pontual sabe os que eu interajo assim, sei lá, parece que não tem oportunidade mesmo.” Jovem 02; “Eu acho que nós temos que ter uma consciência de que nós estamos em um tempo diferente dessas pessoas, no sentido mesmo da geração, da criação... a forma que essas pessoas foram desenvolvidas é totalmente diferente do pessoal da nossa época, temos que primeiro ter claro isso. E eu acho que só é um pouco complicado, pela questão da compreensão mesmo, deles com a gente... porque nosso ritmo é um e o deles é outro totalmente diferente. Só que ao mesmo tempo que eu falo isso, acho que pode ser uma falta de oportunidade, de sentar, conversar, interagir, ter momentos e espaços pra isso, sabe?	“...os jovens de hoje... porque assim, eu moro próximo à praça do Mirante que tem muitos jovens assim, por lá né... e comigo mesmo eles não falam, mas eu não tô nem aí, entendeu? ..., mas eu não entendo, porque eles não falam: ‘Oi Dona Maria, bom dia, tudo bem?’ mas eu sinto falta, acho que pode ser uma troca que falta no dia a dia, sabe? Porque a gente precisa, de um favor... de uma coisa, mas a maioria ‘não se chega’.” Idosa 01; “Ah adoro, viver aqui com eles, eu adoro. A gente acaba se sentindo mais esperta né? Assim, nem todos gostam de chegar perto e ter paciência pra escutar, as vezes eu sinto falta só de falar mesmo. Mas eu adoro. Aí tem deles que ajuda a gente, com um recado, com uma informação... até assim pra ajudar nos ônibus né.” “... Até umas festinhas que organizaram por aqui, eles vieram participar e aí todo mundo se aproximou né... os jovens daqui são muito bons pra nós, eles fazem a comida, as brincadeiras, a gente passa o tempo e nem vê...” Idosa 02; “Não, só minhas netas mesmo. Meus netos, meus bisnetos.... Só as pessoas que eu tenho amizade assim convívio e alguns

	Mesmo sabendo que alguns são mais difíceis que outros, assim de aceitar mesmo, tá me entendendo? Esse diálogo é muito importante pra que nós jovens possamos compreender as exigências e demandas deles, sabe? Principalmente pessoas como eu, que trabalham e se envolvem nesse meio social e de organização das próprias atividades que eles fazem aqui nos centros.” “Ah, muitos pontos positivos. Porque o grande Vicente Pinzon, o Mucuripe né, é formado por uma comunidade de pescadores né... quem conhece a história sabe. E pra nós que é da juventude, é muito bom ter eles por perto, porque acabam resgatando a memória e a gente entendendo porque é tão importante a pesca na nossa quebrada, tá entendendo? Das militâncias que existiam naquela época, tipo da colônia Z8, da colônia de pescadores e tudo mais - e aí, resgatar a história e a cultura do bairro né? Até pra continuar o legado deles... e eu não consigo identificar um ponto negativo, sabe? Acho que a comunidade é feita disso, de geração para geração, então isso acaba ajudando a preservar né, essa cultura, essa história, então na real eu não vejo um ponto negativo tá ligado?” Jovem 02; “acredito que dependendo de como seja essa aproximação isso pode ajudar no sentido do preconceito etário mesmo, até na questão do racismo estrutural, né mano... porque naquela época era muito difícil a pessoa ter o estudo que tem hoje né mano, então hoje pra gente que é do social, que faz parte dos coletivos, a gente teve que buscar né... porque a gente não vê dentro da nossa escola falando sobre isso ou estimulando sobre isso, tá ligado? então a gente teve que buscar pra adquirir esse determinado sentimento, tá ligado? E a outra pessoa que tá recebendo esse conhecimento tem que tá aberta a escutar o que a gente tem a propor... porque são várias questões pô, várias questões... desde LGBTQIAP+ até o racismo, até de desigualdade social, tá entendendo? então abrange vários eixos aí...” Jovem 02;	próximos da minha casa.” Idosa 03; “Seria uma coisa positiva pra viver né, ficar na praça, porque se tiver um povo assim mais jovem a gente se sente até mais segura, o negócio é que a gente vai pra esses lugares, volta cedo... passa pouco tempo... porque pra gente da nossa idade é perigoso. Eu acho...” Idosa 03; “Bom, no ambiente aqui em geral eu acho bom demais. Eu só conheço mais aqui por perto do Centro Comunitário, sabe? Eu não ando muito por outros locais não... aqui a gente tem um suporte, então aqui e acolá eu gosto de andar ali pelo Mirante com minha companheira... porque ali tem os policiais e os jovens gostam muito de ficar até altas horas, e aí quando a gente vai sabe que tem algum movimento, mesmo que seja pouco... antes tinha mais né.” Idoso 04; “Depois disso eu fiquei morrendo de vontade de montar uma oficina pequena pra mim, sabe? Trabalhar ali devagarinho e eu adoro popularidade, conversar, fazer as pessoas felizes... é tanto que hoje é o dia que eu mais gosto, porque nós vem pra cá... dançar, ter contato com esses jovens e aí eu penso que se eu montasse minha oficina eu chamaria algum deles pra me ajudar, trabalhar, pra eu não me sentir só e nem sentir que sou inútil.” Idoso 04;
--	--	--

	“Por exemplo, tem muito idoso que passa e eu tô na parede fazendo minha arte, diz assim: ‘que arte linda cara’, ‘você se garante’, ‘tá foda’ e a gente? cara, obrigado... é da rua pra rua, isso me deixa feliz demais, tá ligado?” Jovem 02; “Sim e eu acho que é uma convivência harmoniosa, tranquila né... E eu acho rico assim, porque querendo ou não, os mais velhos têm vários ensinamentos para nos passar. E então eu acredito que, sei lá... desde um bom dia até um... sei lá... uma gentileza com uma pessoa dessa, eu acho que... É... enriquece.” Jovem 03; “eu acredito muito nessa questão do encontro né. Eu acho que essas pessoas estarem junto, isso já traz conexão, isso já criar afeto, vínculo, né, então” Jovem 03; Assim, eu não tenho uma relação tão direta em casa... porque meu pai não mora comigo, minha mãe já faleceu, mas a vizinhança... porque assim, faço reiki... sou a famosa rezadeira do bairro, faço os banhos, meditação, essas coisas... daí sim, eu tenho acesso aos mais velhos, eles me procuram. E isso acontece porque minha mãe era rezadeira e isso foi o legado deixado pra mim... então por isso que eu acho que essa coisa da geração é muito importante, as heranças, os legados, os costumes e se isso tudo não se fortalece entre nós aqui no território, o espaço perde o sentido.” Jovem 04; “...oportunidade de mostrar isso aos mais novos... daqui a pouco seremos a ‘velha geração’ e isso vai sendo deixado como legado. A	
--	---	--

	nossa história vai se transformando, mas não será apagada.” Jovem 04;	
Potencialização da vida urbana	“Aqui era bom ter um CUCA. É. Bem cultural aqui. Eu fiquei... quando eu descobri que não tinha eu fiquei assim...., mas era bom porque podia pegar todos os público alvo, de todas as faixas etárias e dá um.... né.... um guia. Mas em relação aos idosos, é.... assim.... não tem muita maioria. A maioria aqui não é tão sabe.... Eles ficam mais em casa, assim, mais, tem ruas que são mais tranquilas, porque são de família. Por aqui, se você andar um pouquinho tem ruas muito movimentadas e tem outras que são mais um condomínio que é uma grande família entendeu.... Que eles decoram agora no tempo de copa, decoraram agora, não sei o que.... É mais uma família, eles não são muito maioria aqui, entendeu?” Jovem 01; Eu acho que por que a gente, quando a gente é mais jovem, a gente é mais aberto né, as probabilidades, só que tem muitos idosos aqui que não tiveram muita chance de ter essa relação, sabe?” Jovem 01; “Assim, eles são meio ignorantes não no fato de comportamento, mas de conhecer a gente sabe? Eles estão aqui e sempre continuam no mesmo mundinho. Eu acho que se tivesse tipo como se fosse um CUCA, é... ia ser bom, pra abrir pelo menos, pra sair da vidinha monótona. Não que isso seja ruim...” Jovem 01; “Cara, eu sinto orgulho tá ligado? Meu avô por exemplo, sempre foi avô e pai... inclusive, ele foi pescador aqui do bairro, por muitos anos, tá entendendo? Então tipo, nosso quintal é a praia... Ele	“Com toda certeza... era muito melhor, entendeu? Eles sendo parte do nosso dia aqui dentro do bairro e a gente do deles, com certeza iam nos conhecer bem melhor e evitar que criasse esse preconceito, que você sabe né? tem muito...” Idosa 01; “...tá voltando agora, sabe? Mas assim, com gente igual a mim, mais velha... só quando vai para essas praças acompanhado e quando as meninas aqui do Centro marcam...” Idosa 01; “Eu ia achar bom demais, porque já é uma coisa nova pra aprender e se tivesse alguém ensinando com gosto, acho que todos nós aqui iam gostar. Minha neta uma vez fez um curso de sobancelha lá na praça do Mirante, que eles ofereceram... deu foi muita gente.” Idosa 02; “Ah, movimento né? A convivência com as pessoas, conversando, comendo, fazendo atividade física... e ter segurança. Teve umas reformas aí, mas não adianta de nada se não estiver segura e se não tem o que fazer lá.” Idosa 03; “depois desses programas que o governo botou aqui né? Muitos deles mudaram muito e são até chefes das atividades que acontecem aqui nos centros. Acho que falta mais olhar por eles, pra que cheguem na nossa idade e

	resgatou pra mim a história, então além das nossas conversas ele foi um ponto de apoio pra dar um norte, tá entendendo?” Jovem 02; Mas acreditamos que aos poucos podemos potencializar isso de novo, mas com ajuda também de um entendimento da nossa arte e de um espaço seguro, tá ligado? Até pra trazer o povo que voltou a fazer atividade nos Centros pra rua.” Jovem 02; “Acho que são espaços de lazer, de interação, de convivência, como sei lá... mesas de xadrez. Acho que isso é muito bacana, uma mesa de xadrez que você pode sentar e bater um papo, ou então jogar um dominó, é legal.” Jovem 03; “Tipo assim, precisava ter um apoio de alguma atividade, porque tipo, é... você pega, um exemplo, pegar uma biblioteca ambulante, trazer para uma praça e tal, se não tem um oficinairo, se não tem uma rede de leitura, se não tem uma pessoa que faça uma mediação, de leitura e tal, então por si só não dá.” Jovem 03; “Equipamentos lúdicos, entendeu? Balançador, escorregador... parquinho... e até por que brincar é um direito né, então acho que viabilizar que a criança também tenha acesso a esse direito, também é um dever né.... e acaba que quando tem muita criança ali, geralmente têm adulto por perto, idoso...” Jovem 03; “essas atividades de repente poderiam oportunizar por exemplo, um mais velho ver o quanto a juventude se transformou, que a imaturidade foi embora, que os jovens estão cada vez mais presentes na arte, nas ruas, nas ações e que a gente pode contribuir até com a vida ativa deles ao passo que contribuimos com a nossa - ocupando os espaços.” Jovem 04; “mesmo assim a gente tá lá, fazendo o nosso corre, por causa dos movimentos mesmo, da dança, da arte, do hip hop, das nossas organizações mesmo, só é vivo por causa da nossa resistência...	continue cada legado, né... eu vejo que o CRAS ajuda muito e o CITS também, os que a gente tem mais contato são eles...” Idoso 04;
--	---	--

	então, já pensou nisso melhorado? A variedade de pessoas seria bem maior em todos os horários. A gente faz tanta coisa, planta, pinta, faz plaquinha, dá nosso toque, sabe? então é aquele laço que se cria sabe, quase um lugar que é xodó.” Jovem 04;	
Referências	“Por exemplo, já houve batalhas de rima aqui na comunidade, até na praça do Mirante mesmo - que é a nossa maior referência aqui no bairro...” Jovem 02;	“Eu gosto de me sentar na sombra (rindo). E das mesas de xadrez, mas tiraram...” Idoso 04;
Simbolismo do lugar	“A praça do Mirante de vez em quando eu venho pra cá...” Jovem 01; “...ela já foi melhor e poderia voltar a ser, porque muita gente gosta...” Jovem 01; “Então eu queria que tivesse... Que antigamente, eu não sei se tu recorda, que tu num viveu aqui né... mas na Paça do Mirante tinha <i>reggae</i>...” “Porque mano, é da rua pra rua, tá ligado? E mesmo assim, eles estipulam um horário pro nosso rolê acabar, tipo até 21h e 22h, pra um espaço que é nosso, tá ligado? E aí, depois tu tem que escutar mano, a música lá... faz muito sentido pra tudo que a gente sente.” Jovem 02; “é um ponto que pra mim traz mais, traz mais sentimento assim, que eu acho que ali eu passava desde criança e tudo, e ter essa conexão né.... Se transformar e enfim, ver tudo ali acontecer, me desperta muita coisa boa.” Jovem 03; “eu andava muito pelo mirante, mas faz um tempo que não vou lá... geralmente lá é mais palco pra atividades assim que tem uma galera de várias idades, sabe? É quase um centro de eventos do bairro, principalmente por ser em uma área mais “tranquila” aqui do	“... já hoje eu fui pra praça do Mirante... vim direto de lá, dia de hoje tem ginástica com música e eu adoro. Fiz muitas amigas lá... a gente aproveita pra fazer caminhada e a atividade física acontece muito lá, até assim no fim da tarde mesmo... fica uns jovens dançando as coisas deles né e a gente lá.” Idosa 01; “eu acho bom demais caminhar ali, porque é alto né? A gente vê tudo... o mar... antes dava pra ver mais, mas ainda assim é bom.” Idosa 01; “Eu sinto saudade do tempo que era mais cheio e tinha mais coisa pra fazer. Ter tem, mas demora a ter lá na praça mesmo sabe, porque a gente num vai só com medo, aí só quando os jovens daqui levam a gente mesmo. Mas é bom lá, de tardezinha...” Idosa 02; “... aqui é o meu lugar... em casa e na vizinhança a gente tem segurança. Pode deixar a casa sozinha, chegar tá do mesmo jeito. Sentar na calçada pra jogar conversa fora pra passar o tempo...” Idosa 03;

	território, sabe?” “Ai, me sinto acolhida... em casa. Esse território é meu lugar.” Jovem 04;	“Ah uma coisa boa né? Porque é o único lugar assim que a gente ainda vai né, eu e minha companheira... quando não tá em casa, tá aqui e quando não tá aqui, tá lá... então eu acho bom.” Idoso 04;
Perda de vínculos com o lugar	“Só que alguns querem e não tem a opção de ter alguma atividade. Tipo, eu tenho um tio que sai pra caminhar de manhã, ele é velho já, eu tenho certeza que se tivesse um espaço que tivesse outros da mesma idade dele, ele tava no meio. Então...” Jovem 01; “... porque as praças são dominadas por um certo tipo de público e a gente fica meio receoso de ir, tipo, tem a praça do Alto da Paz, que eu moro aqui no Alto da Paz e lá também tem uma praça. Eles estão fazendo um projeto de empreendedorismo, tão construindo e tal, só que a praça em si, é dominada por um público.” Jovem 01; “Precisamos de mais atenção. Aqui no Alto da Paz que é um bom exemplo né, é uma comunidade onde eu vejo que tem muita gente que precisa de interação. Por exemplo, tem mãe de família que tem, sei lá, 3 meninos que precisam que eles tão ali o tempo todo, dentro de casa assim... O que que eu vou fazer meu Deus, e é perigoso lá fora, se tivesse um... alguém olhando e eu confiasse, eu deixaria, entendeu?” Jovem 01; “Mesmo que eu não seja muito de ir pra reggae, assim... só que eu achava legal. A minha mãe mesmo, ela morou aqui desde pequena, se mudou pra Messejana e tal, só que ela conhece aqui mais do ninguém. E aí ela já, ela viveu muito ali naquele Mirante, entendeu? E aí eu recordando as histórias que ela fala pra mim, aí eu olho hoje e, meio que se perderam esses costumes...” Jovem 01;	“...sabe o que eu tava lembrando agora? Às vezes a gente ia pra missa que era celebrada lá, tinha também umas feiras... não sei porque parou mais, acho que não tem quem faça... eu tenho pra mim que a gente é muito esquecido pela prefeitura nessas questões, sabe? Porque esse movimento é que faz a gente querer tá nesses lugares.” Idosa 01; “e o que eu mais sinto hoje é saudade, mesmo indo pra lá, fazendo alguma atividade, eu sinto que a prefeitura não olha mais tanto pra lá, depois daquelas obras da praia ali, na beira... tudo ficou esquecido... O povo adorava subir o morro, olhar pro mar, comer ali... ver o pôr do sol, fazer suas atividades, hoje tá mais devagar... sabe?” Idosa 01; “Eu ia muito em dia de ano (ano novo) natal também. Primeiro a gente ia lá pra praia, mas aí depois que começou esses arrastão paramos de ir mais. É aquela coisa né, a segurança num tem, a praça fica abandonada, a prefeitura inaugurou aí não sei o que lá no Mirante, mas não adianta de nada se não for de dia, que é quando tem mais gente assim...” Idosa 2; “Ah, eu não ando muito mais pra esses cantos, só sabe vim pra cá (Centro Comunitário), pro CRAS ali que é meu grupo, só

	“... as experiências, as relações né, com as pessoas... Acho que nem só eu, o pessoal também sente... todo mundo vê que falta isso entendeu e não sabe mais a quem recorrer...” Jovem 01; “Macho, eu canto rap, tá ligado? Sou grafiteiro, sou artista da comunidade e tal, tá entendendo? faço parte de vários movimentos culturais, produção de eventos aqui dentro do bairro mesmo, sabe? E aí, eu fazia parte de um grupo chamado Castelo de Rima, que eles têm uma música chama ‘Pátria que pariu’... e aí, ele conta num trecho mais ou menos assim: <i>“E do mirante eu vejo a geografia, geografia que eu vejo todo dia, os trilhos separam o Castelo Encantado da burguesia...”</i> Tu tá ligado? Tá entendendo? E aí lá do mirante, a gente vê o trilho, sabe? E aí a gente vê ‘do lado de lá’ a burguesia, a aldeota, a varjota... tá entendendo? E do lado de cá, a gente vê a favela, tá ligado? Sendo que é a mesma população, que inclusive desce pro lado de lá pra garantir o sustento, tá entendendo? E volta ao longo do dia pro lado de cá, porque tem que dormir, tem que cuidar dos filhos... então essa questão geográfica, os órgãos públicos tiraram tudo de nós, se você for procurar por exemplo no instagram ou na internet mesmo, é o acervo mucuripe, não sei se você já ouviu falar?” Jovem 02; Macho, o que mais impede a gente de frequentar os espaços públicos, tipo praça, areninha, a rua mesmo, sabe? É que a gente tenta participar ativamente daquele espaço, mas a polícia militar impede a gente de tá ali, sabe?” Jovem 02; “eles chegavam sempre com uma abordagem bem turbulenta, já tacando bala de borracha e tudo mais, a gente levava uma autorização pra usar a praça e mostrava, eles apenas rasgavam na nossa frente, tá ligado? A gente sempre ficava indignado e sem esperança de usar aquele espaço, porque ao mesmo tempo	vou pra esses cantos mesmo, de uns tempos pra cá eu me senti mais desmotivada e triste.” Idosa 2; “Às vezes eu penso até em ir sabe... pras praças e tudo mais, só que não tem opção pra você sentar e comer, não tem as mesmas coisas do centro comunitário... Muito difícil acontecer, mas aqui e acolá o CRAS promove umas coisas naquela praça da frente, mas muito difícil mesmo. Mas aí quando a gente vê um movimento, acaba ficando mais tempo...” Idosa 3; “A dança aqui é muito boa... antigamente faziam lá no Mirante, tinha muita festa... mas depois de um tempo o povo não foi mais com medo. Acho que na realidade de hoje, teria que ser algo bem organizado mesmo, porque por si só a gente prefere ficar dentro aqui do Centro Comunitário mesmo.” Idoso 04;
--	--	---

	que queríamos segurança - essa mesma segurança acontecia só pro interesse de alguns e de outros não.” Jovem 02; “Eu não gosto do metrô, VLT... não funciona dia de domingo por que acham que as pessoas não usam o VLT pra outras coisas além de trabalhar. Tá entendendo? Então isso me incomoda de ter uma coisa ali que não é propriamente 100% feita pras pessoas, pra né.... de uma forma genuína...” Jovem 03; “aqueles prédios ali me incomodam [rindo]. Me incomoda demais... Os cara constrói os prédio a 10 metro da orla...” Jovem 03; “No caso da insegurança, não é no sentido da sociedade e nem dos habitantes, insegurança pela falta de uma estrutura adequada. A gente frequenta o Farol velho, mas a qualquer hora pode cair... A gente frequenta a praça do Mirante e até as outras, mas o piso é péssimo, não tem banco... é tudo estragado, não tem sombra, quando é a noite a luz é péssima... a estrutura é muito ruim, o problema maior na real.” Jovem 04;	
Ação Transformação	“Daí tipo, se tivesse uma interação maior e se o poder público investisse mais em lugares diversos poderia melhorar... Assim, tem muita criança lá, que fica naquela pista de skate, se tivesse um equipamento que chamasse mais atenção... (pausa). Pronto, tem uma academia ao ar livre só que não é muito utilizada, e se utilizada quebra ou o povo não faz bom uso, entendeu?” Jovem 01; “Só tem a academia lá, tem uma pizzaria aqui, que não vai muita gente... Entendeu? Tem a escolta policial lá, só que sabe, poderia ter gincana... Falta vida, poderia ter sabe... pode ter a estrutura, só que falta interação... sabe?” Jovem 01; Na pracinha podia ter feira de empreendedorismo e tal... De noite, sei lá, vamos fazer um, os “pratim”, num sei, que hoje é a cultura do povo	“Eu acho que lá tá bom assim, mas precisa cuidar, as plantas tomando de conta e o piso tá quebrado em alguns lugares... os corrimãos estão enferrujados, ajeitar e cuidar mais, né? Além de melhorar a iluminação e as rampas, as rampas que tem pra subir estão cheias de buracos, os bancos que tem fica tudo no sol e lá tem muita sombra, umas árvores tão bonitas e grandes, sem lugar pra sentar embaixo. Falta também lugar de comer né, acho que o povo gosta mais... porque quando tem feira ou algum movimento de festa assim, o povo vai e fica é tempo lá... mas só tem o negócio da polícia... se tivesse movimento todo dia assim como era antes, era melhor que aí de tardezinha a gente ia era pra lá...” Idosa 02;

	né, fazer “pratim...” Vamos vender uma lasanha, ou de manhã ter um evento que busque um público alvo, de... como tu falou, um café da manhã entendeu? Uma palestra sobre alguma coisa. O que eu vi lá, uma vez perdida foi um bombeiro, que chamava os velhinhos... as velhinhas né, por que os velhinhos não iam, e ele ficava dançando e elas junto [rindo] zumba. Jovem 01; “Cheio de artista e uma galera que é doida pra organizar os eventos e se desmotiva por essas coisas, entendeu? Então o que adianta um lugar bem estruturado se nos é impedido de usar? É complicado, cara... Só querem que os turistas usem pra tirar foto.” Jovem 02; “É meio contraditório, porque quando o poder público precisa, até profissionais de outras áreas, é a gente que eles procuram, tá ligado? Procura um chefe de bairro, um articulador comunitário, uma pessoa que interaja e seja porta voz... então quando se tem qualquer tipo de intervenção e projeto, só vai dar certo pra entrar de fato no território se tiver essa articulação entre comunidade e poder público, tá entendendo?” Jovem 02; “Macho, minha arte ser valorizada... eu ia me sentir representado, tá ligado? A minha arte já tem uma identidade tão minha, que se tu olhar tu já vai saber que é minha, tá ligado? Já é bem conhecida por todos da comunidade... Então, de eu ter minha arte naquela praça e outras pessoas da nova e velha geração chegando lá, me reconhecendo ali e pá, vê em mim uma referência... porque mano, a arte é um legado né, por si só...” Jovem 02; “nós queremos nos expressar... A gente quer ser visto, ouvido e fazer parte das políticas públicas, na construção delas... desde a base. Porque hoje em dia, a galera burguesa monta as políticas públicas lá entre eles, traz pra periferia, sem entender nada da realidade... sendo que tem outras várias dificuldades. Não é o espaço pelo espaço, é nos dar nosso direito de ir e vir e ocupar quando quisermos.” Jovem 02;	... não adianta de nada reformar todo ano algum lugar e a gente da minha idade não se sentir seguro lá. A polícia já ajuda muito, mas nem sempre é tranquila e o movimento não acontece se não tiver lugar adequado lá, por exemplo um negócio de sanduíche, um bazar... agora a noite tem que ser mais iluminado porque é muito escuro... Eu mesma não aguento ficar muito tempo sentada naqueles bancos, sem encosto e ruim de sentar.... o povo que mora nos arredores que cuida das plantas da praça, mas a prefeitura faz é arrancar... eu aposto que se tivesse uma horta pro povo cuidar, dava pra plantar até pra cozinhar, alguma fruta né...dava pra fazer coisa demais ali no mirante e aqui na frente do centro comunitário, <u>já que é tudo perto, até levar a gente pra ajudar né?”</u> Idosa 03; “Um dia desses teve um mutirão pra limpar a frente aqui do Centro Comunitário né? E foi gente de todo jeito e de toda idade, rapaz foi bom demais... no final teve até comida (rindo), então a gente conhece mais esses meninos (jovens), né?” Idoso 04;
--	--	---

	“a partir da minha vivência, é que os espaços, as praças pudessem se estruturar a partir das atividades juvenis, porque se os jovens se sentissem parte dali, poderiam mediar atividades que antes aconteciam com os idosos - reduzidas, mas que ainda acontecem.” Jovem 04; “Quando a gente cuida de algo, a gente cuida... vê responsabilidade em permanecer ali, transformar, se apropriar... E como eu faço isso? Dando oportunidade da gente participar dessas políticas públicas... porque muitas delas nem chegam aqui, quem dirá tentam saber qual a nossa realidade...” Jovem 04;	
Percepções socioambientais	“Toda vez que a gente vinha pra Praça do Mirante, eu venho junto com meu companheiro. E aí toda vez que eu venho, a gente fica comentando que poderia ser um espaço muito melhor utilizado, e tá abandonado... mesmo depois da reforma... É por que assim, o lugar também é feito de experiências...” Jovem 01; “O que eu sempre penso quando eu vou pra lá (Praça do Mirante), é o que? Comércio, feira e não tem.” Jovem 01; “É muito difícil a gente que tá assim ‘nas margens’ né mano? Porque eu me considero um marginal, tá ligado? Não no sentido de ser bandido, mas de estar nas margens do capital e da burguesia, sendo invisibilizado a cada dia que passa. E assim, eles precisam da gente, né?” Jovem 02; “Mano... era bom que tivesse em todas as praças, um anfiteatro bem estruturado, um espaço para praticar esportes, uma pista de skate,	“... Porque lá tem estrutura, mas talvez falta fiscalização, porque o povo quebra e leva as coisas... aí a gente tá fazendo as coisas por enquanto numa parte que tem uma quadra, tem dia de segunda às 17h, terça pela manhã e quinta de manhã também, antes de vir pro forró.” Idosa 01; Acho que lá já tem uma estrutura boa, depois da reforma né... o problema é que depois disso, eles esqueceram... não tem manutenção, não tem atividade pra acontecer, as meninas daqui do centro que se organizam as vezes e levam as mulheres pra lá né...” Idoso 04;

	porque isso é cultura... hoje o hip hop é formado por lei, inclusive é obrigatório inserir nas políticas públicas.” Jovem 02;	
Apropriação	“Convivência com idosos, vamos lá.... Eles não são muito populosos assim, a gente não vê tanto, a gente vê mais em praça, tipo aqui no Mirante, não sei se tu conhece...” Jovem 01; “É sempre tem um lugarzinho que eles tão de manhã... Conversando, rindo, às vezes bebendo... [Risadas] Às vezes caminhando, entendeu?” Jovem 01; “Então assim, mesmo com toda turbulência, a gente tentava fazer o nosso corre, tá ligado? Tornar esse pedaço que é nosso, vivo..., mas por um tempo a gente não foi mais, porque poderia ser um de nós, simplesmente por uma richa da polícia.” Jovem 02; “Então assim, voltando à questão do espaço e tal... até hoje a gente sente um medo, estamos voltando aos poucos, sem o mesmo público por conta desses rolês passados, porque tipo, juntava umas 300 pessoas de todas as idades, com eventos organizados pela gente mesmo, sabe?” Jovem 02;	“Falta muita segurança por aqui... muita coisa se perdeu (acredito eu) que é por causa disso. Agora... que os policiais estão lá na praça, melhorou mais... a gente tá voltando aos poucos também.” Idosa 01; “Mas quando a minha filha me leva ou quando tem alguma festa assim que organizam né, o povo daqui a gente vai mesmo. A gente fica lá perto do anfiteatro, porque tem umas danças, umas coisas pra nós (idosos). Aí tem uns tempos aí que colocam umas feiras... lá tem muita sombra, dava pra fazer um bocado de coisa, tem até academia lá pra nós (idosos).” Idosa 02; “É bom ficar mais ali no anfiteatro né, porque dá pra ver tudo e o que acontece também quando tem algum movimento... o que eu não gosto é insegurança mesmo.” Idosa 02; “Mas é isso meu filho, eu ‘dou’ graças a Deus quando tem o que fazer aqui no Centro Comunitário, porque passa meu tempo e eu me sinto melhor sabe? De vez enquanto tem uns cursos, umas coisas novas que essa juventude inventa e a gente gosta sabe? Eles ensinam muita coisa...” Idosa 03;

		“Oportunidade de ter alguma coisa... eu sempre gosto de ir com minha companheira, mas tem horas que deixo de ir por preguiça de ficar lá sem fazer nada, as vezes me obrigo a ir pra sair de casa né, mas falta oportunidade de fazer alguma coisa mesmo, sabe?” Idoso 04;
Sentido de Lugar	“O que eu mais gosto é o verde da praça do Mirante... são as plantas. Tem muita árvore, muita planta, tem um povo que mora lá que cultiva... Umas plantinhas, uns jarrinhos assim, eles botam... E é muito bonito. Às vezes eu vou pra lá, pra tocar violão e ficar olhando pras plantas, que eu gosto né.... Quando o pôr do sol lá é muito bonito, tem um anfiteatro lá que eu acho muito massa também...” Jovem 01; “Mas eu ficava muito feliz quando eu passava que eu fazia academia ali no CTA que fica ali no Mirante...” Jovem 01; “Na esquina, bem no cruzamento... Aí quando eu passava lá tinha o bombeiro e as... cheio de velhinhas, “vocês estão aí pra se exercitar” [Rindo]. Eu achava lindo, e se tivesse isso todo tempo sabe... De noite só tem os jovens fazendo coisa que não é pra fazer ou uma vez ali... Se tivesse uma coisa que chamasse mesmo, um evento, eu tenho certeza que seria...” Jovem 01; “E uma das histórias que eu preservo mais do mucuripe é essa questão sabe? Porque até o nome das ruas aqui da comunidade são nomes de peixe e de pescadores, tá ligado? Rua Pescador Chico Bidar, Rua da Enxova, é... vamos se dizer assim, Avenida dos Jangadeiros, Manuel Dias Branco - que foi um dos grandes pescadores que anos atrás, na década de 90 reivindicar direitos lá no Rio de Janeiro e morreu por	“...é organizado por uma menina que também ajuda nas coisas aqui no Centro Comunitário... aí a gente pediu né, porque lá tem uma academia na praça e é bom de fazer caminhada, bonito, tem muita sombra... aí a gente combina aqui no Centro e de manhã bem cedo a gente se encontra lá. Eu adoro.” Idosa 01; “eu sinto saudade... eu me lembro demais da gente sentado de tarde, ‘na boca da noite’ ‘prosando’... tinham umas colegas que faziam até crochê pra vender por lá mesmo, tinha umas feiras dia de domingo...” Idosa 01; “...eu acho bom demais aqui o centro comunitário porque a gente dança, come, conversa... e tem dias que eu me sinto tão só... agora assim, eu não tô mais é dançando porque tá com 6 (seis) meses que eu perdi meu filho... morreu tinha com 38 (trinta e oito) anos, deixou 4 (quatro) filhos [voz embargada] Eu fico triste... porque eu ando sem ânimo e aqui e acolá e que eu venho pra cá e esqueço um pouco, nessa convivência...” Idosa 02;

	lá, tá ligado? O conhecido, Manuel Jacaré...então é muito simbólico pra gente.” Jovem 02; “A gente conseguia reunir uma galera de vários bairros do grande Mucuripe, tá ligado? Tipo, Verdes Mares, ServiLuz, Papicu, vinha até Castelo Encantado, tá entendendo? Subia o morro pra ter aquele momento de troca, de diversão e ali, hoje a gente não tem mais essa quantidade.” Jovem 02; “A comunidade foi silenciada por vários anos e por diversos motivos, tá entendendo? Então quando a gente tá ocupando os espaços, jogando uma arte na parede, trocando uma ideia com os mais novos ou mais velhos, é a construção de uma memória de legado, entendeu? A luta tem que continuar unindo toda essa galera.” Jovem 02; “Se ela (a política pública) não vier até a instituição (comunidade), como a instituição vai até ela né? Então tem que pensar em tudo isso, já que é uma das coisas que a gente mais combate, é de estar inserido né...” Jovem 02; “Fazer com que a gente se sinta parte pode incentivar as pessoas a se ‘empoderarem’, a ocuparem os espaços, e aderir essa questão mesmo de afeto né, por que eu acho que é isso que.... define as questões assim né... tipo assim, se as pessoas não se sentirem parte daquilo, o poder público pode fazer o que for [rindo], mas né.... não dá.” Jovem 03; “...gosto muito de andar aqui pelas escadas, pela comunidade. Eu gosto muito de tá ali na ‘praça da vista’, que é o castelo, praça da vista que é em frente ao Iate Clube... a própria praça do Mirante que é na parte mais alta né...” Jovem 03; “Eu gosto muito assim de poder ir naquele canto e... ter essa sensação né, de ver o mar... ele me afeta” Jovem 03;	“Lá eu gosto. Eu gosto de lá, mas as vezes tem gente que... “maldada” lá... Teve um tempo que teve tiroteio e tudo, mataram um e aí agora tem a polícia lá, mas eu tenho impressão que o povo tem medo.” Idosa 02; “Lá onde eu moro, ali perto do CRAS também é bom, porque tem umas brincadeiras, campo de futebol e aí tem um movimento, o povo senta mais na calçada, sabe? Aí o povo faz mais coisas. Os ônibus também saem dali né, então é meio que o miolo do Vicente Pinzón, todo mundo se encontra ali.” Idosa 02; “...eu gosto muito daqui sabe.... Do Centro Comunitário. Porque em casa eu não saio pra canto nenhum, era todo tempo tímida assim.... Sem prazer na vida. Depois que eu cheguei aqui, comecei a me divertir, querer estar mais pela rua, sabe?” Idosa 03; “Eu me sinto bem morar aqui, tô acostumada né. Me sinto em casa, saio toda hora sempre que saio não tem problema. É aquele ‘canto’ que faz a gente se sentir acolhido...” Idosa 03; “Eu gosto de ir na do Mirante, mas deixei de ir mais... porque agora só vai um grupo de mulher pra ginástica e eu gosto de jogar um baralho, um dominó... nunca organizaram pra ir os homens não... Mas eu queria ir, eu gosto de dançar, às vezes danço uns três passos e já tô com muita dor, mas mesmo assim eu gosto...” Idoso 04;
--	--	--

	“eu tenho gostado muito de andar pelo farol e ficar por ali, tem umas senhoras sempre na calçada e a galera na rua mesmo... bebendo, dançando, curtindo.” Jovem 04;	
--	--	--

Fonte: Autor, 2023.